

**A CERÂMICA ORIENTAL DA CARREIRA DA
ÍNDIA NO CONTEXTO DA CARGA DE UMA
NAU – A PRESUMÍVEL *NOSSA SENHORA
DOS MÁRTIRES***

Inês Alexandra Duarte Pinto Coelho

Mestrado em Arqueologia

31 (JULHO, 2008)



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta tese de Mestrado é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 31 de Julho de 2008

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Lisboa, 31 de Julho de 2008

A meus pais

Ao João

AGRADECIMENTOS

Embora uma tese de Mestrado seja, pela sua finalidade académica, um trabalho individual, existem contributos de natureza diversa que não podem, nem devem, deixar de ser realçados.

Por essa razão, não posso deixar de apresentar em primeiro lugar um sincero agradecimento à Professora Doutora Rosa Varela Gomes, pela orientação científica que proporcionou e pela disponibilidade revelada ao longo deste ano.

Cabe-me ainda expressar um especial agradecimento ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa, pelo interesse demonstrado prontificando-se a ler o meu trabalho, pelos ensinamentos e pelas pertinentes sugestões que desde sempre fez.

A ambos devo a disponibilidade, atenção e prontidão com que sempre me receberam e orientaram nos momentos mais delicados do trabalho.

Agradeço a todos aqueles que permitiram o acesso ao espólio aqui estudado, nomeadamente, ao Dr. Francisco Alves, chefe da Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática, e responsável pelo projecto arqueológico de São Julião da Barra, que possibilitou o acesso a um vasto conjunto de informação (mapas, relatórios de escavação e fotografias) e facilitou o acesso a algumas peças que neste momento integram as exposições do Museu do Mar de Cascais e do Museu de Marinha. Do mesmo modo, aos funcionários dos referidos Museus agradeço a atenção e gentileza com que me ajudaram, aquando da elaboração do desenho dos exemplares. Ao Dr. Luís Filipe Vieira Castro, também ele responsável pelo projecto de São Julião da Barra, que desde o início se ofereceu para ceder informações e dados, bem como, um conjunto de bibliografia específica sobre o presente tema, um muito obrigado.

Dirijo ainda um agradecimento aos funcionários da Biblioteca do Centro de História de Além-Mar, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Biblioteca do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico I.P., Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Calouste Gulbenkian, Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Biblioteca do Departamento de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo e, finalmente, do Arquivo Histórico Ultramarino.

Aos meus amigos, em especial ao Zé e Patrícia, obrigado pela vossa amizade, animo, apoio e interesse com que sempre me acompanharam. Ao André, pelo incentivo, disponibilidade e preocupação que sempre demonstrou. À Céu, Cátia, Teresa, Sofia, Isabel, Pedro, Silvana e Madalena que de há um ano para cá, para além da minha vida profissional fazem parte da minha vida pessoal, em muito me têm ajudado e ouvido com paciência os meus desabafos. À Carla, Margarida e Célia que sempre me acompanharam. E a todos os meus amigos sempre presentes, um muito obrigado.

Resta-me expressar um distinto agradecimento à minha família, em especial a meus pais, mana e sobrinha, pelo apoio, compreensão pela pouca atenção que lhes dediquei nos últimos tempos, pelo estímulo e apoio incondicional desde a primeira hora, pela paciência com que sempre me ouviram e sensatez com que sempre me ajudaram. Ao meu marido pelo amor, colaboração, incentivo e encorajamento nos momentos mais delicados deste trabalho, sem ele não teria conseguido. A eles devo a concretização de todos os meus sonhos.

**A CERÂMICA ORIENTAL DA CARREIRA DA ÍNDIA NO CONTEXTO DA
CARGA DE UMA NAU – A PRESUMÍVEL *NOSSA SENHORA DOS
MÁRTIRES***

Inês Alexandra Duarte Pinto Coelho

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: *Nossa Senhora dos Mártires*, cerâmica oriental, porcelana chinesa

O presente trabalho tem como objectivo o estudo do núcleo de cerâmicas, exumado ao largo de São Julião da Barra, possivelmente, pertencente aos destroços da nau *Nossa Senhora dos Mártires*. Efectuámos o estudo e a identificação dos diferentes fragmentos de porcelana chinesa característicos da Dinastia Ming, do reinado Wanli (1573-1619), e de cerâmica oriunda da região Sul da China, datada do período de transição de fins do século XVI e inícios do século XVII, e que seriam parte da carga transportada a bordo da referida nau.

Os primeiros contactos regulares do Ocidente com os povos do Oriente ocorreram durante a Dinastia Ming, tendo como protagonistas capitães, mercadores e missionários portugueses. Durante quase cerca de um século a Coroa Portuguesa conseguiu manter um comércio praticamente exclusivo com o Oriente, garantindo durante os séculos XVI, XVII e XVIII o comércio da porcelana chinesa. As mercadorias exóticas e raras provenientes do Oriente, na sua generalidade, e as louças chinesas, em particular, são um vasto campo de comércio que desde sempre despertaram e aguçaram a sensibilidade estética e artística, impondo-se no mercado português com a força de uma moda que perdurará até ao século XVIII.

ABSTRACT

KEYWORDS: *Nossa Senhora dos Mártires*, oriental ceramic, chinese porcelain

The work presented in the thesis studies a ceramic group exhumed near São Julião da Barra, belonging probably to the wreckage of *Nossa Senhora dos Mártires*. We identified part of the cargo on board, in particular, the different fragments of Chinese porcelain – characteristic of the Ming Dynasty, Wanli kingdom (1573-1619) –, as well as oriental ceramics coming from the South of China (16th-17th centuries) is our main purpose.

During the Ming dynasty, there were established the first connections between the occidental and the oriental communities, by the hand of Portuguese captains, merchants and missionaries. For almost one century the Portuguese Crown practically had the exclusive trade with the Orient, guaranteeing the Chinese porcelain commerce. In general, the rare and exotic commodities from the orient and, particularly the Chinese crockery, are a vast area of commercial trade that always stimulate and excite the esthetical and artistic sensibility of the portuguese society, imposed on the Portuguese market by fashion trend that would endure until the 18th century.

ÍNDICE

Introdução.....	2
Estado da Questão.....	3
Capítulo I: Trabalhos Arqueológicos.....	13
I.1. Descoberta e metodologias de intervenção no terreno.....	13
I.2. Enquadramento geológico e localização geográfica – sítio da Fortaleza de São Julião da Barra.....	23
I.3. Nossa Senhora dos Mártires – o universo da carga a bordo.....	29
I.4. O universo do espólio estudado.....	33
I.4.1. Metodologia adoptada para o estudo do espólio e classificação morfológica das cerâmicas.....	33
I.4.2. Classificação dos vários grupos de peças.....	35
I.4.2.1. Potes orientais	35
I.4.2.2. Porcelana.....	36
Capítulo II: Lisboa, o Império Oriental e a Carreira da Índia.....	38
II.1. Lisboa e os Descobrimentos.....	38
II.2. O Império português do Oriente.....	52
II.3. Carreira da Índia.....	56
II.4. Os primeiros contactos com o Extremo Oriente.....	61
II.5. A nau Nossa Senhora dos Mártires – gesta da última viagem.....	68
Capítulo III – Estudo do Espólio Cerâmico.....	71
III.1. Potes orientais.....	71
III.2. Porcelana Chinesa.....	92
Conclusão.....	159
Bibliografia.....	167
Lista de Ilustrações.....	199
Lista de Gráficos.....	201
Apêndice A: Inventário do Espólio.....	I

Apêndice B: Catálogo do Espólio..... XI

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inserido no âmbito da dissertação de Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, tem como objectivo principal aprofundar o estudo do espólio cerâmico exumado ao largo de São Julião da Barra pertencente à carga transportada a bordo da presumível nau *Nossa Senhora das Mártires*.

A nau *Nossa Senhora dos Mártires* zarpu de Cochim a 16 de Janeiro de 1606, e chegou à entrada da barra do rio Tejo na noite de 14 de Setembro de 1606. Transportava a bordo, entre inúmeras outras mercadorias, um vasto carregamento de pimenta. Apanhada por um temporal de sudoeste, com receio de ser atirada contra a encosta de Cascais, em plena vazante forçou, em vão, a entrada na barra. Assim acabou por ser projectada contra o esporão rochoso de São Julião da Barra, sobre o qual se desfez naufragando.

Em 1996 iniciaram-se os trabalhos arqueológicos subaquáticos na barra do Tejo, em frente ao forte de S. Julião da Barra. Uma das particularidades deste arqueossítio é a preservação de uma parte do casco e da carga, no local do naufrágio, entre a qual se destaca uma grande quantidade de grãos de pimenta, como anteriormente referimos, instrumentos de navegação e, sobretudo, alguns potes orientais e inúmeros exemplares de porcelana chinesa, que constituem objecto de estudo do presente trabalho. Neste contexto, podemos afirmar que o sítio arqueológico de São Julião da Barra é por si só uma descoberta única a nível nacional de incontestável valor patrimonial e cultural.

Este trabalho encontra-se dividido em três grandes capítulos. As suas primeiras linhas são dedicadas ao primeiro capítulo onde fazemos uma abordagem das várias fases dos trabalhos arqueológicos e metodologias de intervenção no terreno, bem como, o enquadramento geológico e geográfico do sítio da Fortaleza de São Julião da Barra; qual a carga transportada a bordo da *Nossa Senhora dos Mártires* e, finalmente, os métodos utilizados no estudo do espólio. Seguidamente, o segundo capítulo é constituído por um enquadramento histórico da cidade de Lisboa e sua importância na época da expansão e dos descobrimentos portugueses; os processos e estratégias de construção do Império do Oriente; toda a ambiência, preparação e logística que uma viagem da Carreira da Índia implicava; os primeiros contactos estabelecidos com as comunidades do Extremo Oriente e o relato da última viagem realizada pela referida nau. O terceiro capítulo é

exclusivamente dedicado ao estudo da cerâmica oriental – potes orientais e porcelana chinesa.

Apresentaremos algumas considerações finais onde procuramos, através de informação recolhida a partir do conjunto de cerâmicas estudadas, conjugada com elementos históricos e geológicos da jazida arqueológica em questão, tirar algumas conclusões acerca do contexto arqueológico do núcleo de cerâmicas, assim como, das tipologias de peças mais comercializadas e consumidas pelas comunidades europeias de um modo geral e, da sociedade portuguesa, em particular.

Terminamos com a bibliografia e fontes consultadas para a realização da presente tese. Foi elaborada uma pesquisa e recolha bibliográfica, que procurou ser a mais completa e criteriosa possível de modo a estabelecer paralelos culturais para o espólio cerâmico em estudo.

Ao longo desta dissertação e à medida que o fomos realizando deparámos com algumas dificuldades. Na consulta que efectuámos a diferentes publicações de carácter arqueológico, onde são descritas produções cerâmicas, encontramos inevitavelmente uma terminologia muito distinta para a definição e enumeração de recipientes idênticos. Esta problemática, relacionada com a nomenclatura, é perceptível na medida em que, a multiplicidade funcional e morfológica que as produções cerâmicas obtêm, leva a que a sua descrição seja feita de um modo muito subjectivo e ilusório, de acordo com normas previamente estabelecidas por cada investigador. Toda esta situação suscitou dificuldades em determinar paralelos ceramológicos tornando menos simples as análises tipológicas. Igualmente difícil terá sido a aquisição de determinada bibliografia específica sobre o tema.

ESTADO DA QUESTÃO

Os inícios da década de 80 coincidem com um avanço considerável no que respeita ao estudo de cerâmicas no nosso país. Por esta altura, surgiram sínteses, compêndios, monografias, catálogos, inventários de colecções, entre outras publicações vocacionadas para estudos científicos de cerâmicas. Esta conjuntura induz à proliferação de notas informativas, exposições, notícias, artigos relacionados com a dinâmica crescente de campanhas de escavação nos contextos arqueológicos terrestres e

subaquáticos a nível nacional. Actualmente, a investigação em Portugal passa por uma tentativa em esboçar de forma explícita as tipologias das várias produções, assim como, os graus de consumo no período moderno. Para além de uma datação mais precisa, também a boa qualidade de fabrico das peças, a decoração e o maior cuidado que as pastas revelam fundamentaram desde sempre o empenho pelo seu estudo, multiplicando-se as análises acerca das suas tipologias e ocorrências.

A abundância de material e o interesse pelo seu respectivo estudo origina um desmembrar de núcleos inteiros pertencentes a um mesmo contexto. Se por um lado, existe um avultado aumento de interesse pela investigação e publicação, por outro, há também uma inclinação para o centrar das atenções nos conjuntos de cerâmicas mais sumptuosas e bem elaboradas, geralmente, proveito dos circuitos de importação.

Esta tendência reflecte a insipiência da investigação nesta área, sabe-se ainda muito pouco acerca das mercadorias importadas e disseminadas por todo o país. Calculamos, e centrando-nos no presente estudo, que deverão ter enriquecido por completo toda a vida quotidiana, hábitos e costumes do Portugal renascentista. A problemática subjacente a este tema, nunca foi abordada de um modo global, nem poderia, pois, a grande maioria dos vestígios encontrados em trabalhos arqueológicos, necessitam de ser analisados na íntegra e de forma sistemática.

É ainda importante referir que em muitos outros casos, em intervenções de emergência, onde a salvaguarda da integridade de elementos arqueológicos é o principal objectivo, há por vezes falta de conhecimento por parte dos responsáveis relativamente às tipologias formais e decorativas, de certo e determinado tipo de artefactos. Sem dúvida urge, implementar um maior esforço de investigação, que passa pelo estudo rigoroso e mais constante dos diversos vestígios arqueológicos, considerados desnecessários se esquecidos nos museus e instituições.

Em Portugal são escassos os trabalhos realizados sobre materiais provenientes de naufrágios, há muito para ser feito e o tema ainda está longe de se esgotar.

Numa análise geral, como disciplina, a arqueologia subaquática em Portugal emergiu por volta dos anos oitenta, no plano de acção do Museu Nacional de Arqueologia. Por esta altura foram efectuadas no país, ao longo da costa portuguesa, algumas intervenções de reconhecimento, emergência e prospecção arqueológica, em rios

e áreas estuarinas¹. O Museu Nacional de Arqueologia foi quem inicialmente instituiu as medidas de salvaguarda e valorização do património arqueológico subaquático através da organização de exposições, publicações e colóquios por todo o país. Nos inícios da década de 90, com a criação da “Arqueonáutica – Centro de Estudos” foram preconizadas inúmeras operações arqueológicas de emergência para a salvaguarda de legados consideráveis². Com a criação do Instituto Português de Arqueologia em 1995 – com um departamento exclusivamente dedicado ao património arqueológico subaquático – e a elaboração de legislação relativa à caça aos tesouros, previamente revogada, o caso muda de figura. Em 1997, a criação do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, no âmbito do referido Instituto, prevê, num sentido lato, a gestão exclusiva do património nacional localizado em meio aquático e, em particular, o de âmbito náutico³.

Para além de uma breve resenha acerca da evolução do “estatuto” da arqueologia subaquática em Portugal e da importância da arqueologia dos naufrágios, mencionaremos alguns estudos que se revelaram fundamentais para a realização do presente projecto.

Toda e qualquer investigação sobre embarcações naufragadas pressupõe uma análise de conjunto entre as informações de campo e de arquivo, uma conjugação de

¹ Entre 1984 e 1988, foram efectuadas as primeiras intervenções arqueológicas subaquáticas, junto à praia da Salema e próximo da vila de Peniche. Falamos, respectivamente, do naufrágio do navio francês *Océan*, em 1759, e do naufrágio de um galeão espanhol *São Pedro de Alcântara*, em 1786. Relativamente, ao naufrágio no século XVIII, do navio francês *Océan* é ainda de referir que entre os anos de 1991, 1992 e 1993, foi criado um percurso arqueológico, no preciso local em que a embarcação submergiu. Também na foz do rio Arade, sondagens subaquáticas foram efectuadas no final dos anos oitenta, para na década seguinte (na sequência de dragagens) serem descobertas ruínas de embarcações. No âmbito de intervenções de emergência, é de salientar operações decorridas nos anos 90, em Silvalde onde foi encontrada uma armadilha de pesca – atribuída aos séculos I e II da nossa era, bem como a descoberta de uma colecção de cepos de âncora em chumbo da antiguidade – datada dos séculos V e IV a. C. (Alves, 1995).

² De que é exemplo a vasta colecção de cerâmicas de variadas procedências e atribuíveis a uma cronologia que se estende dos séculos XV a XVIII, descobertas no sítio *Ria de Aveiro B*, próximo de um local com o topónimo *Gran Caravela*. (Alves, Rodrigues, Garcia e Aleluia, 1998, p. 199-210 e Pinto, 2002).

³ Em simultâneo há um investimento no património subaquático por parte do Estado português a par da realização em Lisboa de uma exposição mundial – a Expo’98 – que permitiu o desenvolvimento de um projecto de investigação e estudo de um importante *tumulus* que compreendia os destroços de um dos navios antigos – a presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires* – descoberto na barra do rio Tejo. Várias operações arqueológicas foram efectuadas a partir de 1996, entre as quais são de destacar: restos de uma embarcação, datada do século XV, no sítio arqueológico *Ria de Aveiro A*; restos de duas embarcações encontradas em Lisboa, aquando das obras do metropolitano, respectivamente datadas dos séculos XV – *Cais do Sodré* – e século XIV – *Corpo Santo*; projectos de prospecção nos Açores, mais precisamente, na Baía de Angra do Heroísmo realizadas devido à construção da marina de Angra; as intervenções arqueológicas decorridas no sítio arqueológico de *São Julião da Barra* e, por fim, intervenções subaquáticas no ano de 2000, no sítio *Ria de Aveiro B*, onde foram encontradas inúmeras cerâmicas com uma cronologia muito vasta, abrangendo a época medieval e moderna. (Alves, 1995).

vestígios artefactuais que falam por si e testemunhos documentais que auxiliam no deslindar de episódios históricos.

Na verdade, são inúmeros os trabalhos sobre os descobrimentos portugueses. Entre as obras gerais de referência merecem destaque alguns estudos como o de C. R. Boxer, *O Império Colonial Português* de 1978 e os de Vitorino Magalhães Godinho, entre os quais *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* datado de 1991, que nos dá uma perspectiva extremamente vasta de como se articulavam as trocas comerciais no período dos descobrimentos, salientando a importância dessas trocas na economia portuguesa, permitindo deste modo a compreensão dos complexos histórico-geográficos.

Vários autores se têm debruçado sobre a importância da cidade de Lisboa e a sua sucessiva transformação, sobretudo durante os séculos XVI a XVII, enquanto capital do Império Português, tendo em conta a organização funcional dos seus espaços. Entre estes destacam-se os recentes trabalhos de Hélder Carita, 1999, *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521)*; Nuno Senos, 2002, *O Paço da Ribeira. 1501-1581*; Carlos Caetano, 2004, *A Ribeira de Lisboa. Na Época da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII)* e Walter Rossa, 2002, *A imagem ribeirinha de Lisboa*, assim como, o seu estudo *Lisboa Quinhentista do Terreiro do Paço: prenúncios da afirmação da capitalidade*.

Acerca da expansão e presença portuguesa no Oriente é de realçar a obra de Luís Filipe Thomaz, na sua obra *De Ceuta a Timor*, 1998, faz uma reflexão em torno da génese dos Descobrimentos, da política expansionista portuguesa, a estrutura do *Estado da Índia*, bem como, aborda o tema das inúmeras mercadorias exóticas provenientes do Sueste Asiático, demonstrando a importância da rota das especiarias na economia da Coroa Portuguesa; igualmente importante é a obra de Luís Filipe Barreto, 2000, *Lavrar o Mar, Os Portugueses na Ásia (c. 1480 – c. 1630)* e O tema da estrutura política, administrativa e económica do *Estado da Índia* é amplamente abordado por Artur Teodoro de Matos, 1982, *Estado da Índia nos anos de 1581-1588. Estrutura Administrativa e Económica. Alguns Elementos para o seu estudo* e um estudo datado de 1994, *Na Rota da Índia. Estudos de história da expansão portuguesa*.

George Bryan de Souza na sua obra *The Survival of Empire* de 2004, acerca do Império Português do Oriente, examina todas as actividades comerciais de Macau e analisa a entrada do Mar da China na economia portuguesa. As actividades dos

mercadores privados portugueses são expressivamente referidas no contexto do desenvolvimento da economia da China e Sueste Asiático, durante dos séculos XVII e XVIII.

João Paulo Oliveira e Costa nas suas obras *O Império Português do Oriente* (1999); *Os Portugueses na China e Portugal e o Mar da China no Século XV* (1996) – autoria conjunta com Maria da Conceição Flores – dedica-se ao estudo do impacto da expansão lusa no Império do Oriente ao nível económico, sócio-cultural, político e religioso.

As relações comerciais entre Portugal e a China foram abordadas em 1934 através da obra de Tien-Tsê Chang, *Sino-Portuguese trade from 1514 to 1644. A synthesis of Portuguese and Chinese sources*. A obra de Tien-Tsê Chang é, na época, um contributo inovador, por se dedicar ao estudo dos contactos comerciais entre portugueses e chineses, desde a conquista de Malaca (1511) até à queda da Dinastia Ming (1644) cruzando informações das fontes portuguesas e chinesas.

Jorge Alves na obra *Um Porto Entre Dois Impérios* (1999) procurou compreender como após a febre expansionista de D. Manuel I, corporizada através do projecto de supremacia comercial e militar em todo o Oceano Índico – após a conquista de Malaca em 1511 – depressa se alastrou ao mar da China. A Coroa rapidamente se apercebeu da importância estratégica deste território e como o mercado chinês poderia trazer avultados lucros para a economia do Reino, proporcionados pelo tráfico das especiarias, drogas, sândalo, âmbar e madeiras preciosas provenientes do Arquipélago Malaio-Indonésio para a China.

Ainda sobre as relações luso-chinesas temos as obras de Rui Loureiro *Portugal em busca da China: imagens e miragens (1498-1514)*, datada de 1990; *O Extremo Oriente na Literatura Portuguesa da Expansão* (1991); *Sailing the China Seas, a brief history of sino-portuguese intercourse during the 16th century* (1999) e *Fidalgos, Missionários e Mandarins, Portugal e a China no século XVI* (2000).

Acerca dos primeiros contactos estabelecidos com a civilização nipónica, entre outros, temos os estudos de León Bourdon, *La Compagnie de Jesus et le Japon* (1990); Pierre Chaunu, *Les Débuts de la Compagnie de Jesus au Japon (1547-1583)* (1950); C. R. Boxer, *O Grande Navio de Amacau* (1989) e os trabalhos de João Paulo Oliveira e

Costa, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses* (1995) e *Os Portugueses no Japão* (1989).

Sobre o tema da Carreira da Índia, do ponto de vista da vida a bordo, das escalas e rotas são estudos de referência o artigo de Artur Teodoro de Matos, «*Quem vai para o mar em terra se avia*». *Preparativos e recomendações aos passageiros da Carreira da Índia no século XVII*” (1998); o trabalho de Luís de Albuquerque, *As escalas da Carreira da Índia* (1978); o trabalho de Francisco Contente Domingues, *A Carreira da Índia* (1998) e o ensaio de Paulo Guinote, Eduardo Frutuoso e António Lopes, *Naufrações e outras perdas da ‘Carreira da Índia’: séculos XVI e XVII* (1998).

Por último, é necessário destacar a importância dos relatos das viagens de Jan Huygen van Linschoten (1997), de Francisco Pyrard de Laval (1998), de Tomé Pires (1978), de Duarte de Barbosa (1996-2000) e de Fernão Mendes Pinto (1988), onde temos percepção das suas vivências asiáticas e acedemos a um manancial de notícias sobre terras, mares, rotas, produtos e culturas.

Para a análise do espólio tivemos em consideração um conjunto de trabalhos que possibilitaram esboçar, ainda que por vezes com algumas reservas, as tipologias das produções da amostra de cerâmicas em estudo.

Para isso contribuíram exuberantemente alguns ensaios que reflectem uma pesquisa profunda e dão a conhecer um manancial de informação que parte dos trabalhos de escavação à sistematização de dados. É o caso da monografia publicada em 1994, *Le San Diego, un trésor sous la mer*, galeão espanhol, naufragado a 14 de Dezembro de 1600, escavado entre 1992 e 1993, no Arquipélago das Filipinas, ilha da Fortuna, que trazia a bordo entre outros artefactos, cerca de 2000 peças de cerâmica do oriente. Constitui um importante contributo, detendo um grande acervo de peças catalogadas e classificadas tipologicamente.

Outro trabalho de importância extrema, que apresenta rigor e qualidade do ponto de vista tipológico e técnico, é a monografia editada em 1989, de Michel L’Hour, Luc Long e Eric Rieth, *Le Mautitius, la mémoire engloutie*, navio naufragado a 19 de Março de 1609, no Cabo Lopes Gonçalves (Gabão), escavado em 1986, transportando a bordo cerca de 215 exemplares de cerâmica oriental. Foram recuperadas cerca de três

variedades diferentes de especiarias e, entre inúmeros artefactos, porcelana azul e branca do período Wanli.

O trabalho de C. L. van der Piejl-Ketel, publicado em 1992, *The ceramic load of the 'Witte Leeuw' (1613)*, é de igual modo fundamental. Faz uma análise pormenorizada da carga de cerâmica oriental e porcelana chinesa transportada a bordo do 'Witte Leeuw', navio descoberto em 1976 e que pertenceria à Companhia das Índias Orientais Holandesa (VOC), que após uma batalha naval travada entre quatro navios holandeses e as naus portuguesas *Nossa Senhora da Nazaré* e a *Nossa Senhora do Carmo* (também conhecida como Conceição) naufragou, em 1613, em Jamestown Bay, ao largo da ilha de Santa Helena.

Outras obras importantes para o estabelecimento de paralelos culturais e estabelecimento de tipologias e produções são as publicações do estudo do *Banda* (1981), – apesar de não existir qualquer relatório arqueológico e escasso trabalho de registo e catalogação – navio da Carreira da Índia holandês, naufragado a 6 de Março de 1615, na Costa Noroeste das Ilhas Maurícias, que trazia a bordo um pequeno lote de cerâmicas, entre as quais porcelana azul e branca, escavado em 1979; *Santíssimo Sacramento*, naufragado em 1647, em Schoenmarkeshop (África do Sul), com um pequeno lote de fragmentos (1980) e galeão português *São Gonçalo*, naufragado em 1630, durante a viagem de Goa para Portugal, na baía de Plettenberg (costa sul de África do Sul). Em 1980, foram descobertas peças de *kraak-porselein*, publicação editada em 1986.

É ainda importante realçar o estudo de Laura Valerie Esterhuizen, intitulado *Dekoratiwe Motiewe op Chinese Porseleinskerwe uit Portugese Skeepswrakke aan die Suid-Afrikaanse Kus 1552-1647: 'N Kultuurhistoriese Studie*, que consiste na análise das cargas de porcelana (pertencentes à Dinastia Ming) transportadas a bordo da nau *São João* – atribuível ao reinado Jiajing (1522-1566) –, nau *São Jerónimo*, nau *Nossa Senhora de Belém* e nau *São Bento*.

Como estudos basilares temos também os catálogos de Maria Antónia Pinto de Matos de que são exemplo *A Casa das Porcelanas. Cerâmica Chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves* (1996) e *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona em Costa* (autoria conjunta com Mary Salgado), publicado em 2002. Fundamentais são também as porcelanas orientais pertencentes à colecção Amaral Cabral (catálogo publicado em 1997), do Museu Nacional de Arte Antiga e Condes de Castro Guimarães. Refiram-se

ainda os achados de porcelanas recuperados em intervenções arqueológicas em contexto urbano efectuadas por todo o país, que documentam a vasta dispersão e consumo destas produções em território nacional nos séculos XVI e XVII. São fundamentais o estudo do núcleo de materiais proveniente do poço-cisterna da cidade de Silves da autoria de Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes, *Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI* (estudo publicado em 1996), assim como, *Cerâmicas dos séculos XV a XVII*, materiais encontrados na Praça Cristóvão Colombo, no Funchal (editado em 1998). São ainda de realçar os materiais provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados no Convento das Bernardas, em Tavira (catálogo publicado em 2008). Importantes são também os trabalhos de F. Teichner, *A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)* (1998) e os materiais provenientes de Palmela da autoria de I. Fernandes e A. Carvalho, *Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela* (1998).

Relativamente aos potes em grés, denominados *martaban*, são elementares os exemplares das séries de Coimbra pertencentes às colecções de Telo de Morais e do Museu Nacional Machado de Castro (1999). Do mesmo modo, para além das já referidas publicações no âmbito de intervenções arqueológicas em materiais provenientes de meio aquático, são igualmente importantes trabalhos desenvolvidos em 2007, na área urbana de Lisboa, no Largo do Chafariz de Dentro, em contexto de aterros, surgiram entre outros artefactos, fragmentos de cerâmicas de importação – porcelanas chinesas, *martabans* e majólicas.

Outro ponto fundamental é a representação de objectos cerâmicos na pintura moderna portuguesa e estrangeira. Sem dúvida que, este tipo de representações contribuem em larga medida para termos uma melhor percepção acerca da sociedade e da vida quotidiana de então (Raposo, 1985, p. 190). É na pintura que muitas vezes encontramos um repertório de repetidas referências ao quotidiano intimista da casa de família, temas místicos e de diversas cenas da vida quotidiana que envolviam o meio social, cultural e religioso da sociedade portuguesa de tempos remotos. Em várias obras de célebres pintores nacionais, entre os quais se destaca Garcia Fernandes (Fernandes, 1998, p. 241) e internacionais, de que são exemplo Abraham van Beyere e Pieter Claesz (Valsecchi, 1973) surge um conjunto bastante variado de objectos de cerâmica, contribuindo para o estudo e análise de peças de cerâmica, permitindo, porventura, definir

a forma e função que os objectos detinham numa determinada sociedade, dotando-os de uma forte carga simbólica. Igualmente importantes são as casas de bonecas holandesas. Na segunda metade do século XVII, estas casas de bonecas eram fabricadas em Amesterdão e eram destinadas a um grupo restrito de senhoras pertencentes às mais abastadas famílias da nobreza e da burguesia. Estas casas mostravam todas as repartições decoradas com objectos extremamente frágeis, como exemplo, porcelanas, marfim e vidro (Pijzel-Dommisse, 2001).

Efectivamente, diversos estudos poderiam ser referenciados até porque o nosso trabalho não se cingiu apenas aos que foram presentemente abordados, procurámos sim estabelecer uma relativa representatividade do vasto leque de obras consultadas.

Nas primeiras décadas do século XV, os navegadores portugueses, iniciaram um trajecto de exploração tanto no oceano Atlântico como no litoral ocidental africano. No entanto, alcançar o valioso mercado exótico do Oriente foi o grande desafio de toda a expansão marítima portuguesa. A partir de finais do século XV e durante o século XVI foram estabelecidas fortes ligações com determinadas regiões do Oriente e do Extremo Oriente. As naus da Carreira da Índia começavam a conduzir a Lisboa quantidades avultadas de inúmeras mercadorias até então inimagináveis, desde drogas, especiarias, sedas, porcelanas, pedras preciosas entre outras mercadorias raras. Nos anos subsequentes à chegada da frota de Vasco da Gama, um novo território na Europa de quinhentos se revela, a China. De facto, o tráfico comercial desencadeado pela Expansão Marítima Portuguesa foi o elemento mais importante de todos os contactos estabelecidos entre diversas civilizações, com diferentes culturas e que, mutuamente, se desconheciam. A partir dos séculos XVI e XVII os navegadores, comerciantes e missionários portugueses promoveram um complexo processo de aproximação europeia ao Oriente e Extremo Oriente.

Após a expansão marítima dos Descobrimentos, a actividade comercial das mercadorias “curiosas” assumiu largas proporções, intervindo claramente no espaço urbano, direccionando o engrandecimento da cidade e impulsionando novos pólos dentro do seu próprio espaço. O papel de Portugal originou novas tendências que influenciaram toda a Europa. Com a chegada destes produtos raros, a Coroa estreitou os laços com outros territórios distantes mas que, apesar de tudo, continuariam sob o seu domínio.

A cidade de Lisboa, “rainha do Tejo” (Couto, 2005, p. 125), despertou para o mundo como importante metrópole, como principal cidade do reino de Portugal, igualada a muitas outras grandes cidades, através dos Descobrimentos. O porto de Lisboa teve um papel preponderante na difusão destas mercadorias, na verdade, era ele como destino último da Rota da Índia, que as acolhia primeiramente. Ele tinha as condições de segurança para carga, descarga, armazenamento, controlo e fiscalização dos produtos (Blot, 2003, p. 243). Estes artigos ao se disseminarem no país, enriqueceram por completo toda a vida quotidiana, hábitos e costumes do Portugal renascentista. Seria interessante compreender de que forma se estabeleciam as redes de negócios; se inicialmente eram exibidos pela sociedade portuguesa, durante o século XVI depressa se propagaram por toda a Europa. Eram inúmeras as cargas preciosas de fauna, flora, especiarias, drogas e loiças, que pela primeira vez foram importadas e requisitadas por Portugal, mais tarde consideradas produtos usuais difundidos por toda a Europa.

CAPÍTULO I: TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

I.1. Descoberta e metodologias de intervenção no terreno

(...). As imediações de S. Julião da Barra, pela sua posição geográfica, constituem, de facto, um verdadeiro cemitério de navios, lugar fatídico consagrado pela tradição e pela história.” (Alves, 1995, p. 2).

O projecto de São Julião da Barra teve o seu início nos anos 80, no campo de acção do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), sob a responsabilidade de Francisco Alves, então director da referida instituição. No entanto, a escavação do sítio só teve o seu início em 1993, quando o MNA promoveu uma campanha de reconhecimento arqueológico em toda a área envolvente do dispositivo defensivo de São Julião da Barra, conjuntamente com a *ARQUEONÁUTICA – Centro de Estudos*⁴ sob a orientação e direcção do arqueólogo anteriormente referido.

Desde a década de 50 que a proximidade da fortificação, e de toda a área fronteiriça do bastião defensivo de São Julião da Barra, era de importância reconhecida. O potencial científico daquele espaço era evidenciado através de constantes relatos orais que referiam o achamento fortuito de materiais nas praias, após períodos de tempestades mais violentas que revolviam os fundos submarinos, assim como, permanentes pesquisas furtivas⁵ que se deparavam com objectos de incontestável valor histórico e artístico (Afonso, 1999, p.17). Na sequência de uma prospecção efectuada por uma equipa de arqueólogos amadores do Museu do Mar de Cascais (MMC)⁶, em 1976 Francisco Reiner declarou os primeiros achados à Capitania do porto de Cascais em nome da referida instituição (Castro, 1999, p.7).

A década de 90 ficou marcada pela iniciativa do MNA em desenvolver, conjuntamente com o Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), uma campanha de intervenção na região envolvente do Forte de S. Julião da Barra. Entre os anos de 1993 e 1994, uma equipa de mergulhadores amadores, reunida pelo MNA, levou

⁴ Associação sem fins lucrativos (Castro, 1999).

⁵ Consequência de uma praticamente inexistente legislação e de alguma negligência por parte da vigilância costeira, os fundos daquela costa foram pilhados por mergulhadores amadores durante anos. Contudo, a eles também se devem importantes informações acerca da existência de cargas de navios e até mesmo doações de espólio encontrado instituições museológicas de Lisboa (Afonso, 1998, p. 17-18).

⁶ Nos inícios da década de 80, a reestruturação do sistema organizativo do Museu do Mar acabou por levar à separação dos núcleos de artefactos ali armazenados, ficando o MNA como fiel depositário destas colecções (Castro, 1999, p. 7).

a cabo um levantamento exaustivo de toda a área limítrofe da fortaleza de S. Julião da Barra, assim como, uma prospecção alargada e sistemática numa área semicircular com um raio de 200m (Castro, 1999, p. 7). Após estes trabalhos e confirmação efectiva do potencial do referido local, realizaram-se várias intervenções arqueológicas em 1994, 1996, 1997, 1999 e 2000.

Na continuidade de sucessivos trabalhos de campo e tendo em conta a abundância de indícios arqueológicos visíveis na zona central de intervenção, houve a necessidade de caracterizar o sítio em dois sectores distintos.

A primeira fase de trabalhos no terreno⁷ – apesar de prevista a escavação, foi também considerado o registo integral da arqueografia dos artefactos e recuperadas as peças visualmente mais expostas – teve o seu início em Abril de 1994, ficando designada por *SJB1* e englobava os vestígios arqueológicos descobertos em toda a zona envolvente da fortaleza, sobretudo na pequena baía sul, localizada em frente à piscina oceânica, abrangendo a nascente, o ilhéu dos Bicos (Fig. 1). Esta subzona incluía, entre várias peças distribuídas por diversos núcleos – pregos, balas de pistola, mosquetes de diversos calibres, placas/folhas de chumbo, chumbadas, um fragmento de vidro, um provável botão de punho e praticamente vinte moedas de prata⁸ – cerca de dezassete canhões ou bocas de fogo (planta com a dispersão dos canhões e âncora. Fig. 2) e uma âncora (Fig. 3). Esta última era o artefacto que se encontrava mais afastado dos restantes núcleos de peças e o que residia mais próximo da Fortaleza (Alves, 1995, p. 1).

A escavação do sítio propriamente dito e as operações de registo arqueográfico, foram igualmente acompanhadas por sondagens visuais nas imediações do local, para uma melhor percepção e conhecimento de toda a zona envolvente. Após a realização destas sondagens, e devido a uma diminuição do assoreamento da área de intervenção, foram detectados vestígios de um importante conjunto, composto por várias peças pertencentes ao casco de um navio (Alves, 1995, p. 4). Esta nova área de intervenção⁹ ficou denominada por *SJB2* (Fig. 4 e 5).

⁷ Sobre este tema ver Processo Oficial do CNANS N.º 92/006.

⁸ De referir que em laboratório se verificou que as peças n.º 104 e 110 eram exclusivamente compostas por produtos de corrosão e oxidação concrecionados.

⁹ Esta nova área de intervenção, aliás reconhecida no final da campanha de 1994, foi assinalada por Carlos Martins, mergulhador amador, desde há muito profundo conhecedor dos fundos submarinos daquela região (Alves, 1995, p. 5-6).



Figura 1: Pormenor da localização das subzonas *SJB1* e *SJB2*.

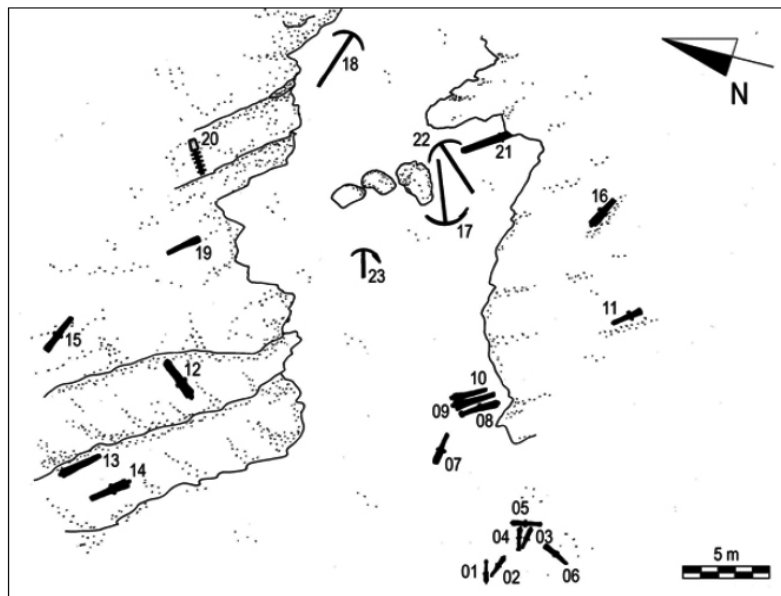


Figura 2: Planta com a dispersão das âncoras e canhões encontrados na área *SJB1*.
(Castro, 2002, p. 10).



Figura 3: Levantamento de uma das âncoras, proveniente da subzona SJB1. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

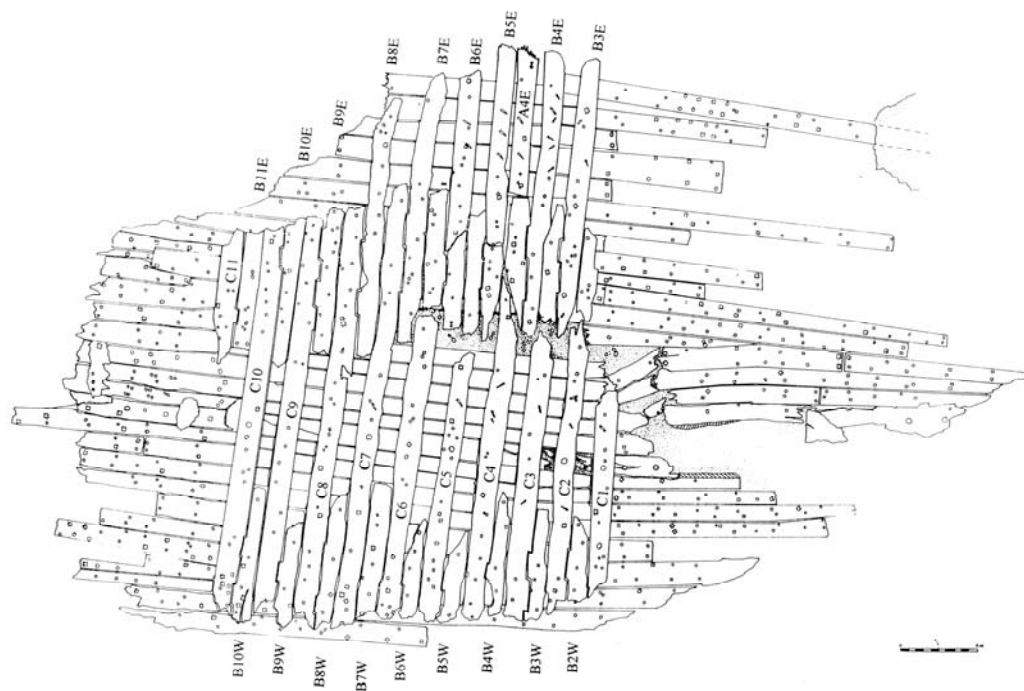


Figura 4: Planta do casco da nau Nossa Senhora dos Mártires. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 5: Apresenta em detalhe o casco da presumível Nossa Senhora dos Mártires. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

Nesta subzona, localizada a Sul Sueste *SJB1*, foram identificados inúmeros fragmentos de pratos, taças e garrafas, assim como, pratos inteiros de porcelana chinesa da Dinastia Ming – reinado Wanli (1573-1619) (Fig. 6, 7 e 8) – e de cerâmica oriental (Fig. 9), possivelmente, oriunda das regiões do sul da China, atribuível em termos cronológicos de fins do século XVI e inícios do século XVII (Castro, 2001b, p. 2-4). Este vasto núcleo de artefactos foi encontrado nas imediações de um conjunto de peças arquitecturais e estruturais pertencentes ao casco de um navio (Alves, 1995, p. 5) ainda com grãos de pimenta entre as juntas do tabuado, dispersa por todo o arqueossítio, presente em todos os orifícios, esta especiaria era o mais expressivo vestígio de uma catástrofe marítima¹⁰ (Fig.10). A localização dos despojos arquitecturais de uma embarcação conjuntamente com a coerência cronológica, proporcionada pelas tipologias da cerâmica oriental, indiciam estarmos perante o contexto de um naufrágio, os destroços da presumível *Nossa Senhoras dos Mártires*, que submergiu ao largo da Fortaleza de S. Julião da Barra, a 15 de Setembro de 1606. Segundo Filipe Castro, este foi apenas um dos

¹⁰ A *Nossa Senhora dos Mártires* transportaria no porão cerca de 300 toneladas de pimenta, até porque, de acordo com os tratados de construção de Baptista Lavanha e Manuel Fernandes em finais do século XVI e inícios do século XVII, as naus da carreira da Índia teriam uma capacidade de carga que rondaria entre as 600 e 700 toneladas, traduzindo-se em navios com 18 ou mais rumos de quilha (27,72m) (Fernandez, 1995; Lavanha, 1996 e Alves [et. al], 1998c, p. 183-215).

navios encontrados ao largo de S. Julião da Barra, entre muitos dos que ainda permanecem ocultos pelas águas do Tejo (Castro, 1999, p. 7, 18).

Embora estivéssemos perante vestígios de extraordinário potencial arqueológico, o projecto S. Julião da Barra sofreu um período de interregno e suspensão até finais do ano de 1995¹¹, devido a questões político-culturais relacionadas com o património arqueológico subaquático (Castro, 1999, p. 7-8).

No âmbito de uma nova conjuntura favorável, em 1996 o projecto foi prosseguido pelo Ministério da Cultura e admitido no programa do *Pavilhão de Portugal EXPO'98*. No âmbito da Comissão Instaladora do Instituto Português de Arqueologia, foi fundado o Centro de Operações de Arqueologia Subaquática (COAS) cujo duplo papel era desenvolver as infra-estruturas necessárias para a criação do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) e assegurar a escavação do sector *SJB2*, que foi intervencionado sob a responsabilidade dos arqueólogos Francisco Alves e Luís Filipe Castro.



Figura 6: Pormenor de alguns pratos de porcelana chinesa junto a uma sugadora. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

¹¹ Vejam-se nos arquivos da Direcção de Arqueologia Náutica e Subaquática o Processo Oficial do CNANS N.º 99/05.



Figura 7: Pormenor de um prato de porcelana chinesa fragmentado. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

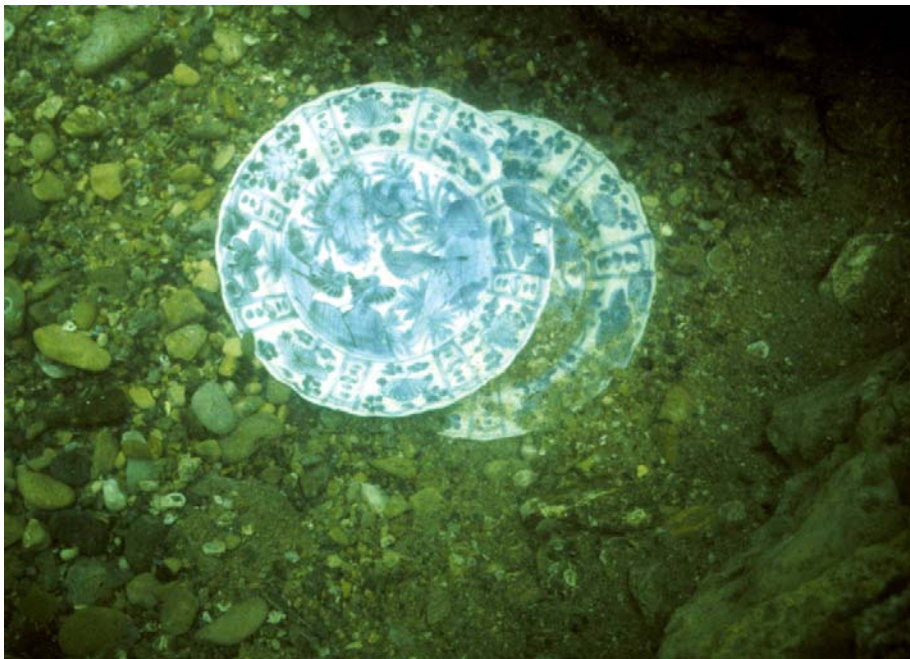


Figura 8: Apresenta dois pratos de porcelana chinesa sobrepostos. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 9: Apresenta um pormenor de um pote oriental. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 10: Pormenor da pimenta encontrada entre as frestas da estrutura da embarcação. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

Integrado na sala de exposições do *Pavilhão de Portugal EXPO'98*, em Lisboa, o espólio recuperado, constituindo parte integrante da carga preservada *in situ*, no local do naufrágio, durante quase cerca de quatrocentos anos, é uma das particularidades deste sítio arqueológico (Castro, 1999, p. 7-8). Os resultados do projecto de S. Julião da Barra, para além da exposição no *Pavilhão de Portugal EXPO'98*, consubstanciaram-se na edição de um vídeo e de uma monografia sobre a nau *Nossa Senhora dos Mártires*, assim como, na apresentação de um relatório preliminar do estudo do casco (1996/1997) no Simpósio “Arqueologia dos Navios Medievais de Tradição Ibero-Atlântica”, realizado em Lisboa (Alves [et. al], 1998c, p. 183-215; Castro, 2001c, p. 381-403).

Entre os anos de 1996 e 1997, o sector *SJB2* foi particularmente escavado em dois espaços: uma área com cerca de 80m², que abrangia os restos do casco de madeira do navio (Fig. 11 e 12), e uma outra zona, com cerca de 100m², a norte do casco onde uma depressão rochosa natural originou a acumulação de materiais arqueológicos¹² (Castro, 1999, p. 8). Este navio transportaria a bordo além de inúmeros artefactos datados de fins do século XVI e inícios do século XVII, três astrolábios náuticos, sendo que um deles possui a data de 1605 gravada e uma grande quantidade de grãos de pimenta encontrados no fundo do navio – *Pepper Wreck* (Castro, 2001b). Em 1999 e 2000 o IPA, através do CNANS, e o Institute of Nautical Archaeology (INA) subsidiaram duas campanhas escavação, no sector *SJB2*, tendo sido recuperado o casco do navio (Castro, 2001a, p. 3-4).

O conjunto de achados, exumado ao largo de São Julião da Barra, por ser tão numeroso, eloquente e por apresentar uma indiscutível homogeneidade cronológica, revela a importância e interesse desta jazida arqueológica

¹² A este propósito ver Processos Oficiais do CNANS n.ºs 92/006 e 99/05.



Figura 11: Trabalhos de registo do casco. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 12: Pormenor da elaboração dos trabalhos de registo e desenho arqueológico do casco. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

I.2. Enquadramento geológico e localização geográfica – sítio da Fortaleza de São Julião da Barra

“Abraça-a o rio, quase ao morrer no oceano Atlântico, furioso e altaneiro nos dias tempestuosos de Inverno. Colocada mesmo na foz do Tejo, sentinela de Lisboa e da Costa do Sol, nasceu a Torre de S. Gião a fortaleza que hoje é conhecida pelo nome histórico de S. Julião da Barra.” (D’Esaguy, 1956, p.1)

A linha de costa, que se estende da cidadela de Cascais até à Fortaleza de S. Julião da Barra, actualmente de carácter essencialmente urbano, encontra-se localizada no concelho de Cascais. Este troço costeiro, durante séculos alvo de um vasto processo de erosão e humanização, manteve uma grande qualidade na inserção da ocupação humana no meio natural. Do ponto de vista geológico, a sedimentação da região é representada por vestígios de antigas praias, mas também por dunas consolidadas. O depósito de S. Julião da Barra (Fig. 13), junto à fortaleza, apresenta de baixo para cima camadas de areias siliciosas com uma grande mobilidade, variando sazonalmente de espessura e altamente contaminadas com vestígios orgânicos e artefactos relacionados com actividades piscatórias de que são exemplo linhas, ganchos, pesos de chumbo, armadilhas e redes de pesca, cabos, entre outros. Uma outra camada estratigráfica (entre 5 a 30 cm de espessura) composta por sedimentos de tonalidade escura com areias siliciosas à mistura, rica em fragmentos de chumbo pertencentes, possivelmente, a arranjos de calafetagem da nau *Nossa Senhora dos Mártires*. Com cerca de 20 a 60 cm de espessura um estrato composto por cascalho de origem calcária e basáltica, com diâmetros que variam entre os 4 a 15 cm, onde eram visíveis grãos de pimenta e, ocasionalmente, fragmentos de porcelana entre outros materiais relacionados com a carga do referido navio. Outra camada composta por areias siliciosas, com espessura que varia entre 5 e 30 cm, onde abundavam entre outros materiais orgânicos diferentes bolsas de grão de pimenta, relativamente estáveis e não contaminados com outros tipos de materiais associados a outros contextos. É ainda de referir o facto da grande maioria dos artefactos intactos ter sido recuperada nesta camada. Com uma espessura que varia entre os 2 e 5 cm de

espessura temos um estrato constituído por areia muito fina de tonalidade amarela, compacta e estéril do ponto de vista arqueológico¹³.

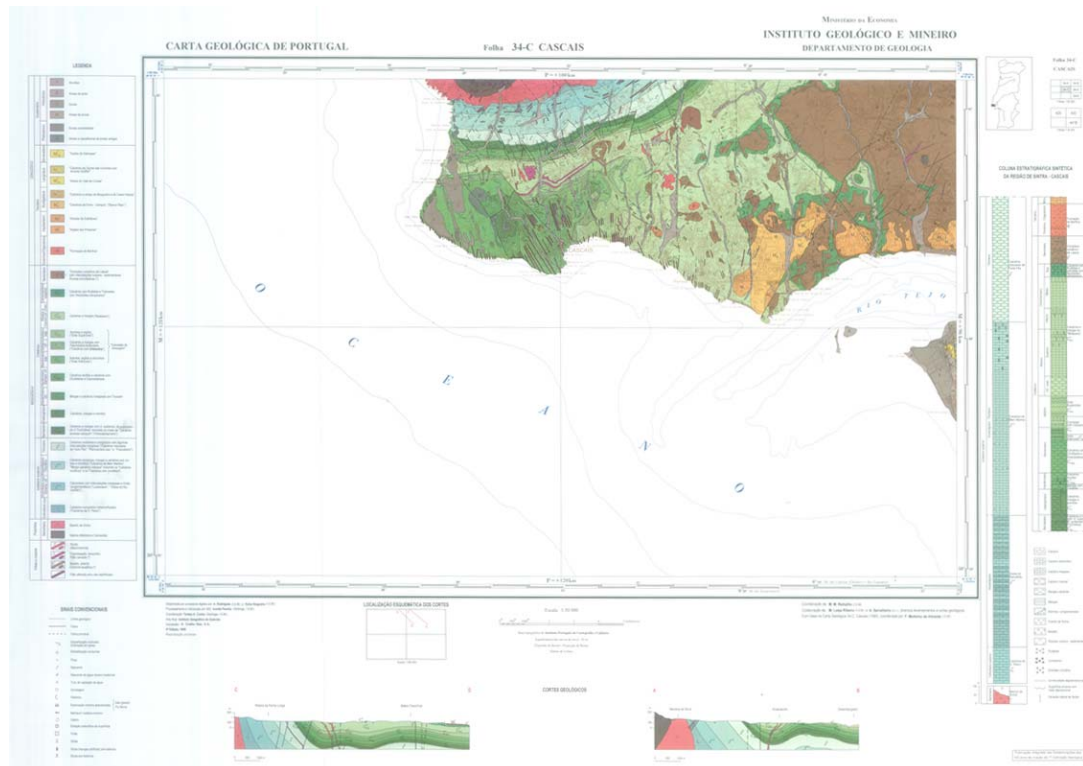


Figura 13: Pormenor dos depósitos geológicos que compõem área de São Julião da Barra e a entrada da barra do rio Tejo. Carta Geológica de Portugal, Notícia explicativa da Folha 34-C: Cascais, por M. M. Ramalho, J. Rey, G. Zbyszewski, C.A. Matos Alves, T. Palácios, F. Moitinho de Almeida, C. Costa e M. Kullberg, Lisboa, 2001.

Como consequência destas especificidades, os fundos da área de intervenção arqueológica variavam entre ambientes sedimentários de forte dinâmica (areia e cascalho) e a rocha base, o que condicionou as condições da jazida formada em parte por afloramentos rochosos.

Na barra do Tejo, o Forte de São Julião da Barra de face voltada ao mar é um esplêndido exemplar da arquitectura militar. Os portugueses apuraram e elevaram nas costas de África, do Índico e do Brasil as primeiras, mais vigorosas e modernas

¹³ Carta Geológica de Portugal, Notícia explicativa da Folha 34-C: Cascais, por M. M. Ramalho, J. Rey, G. Zbyszewski, C.A. Matos Alves, T. Palácios, F. Moitinho de Almeida, C. Costa e M. Kullberg, Lisboa, 2001; Castro, 2002, p. 1-74.

fortalezas. De facto, o fortalecimento e intensificação do comércio marítimo ultramarino reivindicaram também o reforço da defesa do litoral português.

De todas as fortificações existentes no nosso país, a Fortaleza de S. Julião da Barra foi aquela que mais se evidenciou, não só pela sua imponente figura, como também, pelo papel preponderantemente estratégico que desempenhou na defesa da barra do Tejo, na protecção contra a investida de intrusos garantido, deste modo, a segurança do porto de Lisboa¹⁴.

Com o intuito de proteger e vigiar a entrada da barra¹⁵, e sobretudo o porto de Lisboa, foram edificados baluartes defensivos na linha de costa (Cid, 1998, p. 33-49). O ancoradouro de Lisboa – porto marcado pela agitação de gentes e mercadorias que a ele afluíam mesmo antes do século XIV, tornando-se em finais do século XV paragem obrigatória no seio das rotas de comércio intercontinental – foi alvo de planos de defesa através da implantação de um conjunto de redutos militares cujo contorno é ainda hoje visível à beira rio. A defesa da capital assentou num princípio inovador que era o do cruzamento de fogos de artilharia efectuados a partir de pontos rigorosamente escolhidos nas margens do Tejo (Moreira, 1989b, p. 91-142; 1989c, p. 143-158).

Os navegadores que entrassem na barra¹⁶, na costa de Lisboa, depois de curvarem o Guincho / Cabo da Roca deparavam-se com o primeiro dispositivo defensivo, a Torre de Cascais; seguidamente, a imponente fortaleza de São Julião da Barra que pela sua

¹⁴ A Fortaleza de S. Julião desde a sua edificação esteve ligada a praticamente todos os acontecimentos político-militares que tiveram lugar em Portugal (Callixto, 1989, p. 5).

¹⁵ “Esta barra, onde desemboca o Tejo, está no meio de duas fortalezas, (...) S. Gião ou Julião, e S. Lourenço ou Torre do bogio, que outros dizem cabeça secca, em distancia uma da outra de 980 passos geométricos de sete palmos e meio cada passo. Em tempo do insigne geographo Estrabo tinha a bocca d’esta barra 2:500 passos; agora se tem estreitado muito mais, e por causa dos cachopos que existem no meio d’ella, se faz difficil a entrada, a qual se divide em dois canaes: o que toma por entre os cachopos da Trafaria e a Cabeça secca, ou fortaleza de S. Lourenço chama-se carreira da alcáçova, e é a mais segura, porque tem 500 braças de largo e 9 de alto com bom fundo. Entrando pela barra dentro, a duas léguas se vê a formosa torre de Belém, obra d’el rei D. Manoel, fundada 200 passos sobre o Tejo; e continuando a pequena distância de uma légua da parte do norte, se vê a grande cidade de Lisboa: mas como o Tejo forma aqui o mais famoso porto do mundo e um grande seio, fazendo-se navegável no espaço de vinte léguas (...)” (Castro, 1870, p. 20-21).

¹⁶ Barra Grande ou Canal do Sul “ (...) canal, formado pelos dois cachopos do Norte e do Sul, estabelece a entrada principal do rio, única que convém aos navios de grande calado, não só pela profundidade, como também pela amplitude. (...) Em ocasião de vazante, com agus de monte e debaixo de tempo, dever-se-há aguardar, para entrar a Barra, a enchente.” Corredor ou Canal do Norte “ (...) canal, formado pela Ponta da Lage e pela extremidade NE do cachopo Norte, offerece a estreita passagem de uma a duas amarras; esta passagem é, todavia, bastante curta.” Golada do Sul ou do Bugio “ (...) passagem constituída pelo Bico da Calha – parte mais occidental da margem Sul do Tejo e a Torre do Bugio; só dá acesso a pequenas embarcações, attenta a diminutíssima profundidade e a enorme mobilidade das areias n’aquelle sítio.” (Costa, 1920, p. 7-8).

posição geográfica – às “portas” do oceano Atlântico, situada entre o Restelo e Cascais sobre um majestoso rochedo, era chave marítima para entrada na capital, cruzando fogos com a Fortaleza de São Lourenço da Cabeça Seca (Torre do Bugio) São Julião constituía o primeiro obstáculo para o inimigo que pretendesse forçar a entrada no Tejo¹⁷ (Fig. 14) – e estrutura militar (ao longo dos séculos passou por diversos processos reconstrutivos, desde sempre sofreu alterações e actualizações de modo a contemplar os novos modelos fortificados de então), finalmente, para o passo junto ao Restelo, área onde o Tejo se constringe foram edificadas as torres de Belém e Caparica. Segundo Manuel Severim de Faria, os dispositivos defensivos como Forte de Cascais, Forte de Santo António da Barra ou Forte Velho, Fortaleza de São Lourenço de Cabeça Seca ou Torre do Bugio, Fortaleza de S. Julião da Barra, Torre de Belém, Torre Velha da Caparica e o Castelo da cidade de Lisboa “ (...) *sete castelos fortíssimos – sete o número de colinas de Roma ou das maravilhas do mundo antigo.*” (Cid, 1998, p.48).

No sítio onde hoje se situa a Fortaleza de S. Julião da Barra, zona de rochedos situada na margem direita na Foz do Rio Tejo, sobrevivem relatos acerca da existência de uma pequena Capela denominada Ermida de S. Gião, localizada na zona exterior da muralha (Boiça, 2000).

¹⁷“Cascais era a guarda avançada de defesa de Lisboa, São Julião da Barra o seu «portão principal» e o canal Torre de Belém-Torre Velha ou de São Sebastião da Caparica, a última defesa. Para lá descia, já Tejo acima, apenas alguns pontos fortificados existiam mas de nada serviriam contra o inimigo que conseguisse passar São Julião da Barra ou Belém.” (Callixto, 1980, p. 9). A este propósito: “Quais os pontos que conhece desde S. Julião à Torre de Belém? Farol de S. Julião, Praia do Portinho, Feitoria, Catalazéte, Arieiro (forte), Praia de Sto. Amaro, Forte das Maias, Fontainhas, Escola de Torpedos, Praia de Paço d’Arcos, Praia de Caxias (entre as duas praias há o Forte da Giribita), Caxias Forte de S. Bruno, Boa Viagem, Cruz Quebrada, Dafundo, Algés, Pedrouços, Torre de Belém.” (Florêncio & Martins, 1937, p. 3).

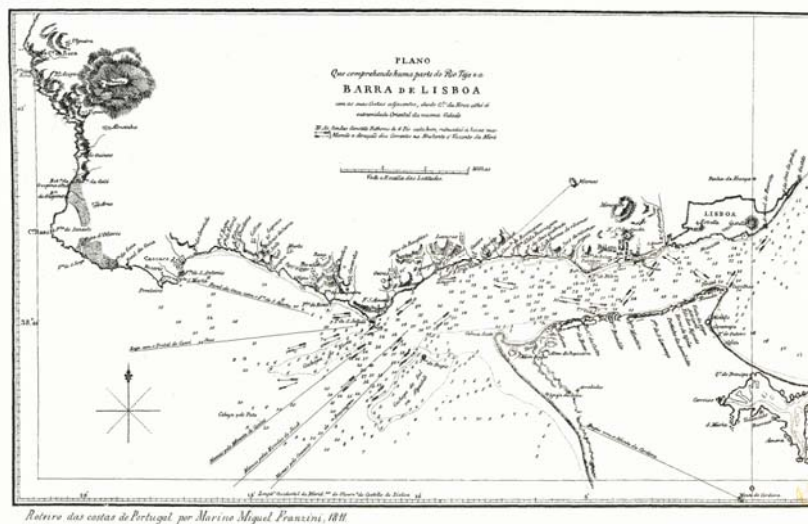


Figura 14: Planta que compreende uma parte do Rio Tejo e a Barra de Lisboa. Pormenor do Forte de São Julião da Barra. Secção de Cartografia da Biblioteca Nacional (1-cc-816-2v).

Entre vários, talvez o mais antigo testemunho da época remonte a Damião de Góis, onde na sua obra *Lisboa de Quinhentos*, escrita em latim e impressa em 1554, profere as seguintes palavras: “*Costeando dali para o interior, na direcção do Norte, dá-se com a Fortaleza de Cascais, onde as naus de carga, ancoradas em porto amplo e seguro, esperam a maré e a monção. A pequena distância, pelo rio acima, há uma baía em forma de cotovelo, em cujo vértice edificaram a Capela de São Julião e, mais ao alto, outra dedicada a Santa Catarina. Da mesma banda, seguindo-se para Lisboa fica sobre a praia o Fortim de Belém. Ergue-se ali um templo grandioso.*” (Góis, 1937, p. 38). Verificamos assim que, por esta altura, Damião de Góis não faz menção à existência de qualquer tipo de fortificação ou até mesmo torre de vigia nos penedos da Barra do Tejo somente à existência de uma Capela naquelas imediações.

De acordo com uma referência citada no *Memorial Histórico, ou Coleção de Memórias sobre Oeiras*, de autor desconhecido, nesta localidade existia uma Ermida devota a Santo Amaro “ (...) situada num alto de um monte sobranceiro ao mar, que ficava a Sul do Lugar de Oeiras. Esta Ermida era muito frequentada de Romeiros, que pelo ano, vinham orar ao Santo”, mais refere que o monarca D. Manuel “ (...) achando-se enfermo das pernas” visitou a Ermida de Santo Amaro, santuário célebre pelas curas milagrosas aí alcançadas, e “ (...) depois de fazer sua oração comprazia-se muito da

bela vista de mar, que dali desfrutava, obrigando-se daqui o pensamento que El-Rei teve, e deixou recomendado a seu filho D. João, de fazer uma Fortaleza sobre a grande ponta de rochedo que via, a qual entrava pelo mar junto da Barra para obstar ao atrevimento dos piratas africanos, que com todo o arrojo acossavam os navios até mesmo dentro do rio Tejo.” (1982, p. 35-36).

Enquanto que Damião de Góis refere a existência da Capela de S. Julião, nos penhascos da Barra do Tejo, o autor desconhecido diz tratar-se da Ermida de Santo Amaro “ (...) *dois templos, ou, (...), o mesmo, cuja localização não é fácil, com os actuais conhecimentos, de determinar com exactidão mas que ficam muito perto dos penedos da Foz do Tejo onde D. João III mandou erguer a primitiva fortificação que, posteriormente ampliada, se tornou na maior Fortaleza de Portugal Continental.*” (Callixto, 1989, p. 11).

Segundo Carlos Pereira Callixto, pelo ano de 1556 houve a intenção de se proceder à fortificação da Barra de Lisboa, porém, só em 1558 as obras de construção, orçamentadas em 30.000 cruzados avançaram muito lentamente (Lourenço, 1964, p. 11; Callixto, 1989, p. 13).

Na realidade, esta fortificação faz parte do núcleo de praças, cujo objectivo era a defesa da cidade de Lisboa. Situada no concelho de Oeiras, a cerca de 2Km da vila, marca-lhe o limite e vigia o porto de Lisboa, que com os descobrimentos se transformou numa das mais destacadas praças europeias.

I.3. Nossa Senhora dos Mártires – o universo da carga a bordo

“ [...] Eles ficaram como homens pasmados, parecendo um sonho verem assim uma nau em que havia pouco iam navegando, tão carregada de riquezas e louçainhas que quase não tinha estimação, (...) submergida debaixo das águas, entesourando nas concavidades do mar tantas cousas.” (Afonso, 1998, p. 15).

Os vestígios arqueológicos¹⁸ de uma embarcação de inícios do século XVII, encontrados ao largo de São Julião da Barra, pertencentes aos destroços da presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires*, para além de atestarem a importância das cargas transportadas a bordo das embarcações e o potencial da carreira percorrida até ao porto de Lisboa, são também relevantes para aprofundar o estudo da arquitectura naval sobre a história marítima da região, durante o apogeu que foi a expansão das navegações portuguesas (Castro, 2000b, p. 477-495).

Como anteriormente foi referido minuciosas técnicas de intervenção no terreno – desde o levantamento da área de escavação, marcação do terreno, recuperação e registo das peças encontradas –, possibilitaram trazer à superfície um legado significativo e bastante diversificado de artefactos.

O casco do navio fragmentado, depositado no sentido norte/sul, corresponde à posição da quilha e do tabuado do forro exterior no sentido longitudinal relativamente ao Forte de S. Julião. Este encontrava-se protegido num patamar do esporão rochoso que se elevava em degraus em direcção ao penedo sobre o qual se implanta a fortaleza (Fig. 15). Embora segmentada a estrutura do navio apresenta-se assimétrica e descentralizada relativamente ao eixo da quilha, pela sua parte Este ser consideravelmente maior que o lado Oeste. Assim, o fundo do casco é composto do lado Oeste por 11 fiadas de tábuas e do lado Este por 19, assentes sobre o fundo de onde se destacam 11 imponentes cavernas, sendo que cerca de 9 se encontram do ponto de vista arquitectónico integralmente preservadas¹⁹. A par dos padrões arquitecturais da época, e tendo em conta os dispositivos normativos das obras clássicas de referência, esta descoberta indicia tratar-se de uma nau de finais do século XVI e inícios do século XVII, a começar pela tipologia de madeiras utilizadas como o sobro para partes como o cavename, quilha, cavernas, braços; e pinheiro manso para a edificação do tabuado. Trata-se uma nau com cerca de 18

¹⁸ Deverão ser inúmeros os vestígios e destroços de embarcações tanto nesta região como ao longo de toda a costa de Portugal Continental.

¹⁹ O estudo do casco foi tema de Mestrado realizado por Filipe Castro e engloba a análise da secção da quilha, cavernas e tabuado (Castro, 2001b).

rumos de quilha (equivalente a cerca de 27,72m) o que corresponde à medida padrão de uma nau da carreira da Índia nessa época (Alves [et. al], 1998, p. 212).

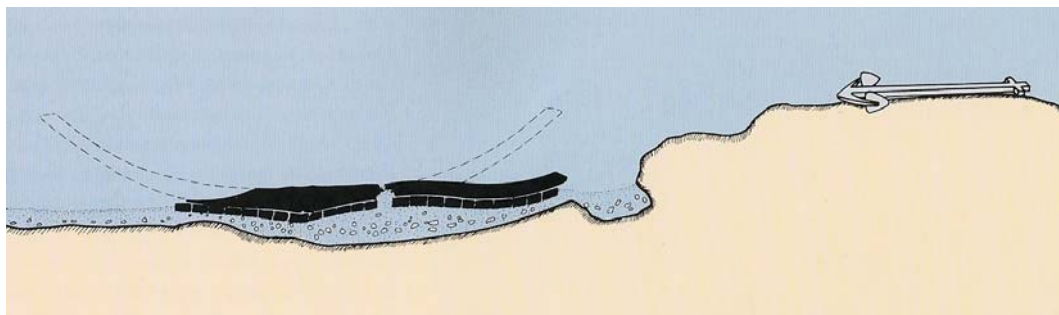


Figura 15: Perfil do vestígio do casco e do seu enquadramento envolvente – afloramento rochoso. Catálogo Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem (Alves [et. al], 1998, p. 201).

À semelhança do conjunto de peças arquitecturais do navio, também os inúmeros objectos, possivelmente pertencentes à sua carga se encontravam em muito bom estado de conservação. Entre este espólio avultavam magníficas porcelanas (dinastia Ming – reinado Wanli) e cerâmicas chinesas (*martaban*, *tradescant*, outras produções chinesas e tailandesas e uma jarra *Tsubo*), peças preciosas de ourivesaria (um par de brincos indo-portugueses em forma de meia lua com cabeças de sátiro estilizadas numa mistura de ouro com aljôfar) (Fig. 16), um *tsuba* japonês (Fig. 17), peças de artilharia (canhões, balas de ferro e chumbo, pelouros de pedra e ferro), instrumentos de navegação – compassos de cartear (Fig. 18) e astrolábios, um dos quais em perfeito estado de conservação cuja data 1605 se encontra cravada (Fig. 19), uma âncora, inúmeros objectos de uso quotidiano (cabeças de prego e ferragens de várias dimensões, conjunto de pratos e pratéis em liga de estanho, uma colher de prata, tampa de panela em liga de cobre com incrustações de pimenta, três panelas em liga de cobre, parte superior de um martelo em liga de cobre, jogos de pesos e medidas em liga de cobre, dois almofarizes de farmácia em liga de cobre, oito pilões de almofarizes em liga de cobre, três peças de damas e uma de xadrez em osso ou marfim e um peão em marfim indiano), finalmente, quilos de pimenta (Fig. 20) alojada no areal do fundo junto e por entre as diversas peças que compõem o navio.

O espólio em referência²⁰, é passível de constituir um bom contributo para o conhecimento das produções orientais e do comércio da Carreira da Índia nas centúrias de quinhentos e seiscentos, assim como compreender a importância da cidade de Lisboa, num período decisivo da expansão marítima portuguesa.



Figuras 16 e 17: Apresentam um pormenor de um par de brincos indo-portugueses e um tsuba japonês e que integraram a exposição do Pavilhão de Portugal – *Expo '98*. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 18: Dois compassos de cartear recuperados do sítio de São Julião da Barra e que integraram a exposição do Pavilhão de Portugal – *Expo '98*. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

²⁰Acerca dos achados recuperados desde 1996-1998 ver o catálogo realizado por Sara R. Brigadier & Anthony Randolph (Brigadier e Randolph, 2000).



Figura 19: Astrolábios encontrados em São Julião da Barra e que integraram a exposição do Pavilhão de Portugal – *Expo '98*. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.



Figura 20: Pormenor do volume de pimenta recuperado do sítio arqueológico de São Julião da Barra e que integrou a exposição do Pavilhão de Portugal – *Expo '98*. Imagem cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

I.4. O universo do espólio estudado

I.4.1. Metodologia adoptada para o estudo do espólio e classificação morfológica das cerâmicas

“Em três tempos divide-se a vida: em presente, passado e futuro. Destes, o presente é brevíssimo; o futuro, duvidoso; o passado, certo (...)” Séneca (França, 1998).

O espólio cerâmico constitui uma percentagem significativa dos despojos encontrados no sítio de São Julião da Barra. O presente estudo refere-se somente à análise do núcleo de cerâmicas, constituído por 240 peças, que se traduzem em 139 exemplares de cerâmica oriental (entre os quais potes *martaban*, *tradescent*, *Tai*, *Tsubo* e outras produções chinesas) e 101 peças de porcelana chinesa, ambos os conjuntos enquadráveis entre os séculos XVI e XVII.

Procedemos ao inventário²¹ da totalidade das peças, triagem e limpeza de alguns fragmentos²², catálogo²³, fotografia e desenho dos exemplares mais significativos que poderão fornecer alguma informação coeva do ponto de vista histórico e arqueológico.

No que respeita à inventariação do núcleo de materiais, foram consideradas as peças recolhidas durante todas as intervenções²⁴. No entanto, à excepção de algumas peças, recuperadas desde 1999 até 2005, a grande maioria do espólio cerâmico foi recolhido durante as intervenções arqueológicas realizadas entre 1996-1998, e enquadrado a exposição do *Pavilhão de Portugal EXPO'98*.

Procurámos estudar a totalidade das cerâmicas recuperadas nas diferentes camadas, debruçando-nos mais pormenorizadamente sobre os exemplares que se encontram mais completos ou que considerámos mais expressivos de cada um dos sectores de escavação²⁵. Deste modo, de uma amostragem de 240 peças, para o núcleo central do presente estudo, elegemos cerca de 44 exemplares. Saliente-se que o método

²¹ Ver Apêndice A – Inventário do espólio.

²² A limpeza das peças foi realizada pelo Conservador-Restaurador da Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática, Dr. João Coelho e Pedro Gonçalves.

²³ Ver Apêndice B – Catálogo do espólio.

²⁴ Sobre as diversas intervenções ocorridas no sítio de São Julião da Barra ver o capítulo I referente aos Trabalhos arqueológicos e, em particular, Descoberta e metodologias de intervenção no terreno.

²⁵ Acerca dos sectores de escavação ver capítulo I acima referido.

de eleição foi baseado, sobretudo, no facto de possuímos várias repetições das mesmas formas.

É nosso objectivo que a realidade dos testemunhos arqueológicos em estudo possibilite o estabelecimento de paralelos culturais. Foram considerados como elementos fundamentais a organização do núcleo segundo agrupamentos de características tecnológicas (potes orientais e porcelana), a organização por formas e tipologias, tendo em consideração os elementos decorativos que as ornamentam, bem como a constituição das pastas. Assim sendo, o estudo quantitativo, ou seja, análise estatística e gráfica²⁶, foi realizado tendo em conta a composição formal, tipológica, cores das pastas e decoração que compõem os exemplares em estudo.

Para a elaboração do catálogo foi criada uma base de dados, em Microsoft Access®, tendo como descritores fundamentais o número de inventário (composto pela abreviatura SJB – São Julião da Barra – seguida do número da peças ou então o número de Carta Nacional de Sítio), matéria-prima com que as peças foram fabricadas, grupo tipológico, descrição do artefacto (onde referimos a feição do bordo, fundo e bojo), elementos não plásticos que compõem cada exemplar, tonalidade da pasta, tratamento das superfícies, tipologia de decoração, ano de recolha, dimensões (diâmetros do bordo e base, comprimento, altura, espessura das paredes e peso) e, finalmente, um campo de observações (onde constam informações relacionadas com o grau de conservação das peças).

Outro factor determinante para o presente estudo foi a execução do desenho acompanhado de fotografia, indispensável para uma boa leitura dos artefactos e, sobretudo, para uma melhor percepção esquemática do formato e tipologia de decoração das peças²⁷.

Na verdade, a elaboração de uma tipologia, a interpretação funcional das formas, assim como o estabelecimento de uma nomenclatura ou terminologia são outra das etapas fundamentais, principalmente, no que respeita a análise da evolução do lugar da cerâmica no quotidiano de cada época (Real [et. al], 1995, p. 176).

²⁶ Sempre que se considerou necessário incluímos a análise estatística e gráfica foi inserida no meio do texto para fundamentar o estudo das cerâmicas.

²⁷ Adaptação do modelo utilizado por Duncan H. Brown e Celia Curnow, (Brown e Curnow, 2004, p. 29-53).

No que respeita aos paralelos assinalados para o conjunto estudado, considerámos sobretudo os aspectos formais das peças que integram estratigrafias de interesse reconhecido, que proporcionem informações concretas do ponto de vista cultural, científico e cronológico (Gomes, 2000, p.34).

I.4.2. Classificação dos vários grupos de peças

Na elaboração de uma tipologia temos que ter em linha de conta critérios morfológicos e/ou funcionais. Na presente tipologia as peças foram divididas em dois grandes grupos, definidos de acordo com a sua análise funcional, considerando a relação que possivelmente existiria entre o aspecto formal dos artefactos e a função a que se destinariam. Significa que a forma de um determinado artefacto é definida pela utilização a que se destina e função, pelas técnicas e processos de fabrico e até pela tradição das formas de objectos anteriormente existentes.

Para além do critério funcional de cada objecto considerámos também a configuração tipológica analisada a partir de caracteres morfológicos. Deste modo, para a referida configuração tipológica, e porque possuem características próprias, analisámos separadamente as diversas partes componentes de uma peça de cerâmica, nomeadamente, a forma do corpo, bases, asas, bordos e lábios.

Deste modo, são descritas 2 duas tipologias de peças os potes orientais e porcelanas chinesas.

I.4.2.1. Potes orientais

Considerados como loiça de armazenamento, estes potes eram utilizados para conter, armazenar, conservar líquidos e sólidos, constituindo a forma de acondicionamento apropriada para o transporte de mercadorias delicadas e preciosas a bordo das embarcações, podendo alguns ter uma função meramente decorativa.

Estes potes dividem-se quatro categorias distintas definidas da seguinte forma: Grupo I – Potes do tipo *martaban*; Grupo II – Potes do tipo *tradescant*; Grupo III – Outras produções chinesas; Grupo IV – Pote Tailandês (também designado *Tai stoneware jars*) e Grupo IV – Pote do tipo *Tsubo*.

I.4.2.2. Porcelana

Os exemplares de porcelana branca com decoração em azul-cobalto sobre o vidrado são compostas por pratos, taças, copos (recipientes abertos), potes e garrafas (recipientes fechados).

Este núcleo divide-se em três grupos distintos definidos do seguinte modo: Grupo I – Porcelana branca decorada a azul-cobalto sobre o vidrado; Grupo II – *Kraak-porselein* e Grupo III – Porcelanas do tipo *Swatow*.

A cerâmica foi desde sempre uma das demonstrações do talento humano que mais tem chamado a atenção e curiosidade do Homem. Todo o ambiente que envolve o fabrico da cerâmica espelha o carácter da comunidade que a trabalha e indica todo um conjunto de influências resultante do meio em foram criadas.

Sem dúvida que o espólio que se encontra em maior quantidade nas escavações arqueológicas são materiais de cerâmica, sobretudo devido à sua resistência à deterioração causada por factores climáticos e temporais, mas também por ela estar intrinsecamente ligada ao quotidiano de todas as comunidades e camadas sociais ao longo dos séculos. De facto, através da ceramologia, torna-se possível determinar níveis culturais e cronologias rigorosas, relativamente aos nossos antepassados.

O conjunto de cerâmicas em estudo, as porcelanas chinesas e a restante cerâmica oriental, possivelmente, provenientes das oficinas chinesas e das fábricas do Sudeste Asiático, teriam como destino último o porto da cidade de Lisboa, centro consumidor e distribuidor de todas as outras mercadorias raras que afluíam dos mercados do Oriente. A aquisição de cerâmica, tradição mantida ao longo dos séculos, foi uma constante na cidade. Toda a região de Lisboa por se localizar estrategicamente à beira mar, através da navegação marítima e fluvial desempenhou para a sua população um singular e privilegiado meio de contacto e, entre inúmeras outras funções, seria receptora e distribuidora de produtos de cerâmica, que vinham dos mais recônditos centros de produção.

Assim sendo, maioritariamente composto por artefactos de cerâmica, fragmentados, parcialmente fragmentados e peças inteiras, o conjunto mais significativo do

sítio arqueológico de São Julião da Barra, oferece distintas categorias funcionais, bem como diferentes padrões de produção. De um total de 239 peças, enquadráveis nos séculos XVI e XVII, para a análise tipológica e formal seleccionámos os exemplares mais significativos e que se encontravam em melhor estado de conservação das seguintes formas: pratos, taças, garrafas, potes e jarras provenientes dos ateliers da região Sul da China e do Sudeste Asiático²⁸.



Gráfico I: Total da cerâmica recuperada no sítio de São Julião da Barra.

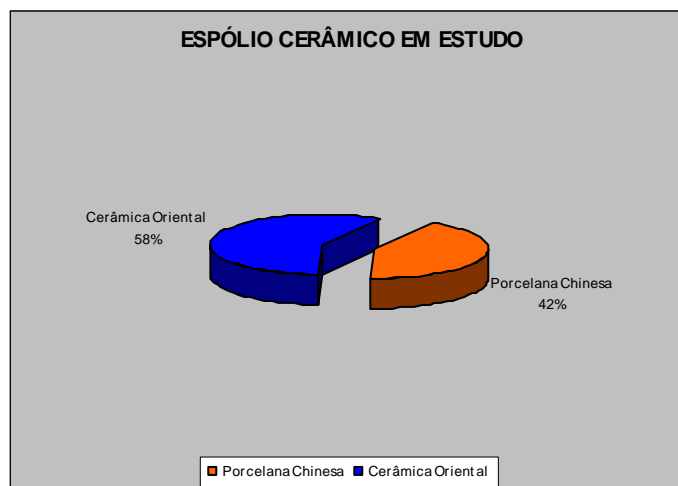


Gráfico II: Total do espólio cerâmico em estudo.

²⁸ Ver Apêndice A referente ao inventário geral do espólio cerâmico recuperado no sítio de São Julião da Barra.

CAPÍTULO II: LISBOA, O IMPÉRIO ORIENTAL E A CARREIRA DA ÍNDIA

II.1. Lisboa e os Descobrimentos

“Há duas cidades que, (...), poderíamos chamar senhoras e (por assim dizer) rainhas do Oceano: (...) sob a sua direcção e domínio (...) se processa a navegação em todo o Oriente e Ocidente. Uma delas é Lisboa, que reivindica para si o domínio sobre aquela parte do Oceano que, desde a embocadura do Tejo, envolve num imenso circuito marítimo a África e a Ásia. A outra é Sevilha, (...), que abriu de par em par à navegação aquela parte do orbe hoje chamada Novo Mundo.” (Góis, 1988, p. 29).

Fruto da posição geográfica que ocupavam, os núcleos urbanos localizados nas margens ribeirinhas ou nas linhas de costa desde sempre tiveram propensão para subsistirem de labores ligados ao comércio, à pesca entre outras actividades ligadas ao mar, que lhe permitiam a descoberta e o contacto com outras terras, continentes, gentes e realidades culturais muito diferentes das que conheciam. As populações costeiras, como forma de ultrapassar a simples ideia de sobrevivência e atraídas pelo comércio marítimo, depositavam as esperanças no mar para melhorar as suas condições de vida²⁹.

Animado pela intensa circulação de gentes, pela compra e venda de mercadorias, o Tejo é o meio de acesso a Lisboa transformando-a em porto central onde afluem os navios do Norte e do Mediterrâneo.

A cidade de Lisboa³⁰ teve as suas origens no cimo e nos flancos de um monte, escarpado por todos os lados, que dominava toda a margem do Rio Tejo para onde descia por uma das suas encostas menos abruptas³¹ (Ribeiro, 1994, p. 14-15) (Fig. 21).

²⁹ A pobre e “árida” agricultura cultivada no Portugal de Quatrocentos, pouco dava para subsistência da população e nada deixava de excedentes para o comércio. As comunidades instaladas nas zonas ribeirinhas, começavam a diferenciar-se das regiões do interior do país, cujo quotidiano era animado pela navegação de cabotagem liderada por pequenas embarcações e pelos mercadores estrangeiros que, circulando entre os mares do Mediterrâneo e Norte da Europa, começavam por aquela altura a aportar em ancoradouros nacionais para a compra e venda de produtos (Magalhães, 1998, p. 9).

³⁰ “Esta cidade, (...) está situada na margem septentrional do rio, elevando-se em forma de Amphitheatro, offerecendo assim um panorama admirável. Lisboa é bastante acidentada e tem por pontos culminantes sete colinas, que são: Castello de S. Jorge, Graça, Monte, Penha de França, Campo de Sant’Anna, Chagas e Santa Catharina; além d’estas, ha ainda outras elevações, taes como: Estrella, Ajuda, etc.”, (Costa, 1920, p. 25).

³¹ “Lisboa estrutura-se a partir de um núcleo primitivo fortificado (que soube tirar partido dos dados do relevo, que lhe asseguravam a defesa de todas as frentes) a que se vai apor orgânica e muito informalmente uma malha urbana definindo uma direcção de expansão da cidade no sentido do Sul, a caminho do Tejo. Esta é a cidade cercada pela chamada «Cerca Moura», uma não muito vasta silhueta alongada e irregular, que circunscribe a cidade em quatro frentes, duas das quais tornadas

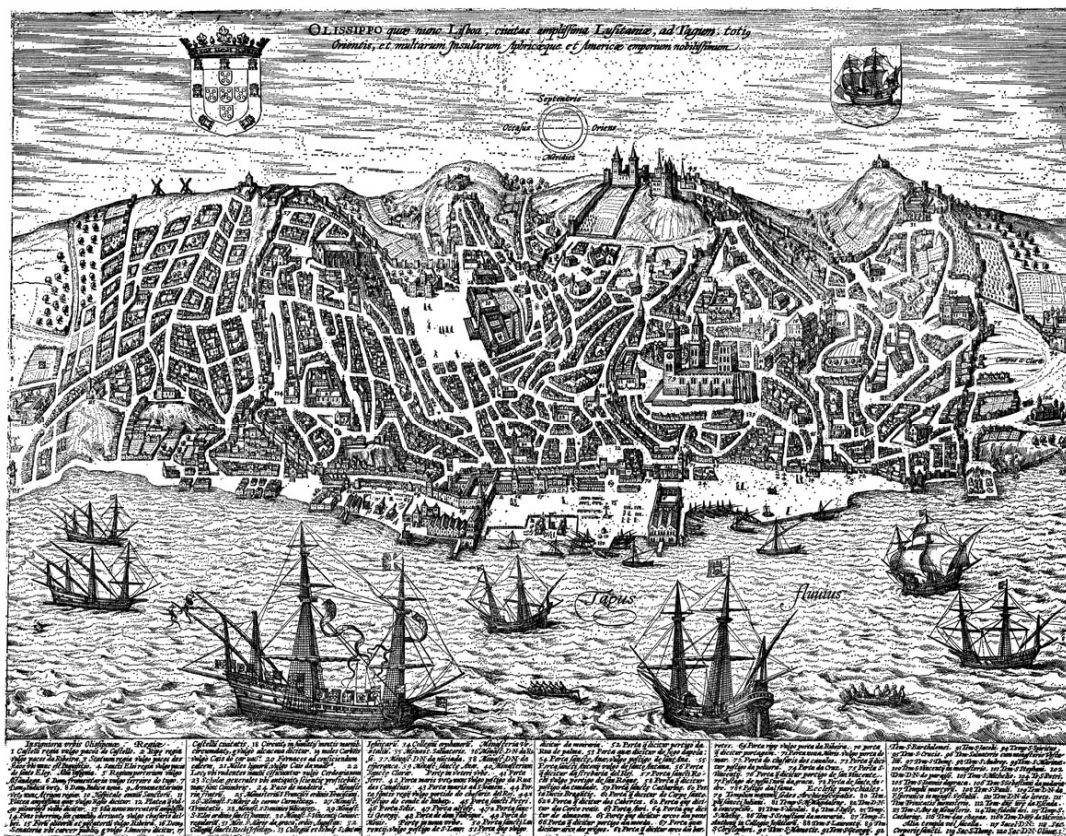


Figura 21: Pormenor da vista panorâmica de Lisboa, em pleno século XVI, onde podemos observar imponência da cidade que domina a margem do rio Tejo (imagem de G. Bráunio). Cartografia cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

Lisboa e as suas sete colinas desde sempre tiveram um papel de destaque como importantes centros de aglomeração, convergência, difusão, junção, irradiação e propagação de grupos humanos distintos, seja em torno do Castelo ou à sua volta, tanto para sul como para leste³² (Ribeiro, 1994, p.14).

intransponíveis pela Natureza: (...) e a frente Sul pelo Rio, que durante séculos banhará as muralhas. (...).” (Caetano, 2004, p. 27). Já Vieira da Silva, nos seus trabalhos arqueológicos acerca do Castelo de São Jorge, evidenciou o valor estratégico da colina de Lisboa “(...) núcleo da primitiva povoação pré-mourisca, coroada por um Castellum de fundação romana e cintada de fortes muralhas, conhecida na tradição pela Cerca Moura mas, (...), de origem sueva ou visigótica.”, (Ribeiro, 1994, p. 14-15).

³² “ (...) depois de ocupado o espaço das colinas, que as preocupações heráldicas dos autores clássicos assemelharam às sete da antiga Roma, nimbando assim Lisboa de um auréola de glória, ainda os vales ficaram com a sua fisionomia mista, penetrando, com eles, o campo na área urbana. Disto resultou uma estrutura especial da cidade: em torno de um núcleo relativamente compacto, constituído pelo monte do Castelo, a Baixa e as suas cercanias, formaram-se digitações em vários sentidos, deixando entre si extensas áreas desaproveitadas – os seus grandes vazios.” (Ribeiro, 1994, p. 16).

Pelas magníficas condições de navegabilidade e segurança que desde sempre ofereceu, o estuário do Tejo foi desde sempre favorecido pela presença humana³³. Do ponto de vista climático, geológico, geográfico e beneficiando da navegação do Tejo, a cidade de Lisboa reuniu as condições necessárias para um amplo domínio e desenvolvimento de várias actividades económicas e comerciais na época.

Ao sabor de uma intensa agitação e animação de gentes, embarcações e mercadorias, durante o século XVI, o porto de Lisboa³⁴ transformou-se no ponto culminante das grandes rotas comerciais intercontinentais³⁵.

O porto de Lisboa³⁶, indissociavelmente ligado à urbe lisboeta e localizado sobre o vasto estuário do rio Tejo, local de embarque e desembarque de mercadorias transportadas a bordo das naus, ponto de partida e chegada de embarcações de pequeno, médio e grande calado, possuiu um papel único como escala para a navegação marítima, assim como, na ligação entre as regiões do Mediterrâneo, Norte da Europa, África, América e o Oriente, constituindo uma porta de entrada a viajantes mercadores das mais variadas origens (1991, p. 86).

Nos inícios da centúria de trezentos, a navegação marítima foi marcada por uma evolução significativa dos seus métodos – recorrendo-se à utilização da bússola e à introdução do leme de cadaste – que proporcionaram uma maior solidez e maleabilidade às embarcações, construindo-se navios de maiores dimensões e tonelagem. O porto de Lisboa, possuidor de uma apreciável localização geográfica rapidamente se enquadrou

³³ A presença humana no estuário do Tejo foi extensa. A civilização fenícia foi a que maior partido tirou da foz do rio como porto de abrigo. Estabelecendo-se na sua margem norte, implantou no local um entreposto comercial. Posteriormente, é a vez dos romanos cuja presença em ambas as margens do estuário é testemunhada pelos inúmeros vestígios recuperados nas últimas décadas, quer do ponto de vista industrial, quer em contexto urbano. Mais tarde a cidade de Lisboa foi ocupada pelos mouros, cuja intensa actividade comercial – originou um grande movimento marítimo-comercial onde prevaleciam as trocas de mercadorias entre as comunidades do Mediterrâneo e Oriente – desenvolveu os centros urbanos ribeirinhos de Lisboa e Almada. (1991, p. 20-22).

³⁴ “*Pôrto ao mesmo tempo comercial e militar, pôrto de escala e testa de linha, pôrto de armamento, de cabotagem, de distribuição e de pesca, é sobretudo como pôrto de transito, que o porto de Lisboa deve ser considerado, para servir não só o País mas uma parte da Espanha (...) e ainda, para desempenhar o grande papel de cais da Europa, (...). Por êle se fazia a maior parte das nossas importações e exportações, (...) e do nosso comércio marítimo (...).*” (Perestello, 1938, p. 2).

³⁵ Já no século XI, o decurso da reorganização interna da Europa toma um novo rumo e, a par do desenvolvimento das Cruzadas, o comércio e o trato marítimo cresceram consideravelmente. (1991, p. 24-26).

³⁶ A presença do rio Tejo delineou o aspecto urbano de Lisboa, assim como, o talento para a marinharia de uma parte da população “É a vizinhança do rio que deve desde muito cedo o seu cosmopolitismo e um tráfego marítimo (...) facilitado pela excelência das condições naturais desde muito cedo notadas.”, (Caetano, 2004, p. 47).

nas carreiras marítimas internacionais³⁷. Ao surgirem as primeiras linhas regulares do Mediterrâneo para Inglaterra e Norte da Europa, passando pelo Estreito de Gibraltar, a cidade de Lisboa era considerada como ponto de escala incontornável para todas as rotas que percorriam o litoral português (1991, p. 28).

Desde cedo pensadas e reconhecidas por parte da Coroa Portuguesa, as actividades marítimas foram importantes para o desenvolvimento económico da região³⁸. Através do seu porto, a metrópole de Lisboa reunia auspiciosas condições de modo a favorecer uma conjuntura internacional propícia ao desenvolvimento do comércio. Com o aumento da intensidade de um tráfego comercial cada vez mais variado, Lisboa tornou-se num entreposto marítimo de grande projecção, expandindo-se a área portuária por diversos cais – como o de Santos, Ribeira, Conceição Velha, Tojo, Enxobregas, Cais da Pedra – sendo inúmeros os fundeadouros implantados em ambas as margens do estuário do Tejo e que o transformaram num verdadeiro complexo portuário (Blot, 2003, p. 235-246). Fundamentalmente, as embarcações portuguesas dirigiam-se para os ancoradouros da Flandres, Inglaterra, Normandia, Bretanha e La Rochelle (1991, p. 29).

Lisboa reconhecida como centro comercial emergente, afortunado e a constante afluência ao seu porto originou a instalação, na cidade e seus arredores, de mercadores estrangeiros (Génova, Catalunha, Aragão, Biscaia, entre outros países), verdadeiro centro de câmbios da Europa. Estas comunidades de estrangeiros proporcionavam a chegada de um vasto conjunto de tecidos, armamento, mobiliários e inúmeros objectos de luxo – oriundos dos seus países de origem – e expediam azeite, vinho e frutas. Lisboa, destino

³⁷ D. Dinis fomentou de modo evidente a política de comércio internacional. Em 1293, criou um fundo para os custos que confrontavam os mercadores nos seus destinos de desembarque: “ (...) *todas as Barcas que forem de Cem Tonéis a fundo, que pagassem dez soldos destilis. E outrossim que se alguma Barca dor fretada dos mercadores de minha terra para além mar ou para Seviçlha ou para outros lugares de suso ditos, paguem cada uma dessas Barcas assim como de suso dito. E destaver devem a ter em Flandres esses mercadores Cem marcos de prata ou a valia deles e outro em minha terra em aqueles lugares onde eles tiverem por bem. E isto fazem esses mercadores por que razão que quando alguns negócios houverem ou entenderem a haver assim em Flandres como em cada uma das outras terras, que sigam seus preitos e seus negócios e façam despesas dessaver, e outrossim para aquelas coisas que eles virem que será aproveitamento e honra da terra. (...)*”, (Marques, 1988, p. 21).

³⁸ Postura de 1211 há referência às embarcações portuguesas e estrangeiras, sendo a Ribeira considerada como um dos cais do reino: “ (...) *Estabelecemos que nenhum não leve coisa àqueles que acaecer perigo no mar assim dos da nossa terra como dos das outras se acaecer por britamento de nave ou navio alguma coisa que andasse na nave ou no navio que aportasse na Ribeira ou em algum porto mais os senhores dessas coisas hajam-nas todas em paz assim que os nossos almoxarifes não levem deles coisa nem aqueles que de nós terra tiverem nem nenhum outro. (...) Se por ventura algum contra esta nossa constituição quizer ir retendo-lhe o seu haver levando dos davanditos alguma coisa feita primeiramente entrega das coisas que lhe filharam ou perderam perca quanto houver.*” (Marques, 1988, p.2).

último das mercadorias trazidas de longe, transforma-se na praça comercial europeia mais credível, navegando consecutivamente no Tejo entre 400 a 500 embarcações de carga.

Lisboa, cidade cosmopolita por excelência, vivamente marcada pela interculturalidade (Costa; Lacerda, 2007), era o seu porto local de convergência de mercadorias e mercadores de diversas nações, de trajas e costumes distintos, movidos pela dinâmica comercial. Esta movimentação incentivou a labuta ligada à navegação, determinando o trilho certo para o domínio sobre mares durante as centúrias de quinhentos e seiscentos. Pela qualidade dos fundos, grandes profundidades, sua extensão e sofrendo pouca influência das cheias, podemos afirmar que, até finais do século XIX, o porto de Lisboa era considerado como um dos melhores fundeadouros (1991, p. 149).

Entre o palácio dos Corte-Real e os paços régios situava-se a Ribeira das Naus, apetrechada com as suas enormes oficinas e as suas embarcações em construção ou já construídas prontas a serem lançadas no Tejo³⁹ (Fig. 22). As frotas portuguesas – compostas pelas mais variadas tipologias de embarcações, galeões, galés, galeaças, urcas, naus e caravelas – inundavam o vasto estuário do Tejo e as duas margens do porto de Lisboa eram excelentes locais de implantação de estaleiros navais.



Figura 22: Pormenor da naus preparadas para se lançarem no Tejo (imagem de G. Bráunio). Cartografia cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

³⁹ Lisboa possuía areais abrigados, com bons acessos e, portanto, com condições para os trabalhos dos armazéns e estaleiros de arquitectura naval, as denominadas Taracenas, ou seja, o local onde se procedia à construção de embarcações, onde se localizavam os edifícios cujos espaços eram utilizados para actividades de construção naval e área destinada ao encalhe de Galés para as guardar ou consertar – praias do sítio da Oura ou praias de varadouro das naus (Menezes, 1986, p. 3-17).

A cidade de Lisboa e seus regentes, de face virada para o comércio marítimo, desde sempre preconizaram uma política de incentivo à indústria de construção naval (Costa, 1997, p. 30-31; Oliveira, 1991; Lavanha, 1996), considerada como uma das actividades essenciais desenvolvidas na metrópole e, na verdade, seria o reflexo do que caracterizava a armada portuguesa por aqueles tempos. Na segunda metade do século XVI, a Ribeira das Naus empregava cerca de 120 carpinteiros e 150 calafates, para no século XVII aumentar para cerca de 600 carpinteiros e 600 calafates. Os ruídos dos instrumentos de trabalho utilizados para a arqueação das naus e a intensa actividade e movimentação dos seus funcionários atraíam uma confusão de gente que se juntava em torno da Ribeira das Naus⁴⁰ (Fig. 23).

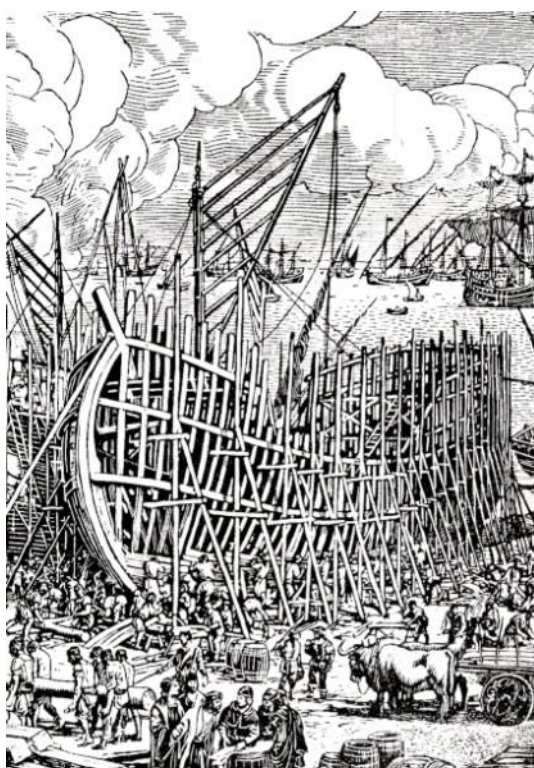


Figura 23: Imagem da fábrica das naus – Ribeira das Naus – onde podemos observar um navio em construção, assim como, todo o movimento em torno deste (Peres, 1959: 40-41).

⁴⁰ Segundo Paulo Ferreira “A Ribeira vai ser marcada a poente pela massa extensa e, de certo modo, ágil e leve, do Paço Real, cuja edificação se encontra em curso já em 1501. O edifício, exemplarmente estudado na sua versa manuelina por Nuno Senos, é um edifício fora de série, no sentido que não tem antecedentes.”, (2006, p. 5). Relativamente, à cidade de Lisboa durante os séculos XVI a XVII, destacam-se os recentes trabalhos de Hélder Carita (1999), Nuno Senos (2002), Carlos Caetano (2004) e Walter Rossa (2004, p. 945-946).

No decorrer do século XVI, a construção naval portuguesa foi alvo de um conjunto de disposições normativas que atestam a atenção que os monarcas conferiam a esta indústria. Como exemplo, temos as regras dispostas por D. Sebastião⁴¹ com a intenção de fomentar a construção de naus de carga. A questão relativa às dimensões dos navios da Carreira da Índia, foi expressa e legislada por D. Sebastião, na segunda metade do século XVI – mais precisamente em 1570 – no *Regimento do Trato da Pimenta, Drogas e Mercadorias da Índia*, as quais não poderiam ultrapassar a margem de medida entre os 300 e 450 tonéis, de forma a impedir construções desmedidas de embarcações (Domingues, 2000, p. 220-221).

No entanto, este soberano não foi o único. Desde sempre houve um incentivo da indústria da construção naval por parte da Coroa portuguesa, principalmente, um incentivo à construção de navios de grandes dimensões⁴² de que é exemplo D. Dinis, que chegou a contratar os serviços de navegadores estrangeiros para a superintendência da construção naval e da navegação no país; D. Afonso IV, que mandou erguer no campo da Oira taracenas para quatro galés e D. João I, a propósito de uma armada de sete naus e algumas galés para a guerra com os castelhanos, estando D. Lourenço, arcebispo de Braga, encarregue de reorganizar a armada portuguesa e havendo falta de mão-de-obra, chamou também os frades para auxiliar na parte de carpintaria naval da Ribeira das Naus.

D. Manuel foi aquele que deu verdadeiro incentivo a esta indústria, através do aumento dos terrenos dos antigos estaleiros, regimento do seu estabelecimento e expandindo-o através dos terrenos conquistados ao rio. O Regimento da Fazenda que proporcionou o alargamento e atribuição de prémios pecuniários por cada tonelada cuja arqueação fosse superior às 130 toneladas, em navios construídos e importados. Porém, antes mesmo da promulgação do Regimento da Fazenda, eram já concedidos prémios aos construtores de naus de grande porte (Costa, 1997, p. 31).

⁴¹ De acordo com alguns autores, D. Sebastião nada trouxe de novo ao estabelecer a concessão de prémios aos construtores de naus de grande porte, por decreto de 1 de Outubro de 1567. Esta política de fomento à indústria de construção naval tem os seus antecedentes no século XIV, sobretudo desde o reinado fernandino com a concessão de privilégios e isenção da dízima nos materiais utilizados para a construção de navios com uma capacidade superior a 100 toneladas, debaixo da primeira coberta. Segundo Alvará de Novembro de 1474: era facilitado o acesso às matas régias e particulares ainda que se encontrassem coutadas (Cortesão, 1979, p. 24; Costa, 1997, p. 30-35).

⁴² De acordo com alguns autores, nomeadamente, Leonor Freire Costa, D. Sebastião nada trouxe de novo ao estabelecer prémios idênticos, por decreto de 1 de Outubro de 1567 (Costa, 1997, p. 31).

Por aquela altura, somente duas praças eram os dois principais pólos da vida urbana, refiram-se as praças do Rossio⁴³ e Terreiro do Paço⁴⁴. Era nelas que se centrava a vida económica, social, comercial e política dos lisboetas da época. Enquanto que a praça do Rossio⁴⁵ se abria para os campos, o Terreiro do Paço inclinava-se sobre o Rio Tejo e recebia a enérgica afluência do comércio marítimo que por aquela época assiduamente aflorava à capital (Carita, 1999).

Com a expansão marítima portuguesa, Lisboa desempenhou um papel de destaque como rampa de lançamento das viagens dos Descobrimentos⁴⁶. Em plenos séculos XVI e XVII, o Rio Tejo era alvo de um intenso tráfego de embarcações das mais diversas nacionalidades o que lhe conferia animação, assim como, dava à cidade uma feição amplamente cosmopolita⁴⁷ (Castelo-Branco, 1956, p. 25-26) (Fig. 24).

Já Frei Nicolau de Oliveira, no seu *Livro das Grandezas de Lisboa*, referiu a deliciosa e agradável vista ao se entrar na cidade, pois, enquanto a margem direita o rio se encontrava repleto de naus, galés, navios e outras embarcações do género, de Cacilhas até à Trafaria podíamos visualizar pomares, vinhas e quintas (Oliveira, 1804, p. 220).

⁴³ Era no Rossio que se desenvolvia toda a vida social lisboeta, ali decorriam alguns espectáculos públicos, como as touradas. “No Rossio se concentrava parte da vida lisboeta. Realizavam-se certos espectáculos públicos, como as touradas, o que contribuía para a valorização das suas casas, donde comodamente se assistia a tudo o que se passava. [...] «a melhor parte de Portugal é Lisboa, a melhor parte de Lisboa é o Rossio e a melhor parte do Rossio as casas de meu pai, que estão nomeio, e vêem os touros da banda da sombra».” (Castelo-Branco, 1956, p. 44-46).

⁴⁴ Era no Terreiro do Paço, um dos núcleos mais importantes da Lisboa daqueles tempos, que se situavam as principais repartições. A sua planta apresentava um traçado rectangular, cuja fachada maior ficava junto ao rio. As suas dimensões, segundo Nicolau de Oliveira, eram de 620 passos de comprimento e 200 de largura, ou seja, 136,40 por 44 metros (Castelo-Branco, 1956, p. 36 e 41).

⁴⁵ Tal como o Terreiro do Paço, também a praça do Rossio era dos pólos mais importantes da urbe lisboeta “A sua configuração era semelhante à de hoje, embora um tanto oblíqua em relação ao actual traçado do Rossio.” (Castelo-Branco, 1956: 41-42).

⁴⁶ “ (...) na cidade, o sítio que a natureza, a tradição e a indústria dos homens vão disponibilizar será naturalmente a Ribeira, a faixa que bordejava o rio em toda a sua frente edificada. A expansão da cidade para Ocidente fará ganhar para a Ribeira a faixa de praia correspondente. A Ribeira de Lisboa, (...). Localizada nas traseiras da cidade medieval, (...) era um espaço não edificado onde, face à cerca muralhada da cidade, a presença da natureza era dominante, com a praia estreita e sobretudo o rio, muito mais largo que hoje.”, (Caetano, 2004, p. 33-34; Subrahmanyam, 1993, p. 54).

⁴⁷ Um documento da Companhia Geral de Comércio do Brasil atesta precisamente esta afluência excessiva, “ (...), por vezes tantos que se tornava difícil a sua acomodação, (...) o tráfego intensíssimo que afluía ao porto de Lisboa no século XVII, facto unanimemente reconhecido pelos vários testemunhos. (...) Este intenso tráfego marítimo deve dar, (...) vasto rendimento (...)” (Castelo-Branco, 1956, p. 25-26).

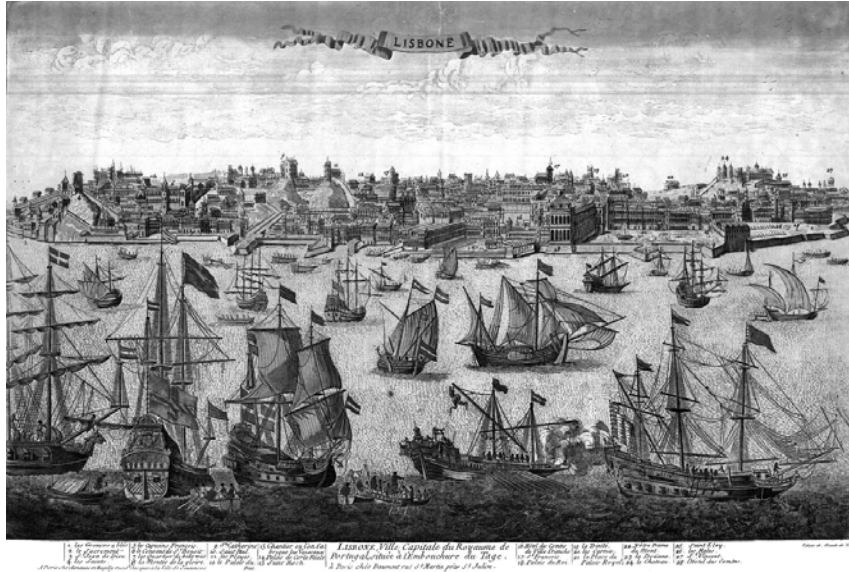


Figura 24: Vista panorâmica do Tejo repleto de embarcações em pleno século XVI. Cartografia cedida pela Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR, I.P.

Na zona ocidental lisboeta destacava-se o imponente Paço da Ribeira (Senos, 2002), mandado construir pelo monarca D. Manuel, concluído por D. João III, e a partir da centúria de quinhentos condensou em si funções centralizadoras de poder. Era o Paço Real⁴⁸ que ocupava o centro da Ribeira⁴⁹, situado a norte junto à Rua Nova. D. Manuel I contribuiu de forma significativa para a abundância da cidade de Lisboa. Na verdade, ele foi o grande promotor e responsável pelo passo crucial quando decidiu transferir a sede do poderio real – residência régia do palácio medieval da Alcáçova – situado no ponto mais elevado da urbe, onde em tempos se tinha edificado a fortificação mourisca, para a

⁴⁸ “Era uma estreita construção rectangular, coroada ao centro por torre de alto telhado de quatro águas e cortada, nos baixos, pelo Arco Paço, que dava passagem para a zona reservada e fortificada onde se acumulavam as armas e as riquezas do «senhor da Guiné e da conquista e navegação e comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia». Nos dois sobrados ou pisos superiores arredondavam-se os arcos geminados manuelinos da Galeria das Damas que dominavam do alto da Ribeira: a nascente, o Terreiro do Paço; a poente a Ribeira das Naus.” (Coelho, 1986, p. 24-25). O Paço Real “ (...) dá logo em cara a quem chega a esta Capital pela banda do Tejo. Fica mesmo à beira da água, no extremo da praça de que já falei, por modo que o Soberano pode das suas janelas desfrutar quantos navios entram ou saem. É o grande paço, regular e magnífico.» (...) «Ao entrar no recinto deste paço encontra o visitante num pátio quadrado, rodeado de arcadas onde os mercadores vendem artefactos raros e precioso da Índia.” (Castilho, 1960, p. 105-106).

⁴⁹ São inúmeras as consequências que advêm do desembarque da frota de Vasco da Gama no porto de Lisboa chegada do Oriente. Lisboa passa a ser palco das mais variadas actividades e relações “ (...) a Ribeira nunca mais será a mesma. (...) nasce a Ribeira manuelina, minuciosamente pensada e executada com grandeza, mas também com muito pragmatismo, eficácia e bom senso. Na sua modelar-se-ão elementos de experimentalismo ditados pelas circunstâncias, pelos recursos técnicos disponíveis, mas também pela vontade política do Rei.” (Caetano, 2004, p. 245).

baixa de Lisboa, nas imediações da zona ribeirinha. Como estratégia e como meio de propaganda política, por forma a enaltecer a reputação da cidade de Lisboa e da Coroa, reestruturou sem qualquer tipo de constrangimento todo o espaço envolvente, procedendo à construção da praça do Terreiro do Paço, onde se situavam os edifícios administrativos que geriam tanto o Império Português e como o novo Palácio Real da Ribeira (Senos, 2002).

A ocidente encontramos a Alfândega, grandioso edifício situado junto ao rio, fundamental para o funcionamento da Ribeira, com as suas inúmeras dependências, era ponto de passagem obrigatório por todas as mercadorias e gentes que entravam e passavam pelo rio e pela cidade (Caetano, 2004, p. 224-234). Ambas, a Casa da Suplicação, voltada para o Terreiro do Paço, e a Alfândega, partilhavam o mesmo espaço, o mesmo edifício. O Terreiro do Trigo⁵⁰ encerrava este quadrilátero. A Alfândega, que foi também ela alvo de reestruturação em 1517, reunia a Casa dos Vinhos, Casa dos Azeites, Casa das Carnes, Casa das Frutas, Casa do Carvão, Casa da Lenha e a Casa dos Escravos. Através da Alfândega as mercadorias provenientes do exterior eram despachadas, salvo raras exceções como as que vinham da Índia. Para o despacho destas, existia a Casa da Mina, Guiné e Índias com os seus escrivães, Provedor e oficiais⁵¹ (Luz, 1992, p. 28-29).

A Casa da Mina, Guiné e Índias era a instituição que tratava dos assuntos ligados ao comércio ultramarino, e a tarefa oficial dos seus funcionários era administrar o porto de Lisboa a partir do registo da entrada e saída das mercadorias, cobrança de direitos, fiscalização da chegada e partida de barcos e gentes. Ao contornarmos o Arco dos Paços, surgia a Casa da Índia *Velha*, pois, a *Nova* (Caetano, 2004, p. 2007-223) só foi construída mais tarde durante o reinado de D. João III, nesta altura já dotada de um cais próprio e de mecanismos específicos para guindar cargas e descargas. Era na Casa da Índia que

⁵⁰ No dizer de António Borges Coelho “ (...) *celeiro público, património da cidade e não do rei. (...) O Terreiro do Trigo era como um templo, nesses anos de fomes e pestes crónicas, erguida à deusa da Abundância. Média vinte e quatro braças por sessenta e dois palmos. Suportavam a alta abóboda trinta e dois arcos de pedra. O espaço interior era cortado a meia altura por outra abóboda de tijolo. (...) «Este Terreiro é franco ao trigo que vem de fora do reino e, quando não vem de fora e é ano farto, rende à cidade e não serve doutra coisa.»*”, (1986, p. 27).

⁵¹ “*Na Casa da Índia trabalhou como feitor de 1533 a 1567 o cronista-filósofo João de Barros. Vingava 40 000 réis de ordenado, mais uma peça de escravos e 16 280 réis para mantimento dos quatro homens que o acompanhavam, e 7200 réis para mantimento de 2 escravos, e 2 arrobas de especiarias, e 12 000 réis ou 2 escrivatinhas de navios para os rios da Guiné com criados seus, e 20 réis por cada quintal de especiaria que se vende na Casa da Índia (uns 20 790 réis), e 20 000 réis pelo trato de São Tomé e Guiné, e metade de todas as vasilhas, serapilheiras, caixas que vêm de Flandres, e 2 quintais de búzios para o trato de São Tomé. Tudo isto, sem contar os «precalços».*” (Coelho, 1986, p. 29-30).

funcionavam quatro mesas ou repartições distintas: mesa da pimenta, mesa dos panos, mesa das drogas e mesa das armadas (Luz, 1992, p. 28-42).

A partir de inícios do século XVI, a Casa da Índia passou a ser a repartição que tratava dos assuntos relacionados com a navegação para o Oriente (Luz, 1992, p. 55-100). Sob a sua jurisdição encontrava-se a Casa da Guiné que tinha a seu cargo o comércio com as regiões de África (Caetano, 2004, p. 207-224).

Esta repartição, construída no andar inferior do Paço Real, era ornada dos apetrechamentos essenciais para o depósito e tratamento dos produtos raros e preciosos provenientes da Carreira da Índia, exercendo funções de pesagem, contabilização e armazenamento. Para um melhor controlo das mercadorias, o Regimento da Casa da Índia refere todo o ritual e lida de descarga das mercadorias. Assim, os funcionários que assistissem às descargas das naus deveriam ter um caderno, devidamente assinado pelo ministro do Concelho, onde descreviam minuciosamente todas as caixas de produtos descarregadas da nau para as barcas que as transportam até ao cais. Para tal deveriam fazer somas separadas das caixas, caixões, fardos, quartos, barris, encomendas e demais peças transportadas em cada barca. Deveriam indicar o dia em que descarregavam a nau, nome de quem as trazia até ao cais, nome do guarda que por sua vez as recebia no cais e nome a quem se fazia a entrega. Obrigatoriamente, estava presente um escrivão-mor que, durante a operação de descarga, mais uma vez confirmava todos os registos de caixotes de produtos feitos pelo guarda da nau e, caso faltasse alguma peça, deveria declarar no livro (Luz, 1992, p.101-126).

O *Regimento da Casa da Índia* especifica que a categoria dos funcionários desta instituição era relativamente vasta: um Feitor; um Provedor; dois Tesoureiros, sendo que era um do dinheiro e outro da especiaria; um Juiz da balança; seis escrivães; um guarda-livros; vinte guardas da Casa; um apontador; um porteiro da porta da Casa da Índia; sete contínuos; trinta trabalhadores e outros setenta destinados à carga das urcas; um capelão, quatro avaliadores, dois ourives para a avaliação de pedras preciosas; dois boticários para avaliação das drogas e um Meirinho com o seu escrivão (Luz, 1992, p. 45-46). O armazém da Casa da Índia, único em todo o continente Europeu, estava sempre lotado de pequenas e grandes mercadorias orientais – como sejam contadores, cofres, magníficas

peças em marfim, deliciosas e esplêndidas peças de porcelanas da china, distintas jóias – que lhe conferiam uma tonalidade colorida e feição multiforme⁵².

Administrados pela Coroa, de modo a fiscalizar as transacções comerciais das mercadorias pertencentes ao seu monopólio, existiam em Lisboa armazéns reais onde os funcionários carregavam, inventariavam e fiscalizavam essas mercadorias. E só depois destas operações os produtos poderiam ser transportados para o entreposto da Flandres e colocados nos mercados europeus. O Armazém Real⁵³ estava acostado à antiga Casa da Índia e ao Paço da Ribeira, separando-se do edifício da Nova Casa por um terreiro. Era este armazém que guarnecia artilharia à Índia, Guiné, Mina, algumas zonas de África, assim como, todas as armadas que partiam da cidade de Lisboa. Este armazém para além de dispor de três casas de armaria, englobava igualmente o Armazém de Mantimentos, onde as naus se proviam, o Paço e a Casa do Armazém da Ribeira (Coelho, 1986, p. 30-31).

Onde hoje se encontra o Museu Militar, funcionavam as cinco Casas de Fundição de Artilharia. Ali se fundiam cerca de 1700 peças por ano, alçando uma receita anual de aproximadamente 190 000 cruzados, ultrapassando em larga medida o 1 milhão de cruzados que perfazia o rendimento global da pimenta “Sepentinas, áspides, caravelas, pelicanos, basiliscos, canhões de retrocarga, bombardas, falconetes, colubrinas, terríveis na sua «trovoada» e nas suas insculturas de bronze saíram das fundições situadas à Porta Cruz.” (Coelho, 1986, p. 28-29)⁵⁴.

⁵² “*Que exposição de arte ornamental não tínhamos ali! Que museus de zoologia, mineralogia, e botânica, das regiões africanas e asiáticas! Que lindíssimas loiças da China! Que esplêndidos contadores marchetados! Que apetitosos cofre! Que sumptuosos troços de marfim! Que ourivesarias nunca vistas! Tudo isso entornavam nas plagas de Lisboa as comucópias do comércio; e tudo isso era o sombro do mundo. Além desses objectos, creio que muita população estranhíssima que nos nossos galeões traziam a Portugal, quer como escravaria, quer como amostra, se havia de topar nas arcadas e vestibulos daquele palácio de preciosidades: (...) papagaios, saguis, ou elefantes, mas todos já pasmados e atónitos das nossas terras europeias, e trazendo, sem o saberem, trazendo, eles, os boçais, novas notas desconhecidas para o grande concerto da civilização.*”, (Castilho, 1956, p. 147-150).

⁵³ Era aqui que se amontoavam as mais diversas armas desde morteiros a basiliscos, de colubrinas a bombardas, verdadeiras máquinas bélicas que suplantavam o arsenal.

⁵⁴ Não era somente à Porta da Cruz que se procedia à fundição de peças de artilharia, mas também: “*«Lavra-se aqui [a CATA Que Farás] em média três mil quintais de artilharia grossa e meúda, os fundidores têm tença e suas obras pagas a tanto por quintal», além de cinquenta sinos para esmola dos mosteiros e igrejas. No fabrico de armas brancas laboravam continuamente em Santarém oito oficiais com os seus obreiros. Fundições de artilharia de particulares fundiam peças ao Postigo do Arcebispo, a Santa Clara e às Campainhas. Fabricava-se a pólvora em Alcântara e armas em Barcarena.*” (Coelho, 1986, p. 31).

Os séculos XVI e XVII enfrentaram uma época de crescimento urbanístico⁵⁵, que já se fazia sentir desde o século XIII⁵⁶ (Caetano, 2004, p. 25-33) sobretudo em termos de ocupação e organização do espaço, correspondendo a um período de reestruturação administrativa da área urbana da cidade de Lisboa, que apesar de situada no interior da velha cerca fernandina, entretanto deixara de ter funções defensivas⁵⁷.

No século XVI, Portugal desempenhou uma posição única enquanto intermediário cultural, social, político, económico e religioso entre o Ocidente e o Oriente. Os contactos comerciais estabelecidos com o Extremo Oriente e a Ásia influenciaram significativamente a forma de estar e viver da sociedade. Os portugueses conheciam agora uma época de mutações que, incontornavelmente, se faziam sentir nas suas vidas. A repercussão da expansão marítima na vida quotidiana, nas viagens, nas longas estadias fora do país, no contacto com novas gentes, culturas e na quantidade de estrangeiros que acorreram a Portugal, originaram novos costumes que influenciaram e transformaram para sempre o modo de viver da sociedade de então.

Os espaços, em geral, e os aposentos da alta sociedade, em particular, eram adornados com pompa e sumptuosidade nas suas decorações.

Por exemplo, no reinado de D. João III, D. Catarina de Áustria foi uma figura-chave na esfera do colecionismo, era grande a sua paixão pelos objectos raros e preciosos (Matos, 1998, p. 98-101). Numa combinação perfeita entre o que era fausto e exótico, com os seus aposentos luxuosamente ornados, eram raras as mulheres da alta sociedade que privilegiavam de uma condição deste género. As paredes, magnificamente

⁵⁵ No reinado de D. Manuel (1495-1521) ocorre a emergência do urbanismo moderno em Lisboa, estendendo-se, posteriormente, a todo o continente e territórios ultramarinos “*Nesta altura observa-se que a documentação passa a dar grande importância ao espaço público, (...), regulação e traçado de ruas, utilizando um padrão funcional já de natureza mensurável, do qual resulta uma expressão bem documentada: traçar «de cordel» ou «por cordel».*” (Ferreira, 2006, p. 3).

⁵⁶ A Baixa de Lisboa terá a função de centro da cidade, uma vez implantadas as infra-estruturas para um comércio especializado, actividades artesanais qualificadas estabelecendo-se nesta área as habitações da classe social mais abastada na Idade Média. Assim, as gentes mais abastadas, com funções de destaque na sociedade e cujas profissões fossem mais lucrativas alojavam-se nas proximidades da Ribeira “*(...) alguns dos quais estrangeiros, junto com artífices e oficiais régios que, em regra, podiam pagar elevados foros ao rei. (...) Ainda junto ao mar, mas em ruas mais estreitas e em que a propriedade era menos valiosa, habitava uma população constituída por oficiais régios, pequenos ou médios comerciantes e mesteiros mas com confortável nível económico, pois que, em regra, podiam pagar uma habitação boa e não barata. (...) desde D. Afonso III era aqui que se concentrava a propriedade régia de matriz urbana.*” (Gonçalves, 1996, p. 14, 59 e 60).

⁵⁷ Segundo Clementino Amaro, Jacinta Bugalhão e Maria Ramalho, “*(...) verifica-se também um crescendo de importância do papel desempenhado pela Baixa no todo da cidade, desde o século XIII aos sécs. XV e XVI, não deixando mais de ser ‘centro’ da cidade na totalidade da sua acepção política, económica, social (função até aí desempenhada pela colina do castelo.*” (1994, p. 228).

revestidas com tapeçarias da Flandres, com retratos, quadros, espelhos de cristal e aço; os pavimentos eram exibidos com tábuas de madeira cobertos com tapeçarias do Norte de África, Espanha, Ormuz e Turquia, ou em tijoleira com azulejos coloridos, lembrando as habitações mouriscas; o aroma ambiente proporcionado pelos perfumadores ou incensórios com os cheiros da Índia; o mobiliário importado do Oriente (na segunda metade do século XVI tornou-se perita em mobiliário Ming) composto por mesas de ébano, contadores, escrivaninhas, suportes para livros e cadeiras; as porcelanas Ming de várias feições e dimensões, algumas destas destinadas à sua botica; objectos em latão, cobre gravado ou ébano com embutidos em branco como os relógios muito possivelmente fabricados em Goa; objectos em prata e ouro; jóias preciosas; uma esplêndida biblioteca; colecção de animais exóticos; objectos como caixas e arcas de viagem, entre inúmeras outras peças (Gschwend, 1999, p. 131-134).

Na primeira metade do século XVI, D. Catarina era detentora de uma das maiores colecções de arte oriental na Europa. A forte tendência para o coleccionismo pode ser vista como forma de afirmação do poder da Coroa portuguesa perante a Europa, ou então, como simples manifestação exibicionista do gosto pelo que era diferente e raro (Gschwend, 1993, p. 62-70).

O fascínio pela porcelana não era uma atracção circunscrita aos monarcas, prova evidente foram as inúmeras aquisições e encomendas levadas a efeito pelos dignitários da Igreja e das Ordens Religiosas, da nobreza e da alta burguesia no decorrer do século XVIII e inícios do século XIX (Coelho, 2009, p. 132-147).

Na verdade, o papel desempenhado por Portugal originou novas tendências, modas e gostos que acabaram por impressionar toda a Europa no século XVI e durante as centúrias seguintes.

II.2. O Império português do Oriente

“O mar é a terra por excelência dos portugueses (...). O mar tão lavrado dos portugueses, como diz D. João de Castro (1500-1548) e as fraldas do mar, ou seja, os pontos de apoio litoral, são a casa do sentido da diáspora asiática de cerca de cinco por cento do rosto da Europa (Portugal) que conta com um milhão e meio de habitantes em Quinhentos e pouco menos de dois milhões por volta de 1620-1630.” (Barreto, 2000, p. 14)

Nas primeiras décadas do século XV, os navegadores portugueses, iniciaram um trajecto de exploração tanto no interior do Oceano Atlântico como no litoral da África Ocidental. No entanto, o grande objectivo da expansão marítima portuguesa era alcançar o caminho que conduziria ao tão precioso e exótico mercado do Oriente (Thomaz, 1998a, p. 149-169).

Após a passagem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias⁵⁸ entre os anos de 1487 e 1488, estava aberta a ligação do Atlântico ao Oceano Índico, apresentando-se este cada vez mais próximo das tão ambicionadas rotas que os portugueses planeavam frequentar. Apesar da ligação Atlântico-Índico ser alcançada entre 1487-1488, só passados dez anos se atingiu a Índia. Foram vários os factores que desviaram a Coroa portuguesa do seu objectivo estratégico inicialmente delineado, entre estes a descoberta da rota ideal para dobrar o Cabo da Boa Esperança, a evolução para um navio mais adequado quer em termos de capacidade de carga, quer em resistência e, até mesmo, a pressão exercida pelo Atlântico Norte e Central (Thomaz, 1998a, p. 189-206; Barreto, 2000, p. 11).

Desde há muito que o Oceano Índico era a plataforma de navegação dos mercadores muçulmanos, existindo uma complementaridade e especialização produtiva das várias regiões, os mercados do Índico e do Extremo Oriente eram animados pelo comércio interasiático (Thomaz, 1998a, p.169-187).

Os comerciantes muçulmanos dominavam quase todos os circuitos da Ásia Oriental. Assim, a África Oriental através de Quíloa oferecia às redes oceânicas (marfim, escravos e ouro); Arábia através do porto de Adém (exportava incenso, água-de-rosas e

⁵⁸ Na realidade, “ (...) duas expedições se preparam para avançar no conhecimento do Sul da África e da passagem para o Índico. Uma iria por terra e procuraria informações sobre a navegação e comércio no Índico e na Índia; outra seguiria por mar para fazer a prova da passagem do Atlântico para os mares orientais. De Santarém partem em 1487 Pêro da Covilhã e Afonso Paiva para a longa caminhada terrestre. Também de Lisboa sai uma caravela tendo como capitão Bartolomeu Dias. A primeira expedição teve um êxito muito limitado. Afonso de Paiva morreu em caminho e Pêro de Covilhã entrou na Abissínia, de onde não mais conseguiu sair.” (Magalhães, 1998, p. 19).

cavalos); Golfo Pérsico através de Ormuz (tecidos em seda, pérolas e cavalos); Guzerate (tecidos de algodão e pedras semipreciosas); Malabar (pimenta e gengibre); Ceilão (elefantes de guerra, canela, safiras e esmeraldas); estreito de Manar (pérolas); Maldivas (cairo e âmbar); Índia Meridional (arroz); Vijayanagar (exportador de diamantes); costa do Coromandel (tecidos de algodão); Bengala (produtor de tecidos de algodão, arroz e açúcar); Pegu (exportava rubis oriundos da região Birmane). Malaca era outro local onde confluíam as rotas do Índico com o Extremo Oriente: Samatra (exportador de pimenta e cânfora); Java (escoava arroz), Bornéu (produzia cânfora); arquipélago das Molucas (especiarias raras, noz e cravo); Timor (exportava sândalo); Sião (benjoim, lenho aloés, estanho e peles de veado); China (exportadora de sedas e porcelanas, vendia também cânfora e almíscar) e o Japão (grande exportador de prata) (Costa; Guerreiro, 1997, p. 9-10).

Com a descoberta da Índia procuraram-se estabelecer as bases do domínio do comércio com o Oriente, pois, tendo-se progressivamente estabelecido acordos e tratos comerciais com os senhores locais, foram construídas feitorias e, sobretudo, conquistados pontos estratégicos de passagem de modo a determinar verdadeiramente o domínio português. Assim, com Afonso de Albuquerque estabelecem-se as bases do domínio português no Índico durante o século XVI através da conquista de Malaca, cidade que controlava os fluxos comerciais entre o Índico Ocidental e a Ásia Oriental; Ormuz, extremamente importante para o controlo do golfo Pérsico e Goa, importante cidade da costa indiana, futura sede o Estado da Índia⁵⁹.

Em 1498, ocorrem os primeiros contactos entre europeus e o Oriente com a chegada dos navegadores portugueses a Calecut⁶⁰. Inaugurada a nova rota comercial – a rota do Cabo – o comércio a nível mundial transforma-se significativamente: os eixos de circulação transpõem-se do Mar Mediterrâneo e do Mar Vermelho para o Oceano Atlântico, ou seja, do domínio muçulmano para o domínio português; em meados do

⁵⁹ Estabelecendo a capital do Estado da Índia na cidade de Goa, os mercadores portugueses desenvolveram uma rede comercial com dois eixos: a rota do Cabo (circuito Índia – Lisboa – Flandres) que se encontrava a cargo da Coroa e o das trocas comerciais entre vários pontos dos Oceanos Índico e Pacífico – África oriental, Ormuz, Ceilão, Malaca, Macau – a cargo de mercadores privados (Thomaz, 1998, p. 207-243; Costa; Guerreiro, 1997).

⁶⁰ Numa carta enviada pelo rei de Calecut ao rei de Portugal é evidente qual a permuta pretendida por parte do poder local, ou seja, os mercadores portugueses trocariam os metais preciosos e outras mercadorias caras por especiarias “ (...) Vasco da Gama, fidalgo da vossa casa, veio a minha terra, com o qual eu folguei. Em minha terra há muita canela, e muito cravo e gengibre e pimentas e muitas pedras preciosas. E o que quero da tua é ouro e prata e coral e escarlata.” (Magalhães, 1998, p. 27).

século XV, de uma rede de intermediários, passa a existir um só comprador e vendedor na Europa, o que origina uma alteração dos preços, uma enorme afluência aos produtos e acesso praticamente imediato às mercadorias.

A partir de finais do século XV e inícios do século XVI, foram estabelecidas fortes ligações com determinadas regiões do Império do Oriente. As naus da Carreira da Índia começavam a conduzir a Lisboa quantidades avultadas de inúmeras mercadorias até então invulgares⁶¹, desde drogas, especiarias, sedas, porcelanas, pedras preciosas entre outras mercadorias raras⁶².

A história da presença portuguesa no comércio do Oriente é, portanto, a de um constante conflito pelo domínio sobre o Oceano Índico e o seu comércio em rota com a Europa. Se por um lado, tínhamos os portugueses a pretender desviar para si um vasto conjunto de mercadorias exóticas através da rota do cabo, do outro lado, os mercadores islâmicos lutavam pela manutenção e sobrevivência do seu costumado negócio pelo golfo Pérsico e Mar Vermelho, assim como, pelas ligações ao Mediterrâneo, para onde escoavam as suas especiarias e os seus produtos asiáticos. A intenção da Coroa Portuguesa em extinguir a rota do levante, acabaria por se mostrar um alvo impossível de alcançar (Couto, 1998, p. 483-508; Subrahmanyam, 1995).

Na verdade, o poder real apenas conseguiu uma obrigatoriedade através do lançamento de licenças de trânsito a todos os navios que passassem por Ormuz e Adém a caminho da Europa, como forma de fiscalização e apropriação de parte dos lucros pertencente aos candidatos adversários. A longo prazo a fiscalização do tráfego para o Mediterrâneo veio a revelar-se ineficaz e, a partir do último quartel do século XVI, a rota

⁶¹ Antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia, aportavam às mais importantes cidades europeias mercadorias exóticas provenientes das regiões longínquas. O facto de se desconhecer os locais de proveniência da totalidade das mercadorias de luxo, não constituía impedimento à sua constante procura e difusão. Na verdade, “*Uma extensa rede de rotas caravanéiras, cruzando a Ásia em todas as direcções, conduzia estas valiosas mercadorias aos entrepostos comerciais do Mediterrâneo, de onde eram distribuídas por toda a Cristandade.*” (Loureiro, 2000, p. 47).

⁶² Segundo uma Carta de D. Manuel I aos Reis Católicos, datada de Lisboa, 12 de Julho de 1499: “[...] segundo o recado que por um dos capitães que a nós a esta cidade ora é chegado houvermos, que acharam e descobriram a Índia e outros reinos e senhorios a ela comarcãos. E entraram e navegaram o mar dela, em que acharam grandes cidades e de grandes edificios, e ricos, e de grandes povoações. Nas quais se faz todo o trauto da especiaria e de pedraria que passa em naus, que os mesmos descobridores viram e acharam em grande quantidade e grande grandeza, a Meca e daí ao Cairo, donde se espalha pelo mundo. Do qual trouxeram, logo agora estes, quantidade, a saber: de canela, cravo, gengibre, noz-moscada e pimenta e outros modos de especiaria e ainda os lenhos e folhas deles mesmos; e muita pedraria fina de todas as sortes, a saber: rubis e outras. E ainda acharam terra em que há minas de ouro, do qual e da dita especiaria e pedraria não trouxeram logo tanta soma como puderam por não levarem mercadoria. [...]” (Marques, 1984, p. 16).

do cabo lavrada pelos navios nacionais acaba por se mostrar ultrapassada pelo rival poderio naval inglês e holandês (Guerreiro, 2004, p. 111-134; Botelho, 1940 e Thomaz, 1998a).

Os portugueses, chegados à Índia com objectivos politico-religiosos e económicos, cedo se aperceberam que, para viabilizar a rota do Cabo, era fundamental entrar no jogo de trocas asiáticas desde há muito estabelecido, abrindo-lhes horizontes que vão muito além da aquisição da pimenta proveniente da Índia (Thomaz, 1998a, p. 189-206).

Para Portugal, de um modo geral, e para Lisboa como metrópole do Império Português, em particular, o estabelecimento do Estado da Índia (Matos, 1994, p. 61-75) e intervir de modo sistemático nos principais circuitos comerciais orientais, transportando regularmente para a Europa importantes carregamentos de mercadorias exóticas, através da “recém-nascida” rota do cabo, abrem-se novas perspectivas do ponto de vista económico, político, religioso, social e cultural (Thomaz, 1998a; Costa; Guerreiro, 1997).

II.3. Carreira da Índia

“Na própria época, houve mesmo quem chegasse a afirmar que uma viagem na Carreira da Índia era então «sem qualquer dúvida a maior e mais árdua de todas as que se conhecessem no mundo.” (Guinote, Frutuoso e Lopes, 1998, p. 37).

A Carreira da Índia, viagem anual que ligava Lisboa e os portos da Índia – Goa e Cochim (Matos, 1975/1977 e 1982) – era, segundo referiu em 1574 o missionário jesuíta Padre Alesandro Valignano, a viagem mais dura daqueles tempos (Boxer, 1961, p.33).

Para a realização desta viagem eram factores determinantes as monções ou os ventos sazonais vindos dos trópicos. Partindo do princípio que as condições de viagem seriam favoráveis, sem qualquer tipo de contratemplos, a viagem, incluindo a torna-viagem de Goa ou de Manila, duraria cerca de um ano e meio para os portugueses (Boxer, 1961, p. 33).

A questão fundamental era os navios percorrerem os mares a favor dos ventos dominantes. Normalmente, os navios zarpavam do Tejo em Março, o mais tardar em inícios de Abril, sendo esta a altura favorável para alcançar a monção grande e dobrar o Cabo da Boa Esperança. Assim, aproveitando os ventos dominantes da costa oriental de África que se faziam sentir nos meses de Agosto e Setembro de cada ano, os navios chegariam até aos portos do Indostão (Domingues, 1998, p.22).

A carreira Lisboa-Índia⁶³ era composta por cinco etapas fundamentais. Primeiramente, um percurso, quase a direito no sentido Norte-Sul, de Lisboa às ilhas de Cabo Verde com boas condições climatéricas e de navegação. Seguia-se a passagem das calmarias equatoriais, considerada um dos piores momentos da travessia e onde por vezes as embarcações permaneciam durante várias semanas sem vento e à mercê de um calor

⁶³ Nos séculos XVI e XVII, a documentação referente ao tipo de escalas da carreira da Índia é relativamente escassa. A colectânea de documentos existentes cinge-se somente a simples diários de navegação, na sua grande maioria incompletos; alguns, raros, regimentos com normas e ensinamentos náuticos facultados a capitães de armadas e, finalmente, um número restrito de pareceres de pilotos. No entanto, apesar de singulares, estas informações, são suficientemente precisas para se poder referir os percursos e escalas adoptadas naquela rota da Índia. Por outro lado, segundo alguns autores, entre os quais, Alberto Vieira o conhecimento e o progresso da rota da Índia, no decurso do século XVI, faz-se obrigatoriamente através do recurso aos roteiros, guias, regimentos e diários de bordo. Esta temática tem suscitado a atenção e o interesse de inúmeros historiógrafos da Idade Moderna, chegando mesmo a provocar um activo debate relativamente a uma reconstituição rigorosa da primeira rota da viagem de Vasco da Gama à Índia (Albuquerque, 1978, p. 3-4).

abrasador começando nesta fase da viagem as doenças e a deterioração dos mantimentos. Inflectindo daí para Sudoeste – a designada ‘volta do mar’ – uma rota em arco aproximava os navios da costa do Brasil (sul do Cabo de Santo Agostinho), para contornarem os ventos do Atlântico Sul e mais rapidamente rumarem ao Cabo da Boa Esperança. Depois, desciam lentamente rumo ao Cabo da Boa Esperança. Nesta última fase da viagem, se o Cabo fosse dobrado na primeira quinzena do mês de Julho, era aconselhável a denominada viagem por dentro, ou seja, através do Canal de Moçambique, com uma bordada até à ponta de Santa Maria, localizada na Ilha de S. Lourenço, evitando os cachopos da Índia. Perto das Ilhas de Comoro, as naus apanhavam a monção favorável do Verão, que as direccionava à costa ocidental da Península Indostânica. Porém, se a travessia do Cabo da Boa Esperança fosse efectuada depois de meados do mês de Julho, era preferível o rota pelo lado de fora da Ilha de S. Lourenço, através de um largo canal aberto por entre vários cachopos localizados a leste da referida ilha (Domingues, 1998, p. 22-28; Albuquerque, 1978, p. 4-5).

Para a viagem de regresso das naus a Lisboa, existia também uma alternativa idêntica ao trajecto de partida. A torna-viagem iniciava-se, normalmente, no mês de Dezembro (muitas vezes no próprio dia de Natal) ou princípios de Janeiro, de modo a aproveitar a monção de Inverno com ventos do quadrante norte. Para as naus que partiam mais cedo, a rota pelo canal de Moçambique era a eleita; para as outras, o rumo por fora era o mais aconselhável. A partir do Cabo da Boa Esperança as naus seguiam rumo às ilhas de Santa Helena e Ascensão, passando nas imediações das ilhas de Cabo Verde, a norte destas iniciavam a conhecida ‘volta pelo largo’ até ao arquipélago dos Açores, dirigindo-se depois para o porto de Lisboa.

É importante referir que as trajectórias de ida e volta para Lisboa eram efectuadas ao sabor das monções e impostas em larga medida, se não na totalidade, pelas condições geográficas. Apesar da linha de navegação da Carreira da Índia ter sido estabelecida, sobretudo, em função do transporte de mercadorias do Oriente até à Europa, as escalas adoptadas foram em menor número possível de modo a rentabilizar o tempo de viagem e de âmbito meramente técnico. Segundo Luís de Albuquerque, a documentação do início do século XVI, aborda a navegação no sentido Lisboa-Goa, assim como patenteia incertezas e indecisões que surgiam na adopção e escolha de determinados locais para derrotas (Albuquerque, 1978, p. 5).

Neste sentido, existiam escalas mais frequentes como as de reabastecimento onde os mareantes fundamentalmente se refrescavam e se aprovisionavam de água, géneros alimentícios e lenha, mas também procediam a actividades pontuais de reparo das embarcações; escalas mais invulgares como as de reparações dos navios, fundamentais para garantir a segurança de uma viagem e, finalmente, ainda menos comuns, escalas para a reunião de armadas. Tínhamos então como escalas preferidas pelas armadas da Carreira da Índia à ida a ilha de Moçambique e no regresso as ilhas de Santa Helena e Açores (Domingues, 1998, p. 33).

No fim do século XVI e inícios do século XVII as escalas da carreira da Índia foram abaladas com os actos de guerra protagonizados pelos holandeses e ingleses que a pouco e pouco tentaram destruir o comércio português com o Oriente. A frota holandesa e inglesa exerceu um controlo cada vez mais apertado sobre algumas escalas habituais como o caso da Ilha Terceira (Açores) e a Ilha de Santa Helena⁶⁴. Surgiram assim questões relacionadas com a segurança das rotas (Santos, 1985; Murteira, 2006), pois, era em locais de escala como Santa Helena e Açores que os navios corsários (holandeses e ingleses) se concentravam, originando no século XVII a adopção de uma viagem sem qualquer escala – a denominada viagem de rota batida – que apesar de bem sucedida relativamente ao encontro com saqueadores, a longo prazo, aumentaram as perdas de homens e embarcações (Domingues, 1998, p. 33; Albuquerque, 1978, p. 8-9; Lopes [et.al], 1992, p. 187-265).

Os aprestos para uma viagem de Lisboa à Índia deveriam ser minuciosamente preparados de modo a mitigar os perigos dessa jornada (Matos, 1998, p. 377-394). Para os passageiros embarcados durante seis ou mais meses, o tempo deveria passar lentamente, sobretudo num espaço onde indivíduos, carga e animais vivos (porcos, galinhas e carneiros eram abatidos durante a viagem consoante as necessidades alimentares) iam constantemente amontoados. Na verdade, estas condições reflectiam o quotidiano a bordo.

A bordo de um navio e a partilhar um espaço exíguo temos o Capitão (dispõe de acomodações próprias e comandava a embarcação navio), Piloto e Sota-Piloto

⁶⁴ “Num regimento passado a Francisco de Melo e Castro, quando em 1629 se aprestava para partir para a Índia, prescreve-se-lhe declaradamente que não escalasse Moçambique, devendo a sua derrota desviar-se para leste, e passar à vista da Ilha de João da Nova. A mesma preocupação de evitar o encontro com navios da Holanda reflecte-se nos pareceres emitidos pela Junta de Pilotos convocada em 1635 para consulta sobre as normas a adoptar nas viagens de ligação com o Oriente.” (Albuquerque, 1978, p. 9).

(encarregues da orientação da embarcação e navegação), Mestre (distribuía as tarefas entre os homens do mar e tinha a seu cargo a governação de marinheiros e grumetes), Contramestre (auxiliava o Mestre a comandar o que se passava a bordo), Guardião (disciplinava e distribuía os serviços dos grumetes), 2 Trinqueiros (reparavam o poleame e as velas dos navios), Marinheiros (asseguravam o serviço da navegação e manobras do navio), Grumetes (jovens e adolescentes sofriam as piores condições de vida a bordo, a quem eram adjudicados os trabalhos mais pesados), Mestre Bombardeiro ou Condestável (comandava os bombardeiros), Capelão (velava pela espiritualidade dos tripulantes), Escrivão (redigia o diário de bordo, ocorrências, inventários, escrituras e testamentos), Pajens (mesmo escalão etário dos Grumetes), Despenseiro (controlava os mantimentos e rações dos tripulantes), Artificies (cirurgiões, barbeiros, carpinteiros, calafates e tanoeiros) (Domingues ;Guerreiro, 1988, p. 198-205).

As refeições eram um dos instantes mais importantes e de maior alvoroço do dia-a-dia de tripulantes e passageiros. Enquanto que aos tripulantes (viajando a cargo do armador se nutriam da despensa do navio) a comida era racionada e entregue diária ou mensalmente, consoante o tipo de mantimentos; os passageiros teriam que levar os seus próprios víveres. Para um conjunto de 400 a 800 pessoas, entre tripulantes e passageiros, existiam dois fogões para serem utilizados a bordo, dispostos na cobertura abaixo do convés. Por vezes para evitarem desentendimentos e para se esquivarem a ter que cozinhar, baseavam a sua alimentação em géneros alimentícios de consumo rápido, de que são exemplo o biscoito, diversos enchidos, fruta, etc. Este tipo de alimentação e o facto dos víveres se encontrarem depositados dentro de pipas cheias de sal, aumentavam a necessidade de consumo de água, escassa ao final de poucos dias de viagem era de conservação difícil apesar de armazenada em tonéis de madeira (Domingues, 1998, p. 76-77). O reabastecimento de água – aguada – era um dos principais condicionalismos para a paragem dos navios, tal como falámos anteriormente, em pontos de escala estrategicamente concebidos.

Como consequência da falta de condições de higiene – a higiene pessoal resumia-se ao mínimo e com a falta de água nem o indispensável, não havia privacidade, o cheiro era pestilento, por vezes, nem eram despejados os dejectos misturando-se nos convés e nas cobertas – e de uma alimentação incompleta, surgem as doenças que se manifestavam com facilidade pelo facto dos navios representarem um meio de propagação de patologias

da mais variada ordem. As várias carências alimentares, sendo de destacar a falta de vitaminas, originavam doenças como o escorbuto, o tifo, febres, tremores devido às oscilações bruscas de temperatura (calor e frio muito intenso). A falta de higiene também originava o aparecimento de chagas e infestações de piolhos (Guerreiro, 1998, p. 415-432).

Numa sociedade fortemente moldada pela religião e marcada por uma política de contenção económica, a existência de poucos voluntários, o desconhecimento científico acerca deste tipo de doenças assim como da sua medicação, fizera com que as práticas médicas se tornassem extremamente primárias e inoperantes. A medicina da época era ineficaz perante tantas enfermidades (Araújo, 1993). Em muitos navios as doenças propagavam-se com tanta facilidade podia tornar-se difícil encontrar gente capaz e com robustez física para assegurar a manobra ou a defesa do mesmo.

Para ocupar os seus tempos de lazer os passageiros e tripulação dedicavam-se a alguns divertimentos. O passatempo mais procurado era os jogos de azar (jogos de cartas e dados), apesar de condenado pela comunidade de missionários que seguia a bordo. Nestes jogos trocavam-se bens e faziam-se promessas a cumprir aquando da chegada; praticava-se a pesca e a contemplação do ambiente que os envolvia; a passagem de bandos de aves, de cardumes de peixes, golfinhos e de baleias, são muitas vezes comentados em qualquer relação; as tintureiras faziam o seu maior espectáculo, recriando no convés do navio, muito ao gosto da época as tão apreciadas touradas; o teatro era igualmente levado à cena, nomeadamente em algumas ocasiões de solenidades religiosas (Domingues, 1998, p. 85).

Os missionários foram grandes protagonistas da expansão da religião pelos novos mundos. A bordo, os eclesiásticos asseguravam todos os preceitos religiosos e todas as cerimónias (Lopes, 1998, p. 433-444). O aparato religioso fazia-se representar pelos adornos religiosos e por um altar colocado no castelo de proa. Nas longas viagens, representavam o alento espiritual, presidindo aos actos de culto quotidiano, missa, confissões e procissões.

A importância assumida da Rota do Cabo transformou a nau na embarcação portuguesa com maior utilidade no século XVI. Era através dela que as mercadorias aportavam a Lisboa e depois eram distribuídas por toda a Europa. O que distinguia as naus da Carreira da Índia era antes de mais a sua tonelagem, começando por ter uma

arqueação de 400, 500 e até 600 tonéis, no século XVI, rapidamente multiplicaram a sua capacidade passando para 800, 900 e mais de 1000 toneladas. No convés das naus, conjuntamente com a tripulação e passageiros, e já na viagem de regresso vinham cargas bastante avultadas de mercadorias do Oriente com destino ao porto de Lisboa. Nos inícios do século XVI, o lucro do comércio português da Rota do Cabo assentava no regresso das cargas da Índia para a Europa. Através da rota das Índias, as naus portuguesas sobrecarregavam os seus porões, sobretudo, com avultados carregamentos de pimenta (oriunda maioritariamente da costa do Malabar), especiarias (cravo e noz-moscada das Molucas, e canela de Ceilão), e generalizando o leque de mercadorias asiáticas (Boyajian, 1993) rapidamente se enchem as embarcações de tecidos, sedas, porcelanas, prata, peças de artilharia, entre inúmeros outros produtos⁶⁵.

II.4. Os primeiros contactos com o Extremo Oriente

“Os confins orientais da Ásia e em especial o Império do Meio ocupavam um lugar privilegiado na curiosidade europeia quinhentista, herdeira de uma tradição medieval que envolvia esta região em mito. (...) No entanto, quando os Portugueses estabeleceram um contacto directo com o mundo extremo-oriental já se encontravam libertos de algumas ideias míticas; sabiam, por exemplo, que a China não era povoada por cristãos e que não era produtora de especiarias.” (Costa; Lacerda, 2007, p. 61).

Ao longo do século XVI, os portugueses foram promotores de um difícil processo de aproximação da Europa à China. Portugal foi o primeiro reino da Europa a estabelecer relações marítimas directas com o longínquo território chinês, a partir de 1513 (Loureiro, 1990, p. 31-43). Antes da descoberta da Índia, o Extremo Oriente era para os portugueses letrados, um “mundo” à parte, conceito geográfico muito distante, acerca do qual não se conseguia reunir um conjunto significativo de notícias. Assim, para colmatar essa falta de conhecimento, fantasias e ilusões preenchiam o vazio de informações (Loureiro, 1999, p. 14).

⁶⁵ Na viagem de Pyrard de Laval às Índias Orientais este faz uma descrição da vida a bordo de uma nau portuguesa (1998, p. 691-711).

Portugal teve um duplo papel no conhecimento da comunidade chinesa, para além da sua actividade com uma vertente estritamente comercial, procuraram desde sempre registar informações pormenorizadas sobre os mais variados aspectos da vida da civilização chinesa⁶⁶. Durante décadas, o Império do Meio foi encarado como um verdadeiro paradigma civilizacional, a realidade chinesa era admirada na sua plenitude, sem paralelo em qualquer outro ponto do reino asiático. Esta visão positiva⁶⁷ era passada para a Europa através dos nossos viajantes e eram estes que através dos seus relatos⁶⁸ impunham o reino asiático como o único capaz de igualar a Europa como um país civilizado (Loureiro, 1999).

A fixação dos portugueses em território chinês foi difícil, sobretudo, devido a conflitos com as autoridades imperiais, o que acabou por originar o desenvolvimento de algumas relações não oficiais entre mercadores portugueses e determinadas regiões da costa litoral da China (Costa, 1989, p. 180-196). Enquanto que em Calecute ou Cochim, os portugueses se estabeleceram através de uma exploração das rivalidades que incompatibilizavam os pequenos estados costeiros, na China os portugueses depararam-se com um estado pleno de poder, rigoroso, unido e centralizado que conduzia de forma muito rígida a mais pequena porção de terra. A agravar a situação, os líderes chins, consideravam o Império superiormente distinto de todas as vizinhas civilizações, encarando com grande desconsideração os contactos com o exterior. Perante uma civilização pouco permeável, a partir de 1517 a tentativa por parte dos portugueses de se estabelecer um relacionamento diplomático de igual para igual, inevitavelmente sairia frustrada (Loureiro, 1999).

⁶⁶ Questões relacionadas com o conhecimento da civilização do Império do Meio são abordadas no Regimento de 1508, onde D. Manuel I incumbiu Diogo Lopes de Sequeira de uma missão de exploração a Malaca. A acumulação de informação acerca da China foi objecto de intensa divulgação, através da circulação internacional de tratados, relações e cartografia lusitana. Os missionários assumiram o papel de informadores oficiosos, encaminhando para Portugal um abundante manancial de dados, compilados, posteriormente, pela literatura ultramarina.

⁶⁷ De acordo com a historiografia portuguesa esta visão positiva tem razões fundamentais, como o facto dos navegadores e viajantes portugueses, conscientes das limitações da sociedade portuguesa, estarem concentrados em todos os pormenores e particularidades do quotidiano da civilização chinesa que pudessem competir com a realidade europeia. Outra razão seria a grandiosidade da civilização chinesa, onde o gigantismo da população e dos aglomerados civilizacionais contrastava com Portugal. Na verdade, a grande distância que existia entre Portugal e o Extremo Oriente, contribuiu para esta visão positiva, até porque a longevidade em termos geográficos não constituía qualquer ameaça para Portugal.

⁶⁸ Os relatos de navegações feitos por comerciantes e viajantes descrevem as regiões do Oriente como pontos de confluência entre comerciantes chineses (que rumavam até aos portos da Índia, Pérsia, Arábia e Somália) e os mercadores do litoral do subcontinente indiano, na sua grande maioria muçulmanos, que visitavam os portos chineses.

Em 1523, e quase durante uma década, não existe qualquer informação acerca de expedições portuguesas ao litoral da China. A atenção dos portugueses durante este período recairá sobre o arquipélago das Molucas, pois as tentativas de estabelecer relações oficiais com a China foram interrompidas, a partir de 1523. Como forma de contornar a situação, os navios de Malaca recorriam a mercados alternativos, passando a procurar sedas, porcelanas entre outras mercadorias chinesas em portos – como Patane, na costa oriental da Península Malaia; Sunda, na extremidade ocidental da ilha de Java e Odiá, no Sião – frequentados pelos juncos chineses. Embora em menores quantidades e a mais altos preços, a concorrência de produtos chineses em direcção a Malaca não findou, na verdade, os negócios da China eram demasiadamente rentáveis para serem deixados.

Este tráfico beneficiava a todos, por um lado, tínhamos os portugueses a vender as suas mercadorias nas ilhas desertas ao largo da costa chinesa, adquirindo em troca sedas, porcelanas, ruibarbo, raiz-da-china, cânfora entre muitas outras mercadorias raras, por outro lado, os chineses desempenhando o papel de intermediários lucravam escoando os excedentes locais e adquiriam os preciosos produtos exóticos como a pimenta, sândalo, incenso, marfim e o âmbar⁶⁹.

Na verdade, a China revelava-se aos navegadores portugueses como um reino rico, vigoroso que desempenhava um papel preponderante na vida económica, política, comercial e cultural das regiões naquele lado do mundo (Loureiro, 1999, p. 23). As primeiras informações reunidas acerca das *terras dos chins* estavam relacionadas com o universo do comércio e da mercancia e só mais tarde estas relações têm como propósito a fixação e localização de comunidades cristãs orientais.

Quando Vasco da Gama regressou a Lisboa, em meados de 1499, trazia uma vasta gama de amostras dos produtos, entre os quais se destacava a porcelana, existentes nos entrepostos comerciais do Indostão, bastante apreciados pela Corte de D. Manuel. Em 1508, numa carta escrita pelo monarca a D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, através de uma encomenda é visível o apreço que D. Manuel tinha pela loiça das Índias. Em 1512, D. Manuel I de um conjunto de vinte exemplares, doa ao Mosteiro dos Jerónimos cerca de doze peças de porcelana e, em 1513, presenteia a rainha D. Maria e

⁶⁹ “E como estes chinas que andavam entre os portugueses e os mercadores da terra nas compras e vendas, tinham deste negócio mui grande proveito. (...) recebiam também mui grandes proveitos deste trato, porque recebiam grossas peitas de uns e doutros, pelos deixarem contratar e lhe[s] deixarem trazer e levar as fazendas.” (Cruz, 1997, p. 224).

entre os mimos ofertados estavam incluídas algumas porcelanas (Matos, 1995, p. 110). Após a conquista de Malaca⁷⁰, por Afonso de Albuquerque, em 1511, abriu-se para Portugal o mundo da Ásia do Sueste e do Extremo Oriente.

Malaca⁷¹ descortinava um novo mundo aos navegadores portugueses, novas rotas podiam ser estabelecidas com os mais importantes pólos mercantis da Ásia Oriental – entre outros, o Sião, Molucas, Samatra, Java, Timor, Bornéu e Lução, exportadores por excelência de uma vasta gama de produtos exóticos, entre vários outros o cravo, noz moscada, maçã, almíscar, benjoim, sândalo, cânfora, lacre, sedas, aves exóticas, madeiras preciosas, joalheria e a porcelana (Thomaz, 1998a, p. 513-535).

Por esta altura, com o desenvolvimento do entreposto comercial de Malaca e com a afluência de inúmeros mercadores asiáticos, tornavam-se dispensáveis as viagens dos negociantes chineses para o lado Ocidente do porto malaio, uma vez que aí encontravam os produtos anteriormente obtidos através no mar Arábico. A China, em meados do século XV, encontrava-se afastada das rotas comerciais intercontinentais e, deste modo, as bases que asseguravam a difusão de mercadorias entre as cidades de Malaca e Cantão eram essencialmente carreiras de um comércio local⁷² (Costa, 1995, p. 79).

A partir do porto de Malaca, os portugueses teriam as tradicionais vias de acesso à China desobstruídas, rotas que até à conquista deste entreposto apenas eram frequentadas por embarcações de origem malaia e chinesa. A potencialidade mercantil chinesa passaria

⁷⁰ De facto, após a conquista de Malaca, o interesse e a ambição dos portugueses pelo Extremo Oriente aumentou de forma “desenfreada”, invadindo lentamente o mar da China: “ (...) descobriram aí terras e povos antes desconhecidos, um mar infestado de piratas e encontraram, pela primeira vez, um país asiático com um poder fortemente centralizado.” (Costa, 1995, p. 79-80).

⁷¹ “Mais nítida a partir de 1520, esta política manuelina estribava-se na instituição do monopólio régio sobre aquela viagem de comércio (...). Todavia, a sua aplicação no terreno, dependia de três aspectos: 1) a manutenção de Malaca sob o controlo português mantendo intocável o seu papel de grande entreposto mercante da Insulíndia; 2) a criação de uma zona de influência político-militar e económica portuguesa no Norte de Samatra, que passava sobretudo pelo estabelecimento de uma feitoria/fortaleza em Samudera-Pacém, principal porto pimenteiro da região; 3) fixação de uma feitoria/fortaleza do rei de Portugal nas costas do Sul da China. A implantação desta rede triangular só se consumou parcialmente. A posição de Malaca permaneceu, de certo modo, intacta; em Samatra construiu-se, de facto, uma feitoria / fortaleza em 1521, mas de efémera duração perdendo-se logo em 1523; na China, na província de Guangdong, as tentativas de construção de um estabelecimento português (em 1521 e 1522) falharam estrondosamente.” (Alves, 1999a, p. 56-57).

⁷² “As viagens mais importância que se fazem em Malaca he, como fica dito, pera a China, onde se levava de Malaca todas as drogas do sul, que ja oje não vão mais que alguma pimenta e pouco ou nenhum cravo, que a nos e massa está em poder dos olandezes, sendo senhores da ilha de Banda, donde deitarão (...)” (Bocarro, 1992, p. 259).

a estar ao alcance dos interesses da Coroa portuguesa, este Celeste Império era o grande fornecedor de seda e de porcelanas, entre inúmeros outros preciosos produtos.

Pelo ano de 1542, foi estabelecida uma primeira base permanente em Liampó, fruto da convivência das populações locais, a que se seguiu outra experiência semelhante em Chinceu (1545-1458); finalmente, em 1557, foi cedido aos portugueses o porto de Macau (Alves, 1999), entreposto comercial que se revelou fundamental, pois, para além do comércio litoral, os contactos eram muito restritos entre portugueses e chineses, com especial ênfase para a acção evangelizadora dos missionários jesuítas.

A partir da segunda metade do século XVI, com o desenvolvimento de pequenas colónias de mercadores portugueses no Coromandel e, sobretudo, com a fundação, desenvolvimento e estabelecimento do entreposto de Macau (1557), o papel centralizador de Malaca diminuiu consideravelmente, estabelecendo-se contactos comerciais directamente entre Macau e determinados portos da Insulíndia (Thomaz, 1999, 169-187). Na verdade, no século XVI, a mais extraordinária consequência das relações entre Portugal e a China talvez tenha sido a fundação e o desenvolvimento do entreposto comercial de Macau. Com o estabelecimento das ligações regulares com a China, funcionando Macau como intermediário directo, o comércio de Goa com o Extremo Oriente tornou-se mesmo o mais rentável do Estado da Índia (Thomaz, 1998a, p. 169-187).

As relações luso-chinesas, pós-1557 estabelecidas através do entreposto comercial de Macau, fortaleceram os mais variados intercâmbios, e sobretudo as trocas comerciais, possibilitando que a Europa fosse inundada por quantidades até então inimagináveis de sedas, porcelanas e outros produtos de origem chinesa.

Em 1543, um junco de mercadores portugueses, numa das suas viagens de negócios, dirigindo-se do Sião para os portos da China são afastados do seu rumo por uma tempestade acabando por aportar em Tanegashima (Japão)⁷³ (Schurhammer, 1946, p. 1-172).

⁷³A descoberta do Japão não pode ser considerada como um mero acaso. Na verdade, com a chegada dos portugueses ao Oriente, para além de garantirem a sua presença efectiva, preocuparam-se acima de tudo em alargar a sua política de influência cada vez mais para Oriente. Primeiramente, estabelecendo-se em Malaca, seguidamente a região da China e o arquipélago das Molucas, para no fim alcançarem o Japão e o entendimento com a civilização chinesa. “A fixação dos Portugueses no Extremo Oriente foi um processo

Com a chegada dos portugueses ao Japão, desenvolve-se um comércio triangular que ligava Malaca aos portos chineses e estes ao Japão que tinham por base a troca de seda, salitre, porcelanas, almíscar chinesas por prata, arma enxofre e abanos japoneses (Costa, 1989b, p. 197-213).

A partir do século XVI, e após a descoberta das “Índias Orientais”, com o incremento do comércio das especiarias na Europa e de toda a rede de rotas de tráfego comercial entre o Oriente e o Ocidente, a Coroa portuguesa desenvolveu uma forte estrutura mercantilista. De um modo geral, este sistema pressupunha por parte do rei um investimento de capital em navios, produtos de troca, armamento de modo a adquirir no Oriente as especiarias que, por sua vez, vendia na Europa a partir da feitoria da Flandres.

A manutenção de toda esta máquina comercial admitia a existência de uma rede de funcionários régios que, entre outras funções, estabelecendo em seu nome contactos diplomáticos, promoviam a guerra, negociavam preços ou empréstimos. No entanto, o comércio com as regiões do Oriente não se realizava todo da mesma maneira. Na verdade, podemos inferir a existência de duas tipologias de trato de mercadorias: o comércio desenvolvido ao serviço da Coroa, monopolista, vindo pela rota do cabo com destino exclusivo a Lisboa⁷⁴; e o comércio estabelecido na imensa região, que consistia numa imensidade de trocas de curta e longa distância, com rotas e complementaridades desde há muito instituídas como é o caso do comércio das regiões de Malaca, das ilhas do arquipélago das Molucas e restantes ilhas do continente asiático que inúmeros mercadores privados portugueses passavam a integrar, rivalizando com mercadores de

moroso e complexo; só em meados da centúria quinhentista é que as relações luso-nipónicas ganharam um carácter institucional e as autoridades chinesas permitiram o estabelecimento de uma comunidade de mercadores portugueses perto de Cantão.” (Costa, 1995: 79).

⁷⁴ A partir de 1517, a organização de compras a fazer nas Índias cabia ao Vedor da Fazenda, na metrópole (Lisboa). Este comércio desde sempre se debateu com a falta de capitais nas alturas certas e o escasso número de navios saídos de Lisboa cada ano, durante o século XVI, nunca mais de três embarcações. “ (...) havia de melhorar o conhecimento dos tratos asiáticos e de montar a exportação para Lisboa dos produtos que interessassem. Aqui se iriam observando aqueles que viriam a ter saída. Porque a sede de negócio era em Portugal – na Casa da Índia, a partir de 1501 –, seu responsável máximo o rei. Mas os consumidores com que à partida se contava teriam de ser os da Europa, em especial os do Norte, mais afazendados e a elas já mais habituados. Menos de 8% do que anualmente chegava a Lisboa era suficiente para satisfazer a procura existente e para abastecer todo o Reino. Era, pois, a reexportação o que financeiramente mais importava. Que permitia reaver os capitais antes empregues para depois os aplicar em mais compras. O ritmo anual de envio de uma armada instala-se.” (Magalhães, 1998, p. 50).

todas as outras proveniências que operavam na zona, sem nunca darem conhecimento ao rei de Portugal⁷⁵ (Thomaz, 1998a).

A partir de 1555, o rei de Portugal começou a controlar a rota Goa-Macau-Japão⁷⁶, concedendo mercê das viagens, assim como parte dos lucros, a vários fidalgos de modo a assegurar a chegada a Goa dos rendimentos obtidos. Apesar da viagem Macau-Nagasaki ter permanecido como monopólio da Coroa, entre as décadas de 70 e 80 do século XVI, o comércio da Carreira da Índia foi liberalizado, mantendo-se apenas a fiscalização e cobrança de direitos da Casa da Índia. Uma vez perdida a independência para Castela, entre 1580 e 1597, o próprio rei abandonou a responsabilidade directa para a exploração do monopólio da rota do cabo, em detrimento de monopólios parcelares com mercadores e, somente em 1598, regressariam à rota do cabo e o seu comércio ao monopólio da Coroa.

As frotas portuguesas que navegavam por territórios, como a China ou o Japão, percorriam o estreito de Malaca, atracavam na ilha do Ceilão para depois seguirem pelo golfo de Bengala – onde carregavam os produtos daquela região da Índia e do Sião; podiam subir pelo golfo Pérsico, velejavam pelo mar Vermelho e abasteciam-se em produtos árabes, ou então, dobravam o Cabo da Boa Esperança e traziam entre vários outros artigos frutas, marfim e cera das feitorias edificadas na costa da África Ocidental, finalmente, aportavam a Lisboa.

Países do Oriente, como a Índia e China, engrandeciam o mercado de importação nacional com uma grande variedade de especiarias – pimenta, gengibre, noz-moscada, cravo, ruibarbo, açafrão Índico, sândalo, laca, ébano, pedras preciosas. Eram vários os produtos de grande valor que chegavam à capital, destino último das carreiras internacionais, com especial ênfase para os cravos do arquipélago das Molucas, a noz-moscada da ilha de Banda, a pimenta e gengibre das costas do Malabar, a canela da ilha

⁷⁵ Este é o motivo pelo qual no ano de 1570, a Coroa portuguesa decide proceder à divisão do Oriente em duas áreas distintas: a Ocidental (entregue ao Vice-Rei sediado na Índia e, por conseguinte, ao rei de Portugal) e a Oriental (entregue a um governador autónomo, que pouca ou nenhuma eficácia teve devido à permanente transferência da sede das suas competências entre Malaca, Macau e Timor).

⁷⁶ Após a fixação dos portugueses em Macau, por volta de 1555, era a posição desejada para a expansão das relações comerciais com o Japão, iniciadas com a chegada de alguns portugueses num junco chinês, ainda que tenha sido acidentalmente. Com o porto de Macau situado na Costa Sul da China, os portugueses possuíam a infra-estrutura necessária para ter “ (...) fácil acesso a Cantão, e a sua posição no Japão consolidou-se quando Nagasaki foi entregue ao controlo dos Jesuítas em 1571 com o propósito declarado de fazer desta obscura ideia de pescadores o porto terminal da *Não do trato* ou do Grande Navio que vinha anualmente a Macau.”, (Boxer, 1989, p. 2, 157-287).

do Ceilão, o âmbar do arquipélago das Maldivas, o sândalo da ilha de Timor, o beijoim da região de Achem, couros de Cochim, anil de Cambaya, cavalos da Arábia, os tapetes da Pérsia, as sedas, damascos, porcelanas e almíscar da China, os estofos de Bengala, as pérolas de Kalekar, diamantes de Narsinga, rubis do Pegú, ouro da ilha da Sumatra e, a prata do Japão (Costa, 1997).

II.5. A nau *Nossa Senhora dos Mártires* – gesta da última viagem

“Vendo os Officiaes o perigo estado da Naõ, e que nella havia dezoito palmos de agoa, determinarão, que se alijasse, e arribasse em popa. (...) prometendo-lhes a troco Nuno Velho Pereira (...) quarenta e sinco quintaes de Cravo que trazia na naõ, (...) crescendo depois o perigo se deitou ao mar tudo o que havia na tolda dos Bombardeiros, e nos payoens ds drogas, com que ficou cuberto de infinitas riquezas, lançadas as mais dellas por seos próprios donos, dos quaes eraõ taõ aborrecidas e desprezadas, como em outro foraõ amadas e estimadas.” (Moniz, 2001, p. 100-101).

A *Nossa Senhora do Mártires*, uma das naus que enquadrava a armada de Brás Teles de Menezes, partiu de Lisboa em direcção a Goa, no dia 27 de Março de 1605.

A armada era composta por sete naus: *Nossa Senhora de Betancor* (capitão Brás Teles de Menezes), *Nossa Senhora da Oliveira* (capitão D. Francisco de Almeida), nau *Conceição* (capitão Pêro da Silva), nau *Salvação* (capitão D. João de Menezes), *Nossa Senhora dos Mártires* (capitão Manuel Barreto Rolim), nau *Palma* (capitão Vicente de Brito) e nau *Salvador* (capitão Manuel Távora). As naus *Palma* e *Salvador*, anteciparam a sua partida e zarparam no dia 9 de Março enquadrando a armada de Álvaro de Carvalho composta por mais três galeões – *Nossa Senhora das Mercês*, *São Nicolau* e *São Simão*. (D’Intino, 1999, p.157).

Segundo relato de António Mesquita, um dos passageiros da nau *Nossa Senhora de Betancor*, tanto a armada como a nau *Nossa Senhora dos Mártires* fizeram uma viagem perfeita, sem qualquer perda, e passados os seis meses de navegação aportaram em Goa. Viagem exemplar exceptuando a enfermidade do capitão-mor Manuel Barreto Rolim que chegou a Goa ainda combalido. Apesar do relato de António Mesquita não ter qualquer indicação relativa à rota percorrida, possivelmente, o percurso escolhido deverá

corresponder ao adoptado pela grande maioria das naus da Carreira da Índia, descrita nos roteiros de navegação da altura⁷⁷.

Relativamente às outras naus da armada: a nau capitânia *Nossa Senhora de Betancor* de volta para Portugal encalhou na ilha de S. Lourenço tendo-se perdido praticamente toda a tripulação a bordo; a nau *Nossa Senhora de Oliveira* perdeu o leme em Sofala, voltando com uma espadela para Goa e, no ano de 1607, aportou em Lisboa; a nau *Conceição*, durante a viagem afastou-se do resto da frota, perdeu o leme e encalhou na baía de São Vicente (Madagáscar), tendo regressado para Moçambique e, em 1607, regressou ao reino (D'Intino, 1999, p.159).

Para alcançarem a monção dos ventos do levante, o capitão-mor ordenou a partida da armada de Cochim mal estivessem feitos os aprestos das naus, assim como, os avultados carregamentos de pimenta⁷⁸. Apesar das recomendações dadas para a rápida partida, as naus *Nossa Senhora da Salvação* e *Nossa Senhora dos Mártires* só partiram de Cochim a 16 de Janeiro de 1606⁷⁹, cerca de quinze dias mais tarde que o resto da armada, partida de Cochim a 30 de Dezembro de 1605. A partida tardia destas naus, aparentemente não terá comprometido o decorrer da viagem, pois, no final do mês de Junho a nau avistava os Açores.

Rumando dos Açores em direcção à costa de Portugal, no dia 12 de Setembro, a nau *Salvação* chegou às imediações da praia de Cascais. A bordo da galera *Santiago*, D. Diego de Brochero tentou em vão rebocar a embarcação, desgovernada pelo forte vento de sul que se fazia sentir, acabou por encalhar na areia tendo-se salvado alguma da tripulação e passageiros que vinham a bordo.

Após seis meses de viagem de Cochim e três meses de ancoradouro nos Açores, a *Nossa Senhora dos Mártires*, também conhecida como 'nau pimenteira' aportou a Cascais, a 14 de Setembro de 1606. Embarçada pelo mesmo temporal perdeu as

⁷⁷ António Mesquita, *Roteiro da Viagem que fez a Nau Nossa Senhora de Betancor Capitania em que la Braz Telles de Menezes Vindo de Goa para Portugal, Feito pelo Licenciado António de Mesquita Que vinha nela (1606)*, transcrição de Maria de Fátima Ferros de Azevedo (D'Intino, 1998, p. 158).

⁷⁸ “ (...) nestas naus vão cento e oitenta mil cruzados para a carga de pimenta; e porque [as naus] são muito vazilhas e capazes de trazer muita quantidade, vos encomendo que deste cabedal não se tome nenhuma coisa para nenhuma despesa e necessidade, por precisa que seja, porque não falte para o efeito a que os tenho aplicados.” (D'Intino, 1998, p. 159).

⁷⁹ Apesar de muitas armadas terem saído da Índia em Janeiro, sem problemas, como verificámos anteriormente, para alcançarem a monção com ventos favoráveis não era aconselhável a partida mais tarde do que o dia 25 de Dezembro.

amarras, mas o persistente capitão Manuel Barreto Rolim determinou a entrada no Tejo. O capitão decidiu navegar pelo cachopo norte, passagem considerada como mais curta. No entanto, ao passar pelos bancos de areia existentes à entrada da barra a situação complicou-se ainda mais, até porque a passagem de água nos baixios norte e sul é muito forte. A meio da passagem pelo canal norte, a *Nossa Senhora dos Mártires* perdeu o rumo despenhando-se contra os rochedos de São Julião da Barra⁸⁰ (Castro, 2000b, p. 1).

O navio afundou-se em escassas horas, os corpos dos náufragos imergiam dos fundos do Tejo. A carga nau, sobretudo a pimenta da Coroa, espalhou-se desde a barra do Tejo até Cascais. O provedor dos Armazéns, Vasco Fernandes César, ajudado por soldados e alguns voluntários da população recuperaram toda a pimenta que conseguiram transportando-a para a Casa da Índia (D’Intino, 1999, p. 161).

Não temos informações acerca dos passageiros embarcados na *Nossa Senhora dos Mártires*, à excepção de Aires de Saldanha⁸¹, 17º vice-rei da Índia (1600-1605) e do padre jesuíta Francisco Rodrigues (Costa, 1998, p. 175-181), recém-regressado do Japão, que vinha como procurador da missão do Japão a Roma e Miguel, um japonês acompanhante do missionário jesuíta que sobreviveu, regressou à Ásia, falecendo alguns anos mais tarde no Japão (Afonso, 1999). Entre os tripulantes são também conhecidos o Capitão Manuel Barreto Rolim – filho de Jorge Barreto – que procurava enriquecer no comércio da Carreira da Índia e que se salvou do naufrágio de 1606 voltando a embarcar na nau *Nossa Senhora do Guadalupe*; os Grumetes Pedro Álvares e Cristóvão de Abreu, também sobreviveram ambos ao naufrágio (Soromenho, 1998, p. 165-173).

A nau ‘pimenteira’ *Nossa Senhora dos Mártires*, esteve a escassas milhas de terminar a sua torna viagem com destino ao porto de Lisboa. Partida de Cochim perdeu o rumo ao tentar entrar na barra; vinha bem aprestada das mercadorias raras que por aquela altura através de Lisboa inundavam os mercados europeus.

⁸⁰ “A nau de que era capitão Manuel Barreto Rolim partiu de Cochim, embarcou nela o vizo-rei Aires de Saldanha que faleceu de doença antes de chegar à Ilha Terceira. A nau se perdeu nos cachopos a quinze de Setembro de 606. Salvou-se pouca gente e nenhuma fazenda. [...] A nau *Mártires* se perdeu junto à Torre de S. Gião a 15 do dito mes de Setembro, no qual naufrágio merreu muita gente e se perdeu a maior parte da fazenda.”. *Relação das Náos e Armadas da Índia* [...], British Library, cód. Add.20902, leitura e anotações de M. Hermínia Maldonado, Coimbra, 1985. (Apêndice *Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem*, 1998, p. 265-275).

⁸¹ Desconhece-se a razão pela qual embarcou na nau *Nossa Senhora dos Mártires* (Soromenho, 1998, p. 165-173).

CAPÍTULO III – ESTUDO DO ESPÓLIO CERÂMICO

III.1. Potes orientais

“(…) les jarres d'apparence simple voire fruste, fruits d'une production de masse, ont une valeur esthétique incontestable.” (Dupoizat, 1994, p. 222).

Passadas praticamente quarenta décadas após o naufrágio da *Nossa Senhora dos Mártires*, no local dos destroços da presumível nau e repousando dispersos no fundo do Tejo, em frente à Fortaleza de São Julião da Barra, os arqueólogos recuperaram um conjunto significativo de potes asiáticos. Alguns deles encontram-se bem conservados do ponto de vista da sua integridade física, sendo o recurso a estes potes a forma possível de acondicionamento a bordo para transporte de líquidos, sólidos e objectos.

São inúmeros os autores que têm conjecturado acerca da funcionalidade deste tipo de peças (Pijl-Ketel, 1982, p. 220). Oriundas do Sudeste Asiático e, em particular, de países como a China, Tailândia, Japão, Coreia, Cambodja e Annam, de um modo geral, as jarras *martaban* caracterizavam-se pelas suas grandes dimensões, com medidas que variavam entre os 20 e 100 cm de altura, pegas na zona do ombro, de base plana ou ligeiramente concava e aplicação de vidro na parte superior do seu corpo. Especialmente concebidas para a navegação, estas peças serviriam para transportar produtos como o açúcar, sal, chá, conservas de peixe, frutas, manteiga, óleos, vinho, opium, água benta, argila do rio Ganges e cerâmicas. Mas, para além da sua função transportadora, possuíam também funções de armazenamento, conserva de bens alimentares e água.

Intervenções arqueológicas terrestres desenvolvidas nas regiões de Bornéu e no arquipélago das Filipinas, colocaram a descoberto quantidades avultadas destas jarras, e trouxeram à luz outra possível função desempenhada por estes artefactos, podendo igualmente servir de urnas e túmulos para os defuntos acreditando-se que guardariam espíritos, mas também constituíam valiosos presentes de casamento e podiam funcionar como instrumentos musicais (Pijl-Ketel, 1982, p. 220).

Tendo em conta a sua funcionalidade, para além de sólidas e estáveis, estas vasilhas teriam que ser extremamente estanques e isoladoras do ponto de vista térmico tanto em climas quentes como húmidos. Para tal, eram utilizadas uns vedantes em madeira, pele ou cerâmica, fixos através de corda que passava por entre as duas asas

situadas no ombro dos potes. Este método servia também para prender as talhas nos porões dos navios.



Figura 25: A presente imagem representa um pormenor da chegada do Kurofoné – barco negro que anualmente se deslocava da China para o Japão –, desembarque dos tripulantes e passageiros e descarga das mercadorias. (Pinto, 1986, p. 32).



Figura 26: Representa a forma de como seriam transportados os grandes potes asiáticos (Pinto, 1986, p. 39 e 74).



Figura 27: Apresenta um pormenor da sua funcionalidade (Pinto, 1986, p. 75).

Estes exemplares, produzidos na China ou do Sudeste Asiático, possivelmente pertencentes à carga transportada a bordo da presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires*, demonstram as activas trocas comerciais efectuadas entre a região Sul do continente asiático e Portugal nos inícios do século XVII.

Os locais de implantação das oficinas chinesas, produtoras destas peças, situar-se-iam nas províncias do Fujian, Guangdong, Jiangsu e Zhejiang, na região Sul da China. As oficinas do Fujian e Guangdong iniciaram o seu funcionamento na dinastia Tang (618-907). Por outro lado, na província de Jiangsu, em particular nas oficinas de Soozhou, na região oeste de Shangai, tinham as suas oficinas activas desde a dinastia Ming (1368-1644) e destinavam-se ao fabrico de cerâmicas de tonalidade castanha, com decoração de tonalidade amarela e revestidas com o vidrado colorido (Pijl-Ketel, 1982, p. 220).

Estas vasilhas, muito densas, pesadas e de grandes dimensões, eram cozidas a elevadas temperaturas que rondavam os 1100°C e elaboradas a partir de moldes, sendo fabricadas em partes que no final eram juntas formando uma só peça. Só depois eram aplicadas as pegas, a decoração e o vidrado que, ornamentava apenas a superfície externa não se preenchendo a base e o interior das peças (Pijl-Ketel, 1982, p. 220-222).

Apesar de relativamente modesta, a decoração destas peças demonstra a elevada mestria que o artesanato oriental conseguiu alcançar. Para além do perfeccionismo da técnica de execução, é evidente a completa harmonia e entendimento com que a

decoreção se ajusta à forma, em temáticas que visam a exaltação dos seus perfis, contornos e corpulência.

A duração das viagens da Carreira da Índia implicava uma enorme restrição relativamente ao acondicionamento, armazenamento e conservação dos géneros alimentares transportados a bordo para consumo da tripulação e passageiros. Para que estes produtos não se deteriorassem era imperativo o seu acondicionamento em recipientes fechados e estanques⁸².

Na viagem de ida (Lisboa-Goa), os doces e frutas em caldas eram colocados em vasilhas de grandes dimensões, que poderiam conter até 350 litros (Desroches, 1998, p. 239) que, após completamente preenchidos, eram devidamente cobertos com cortiça, vedados com gesso fresco nas juntas e colocado pergaminho humedecido sobre o gesso fresco, de modo a garantir a impermeabilização e estanquicidade das jarras (Fig. 25). Já as ameixas eram acondicionadas entre camadas de açúcar em pó ou passadas por água a ferver, eram escorridas colocando-se em açúcar em ponto. Por sua vez, os ovos eram conservados em sal e, a manteiga era transportada em vasos vidrados tapados no bocal por um pano húmido coberto, de igual modo, com uma espessa camada de sal⁸³.

Na viagem de regresso (Goa-Lisboa), os *martaban*, assim como outras jarras de cerâmica vidrada, carregavam géneros alimentícios e apreciados artigos de proveniência oriental, em alguns casos, vistos como fundamentais para a dieta alimentar da população portuguesa e europeia em geral. Entre estes inúmeros artigos contavam-se especiarias, como a pimenta seca e toda uma vasta diversidade de conservas “ (...) *chetni e miscutt de manga verde, pará de peixe-tamarindo, solam de manga ou de brindão, tamarindo, etc.*” (Matos, 1999b, p. 194).

A partir de um estudo comparativo das formas, pastas e tratamento das superfícies foi possível estabelecer quatro produções para os contentores de comércio marítimo da colecção de cerâmicas em estudo, proveniente do naufrágio da presumível *Nossa Senhora dos Mártires*. Assim, identificámos potes *martaban* (18%), *Tradescant* que representam cerca de 18% do total, 1% correspondem a outras produções chinesas, um pote Tailandês

⁸² Estas vasilhas ainda hoje utilizadas em Goa, para acondicionar arroz, em muitas casas detêm uma função meramente decorativa (Matos, 1999b, p. 194).

⁸³ “ (...) quase todos eram acondicionados em tenores que, atestados depois com azeite, eram molhados com pergaminhos e depois enseirados.” (Matos, 1994, p. 194).

(*Tai stnoware jars*), um exemplar de um possível pote *Tsubo* (2%) e, finalmente, formas indeterminadas (32%).

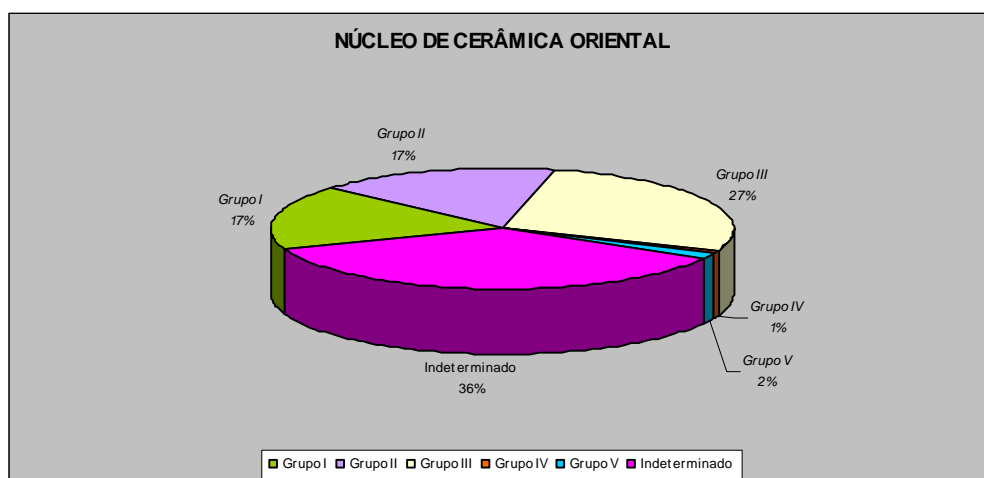


Gráfico III: Percentagem do núcleo de cerâmica oriental em estudo.

Grupo I – Potes martaban

As peças que identificamos como pertencentes a este grupo⁸⁴ são de grandes dimensões e primam pela sua robustez, larga estatura e de tonalidade castanha ou até mesmo preta, tendo sido utilizadas pelos viajantes para o transporte de mercadorias nas embarcações. É difícil identificar com precisão o seu local de proveniência, no entanto, possivelmente correspondem a produções da China, Sião e da cidade portuária birmanesa de Martaban, no golfo de Pegu, a Este do delta de Irrawady local onde as mercadorias chegavam do interior por via terrestre destinadas ao embarque (Dupoizat, 1994, p. 232-235).

Textos de origem árabe mencionam o transporte de perfume no interior destas jarras, assim como, a sua utilização no transporte e conservação de semi-líquidos, salmoura ou conservas. O explorador berbere Ibn Battûta numa das suas passagens pela ilha de Java, relata que uma princesa das Celebes o presenteou com quatro jarras repletas

⁸⁴ De que são exemplo as peças: cnans.sjb.arq94.0021, sjb 196.01.03, sjb 171.10, sjb 198.02, sjb 18.15, sjb 182.01.05, sjb 135.04, sjb 135.04, sjb 129.09, sjb 185.02.01, sjb 162.01.02, sjb 192.02.02, sjb 187.02, sjb 182.01.01, sjb 162.01.01, sjb 182.01.09, sjb 195.02, sjb 133.01.02, sjb 04654.02.0013, sjb 182.01.03, sjb 182.01.04 e 182.01, sjb 140.05, sjb 04654.02.0014, sjb 04654.02.0012, sjb 180.01.01 e 02, sjb 04654.02.0008 e 0009, sjb 165.03.

de gengibre, pimenta, limão e manga salgada como já era costume para um viajante do mar. Ou então, o caso do governador de Guam, em pleno século XVII, oferece ao comandante Swan três jarras, sendo que uma delas continha peixe em conserva de alta qualidade, outra com doçaria fina (biscoitos) e, finalmente, uma com mangas salgadas (Dupoizat, 1994, p. 224).

As jarras, que enquadram o núcleo em estudo, comumente conhecidas do tipo *martaban*, são recipientes fechados que apresentam pastas de um grés de tonalidade cinzenta (10YR 5/1) e são revestidas na superfície interna por um luminoso e espesso vidrado de cor castanha-escura, por vezes, preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro, não apresentando a superfície externa qualquer tipo de tratamento prévio. As pastas apresentam-se porosas, contendo autênticos alvéolos, que variam entre o grão fino, médio e grosso. Os exemplares pertencentes ao núcleo em estudo apresentam um diâmetro do bordo na ordem dos 19 cm, com uma espessura de sensivelmente 1,5 cm, a espessura das paredes ronda os 1,25 cm e, a espessura das suas asas seria de aproximadamente 1 cm. De formato tronco-cónico, praticamente junto ao bordo exibem cerca de três, por vezes, quatro asas. A decoração é aplicada em ligeiro relevo e composta por pastilhas e faixas elegantes de argila clara, apresentando-se o bojo dividido em painéis.

Apesar do progresso considerável, ocorrido nas últimas décadas, ao nível da datação e classificação de cerâmicas de exportação, a evolução tipológica das jarras em grés características das produções do Sudeste Asiático – Indonésia e Filipinas – na generalidade são designadas como *martabans* e de cronologia desconhecida. Foram recolhidos exemplares deste tipo em intervenções arqueológicas realizadas em Sarawak, na ilha de Bornéu (Moore, 1970, p. 1-78). Peças destas produções foram recuperadas no contexto do naufrágio da nau *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 258-259), no *San Diego* (Dupoizat, 1994, p. 232-235), no *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 220-227), *Mauritius* (L'Hour [et. al], 1989, p. 178-180), no *San António de Tanna* naufragado em 1697, junto à costa oriental do continente africano, mas também são conhecidos exemplares em exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, nas colecções Távora de Sequeira (Porto), Telo de Morais (Coimbra), Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra) (Costa, 1999, p. 194-196). Existem também exemplares que têm vindo a ser recuperados em escavações arqueológicas, em distintas áreas urbanas, de que são

exemplo alguns fragmentos recuperados no ano de 2007, em contexto de aterros, na área urbana de Lisboa, em particular, no Largo do Chafariz de Dentro⁸⁵.



Figura 28: Fragmento de bordo, parede e asa completa de um pote pertencente ao Grupo I do tipo *martaban*.

⁸⁵ Informação retirada do *Endovélico* (IGESPAR, I.P.) – Carta Nacional de Sítio 30148 /DANS n.º 9107.

Grupo II – Potes Tradescant

Foram ainda identificados no núcleo em estudo, recuperado dos destroços da *Nossa Senhora dos Mártires*, exemplares de potes ditos do tipo *Tradescant*. Esta denominação deve-se à existência de um exemplar completo que integra a coleção do conhecido botânico inglês John Tradescant⁸⁶.

De um modo geral, estas jarras, recipientes fechados por excelência, apresentam um bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular. O diâmetro dos bordos é de aproximadamente 12,2 cm e 17,1 cm, a espessura das paredes varia entre 0,7 cm e 0,9 cm, a espessura das asas é de 1,2 cm e o diâmetro das bases ronda os 16,5 cm. Normalmente, abaixo do bordo são dispostas quatro asas. Oferecem pastas de tonalidade bege clara (10YR 7/3), bem depurada, compacta e homogénea com desengordurantes de textura muito fina. As suas superfícies podem ser revestidas de um vidro plúmbeo de tonalidade amarela, resultante de coloração com óxidos de ferro; verde, proveniente da aplicação de cobre e beringela, derivado da utilização de manganésio. À excepção da superfície interna e da base exterior destes potes, as faces exteriores são completamente decoradas. A gramática decorativa em relevo é composta por painéis de lótus, cabeças de ruyi, motivos espiriformes constituídos por folhagens a cercar peónias em flor e motivos zoomórficos.

No presente núcleo recuperado ao largo de São Julião da Barra identificámos um exemplar (cnans.sjb.96/98.0084), posteriormente reconstituído, que apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular. As suas paredes exteriores mostram vestígios de um vidro plúmbeo de cor verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e, beringela colorido a manganésio. Ostenta decoração composta por painéis de lótus junto à base e, no bojo surgem motivos florais onde predominam longas folhas com nervuras em relevo, realçadas a esmalte amarelo. Do mesmo modo, mostra pétalas de uma peónia, flor em relevo, realçada a esmalte amarelo e no meio uma cabeça de ruyi.

Já o fragmento (cnans.sjb.arq94.0001) apresenta porção de bordo e bojo com asa junto ao arranque do ombro. Exteriormente possui um vidro plúmbeo verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e, beringela colorida a manganésio. Nas proximidades do

⁸⁶ Fundador do mais antigo museu europeu Ashmolean Museum de Oxford, morto em 1627. (Desroches, 1998, p. 238)

ombro tem decoração composta por pássaros cujas asas esvoaçam, assim como, correm quimeras (*qilin*)⁸⁷ com corpo felino coberto de escamas, patas de veado e crinas abundantes em relevo, realçados a esmalte amarelo e cor de malva. Do mesmo modo, em plena parede da peça, podemos observar motivos florais, constituídos por vestígios de uma longa folha com nervuras em relevo, avivadas a esmalte amarelo brotando, muito possivelmente, de uma peónia em flor.

Por outro lado, os fragmentos de potes (sjb sr.02, sjb 18.11.03, sjb 24.10, sjb 34.03, sjb 132.02.01, sjb 96/97, sjb 18.11.07, sjb 18.11.05 e sjb 18.11.06), apresentam porção de parede e, apesar de não conservarem o vidro que os revestia originalmente, alguns deles exibem vestígios de decoração composta por motivos florais, sendo os mais frequentes as pétalas de uma peónia, em relevo, com cabeça de ruyi ao centro.

A superfície externa dos fragmentos de potes (sjb sr.01, sjb 04654.02.0003, sjb 18.11.10, sjb 18.11.11, sjb 172.05, sjb 171.08, sjb 159.01.02, sjb 159.01.01, sjb 135.03.03, sjb 148.05, sjb 107.04, sjb 101.02, sjb 04654.02.0002 e sjb 174.01.01), contêm vestígios de um vidro de cor verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e beringela colorido a magnésio. Ostentam decoração composta por motivos florais, onde uma longa folha com nervuras em relevo é evidenciada através de esmalte amarelo.

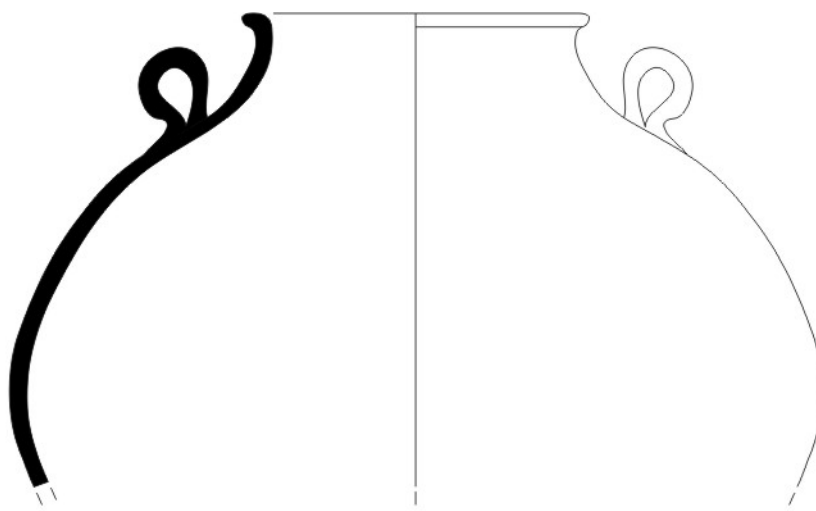
Outros exemplares, desta tipologia de potes, contendo porção de parede e fundo (sjb 195.01, sjb 04673.01.0391, sjb 04673.01.0393), mostram a base decorada por série de painéis de lotús em relevo, realçados a esmalte amarelo. Apresentam um círculo inciso delimitando a principal zona de ornamentação formada, neste caso em particular, por vestígios de motivos zoomórficos – cabeça, pescoço e parte do corpo de uma ave – em relevo realçados a esmalte amarelo.

Estas produções são frequentemente associadas a contextos de naufrágios datáveis de finais do século XVI e inícios do século XVII. Inúmeros exemplares deste tipo foram recuperados de um navio do século XVI naufragado nas Filipinas e escavado por Frank Goddio (Goddio, 1988, p. 107), na *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 258-259) e no *San Diego* (Dupoizat, 1994, p. 244-245).

⁸⁷ A quimera ou *qilin*, é um animal benévolo, símbolo e mensageiro de votos de uma vida longa. (Desroches, 1998, p. 238).

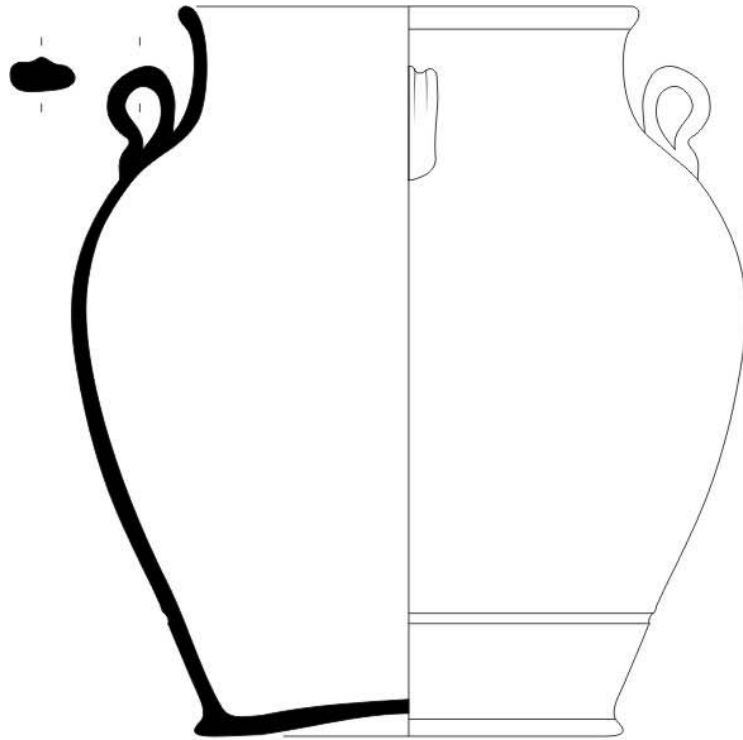
A grande maioria dos potes em grés da *Nossa Senhora dos Mártires* apresenta uma gramática decorativa incisa, composta por motivos geométricos ou motivos florais, em relevo, e, também, a combinação de ambos. Os que mais se evidenciam são os que possuem decoração composta por motivos zoomórficos, em particular, quimeras em relevo. De um modo geral, as imagens de quimeras irradiam do corpo destas jarras, envolvendo-as em movimentos serpenteantes intensos, que se elevam em direção ao bordo, salientando o seu largo semblante.

Uma perfeita combinação dos referidos elementos decorativos são reveladores da capacidade criadora dos artesãos ceramistas orientais, eternizando um universo de peças cujo aperfeiçoamento se preservaria hermético ao predomínio do gosto ocidental, conservando as suas antiquíssimas manifestações de arte.



0  10 cm

cnans.sjb.arq.94.0001



0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0084

Figura 29 e 30: Fragmentos contendo porção de bordo, parede, fundo e asa completa de um pote pertencente ao grupo II do tipo *tradescant*.

Grupo III – Outras produções chinesas

Como foi já referido, as jarras em grés constituíam a forma de acondicionamento apropriado para o transporte de mercadorias delicadas e preciosas. Desde o século VIII, estas peças de produção chinesa exportadas por via marítima, eram colocadas umas em cima das outras de modo a garantir um melhor aproveitamento do espaço a bordo das embarcações. Estas jarras são igualmente indispensáveis para o processo de maceração ou de fermentação de numerosos condimentos, sobretudo, à base de soja mas também de pimentos, gengibre e ostras, que continuam a ser produzidos mediante os métodos tradicionais de fabrico na China e em outras regiões do Sudeste Asiático, onde os produtos de conserva de peixe têm uma importância extraordinária.

A partir de um estudo comparativo das formas, pastas e tratamento das superfícies foi possível identificar alguns exemplares definidos como jarras chinesas, não se conhecendo com exactidão qual a região das oficinas dedicadas ao seu fabrico. Do ponto de vista decorativo, aparentemente, são peças que demonstram uma menor preocupação estética, apesar da sua funcionalidade ir ao encontro das tipologias já descritas, tendo também como função o acondicionamento de víveres durante a viagem a bordo das embarcações. Entre inúmeros exemplares destas produções temos cerca de cinco peças que se encontram mais bem preservadas e outros que se encontram bastante fragmentados, cerca de 43 exemplares⁸⁸, que contêm porção de bordos, paredes, bases e asas.

Entre os cinco exemplares mais bem conservados, o recipiente cnans.sjb.96/98.0087, apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, lábio de secção semicircular enrolado à volta do gargalo e assenta numa base ligeiramente côncava e circular. Atinge o seu diâmetro máximo (34 cm) sensivelmente a meia altura. O diâmetro do bordo varia entre 11,2 cm e 15,5 cm, as paredes variam entre os 0,5 cm e 1 cm, as asas terão aproximadamente 1 cm de espessura e o diâmetro da base estará entre os 11 cm e os 13,5 cm. O ombro ajusta-se numa abertura bastante estreita acompanhando

⁸⁸ Peças n.ºs sjb 1012.0, sjb 1018.0, sjb 04.01.01, sjb 18.12.03, sjb 18.12.07, sjb 18.12.18, sjb 139.03.01, sjb 18.12.11, sjb 119.03, sjb 33.03, sjb 18.12.04, sjb 24.02, sjb 34.02, sjb 18.12.02, sjb 18.12.14, sjb 18.12.05, sjb 129.06, sjb 23.04, sjb 18.12.19, sjb 18.12.10, sjb 21.05, sjb 18.12.17, sjb 34.02.01, sjb 18.12.13, sjb 20.03.01, sjb 192.03.03, sjb 187.03.05, sjb 139.05, sjb 139.02, sjb 04.01.06, sjb 04.01.04, sjb 04.01.05, sjb 24.03, sjb 18.12.01, sjb 18.12.16, sjb 18.12.16, sjb 18.12.06, sjb 18.12.09, sjb 04.01.08, sjb 192.02.01, sjb 171.11 sjb 04.01.12, sjb 182.04, sjb 04.01.09.

o mesmo movimento de simetria. Em torno do bordo surgem arranques de pequenas asas colocadas no sentido horizontal. A pasta é de tonalidade bege (10YR 6/3), bem depurada, compacta e homogénea com elementos não plásticos, que variam entre o grão fino e médio. Ambas as superfícies, interna e externa, apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

A jarra cnans.sjb.96/98.0089 encontra-se completa apresentando bordo extrovertido, demarcado exteriormente, lábio de secção semicircular enrolado à volta do gargalo e, assenta numa base ligeiramente côncava e circular. Atinge o seu diâmetro máximo (35 cm) sensivelmente a meia altura. O diâmetro do bordo é de 15,5 cm, a espessura das paredes varia 0,5 cm e 1 cm e o diâmetro da base 11 cm O ombro ajusta-se numa abertura bastante estreita acompanhando o mesmo movimento de simetria. Em torno do bordo surgem quatro pequenas asas colocadas no sentido horizontal. Oferece pasta de tonalidade bege (10YR 6/3), bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio. Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

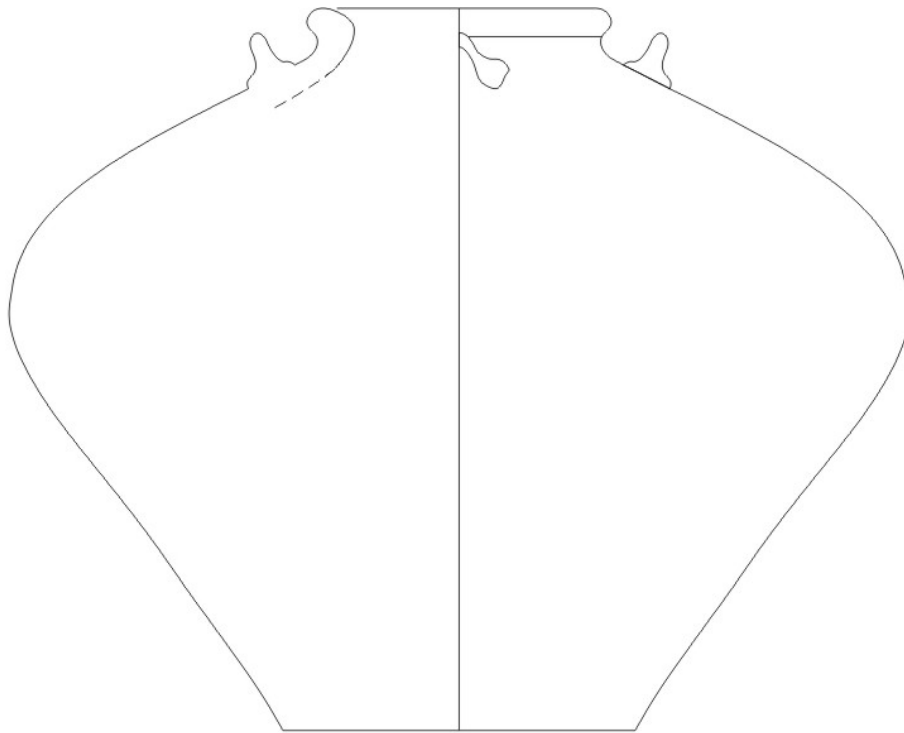
O exemplar SJB 0088, recipiente que mostra as marcas de torneamento visíveis na face interior, encontra-se igualmente completo, presentemente com zonas lacunares preenchidas e reintegradas cromaticamente. Assenta numa base ligeiramente côncava e circular e possui diâmetro máximo a meia altura. Oferece bordo enrolado, extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular. Em torno da boca exhibe quatro asas, sendo que em duas delas podemos observar apenas os arranques. Pasta de tonalidade bege (2.5Y 7/3), bem depurada, compacta e homogénea com elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso. Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 6/3) sobre grés. É ainda de referir que são perceptíveis elementos estranhos ao material de origem, nomeadamente concreções.

O exemplar SJB 04.01.08 contém fundo completo e porção de parede. Apresenta uma base ligeiramente côncava e circular e, marcas de torneamento visíveis na sua superfície interna. O diâmetro da base é de 13,5 cm, a espessura médias das paredes varia entre 0,5 cm e 1 cm e mede de altura aproximadamente 19 cm. A pasta é de tonalidade bege (2.5Y 7/2), bem depurada, compacta e homogénea, com elementos não plásticos que

variam entre o grão fino, médio e grosso. Ambas as superfícies exibem a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

O pote SJB 125 encontra-se fragmentado contendo porção de parede e fundo circular ligeiramente côncavo. A pasta é de tonalidade rosada (7.5YR 7/3), bem depurada, compacta e homogênea, com elementos não plásticos de grão fino. O diâmetro da base é de 12,5 cm, a espessura média do fundo varia entre 0,8 e 1,3 cm e a das paredes é de 0,8 cm. Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (7.5YR 4/2).

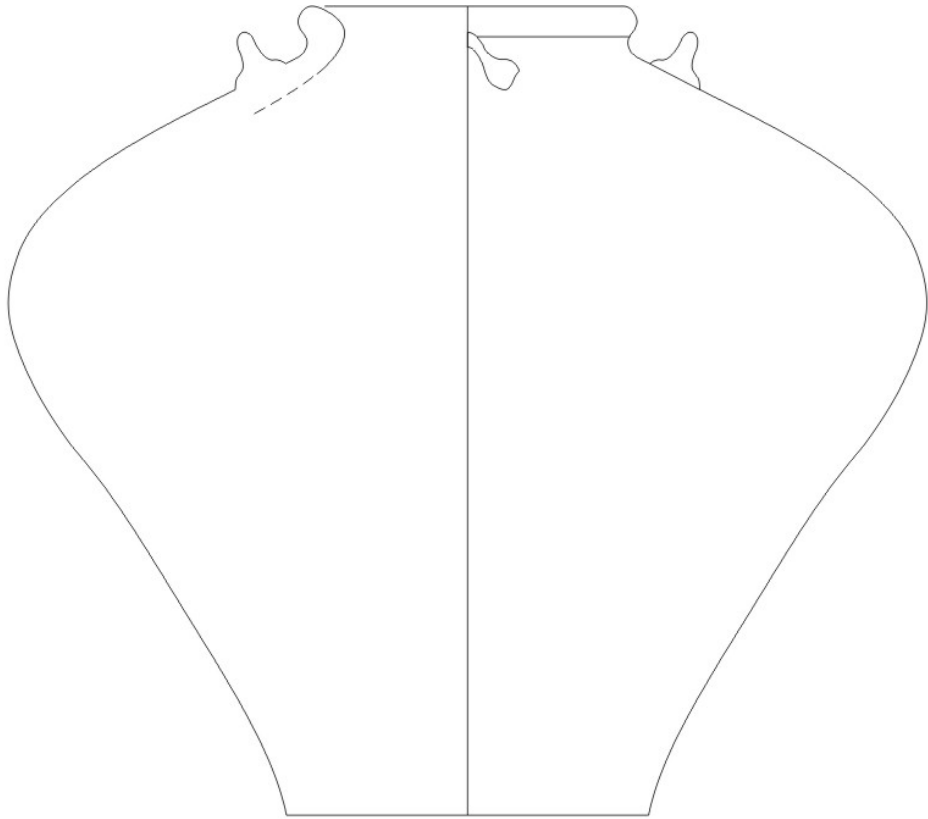
Foram descobertos e recuperados vários exemplares deste tipo no galeão *Nossa Senhora da Conceição* (desaparecida em 1638), no *San Diego* (Dupoizat, 1994, p. 249), no *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 223-224) e, alguns fragmentos recuperados da carga transportada a bordo da *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 258-259).



0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0087

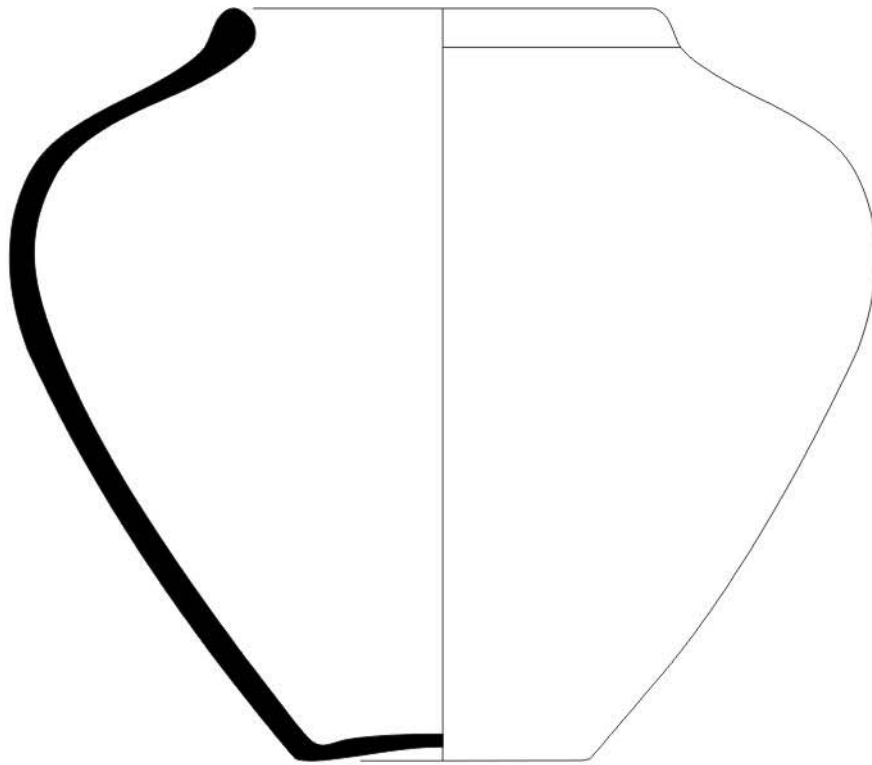
Figuras 31 a 33: Exemplos de potes pertencentes ao Grupo III – Outras produções chinesas.



0  10 cm

sjb.0088

86



0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0089

Grupo IV – Potes Tailandeses (Tai stoneware jars)

Foi também um pote (cnans.sjb.96/98.0086), posteriormente, reconstituído a partir da junção de vários fragmentos, de forma corpulenta, que assentaria em base firme, estável e apresenta corpo dilatado com ombro de feição arredondado. Este exemplar com pasta de tonalidade bege (10YR 6/3), foi revestido de um vidrado feldspático, possivelmente obtido através de fibras vegetais. Este pote em particular oferece um símbolo inciso, como que de uma marca pessoal se tratasse servindo provavelmente para indicar a propriedade do conteúdo (Desroches, 1998, p. 240).

Existe um exemplar idêntico a este na carga do naufrágio do *Avonster*, navio da VOC, que naufragou a 2 de Julho de 1659, no porto de Galle, Sri Lanka. Navio inglês, capturado e modificado pelos holandeses. Estando a embarcação fundeada nas imediações de Black Fort, soltou-se a âncora e despenhando-se contra a costa. Foram recuperados apenas alguns fragmentos de porcelana, indicio se poder tratar de pertences pessoais uma vez que se tratavam de peças individuais do quotidiano. Foi igualmente recolhido uma peça idêntica à peça em estudo, classificada como tendo sido fabricada nas oficinas em Maenam Noi, Bang Rachan, região de Singburi, província da Tailândia. Em intervenções arqueológicas realizadas em Kota Batu, em Brunei, foram recuperadas mais de 60% fragmentos deste tipo de jarras e são vulgarmente encontradas em contextos de naufrágios no Sudeste Asiático (Parthesius; Millar; Jeffery, 2005, p. 216-237).



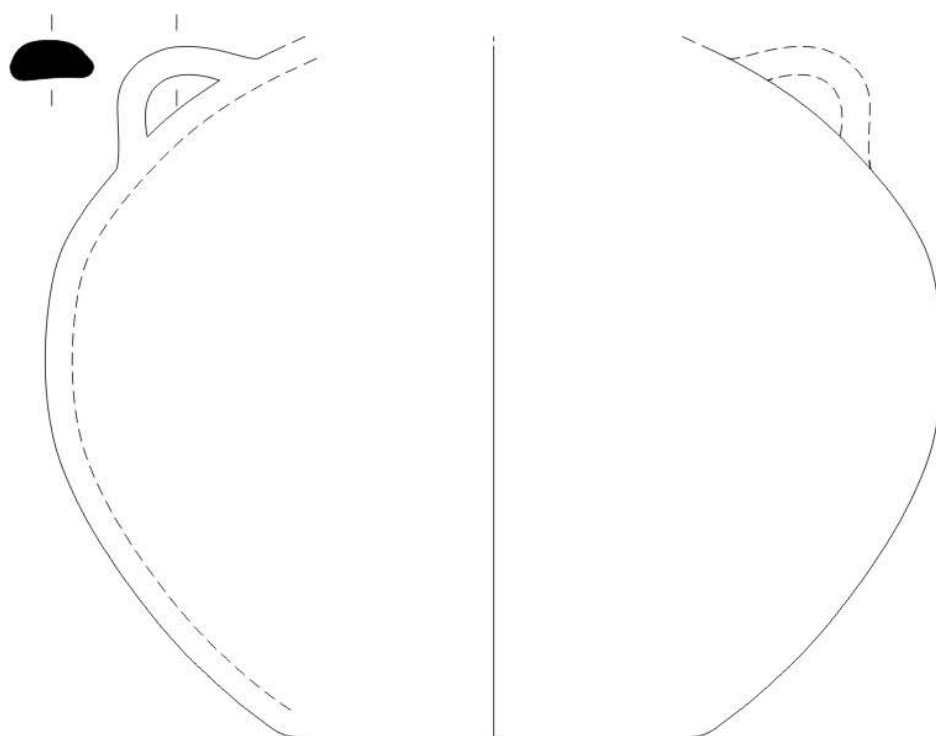
Figura 34: Exemplar de um pote atribuível ao Grupo IV – produções tailandesas.

Grupo V – Pote do tipo Tsubo

Classificado como pertencente a uma outra tipologia, possuímos um exemplar, posteriormente reconstituído, de um pote do tipo *Tsubo* (Desroches, 1998, p. 239). Considerado como sendo de fabrico japonês, pelo seu formato bojudo, robusto e de paredes espessas deveriam ser recipientes destinados ao mantimento e conserva de víveres. Para tal eram cobertos com um papel húmido, fixo por fibras vegetais – que por vezes entrelaçavam nas asas que compunham o colo destas peças – e vedadas com argila.. A representação de como eram transportadas estas vasilhas é visível na imagem que se segue, retirada de um biombo namban aquando da chegada do navio negro (*kuro fune*) que, anualmente, se deslocava da China para o Japão carregado de mercadorias entre as quais se destacavam sedas, porcelanas, ouro e chumbo. Do Japão viriam avultadas quantidades de cobre, lacas e prata (Pinto, 1986, p. 10, 24).

Assim, o exemplar em questão (cnans.sjb.96/98.0085), pertencente à carga transportada a bordo da *Nossa Senhora dos Mártires*, oferece paredes espessas, contorno resistente e uma asa que se desenvolve na zona do ombro, sensivelmente abaixo do bordo. O diâmetro máximo do bordo da peça em questão é de 31 cm, altura 26,5 cm e o diâmetro da base 16 cm. A pasta em grés de tonalidade cinzenta (10YR 5/1) apresenta-se muito porosa com elementos não plásticos que variam entre o grão médio e grosso. Ambas as superfícies mostram a aplicação de vidrado de tom esverdeado (5Y 5/3)⁸⁹.

⁸⁹ Segundo Jean-Paul Desroches trata-se de um vidrado feldspático elaborado a partir de cinzas vegetais idênticas às do tipo *céladon* (Desroches, 1998, p. 239).



0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0085

Figura 35: Exemplar de um pote atribuível ao Grupo V – *Tsubo*.

III.2. Porcelana Chinesa

« O material da porcelana é uma pedra branca e mole, e alguma é vermelha, que não é tão fina, ou para melhor dizer, é um barro rijo, o qual depois de bem pisado e moído é deitado em tanques de água, os quais eles têm muito bem feitos de pedra de cantaria, e alguns engessados, e são muito limpos.» (Cruz, 1997, p. 150).

Desde o final da Idade Média, as porcelanas foram uma das mercadorias orientais que mais fascinaram a mente das populações europeias. Conhecidas de forma muito vaga, estas louças eram populares sobretudo através de relatos de viajantes, que navegavam pelo mágico mundo do Extremo Oriente e conviviam com as comunidades asiáticas. Usufruídas na sua plenitude e fazendo parte do quotidiano das Cortes Persas e Otomanas, através do contacto estabelecido com os países do Próximo e Médio Oriente, estas peças chegaram ao Ocidente, sendo inicialmente adquiridas por classes sociais economicamente favorecidas (Dias, 1996, p. 17).

A porcelana de decoração azul e branca produzida nas oficinas chinesas, de modo a satisfazer os compradores europeus – inicialmente adquiridas através da Rota da Seda⁹⁰ – tiveram que adaptar a sua técnica de fabrico e gramática decorativa ao gosto ocidental, totalmente abstracto às suas tradicionais produções⁹¹.

As porcelanas chinesas, talvez tenham sido dos mais apreciados objectos exóticos e, não sendo de origem indiana, inicialmente eram adquiridos através das cidades e feitorias do Indostão, posteriormente, chegando a Portugal através do entreposto comercial de Malaca. Vasco da Gama, durante a sua primeira permanência em Calecute, trouxe inúmeros exemplares de porcelana chinesa com os quais presenteou D. Manuel I. Frei Gaspar Correia refere que o soberano local através do seu feitor enviou, entre outros presentes “ [...] huma panela de porcelana [com] cinquenta papos de almíscar, seis bacios de porcelana grandes como grandes gamelas [...] e seis porcelanas couas, que quada huma leuaria dez canadas d’agoa [...]” (Cruz, 1858, p. 100-101). Por sua vez, em

⁹⁰ As relações comerciais estabelecidas entre Veneza, e outras cidades italianas, e os reinos persas e otomanos deverão ter favorecido o surgimento, de porcelanas – assim como de outras mercadorias raras – na Europa. (Desroches, 1992, p. 19-33; Dias, 1996, p. 17-59).

⁹¹ “É de crer que o próprio Marco Pólo – que por certo terá visitado alguma fábrica, quando da sua viagem à China, entre 1271 e 1295 – tenha trazido vários exemplares, um dos quais poderia ser o vaso meiping de que fala um inventário do Tesouro de São Marcos de Veneza, datado do século XIII. Mas a Veneza também tinha feitorias em todos os grandes cais do Mediterrâneo Oriental, sendo o principal entreposto para os bens e produtos de mais – a – Leste o próspero porto de Alexandria.” (Dias, 1996, p. 17).

Lisboa, Vasco da Gama foi recebido no Palácio da Alcáçova, por D. Manuel I e Nicolau Coelho transportou para a Casa da Rainha “ [...] *humra arca, em que vinhão todas as joyas e panos para ElRey [...] Nicolau Coelho abrio a arca, e apresentou no estrado da Rainha os colares e joyas, e panos d’ElRey de Cananor e Melinde, e as cartas nas folhas d’ouro, e o pedaço do ambre, que a Rainha mais estimou, e assi o almisce e bejoim, e porcelanas que se comprarão em Calecut.*” (Correia, 1922, p. 140-141).

D. Manuel I⁹² possuía no seu guarda-roupa “ [...] *quatro porcelanas da Chyna de prata branca forradas de fora de cana tecida [...]*” (Dias, 1996, p. 24). Mais curioso é o testemunho de Gaspar Correia acerca do pedido que Afonso de Albuquerque fez a D. Manuel I, para utilizar no seu navio em ocasiões festivas ou recepções, uma baixela em prata pois a que tinha em porcelana, quebrava-se com grande facilidade, o que atesta a existência deste tipo de peças a bordo das embarcações para a utilização das suas tripulações⁹³.

⁹² “É curioso que na lista se distinguem sempre as origens, sabe-se bem o que é persa, o que é da Índia, o que é da China, ou mesmo o que é de Fez ou da Turquia. O Monarca distribuía muitas peças que recebia como presente ou que ele mesmo encomendava; em 1512, ofereceu doze ao Mosteiro dos Jerónimos e, logo no ano seguinte, deu outro conjunto a sua mulher, a Rainha D. Maria de Castela. A Infanta D. Beatriz, mãe do Rei D. Manuel I, cujo inventário e legados testamentários se conhecem, apesar de ter falecido, no ano de 1507, numa data ainda próxima da abertura da Rota do Cabo, possuía já muitas preciosidades orientais. Na longuíssima lista dos seus bens, anotam-se várias porcelanas que eram guardadas num cofre ou arca flamenga.” (Dias, 1996, p. 24-25).

⁹³ “Durante o período em que João de Sá foi Tesoureiro das Especiarias da Casa da Índia de Lisboa, entre Fevereiro de 1511 e Abril de 1514, recebeu nos armazéns reais 692 peças de porcelana entre muitos outros produtos exóticos e milhares de pedras preciosas e semipreciosas. Porém, (...) as porcelanas, (...) e muitos outros produtos não estavam sujeitos ao monopólio régio, os particulares podiam trazê-los sem que estes ficassem registados, o que dificulta a documentação destas importações que, no entanto, sabemos por outras fontes, nomeadamente, pelas crónicas coevas, eram frequentes. É esse o sentido da carta que o Barão do Alvito escreveu ao Rei D. Manuel I, a 14 de Junho de 1510, mostrando a necessidade de autorizar que aqueles que partiam para a aventura ultramarina pudessem comerciar tudo o que não fosse monopólio do Estado, produtos entre os quais, explicitamente, se incluem as porcelanas. Vamos também encontrar inúmeras referências a porcelanas chinesas na documentação da Rainha D. Catarina de Áustria, mulher do Rei D. João III e irmã do Imperador Carlos V. Esta Senhora possuiu incontáveis maravilhas orientais, que encomendava expressamente e pelas quais tinha um gosto de verdadeiro colecionador, e também tinha o hábito de as oferecer, quer às damas da Corte quer aos seus familiares que viviam noutras capitais europeias. Foi ela por certo, a primeira europeia de uma família real a ter, por exemplo, mobiliário Ming, cuja chegada a Lisboa está clara em documentação coeva. Pouco depois do seu casamento já recebia cinco taças de porcelana azul e branca com suportes de bronze dourado. A D. Catarina ou a seu marido dever-se-á a oferta de uma bela taça de porcelana Ming do Período Jiajing que se conserva no Museu Cívico de Bolonha, montada numa base de prata, já obra portuguesa, onde se pode ler a inscrição, em latim, com a data de 1554, alusiva à real oferta ao Núncio Papal Pompeo Zambecari que estivera em serviço em Lisboa, de 155º a 1553. Novas referências às porcelanas Ming encontram-se nas descrições das festividades que decorreram, em Lisboa, por ocasião do casamento da Princesa D. Maria com Alexandre Farnésio. (...) fatura das reluzentes porcelanas azuis e brancas. Não havia nobre português que vivesse na Corte ou nas principais cidades ou vilas do Continente que não tivesse porcelanas chinesas na sua residência. Tal ocorreria igualmente com os que viviam nas cidades ou fortificações do Império, conhecendo nós fragmentos de peças Ming encontrados em lugares tão díspares

Pelo seu carácter raro e pelo não conhecimento da constituição das pastas das porcelanas, foram vários os que teorizaram acerca do assunto⁹⁴.

Em Itália⁹⁵, país possuidor de uma tradição de ilustres ceramistas e de uma esplêndida indústria cerâmica, desde muito cedo se iniciaram as tentativas para a produção de porcelana apesar de fracassadas pela falta de um elemento fundamental, o caulino, sem o qual era impossível conceber o seu fabrico. Segundo Pedro Dias, terá sido em Faenza, e seguidamente em Florença, que a produção destas peças – concebidas pela primeira vez fora do continente asiático (China) – terá sido bem sucedida⁹⁶.

No âmbito destas tentativas, a “porcelana dos Médicis”⁹⁷ é a que se encontra mais bem documentada. Em 1575, mercê do testemunho de um ceramista levantino, os grão-duques da Toscana, Cosimo e Francesco Médicis, teriam descoberto o método para obter as pastas com as mesmas características das porcelanas (Benini, 1989, p. 68).

Em Portugal, só em meados do século XVI (1556), quando Frei Gaspar da Cruz visitou Cantão chegaram informações concretas acerca da composição das porcelanas, assim como, do seu método e técnica de concepção. Conseguiu identificar claramente o caulino e os dois tipos que daí resultavam, uma porcelana de feição fina e outra mais grosseira, advertindo que os melhores exemplares destinaram-se-iam aos insignes

como o Recife e Alcácer-Ceguer. Como em outros tempos foi prata o indicador de prosperidade e bem-estar, houve momentos em que essa simbologia se transferiu para as porcelanas, cujo uso era advogado pelas mais diversas razões. ”, (Dias, 1996, p. 25-26).

⁹⁴ Por exemplo Duarte Barbosa – navegador e naturalista que faleceu em 1521 durante a viagem de circunavegação iniciada por Fernão de Magalhães – que referia no seu *Livro* que a porcelana era fabricada a partir de “[...] búzios moídos, de casca de ovos e claras, e outros materiais, de que se faz uma massa que lançam debaixo da terra por espaço de tempo.”. Pedro Dias, considera que esta ideia seja ainda o resultado da confusão lançada por Marco Pólo – atribuiu o nome de porcelanas a umas conchas que funcionavam como moeda de troca na região de Yun-Nam –, cujo relato Duarte Barbosa conheceria, pois, foi editada em 1502 por Valentim Fernandes, uma tradução em português. (Dias, 1996, p. 21; Sousa, 1996-2000, p. 178).

⁹⁵ Durante o século XVI, os príncipes italianos para além de entusiastas e colecionadores das porcelanas Ming, difundidas em Itália por via marítima, estimularam pesquisas com o intuito de alcançarem uma pasta com as mesmas particularidades da oriental.

⁹⁶ Em Florença um “ (...) conhecido alquimista de nome António, por volta de 1470, conseguiu fabricar uma cerâmica policroma muito parecida com a verdadeira porcelana chinesa do período da Dinastia Ming. Esta ficou conhecida por porcelana medicea, e há no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa um extraordinário conjunto de uma lavanda e um gomil que pertenceu às coleções de D. Fernando de Saxe-Coburgo. Sabemos ainda que, em 1504, o Duque de Ferrara adquiriu, em Veneza, sete escudelas de porcelana de imitação, e que, dezasseis anos depois, nessa mesma cidade, Leonardo Peniger, fabricante de espelhos, pediu autorização à Signoria para fazer «porcelana» igual à oriental.” (Dias, 1996, p. 21-22).

⁹⁷ As pastas que fabricavam eram obtidas através da composição de proporções de doze partes de um material vidrado (inclui areia branca e um preparado de cristal de rocha), três partes de caulino branco de Vicenza, chumbo e estanho para obtenção do revestimento branco. Para a cozedura dos exemplares os Médicis terão recorrido à obra de Flamino Fontana de Urbino (Benini, 1989, p. 67-69).

representantes do Império⁹⁸. A par desta, uma outra publicação elaborada em meados do século XVIII – *Lettres Edifiantes et Curieuses* – da autoria do Padre Entrecolles, descreve pormenorizadamente a actividade das fábricas de porcelana.

A porcelana⁹⁹ é um material cerâmico vitrificado, impermeável, duro, translúcido e preparado com argilas muito finas. Neste tipo de produções eram utilizadas pastas pouco plásticas, de cozedura branca que vitrificavam a elevadas temperaturas, mais precisamente entre 1500°C a 1700°C. Este tipo de pasta – refractária ao calor e que, depois de cozida, mantém a tonalidade branca – tem por base três componentes fundamentais: caulino, feldspato e quartzo.

Para o fabrico de peças de porcelana eram necessários dois constituintes fundamentais, o *pétuntsé* (feldspato e quartzo) e o *kaoling* (argila branca muito pura, fria e maleável).

O termo *petuntse*, derivado de *pai* (branco) *tun* (tijolos) *tzu* (pedra), designa um tipo de pedra muito específica, proveniente do granito, extraída de jazigos situados junto às montanhas de Jingdezhen. Após a sua extracção eram refinadamente peneiradas, lavadas e transportadas para os fornos (Correia, 1997, p. 150).

O caulino, que deriva dos termos *kao* (alto) *ling* (cume), declives das montanhas de onde era extraído. Tratava-se de uma argila especial que funcionava como um elemento não plástico, tornando o *petuntse* mais flexível e facilmente manobrável.

As oficinas deviam ser implantadas junto a jazidas onde abundassem os referidos componentes, água e próximas de grandes florestas onde pudesse ser recolhida a madeira para alimentar os fornos destinados à cozedura das peças.

⁹⁸ “O material da porcelana é uma pedra branca e mole, e alguma é vermelha, que não é tão fina, ou para melhor dizer, é um barro rijo, o qual depois de bem pisado e moído é deitado em tanques de água, os quais eles têm muito bem feitos de pedra de cantaria, e alguns engessados, e são muito limpos. E depois de bem envolto [o barro] na água, da nata que fica de cima fazem as porcelanas muito finas; e assim quanto mais abaixo, tanto são mais grossas, e da borra do barro fazem umas muito grossas e baixas de que se serve a gente pobre da China. Fazem-nas primeiro deste barro, da maneira que os oleiros fazem outra qualquer louça; depois de feitas as enxugam ao sol. Depois de enxutas lhe [s] põem a pintura que querem de trinta anil, que é tão fina como se vê. Depois de enxutas estas pinturas, põem-lhe o vidro, e vidradas cozem-nas. As principais ruas dos mercadores são as ruas mais principais, que têm cobertos de uma banda e da outra. É todavia o principal lugar de venda da porcelana nas portas das cidades, e todo o mercador tem à sua porta uma tábua em que tem escrito tudo o que na sua loja se vende. (...) Assim como são mui grossas as fazendas da China e muitas, assim são as rendas mui grossas que el-rei da China tem em todas as partes de seu reino. (...)” (Cruz, 1997, p. 150-151).

⁹⁹ Etimologicamente, o termo porcelana deriva de *porcellus* ou *porcella*, nome de um crustáceo do Mediterrâneo está associado ao brilho e translucidez das peças (Carvalho, 1993: 85; Milly, 1806, p. 21-45).

Nas oficinas, as funções de cada um dos intervenientes eram organizadas de forma complexa e muito dividida, numa extensa cadeia de operações, passando por diversas mãos e etapas até se atingir o produto final. Essa sequência operacional traduzia-se na extracção e preparação das argilas, fabrico das pastas, elaboração das cores, execução do molde, torneamento, aplicação de decoração, vidrado e esmalte.

Antes de entregues ao ceramista e trabalhadas, as argilas eram lavadas e amassadas até se transformarem numa pasta muito uniforme, sem qualquer tipo de nódulos. Uma vez na roda do oleiro, as peças eram moldadas tendo em conta o tipo de formas que se pretendia produzir e colocadas a secar durante pelo menos um dia. Após este tempo de repouso, os recipientes eram novamente colocados na roda para serem torneados e afeiçoados pelo oleiro.

Seguidamente, as peças eram revestidas através da aplicação de vidrado e colocadas nos fornos para cozedura.

Até ao século XIII a utilização do vidrado¹⁰⁰, como técnica decorativa, foi amplamente experimentada. Inicialmente a sua aplicação sobre a pintura dos motes decorativos das porcelanas foi dificultosa, sobretudo, pela necessidade em fundir o corpo da peça com a própria pintura. No século XIV, com a aplicação do azul de cobalto¹⁰¹ abriram-se outras perspectivas na aprendizagem de novas técnicas de fabrico particularmente relacionadas com os tipos de argilas e gramáticas decorativas. Durante os reinados de Zhengde e Jiajing, este óxido era extraído das jazidas junto à região de Kashan, na Pérsia. No entanto, como forma de um maior aproveitamento dos recursos naturais, a partir do reinado Wanli, os ceramistas chineses começaram a recorrer a minérios locais.

A decoração das peças podia ser efectuada em três momentos: antes ou depois da cozedura da pasta, sem o vidrado, ou então, após a sua aplicação.

¹⁰⁰ O vidrado era elaborado através de um processo mais complicado do que a preparação do caulino ou *petuntsé* “(...) pulveriza-se até ficar muito fino; em seguida mistura-se em rigorosa proporção com cinzas de feto, cal e diminuta quantidade de *cha-kao* – líquido pastoso feito dum mineral como o *alúmen*.” (Silva & Hyde, 1956, p. 23).

¹⁰¹ Segundo Maria Antónia Pinto de Matos, a decoração em tons de azul de cobalto vai prevalecer durante três séculos nas porcelanas chinesas. O óxido de cobalto produzido desde o início do século XIV, e com os seus problemas técnicos de concepção resolvidos no início do século XV, o “azul e branco” segue o seu percurso evolutivo até finais do século XVIII. A partir de 1430, o cobalto de importação começou e misturar-se com o cobalto de origem local originando um intenso azul purpúreo (Matos, 1996 p. 25).

Os fornos destinados ao fabrico de porcelana eram construídos em tijolo, possuíam formato elíptico, tinham cerca de 20 metros de altura e 30 metros de comprimento. O chão era repleto de lenha e a entrada era selada com tijolos, permanecendo apenas uma abertura ao nível da base através da qual, e à medida das necessidades, eram adicionados feixes de lenha (Silva & Hyde, 1956, p. 23).

Finalmente, após a cozedura, as loiças eram separadas por categorias, acondicionadas e transportadas para os destinatários locais que as encomendavam ou para as regiões através das quais eram vendidas para o exterior.

Existiam operários específicos para triar e acondicionar as várias categorias de peças que depois eram conduzidas por terra ou então por mar.

Os mercadores chineses transportavam a porcelana através de duas rotas. Uma primeira, que carregava a porcelana até à Corte Imperial sediada em Pequim, ou então, até Guangzhou (Cantão) para serem comercializadas aos mercadores estrangeiros. Nesta, o caminho para Guangzhou era primeiramente trilhado por barco até à capital de Jiangxi, a cidade de Nanquim, seguidamente, os trabalhadores chineses transportavam as remessas de porcelanas de Malindi para Namyang e deste local, eram novamente transportadas em embarcações que passavam o rio Beizhen até Guangzhou. Outro percurso consistia em passar através do rio Yangzijiang até Nanjing e daqui até ao porto de Hangzhou, onde as remessas de peças eram acondicionadas nos juncos chineses que rumavam até Xiamen (Amoy) ou até Guangzhou (Cantão).

As origens da porcelana chinesa remontam à antiguidade. Durante a Dinastia Tang (618-987), as produções de peças de porcelana chinesa tiveram o seu início, centrando-se os núcleos produtores mais importantes nas oficinas de Hupeh e Hsing Chou. A partir de então, as produções de porcelana evoluíram gradualmente, quer na pureza das suas pastas, predominantemente caulinas, como no seu formato e até mesmo nas suas dimensões (Matos, 1996, p. 23).

Com a Dinastia Song (960-1279), as artes cerâmicas conheceram um grande incremento sobretudo ao nível da decoração e da técnica de fabrico, que se traduziu em peças de feição simples, decoração incisa e moldada, coberta por um vidrado brilhante

(Matos, 1996, p. 19-22). Eram inúmeros os fornos em funcionamento – Huangbaozen e Longquan – quando as produções de *celadons* atingem o seu auge¹⁰².

Durante o século XIII, com a comunidade mongol (Yuan), detentora do poder sobre a região norte da China, o governo chinês do sul incrementou o comércio com comerciantes estrangeiros de modo a financiar a defesa do território contra a investida dos adversários do norte. Tanto Guanzhou (Cantão) como Guangzhou (Chu'na-chou) transformaram-se em autênticas cidades mercantis onde o volume das trocas comerciais era conduzido pelos negociantes árabes e persas. Nestes intercâmbios, artigos como objectos de marfim, metal e substâncias aromáticas tinham como contrapartida produtos chineses, entre os quais se evidencia a seda, cerâmicas e porcelanas. Posteriormente, estas linhas de comércio foram seguidas pelos mongóis quando conquistaram a região sul do território chinês. Com a dinastia dos Yuan (1279-1368), intensificaram-se os contactos comerciais por via terrestre e marítima com o exterior Ocidental, sobretudo, com a Pérsia e com o mundo islâmico. Esta intensa actividade comercial originou uma maior produtividade cerâmica implicando, assim, uma reorganização das oficinas produtoras e, em particular, de Jingdezhen (Matos, 1996, p. 22-23). Estas oficinas eram propriedade de empresários particulares que financiavam a industrialização do fabrico de porcelanas. Acerca das oficinas de Jingdezhen, situadas na prefeitura de Jaozhou, na província de Jiangxi, conhece-se muito pouco. Só muito recentemente as equipas de arqueólogos têm procedido a investigações nesta região. As produções destas oficinas dominaram o mercado de exportação de cerâmica chinesa, pois, perante a pressão das encomendas das comunidades locais e estrangeiras e até mesmo da Corte Imperial, a porcelana azul e branca foi amplamente difundida, desenvolvida e utilizada durante a dinastia Ming.

Devido à instabilidade política que se fez sentir durante os anos 1457-1464, as oficinas produtoras estiveram temporariamente desactivadas. Em 1465, e até inícios do século XVI, apesar de algumas oficinas do sul da China continuarem a subsidiar o abastecimento dos mercados do Sudeste Asiático através de peças de menor qualidade, a produtividade reduziu drasticamente originando uma redução das encomendas por parte das comunidades estrangeiras.

¹⁰² Existem diversas escolas de porcelana onde, para a execução de porcelanas “verde e branca” se destacavam os fornos de Dingzhou, Yaizhou, Linru, Ruzhou, Longquan, Ge, Junzhou, Jingdezhen; para a porcelana “negra” as oficinas de Jian e Jizhou e para a porcelana “verde e branca” os fornos de Hutian e Xianghou. Como fornos oficiais, pertencentes às cortes imperiais, denominados Guan existiam: Bianliang, Hangzhou, Xiuneisi, Jioatan de Hangzhou e Jingdezhen. (Castro, 1987, p. 151).

A partir do século XVI, as oficinas de Jingdezhen e algumas das de Jaozhou foram as grandes responsáveis pelas avultadas quantidades de cerâmica exportada para aquisição das comunidades regionais e estrangeiras. O clima de tensão e guerras instaurado em 1675, causou a destruição de Jingdezhen e com a sua reconstrução, teve lugar uma reorganização estrutural das oficinas.

Esta reestruturação determinou a divisão da produção em dois níveis distintos. Por um lado, um nível vocacionado para as oficinas imperiais administradas por um superintendente nomeado pelo próprio Imperador onde eram fabricadas única e exclusivamente peças para o palácio imperial. Por outro lado, encontravam-se as restantes oficinas que se dedicavam à execução de porcelanas para os mercados estrangeiros e regionais, e onde as encomendas exteriores tinham prioridade sobre os pedidos locais.

As oficinas de Jingdezhen reuniam as condições necessárias para o sucesso das suas produções: a sua região de implantação possuía a argila refractária para a cozedura das peças, desfrutava da quantidade necessária de lenha para alimentar os fornos e, finalmente, primava pelas suas marés calmas, fundamentais para o transporte de artigos tão delicados como a porcelana. Para além da mão-de-obra especializada ser numerosa, a própria posição estratégica da cidade junto ao montes Gaoling – de onde se extraía o caulino – e nas imediações das florestas que lhe forneciam o combustível para alimentar os fornos, dos seus laboratórios de cerâmica, conferiam-lhe o epíteto de metrópole das artes cerâmicas¹⁰³.

O período de vigência da dinastia Ming (1368-1644) foi uma época de alterações significativas, fundamentais na história da cerâmica, tanto na China como no resto do mundo. Neste período, as manifestações de arte cerâmica no Império do Meio caracterizaram-se pela procura de um novo gosto, tentativa de concepção distinta das produções executadas até então, recorrendo para isso à realização de diferentes formas, seguindo novas tendências tanto no gosto pela cor, como em modernos motes decorativos (Matos, 1995, p. 107-109). Com os Ming, intensificaram-se os contactos comerciais, tornando-se cada vez mais regulares entre a civilização chinesa e as comunidades ocidentais, em particular com Portugal. Esta dinâmica resultou numa cada vez maior procura destas loiças por parte de clientes ocidentais e, com a passagem da capital de

¹⁰³ O imperador Jianwen (1399-1402), em 1402, decretou que na cidade de Jingdezhen se implementassem fornos destinados à produção de cerâmica imperial que decoravam as mesas da corte e as que eram utilizadas para práticas cerimoniais e rituais (Matos, 1996, p. 24-28).

Pequim para Nanquim, saíram das oficinas de Jingdezhen peças de porcelana em massa inundando os mercados europeus. Ao longo das primeiras décadas do século XV, os Ming foram os grandes impulsionadores de uma rede de viagens que, percorrendo por mar as regiões de Nanquim até Malindi, constituíam o ponto culminante da expansão desta dinastia.

Com o Império Ming, intensificaram-se os contactos comerciais entre a China e as civilizações ocidentais, em particular com Portugal, tornando-se estes cada vez mais regulares. Este engrandecimento comercial resulta numa cada vez maior procura por parte da rede de clientes ocidentais¹⁰⁴ e, com a passagem da capital de Pequim para Nanquim (província de Jiangsu), começaram a sair das oficinas de Jingdezhen peças de porcelana¹⁰⁵ em massa, inundando os ambiciosos mercados ocidentais.

Os Ming, ao longo das primeiras décadas do século XV, foram os grandes impulsionadores de uma rede de viagens que, ao percorrerem por mar as regiões de Nanquim até Malindi, conquistaram o ponto culminante da expansão da dinastia. Parece então que a soberania naval chinesa, entre os séculos X e XV, assentou numa rede comercial que incluiu o Pacífico Oriental e o Oceano Índico, facto comprovado pelos inúmeros destroços de navios recentemente escavados na Coreia do Norte e do Sul, Sul da China, Filipinas, Ilhas Maurícias, África do Sul, Ilha de Santa Helena, Gabão, Portugal e na Irlanda¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Datada da segunda metade do século XII – 1174, ano em que Saladino ofereceu cerca de 40 peças ao reconquistador da Síria – esta será a mais antiga referência conhecida na Europa, relativamente à presença de exemplares de porcelana chinesa; também Luís, o Grande da Hungria, em meados do século XIV, era detentor de uma jarra *Gaignières*, oferecida por Carlos III de Durazo; também em 1363 – inventários do Duque da Normandia – e, em 1416, – inventários de Jean du Berry são mencionadas porcelanas que, no século XV, estão também referenciadas em corte italianas, como na de Lorenzo Medici; já o sultão Abdul Hamed (Egipto) ofereceu a Pasquale Melipiero (*Doge veneziano*) cerca de 20 grandes vasos de porcelana (Dias, 1996, p. 20; Sapage, 1993, p. 40)

¹⁰⁵ “ (...) azuis e brancas, a par das totalmente brancas e, embora menos, outras com brilhantes cores: vermelho, amarelo, turquesa, etc. Era em certas fábricas que o Palácio Imperial encomendava as peças mais raras, para o Imperador e para a Corte, sob a directa fiscalização de funcionários, para aí deslocados. Era daqui, pela ribeira de Ch’ang, pelo lago Boyang e pelo rio Yangzi que a produção atingia Naquim, Cantão e os outros portos do Mar da China, enquanto, pelo Grande Canal, ia até Tianjin e Pequim. A China produzia, nesse tempo, centenas de milhares de peças por ano, das quais, só para o Palácio Imperial iam cerca de cem mil. É o momento do estabelecimento português em Macau, em 1554, porta que mais ainda abriu a cerâmica da China aos mercados índicos e atlânticos. E se já nos séculos anteriores artífices chineses tinham adaptado formas e iconografia aos gostos dos seus clientes persas e otomanos, agora vão fazer o mesmo relativamente aos compradores portugueses, primeiro, e holandeses, ingleses e outros, depois.” (Matos, 1993, p. 40).

¹⁰⁶ Navios naufragados com cerâmicas chinesas: Coreia do Sul (Costa de Sinan, descoberta de um junco com 6000 cerâmicas, escavações em 1976-1977); Coreia do Norte (Longjiang, descoberta de um leme, c. 1430, escavações em 1957); Sul da China (Quanzhou, descoberta de um junco da época dos Song (960-

As porcelanas adquiridas pelos comerciantes portugueses eram negociadas em Lisboa com os mercadores holandeses, trilhando daí a senda para o mercado de Amsterdão, por sua vez revendidas para toda a Europa. Em 1594, com o encerramento oficial do porto de Lisboa aos Holandeses e a completa interdição da entrada dos seus navios, estes foram forçados a encontrar uma solução, lançando-se nos comércios do Oriente.

Em 1602, com a criação da VOC¹⁰⁷, a par de outros produtos, a porcelana torna-se uma mercadoria de valor inestimável que a utilizará como moeda de troca não apenas na Europa, mas também na Ásia, Médio Oriente e Japão. Ultrapassando os Portugueses, os Holandeses transformam-se nos grandes fornecedores de porcelana chinesa. Na verdade, a Companhia Holandesa das Índias Orientais foi a maior fornecedora de porcelana à Europa, por exemplo, entre 1724 e 1794, importou cerca de 43 milhões de peças (Valença, 1987, p. 22).

Já a Espanha não tinha acesso à China pelo tratado estabelecido com Portugal, instalando feitoria no Arquipélago das Filipinas. Após esforços afastados pelos

1278), escavações em 1962); Filipinas (Breaker, descoberta de um junco com 3000 peças de cerâmica, c. 1100, escavações em 1991; Investigador, descoberta de um junco com 1000 peças de cerâmica, c. 1290, escavações em 1990; Pandanan, descoberta de um junco com 3000 peças de cerâmica, c. 1425, escavações em 1996; Lena, descoberta de um junco com 5000 peças de cerâmica, c. 1500, escavações em 1997 e, finalmente, ilha da Fortuna, descoberta no *San Diego* com 2000 peças de cerâmica, 14 de Dezembro de 1600, escavações em 1992-1993); Ilhas Maurícias (Costa Noroeste, descoberta do *Banda* com um pequeno lote de cerâmicas, 6 de Março de 1615, escavações em 1979); África do Sul (Porto Edward, descoberta do *São João* com um pequeno lote de fragmentos, 7 de Julho de 1552, escavações em 1984; Foz do rio Msikaba, descoberta do *São Bento* com um pequeno lote de fragmentos, 1554, escavações em 1982; Sunrise-on-Sea, descoberta do *Santo Alberto* com um pequeno lote de fragmentos, 17 de Julho de 1593; Foz do rio Quko, descoberta do *Santo Espírito* com um pequeno lote de fragmentos, 1608; Cannon Rocks, descoberta do *São João Baptista* com um pequeno lote de fragmentos, 22 de Setembro de 1622; Plettenberg Bay, descoberta do *São Gonçalo* com um pequeno lote de fragmentos, 1630, escavações em 1979 e Schoenmarkeshop, descoberta do *Santíssimo Sacramento* com um pequeno lote de fragmentos, 1647); Ilha de Santa Helena (Jamestown Bay, descoberta do *Witte Leeuw* com um milhar de peças de cerâmica, 22 de Setembro de 1613, escavações em 1976); Gabão (Cabo Lopes, descoberta do *Mauritius* com 215 peças de cerâmica, 19 de Março de 1609, escavações em 1986); Portugal (São Julião da Barra, Lisboa, descoberta da *Nossa Senhora dos Mártires* com um pequeno lote de fragmentos e pratos, 15 de Setembro de 1606, escavações 1996-1997) e, para finalizar, Irlanda (Mar da Irlanda, descoberta do *Trinidad Valencera* com uma cerâmica, Verão de 1588, escavações em 1979) (Desroches, 1998, p. 229-251).

¹⁰⁷ Companhia privada formada por neerlandeses, em 1602, com o nome formal de Companhia Unida das Índias Orientais, ou "*Vereenigde Oost-Indische Compagnie*" (VOC), com o objectivo de tentar excluir os adversários europeus daquela importante rota comercial. Abrangia o actual território da Indonésia. Após algumas viagens de exploração ainda no século XVI, mercadores holandeses armados capturaram, em 1605, o forte português de Amboyna ou Ambon (nas Molucas); em 1619, invadiram Jakarta, que renomearam Batávia e transformaram em sua metrópole e, em 1682, tomaram Bantam, o último porto importante ainda em mãos dos nativos. A partir de então, a colónia das Índias Orientais Holandesas" (actual Indonésia) passou a ser administrada pela VOC, até à sua extinção em 1799. Concentrando o seu monopólio nas especiarias, os holandeses encorajaram a monocultura: Cravinho em Amboyna; Sândalo em Timor e a noz-moscada na ilha de Banda.

Portugueses, em 1594, por édito do Rei Filipe II, foi interdito toda e qualquer negociação com o Império do Meio – este estava circunscrito a sedas, brocados e alguns outros produtos que os juncos chineses conduziam até às Filipinas, excluindo na totalidade as porcelanas¹⁰⁸.

Algumas décadas mais tarde, em 1708, é a vez dos ingleses criarem a sua Companhia das Índias Orientais, com sede em Londres e com a sua primeira feitoria em Cantão. Com maior ou menor sucesso, em prol do mercantilismo e da paixão desenfreada pelas “*Chinoiseries*”, seguem-se as Companhia das Índias Orientais criadas por Franceses, Dinamarqueses, Alemães, Suecos e Austríacos (Valença, 1987, p. 22).

À excepção das peças de exportação no âmbito das encomendas exclusivamente portuguesas, e as que eram produzidas para a Corte Imperial, praticamente não existia qualquer diferença evidente entre os exemplares de exportação e os manufacturados para o mercado chinês. O interesse por adquirir este tipo de peças intensifica-se com o aumento das trocas comerciais marítimas entre o Ocidente e o Oriente, tornando-se Lisboa a cidade europeia mais bem apetrechada da em mercadorias raras.

A grande maioria das peças de porcelana de encomenda, destinada à exportação, era fabricada na metrópole da cerâmica, a cidade de Jingdezhen, fundada pelo imperador Jingde (Lombart, 1971; Castro, 1987, p. 151). Situada nas imediações da região norte de Cantão, junto ao rio amarelo, o transporte das remessas de porcelana era feito por via marítima. Possuindo a porcelana um peso considerável – cerca de três vezes mais do que a seda ou até mesmo as especiarias transportada durante séculos da China para a Europa através de caravanas – e pela seu fragilidade era praticamente impossível o seu transporte por terra para a Europa (Carvalho, 1993, p. 86).

Em 1522, os navios que partiam da Índia¹⁰⁹ com destino a Lisboa estavam autorizados a trazer, entre as mercadorias a bordo, até 1/3 de porcelanas, o que traduz a extraordinária aceitação dos artigos de loiça chinesas. Cada nau traria cerca de 2 000 a 3

¹⁰⁸ Nesta fase de exportação para a Europa, era praticamente impossível para os navegadores comerciais espanhóis transportar a porcelana através de uma única viagem anual via México. Tinham que descarregar os artigos adquiridos em Acapulco (costa do oceano Pacífico), transportá-las por via terrestre e carregá-las novamente nos navios em Vera Cruz (golfo do México) (Castro, 1992, p. 121).

¹⁰⁹ Segundo o viajante as embarcações que faziam a rota do extremo oriente traziam para Goa grandes quantidades de porcelana usada em toda Índia pelos locais e pelos portugueses. A título de curiosidade Francisco Pyrard e Laval, numa das suas viagens nos primeiros anos do século XVII, faz uma descrição pormenorizada do Hospital Real de Goa indicando que toda a loiça de mesa utilizada era proveniente da China. (Pyrard de Laval, 1998, p. 532).

000 corjas, o que corresponderia a um volume de 40 000 a 60 000 exemplares de porcelana, “(...) *a loucura era tal que mal desembarcavam se vendem todas imediatamente (...)*” (Martins, 1995, p. 83).

Em 1580, quando os dois viajantes italianos Tron e Lippomani visitaram Lisboa, referem a presença de algumas lojas na Rua Nova dos Mercadores, onde vendiam “ (...) *porcelanas finíssimas de vários feitios*”; posteriormente, o Padre Nicolau de Oliveira assegurava que existiam cerca de dezassete “ (...) *mercados de porcelana.*” (Silva & Hyde, 1956, p. 46).

O conjunto de porcelanas em estudo, considerado como pertencente à carga transportada a bordo da presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires*, é fundamentalmente composto por exemplares resultantes de um fabrico de excelente qualidade.

Este núcleo de porcelana branca, com a aplicação de decoração em tons de azul de cobalto sobre vidro pode ser dividido em três grupos distintos. Assim, temos o grupo das porcelanas brancas com decoração azul de cobalto (10%), o grupo de porcelanas do tipo *Swatow* (17%) e o grupo composto pelas designadas peças de *kraak-porselein*¹¹⁰ (46%). Há semelhança do que acontece em outros sítios de naufrágios datados de finais do século XVI e inícios do século XVII¹¹¹, o grupo das *kraak-porselein* encontra-se muito bem representado na presente colecção através de peças de fabrico e ornamentação delicadamente executadas, sendo possível atribuir-lhes uma cronologia de inícios e meados do período Wanli (1573-1619).

¹¹⁰A *kraak-porselein* foi uma das criações ocorridas no decorrer do reinado Wanli. Durante o século XVII, devido ao facto destes produtos serem transportados da Ásia para a Europa nas carraças portuguesas, este termo foi adoptado pelos holandeses e significava “porcelana de carraca”. Esta palavra é ainda utilizada para designar o grupo de porcelanas de exportação. O que distingue este grupo de peças e as fabricadas anteriormente é sobretudo do ponto de vista técnico e decorativos. (Matos & Salgado, 2002, p. 25).

¹¹¹ São exemplos os naufrágios do *San Augustin* (1595) (Shangraw & Porten, 1981), *San Diego* (1600) (Desroches, 1994, p. 300-359), *Mauritius* (1609) (L’Hour et al., 1989), *Witte Leeuw* (1613) (Pijl-Ketel, 1982, p. 46-142), *Nossa Senhora da Luz* (1615) (Bettencourt, 2005-2006, p. 246-257), *Banda* (1615) (Dumas, 1981).

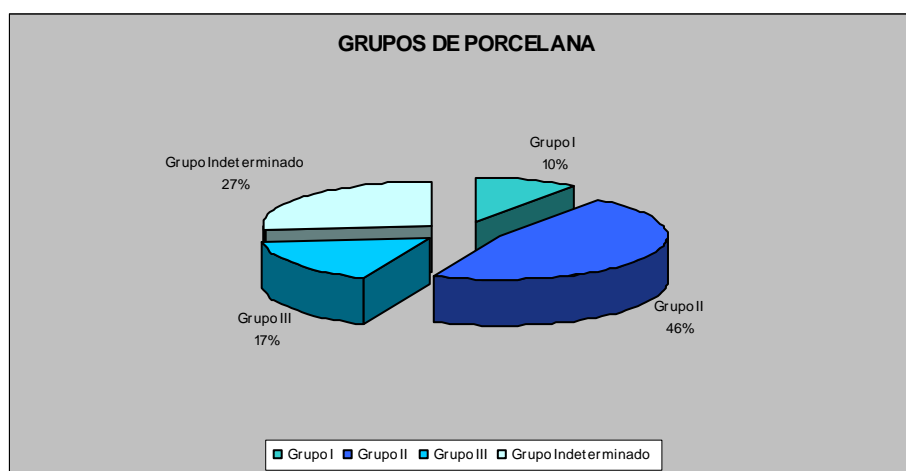


Gráfico IV: Percentagem dos vários grupos de porcelana definidos para a carga da nau *Nossa Senhora dos Mártires*.

Grupo I – Porcelanas brancas com decoração azul de cobalto sob o vidro

Este primeiro grupo que identificámos, constituído por peças produzidas em porcelana branca com decoração em tons de azul de cobalto sobre vidro, é cronologicamente atribuível à dinastia Ming, em particular ao reinado Wanli (1573-1619). Apesar de possuírem uma tonalidade de um azul intenso, nestes exemplares é notório um espessamento das pastas comparativamente com as produções de reinados anteriores.

No presente núcleo proveniente do naufrágio da *Nossa Senhora dos Mártires* identificámos 22% potes e 78% de formas indeterminadas.

Os potes são uma das tipologias mais representativas existente no conjunto de porcelanas em estudo. Dos exemplares que possuímos, podemos afirmar que se tratam de peças cujas pastas de tonalidade branca espessas e porosas contêm elementos não plásticos de cor branca e alaranjada, tom provavelmente resultante do contacto com óxidos de ferro ou então originados pela própria atmosfera oxidante do forno, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Dois destes exemplares (sjb 136.01.01 e sjb 04673.01.0416) apresentam pasta de tonalidade branca espessa e porosa, com elementos não plásticos de cor branca e alaranjada, possivelmente, por ter estado em contacto com óxidos de ferro ou então originados pela própria atmosfera oxidante do forno, que variam entre o grão fino, médio e grosso. Possuem em ambas as superfícies um vidro brilhante e exibem decoração

apenas na superfície externa em tons de azul de cobalto. A zona do ombro ostenta medalhões preenchidos com peónias (?), separados alternadamente por bandas encimadas por cabeças de ruyi, sendo visíveis no interior suásticas.

Um exemplar deste tipo de potes, datado da era Jiajing (1522-1566), enquadra a colecção recuperada do naufrágio *Mauritius* (L'Hour [et. al], 1989, p. 160). Também na colecção do *San Diego*, surge um pote que apesar de um enquadramento decorativo semelhana zona do ombro anuncia já o denominado “estilo de transição” (1600-1630) (Desroches, 1998, p. 326-327). A colecção Amaral Cabral possui entre várias peças pelo menos um pote *guan* com feição e temática decorativa semelhante, datado por Maria Antónia Pinto de Matos, da dinastia Ming atribuível ao último terço do século XVI (Matos, 1997, p. 120). Esta autora dá-nos conta de mais três potes sensivelmente similares, pertencente à colecção Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, em Lisboa (Matos, 1996, p. 63, 101 e 105). O Palácio Santos¹¹² possui um exemplar de pote idêntico, datado do último quartel do século XVI, por Daisy Lion-Goldschmidt (Lion-Goldschmidt, 1988, p. 11).

Ainda desta tipologia, merecem destaque os exemplares (sjb 04673.01.0395, sjb 132.04, sjb 54.02 e sjb 04673.01.0396), pertencentes a uma mesma peça e que apresentam uma pasta de tonalidade branca espessa e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos de cor bege, que variam entre o grão fino, médio e grosso. Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azul acinzentada, à excepção da base que não demonstra qualquer tipo de tratamento, sendo visíveis estrias concêntricas e radiais deixadas pelo torno. Exibe decoração apenas na superfície externa, que se desenvolve através de um traçado simples de um azul intenso, composta por enrolamentos de nuvens, um “pinheiro” pintado sob uma encosta, junto a um rochedo recortado atrás do qual se observa uma peónia (?) em flor. É também visível uma gralha na linha do horizonte envolta em vários motivos florais e a zona da base demarcada por cinco linhas concêntricas pintadas em tons de azul. De igual modo, observam-se minuciosamente pintados de um azul intenso ramos de um “pinheiro”, cerca de três “garças” a esvoaçar entre ramagens e uma outra pousada num rochedo. Outra peça também ela, possivelmente, pertencente aos exemplares descritos é a sjb.2005.25,

¹¹² Admirável colecção de porcelana chinesa que ornamenta o tecto de uma das salas do Palácio Santos, actual residência do Embaixador de França em Lisboa. Nas palavras de é no Ocidente testemunho único e incontornável das produções da dinastia Ming, durante o século XVI (Carneiro, 1989, p. 11).

contendo porção de parede globular, colo curto e bordo ligeiramente extrovertido, demarcado exteriormente e de secção semicircular. Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada que aderiu mal à pasta, sendo visíveis alguns orifícios resultantes da cozedura. A decoração, num tom azul de cobalto, revela minúcia na pintura. Assim, no bojo exhibe ramos de um pinheiro, onde são visíveis garças¹¹³ (?) a esvoaçar entre ramagens e a imagem de um macaco ou *hu*¹¹⁴ pousado em cima de um dos ramos. O bordo encontra-se demarcado por duas linhas, assim como, a zona do colo delimitada por uma faixa preenchida com motivos vegetalistas estilizados (?).

Esta iconografia tão própria das cenas taoistas – gralhas, rochedos e pinheiros –, é característica das criações Wanli, expedidas alguns anos antes do naufrágio das oficinas de Jingdezhen, na província de Jiangxi.

Apesar da gramática decorativa ser distinta, do ponto de vista formal existem paralelos para estes exemplares de potes no *San Diego* (Desroches, 1994, p. 322-329), um exemplar de um pote *guan* que enquadra a colecção Amaral Cabral, datado por Maria Antónia Pinto de Matos, da dinastia Ming da 1.ª metade do século XVII (Matos, 1997, p.138) e dois fragmentos de pote deste género, atribuído a finais do século XVI e inícios do século XVII, recuperado em intervenções arqueológicas efectuadas no Convento das Bernardas, em Tavira (Corvo et.al., 2008, p. 227).

Temos ainda dois fragmentos de forma indeterminada, SJB 04654.02.0005 e SJB 04673.01.0418, que talvez pelo contorno das suas paredes pertencessem a um pote ou vaso, com 0,8 cm e 0,9 cm de espessura respectivamente. As suas pastas apresentam-se de tonalidade branca, espessas e porosas, com desengordurantes de cor branca e alaranjada, pelo contacto com óxidos de ferro ou então originados pela própria atmosfera oxidante do forno, que variam entre o grão fino, médio e grosso. Enquanto no primeiro caso as superfícies exibem um vidrado brilhante de tonalidade ligeiramente azulada, com decoração apenas na superfície externa, onde é visível a asa e membros inferiores de uma ave pousada, possivelmente, num rochedo, junto a um crisântemo e envolta em motivos de inspiração vegetalista. O segundo mostra as suas faces revestidas de um vidrado muito desgastado e, no tardez, decoração composta por motivos florais, possivelmente, uma

¹¹³ Tal como a cegonha e o grou, a garça é considerada como símbolo da longevidade e mensageira dos génios, transportando no bico as míticas tábuas do destino humano (Matos, 1996, p. 276; Pijl-Ketel, 1982, p. 273).

¹¹⁴ Símbolo do mês de Julho, da lealdade e da astúcia. (Matos, 1996, p. 277).

peónia (?) e ramagens.

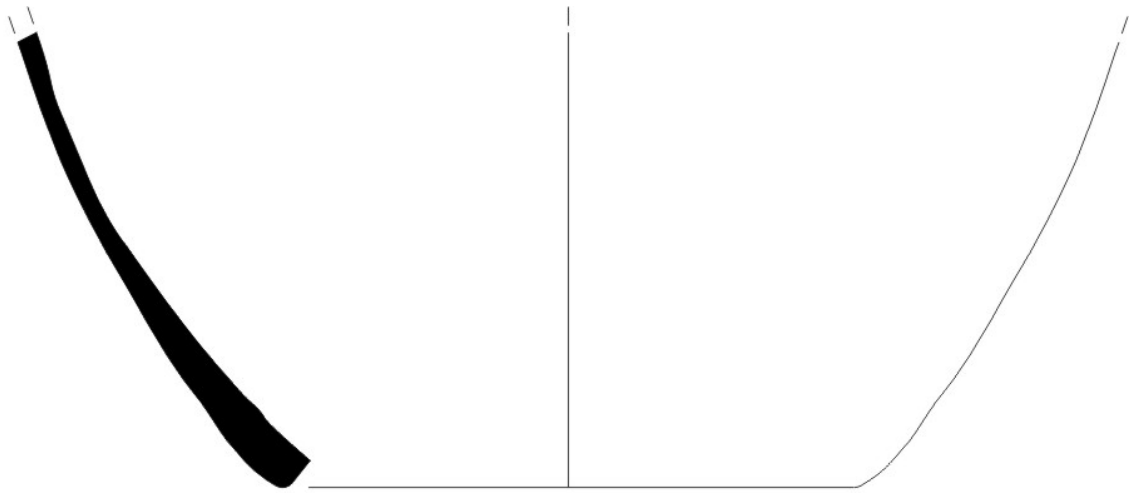
Integra também este grupo de peças o exemplar (sjb.004673.01.0405) talvez pertencente a um prato que mostra o bordo recortado em chavetas e dividido em painéis cuja decoração é composta por plantas (?), sendo num deles perceptível uma ave a esvoaçar, separados apenas por duas linhas verticais pintadas a azul. O tardo oferece o rebordo recortado evidenciado por uma linha azul de cobalto, assim como, vestígios de decoração composta por motivos estilizados de tipologia indeterminada.



Figura 36: Natureza-Morta de Willem Kalf (1669) onde podemos observar a representação de um pote idêntico aos exemplares que possuímos (Valsecchi, 1973).



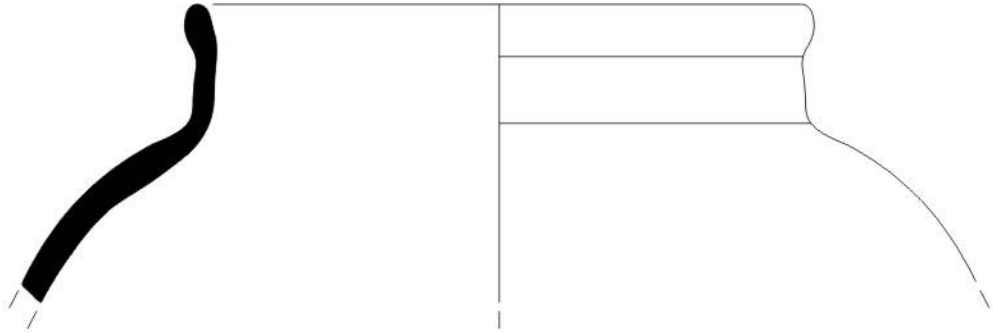
Gráfico V: Percentagem das várias tipologias formais pertencentes ao Grupo I.



0  10 cm

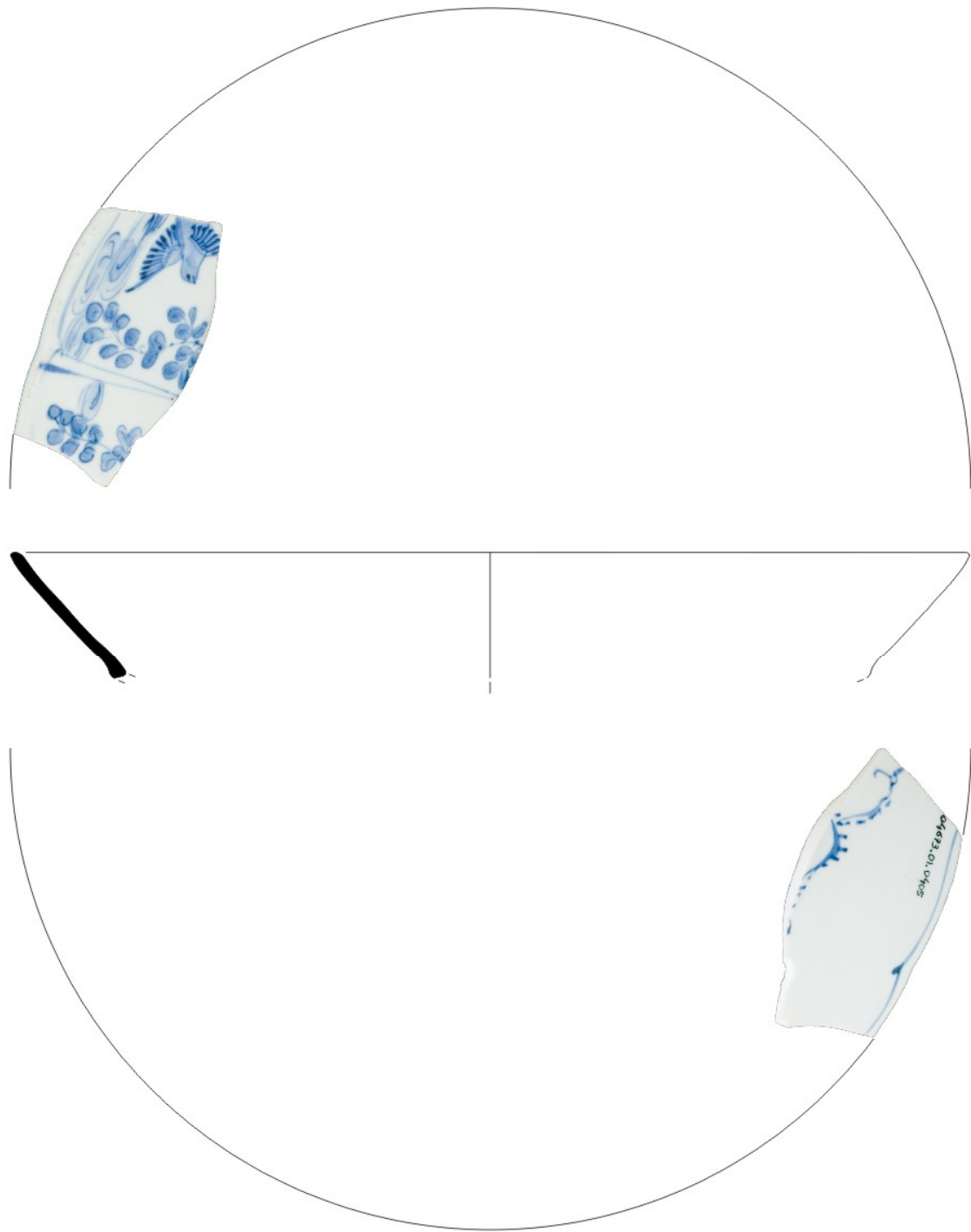
sjb.04673.01.0395

Figuras 37 e 38: Provavelmente potes pertencente ao Grupo I das porcelanas.



0  10 cm

sjb.2005.25



0  10 cm

sjb.04673.01.0405

Figura 39: Prato pertencente ao Grupo I das porcelanas.

Grupo II –Kraak-porselein

Na sua generalidade, os exemplares de porcelana que classificámos como pertencentes a este grupo apresentam um corpo delicado, leve, sonoro e ambas as superfícies revestidas de um vidrado muito brilhante. As suas pastas finas, elaboradas a partir de caulino e *petuntse* são de tonalidade branca, encontrando-se bem depuradas, compactas e homogéneas com elementos não plásticos de cor branca, por vezes adquirindo uma tonalidade alaranjada, possivelmente pelo contacto com óxidos de ferro ou então originada pela própria atmosfera oxidante do forno, que variam entre o grão grosso, médio e fino. As bases dos exemplares normalmente apresentam-se ligeiramente convexas, na sua grande maioria com estrias concêntricas marcadas pelo torno. Para o conjunto de pratos em estudo identificámos a seguinte tipologia decorativa dos bordos e fundos:

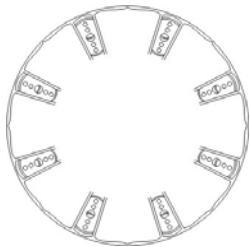

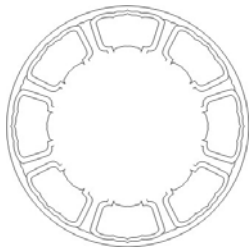
<p><i>Variante A – Painéis simples divididos, com bandas decoradas, com pendentas de contas simples.</i></p>	
<p><i>Variante B – Painéis polilobados em relevo, divididos com bandas decoradas, com pendentas de contas simples.</i></p>	
<p><i>Variante C – Painéis simples divididos por uma banda de aguada.</i></p>	

Figura 40: Esquema decorativo dos bordos identificados nos pratos do núcleo de peças em estudo e pertencentes ao Grupo II.

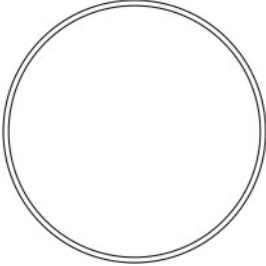
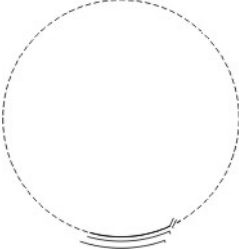
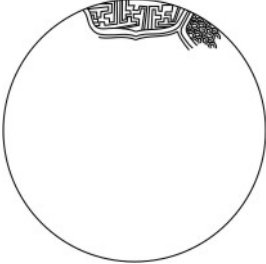
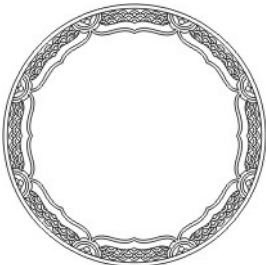
Tipo I – Duplo círculo	
Tipo II – Polilobado simples Tipo III – Polilobado com bandas decoradas	 
Tipo IV – Polilobado com bandas decoradas separadas por cabeças de ruyi	

Figura 41: Esquema decorativo dos fundos identificados nos pratos do núcleo de peças em estudo e pertencentes ao Grupo II.

Do total de porcelana identificada, o grupo das *kraak-porselein* compõe cerca de 46% do total de peças em estudo, tendo-se classificado cerca de 37 fragmentos de pratos, 1 exemplar de um provável pote/garrafa e 1 garrafa.

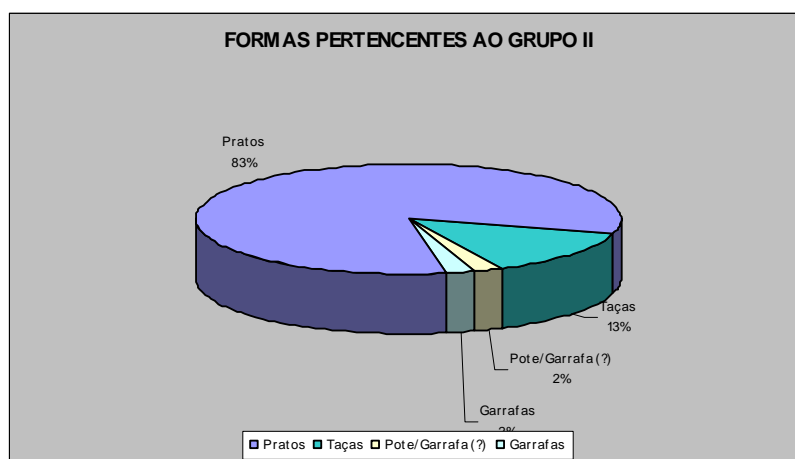


Gráfico VI: Análise da percentagem das várias formas em estudo pertencentes ao Grupo II.

Como podemos verificar, as formas mais representativas no conjunto em estudo são pratos. Estes oferecem bordos recortados em chavetas interligadas entre si, abas moldadas com uma espessura de aproximadamente 0,35 cm, espessura das paredes que varia entre 0,2 cm e 0,4 cm e assentam em pés ligeiramente introvertidos, muitas das vezes conservando concreções arenosas que aderiram à pasta durante a cozedura. As suas superfícies de execução, muito cuidadas e brilhantes, mostram um tom levemente azulado e a sua decoração era em larga medida obtida através de moldes que reproduziam nas pastas finas painéis em relevo, aos quais se ajustava a ornamentação. Na verdade, era necessária mais do que uma etapa para a concepção destas produções, ou seja, após serem torneadas eram colocadas num molde para realçar os enquadramentos aplicando-se, posteriormente, uma aguada de fundo e um filete de contorno.

Entre inúmeras características, o que distingue realmente as *kraak-porselein* das restantes porcelanas é a composição de uma decoração em tons de azul de cobalto sob um vidrado, que varia entre o azul-escuro e o azul prata resultante da aplicação das aguadas mas, sobretudo, a organização do esquema decorativo das mesmas. A verdadeira inovação consiste no facto da caldeira e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas sublinhadas por uma linha, serem tratadas como uma só unidade divididas em painéis, separados por bandas, preenchidos alternadamente com símbolos alusivos à prosperidade e flores. Normalmente, a temática decorativa central das *kraak* exhibe paisagens com gamos

em movimento, insectos, aves, motivos vegetalistas por vezes junto a rochedos e paisagens lagunares (Matos & Salgado, 2002).

Na colecção em estudo, entre os vários fragmentos de pratos é possível definir que os diâmetros dos bordos variam entre 11,6 cm (medidas dos exemplares de menores dimensões) e 31 cm (os de maiores dimensões), os diâmetros dos fundos possuem dimensões que variam entre 11,7 cm e 17 cm de diâmetro respectivamente, assentando em pés anelares salientes e ligeiramente introvertidos, corpo tronco-cónico e abas recortadas em chavetas interligadas.

Os motes decorativos que compõe os interiores dos exemplares, pertencentes a esta tipologia, apresentam pelo menos quatro padrões. O padrão mais simples – *Tipo I* que representa 66% do total da amostragem em estudo – cuja temática central é enquadrada por um duplo círculo, é identificável na totalidade dos exemplares de pratos com representações de gamos, aves e motivos vegetalistas. Os outros três padrões – *Tipo II*, *Tipo III* e *Tipo IV* – representam respectivamente 4%, 13% e 17% do total.

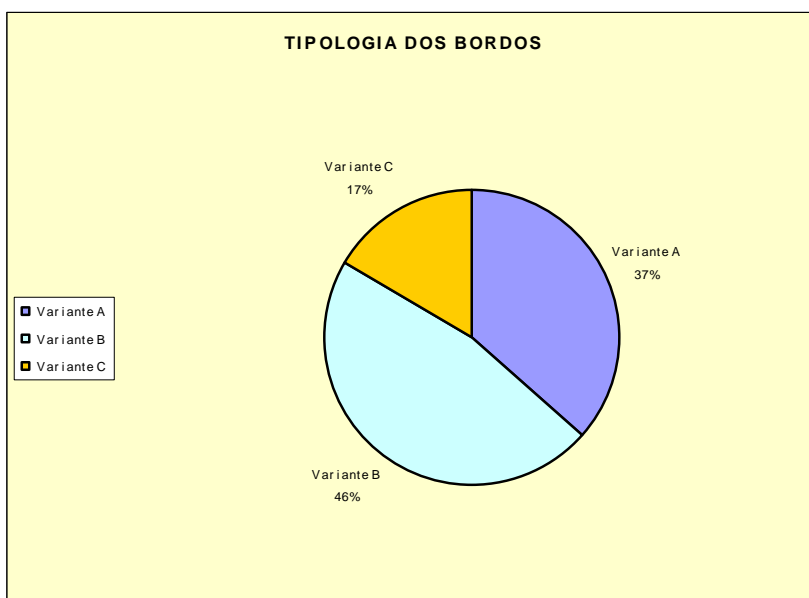


Gráfico VII: Análise tipológica dos bordos dos exemplares em estudo pertencentes ao Grupo II.

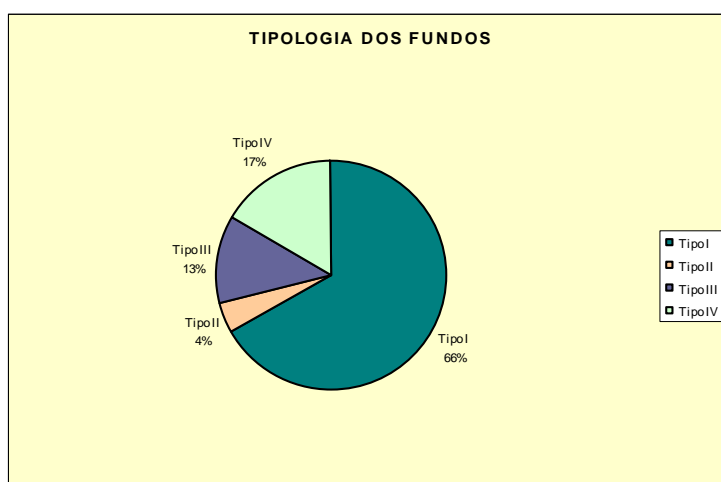


Gráfico VIII: Análise tipológica dos fundos dos exemplares em estudo pertencentes ao Grupo II.

A decoração da aba e caldeira juntamente com o bordo dos pratos da presente colecção, de um modo geral, são tratados como uma só unidade. Deste modo, a área do bordo recortada em chavetas é pintada por uma linha em tons de azul de cobalto e dividida em painéis simples decorados no seu interior através da aplicação de uma aguada – *Variante C* – ou painéis divididos, com bandas decoradas, com pendentes de contas simples – *Variante A* –, maioritariamente, por motivos de inspiração vegetalista alternando por vezes com insectos, separados por bandas que formam uma cartela delimitada nas extremidades superior e inferior por duas linhas pintadas sendo o espaço formado por estas preenchido, normalmente, por jóia ao centro rodeada por contas circulares simples.

Assim, de um total de 37 fragmentos de pratos, cerca de 10 exemplares apresentam decoração composta por pares de gamos. Relativamente ao primeiro padrão (*Tipo I*) o esquema decorativo desenvolve-se sempre de acordo com três planos distintos. Num primeiro plano, podemos observar enrolamentos em fundo de aguada, de onde surgem elementos vegetais, um plano central sobre um fundo realçado por uma linha de horizonte que oferece quase sempre um par de gamos¹¹⁵ – muito possivelmente macho e fêmea – em movimento, observando-se mutuamente em alguns exemplares (cnans.SJB.96/98.0094, cnans.SJB.96/98.0096, SJB 130.01, cnans.SJB.96/98.0099, SJB 11.01), saltando em

¹¹⁵ O gamo – *lu* – símbolo de longevidade é considerado como o único animal digno de encontrar o sagrado cogumelo da imortalidade – *lingzhi* – e, portanto, emblema da prosperidade. (Matos, 1996, p. 276; Pijl-Ketel, 1982, p. 274).

conjunto (SJB 130.01) e, em outros, aparentemente contemplando uma camélia¹¹⁶ em flor (cnans.SJB.96/98.0093, cnans.SJB.96/98.0092, cnans.SJB.96/98.0097).

No caso da peça cnans.SJB.96/98.0097 é também perceptível entre os dois gamos, no sentido da linha do horizonte, um bando de aves em voo junto às nuvens e ao sol. De um modo geral, da linha do horizonte emerge o cenário envolvente composto por árvores – possivelmente “pinheiros”¹¹⁷ – também rodeados por diversa vegetação e símbolos auspiciosos – entre estes a cabeça de ruyi¹¹⁸, pérola ou *zhu*¹¹⁹ e o pêssego¹²⁰ – surgindo por vezes a representação de rochedos¹²¹ decorativos, denominados “Taihu” e, que ornamentavam os jardins sagrados, onde a combinação de um conjunto de elementos naturais sugere na perfeição a ideia de paraíso¹²².

O tema dos gamos torna-se corrente na era Jiajing (1522-1566), prolongando-se até ao reinado Wanli (1573-1619), o que evidencia o êxito da simbologia taoista, que a partir de finais da centúria de quinhentos se fará representar nas peças de porcelana e, se encontrará em praticamente todas as cargas recuperadas de que são exemplo as dos sítios arqueológicos *San Diego* (1600) (Desroches, 1994, p. 314-315), *Mauritius* (1609) (L’Hour, [et. al], 1989, p. 146, 151-154) e *Nossa Senhora da Luz* (1615) (Bettencourt, 2005-2006, p. 251), assim como, na colecção do tecto das salas das porcelanas do Palácio Santos (Lion-Goldshmidt, 1988), da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p. 112-113) e no espólio proveniente das intervenções arqueológicas efectuadas no Convento das Bernardas, em Tavira (Corvo [et.al], 2008, p. 226).

Outro tema decorativo característico da presente colecção e, ainda inserido no *Tipo I*, é a representação de aves pousadas sobre rocha, cerca de 6 exemplares, rodeadas por motivos florais de tipologia variada, nomeadamente peónias, surgindo representações de

¹¹⁶ Símbolo de beleza e saúde (Matos, 1996, p. 273; Pijl-Ketel, 1982, p. 271).

¹¹⁷ O pinheiro é considerado como emblema de longevidade e prosperidade, pela sua altura, por se tratar de uma árvore de folha perene e por se manter sempre verde, é um dos “Três Amigos do Inverno” (Matos, 1996, p. 278; Pijl-Ketel, 1982, p. 279).

¹¹⁸ Símbolo da autoridade monástica e da longevidade – o ceptro de *ruyi* é um objecto ritual do culto budista. (Matos, 1996, p. 279; Pijl-Ketel, 1982, p. 281).

¹¹⁹ Interpretada como um dos “Oito Objectos Preciosos”, simboliza feliz augúrio, por vezes perseguido pelos dragões. Originalmente associada ao disco solar é um amuleto contra o fogo. (Matos, 1996: 278; Pijl-Ketel, 1982, p. 278).

¹²⁰ Símbolo da Primavera, do casamento e imortalidade. Por ser produzido pelo mítico pessegueiro que floresce de três em três mil anos, próximo do palácio de Xiwangmu (rainha mãe do Oeste) é considerado como um fruto sagrado para os taoistas. (Matos, 1996, p. 278; Pijl-Ketel, 1982, p. 278).

¹²¹ Rocha – emblema da longevidade, durabilidade e dureza. (Matos, 1996, p. 278; Pijl-Ketel, 1982, p. 280).

¹²² Segundo Jean-Paul Desroches, o exemplar mais característico deste tipo de projecção pertence à colecção Amaral Cabral.

nuvens no topo de um terceiro plano. Esta temática tão característica da pintura chinesa clássica, constitui uma categoria iconográfica específica dita *nian hua* – flores e pássaros (Desroches, 1998, p. 245). A seguir aos gamos é o esquema decorativo que mais figura no núcleo de porcelana em estudo, de que são exemplos as peças (cnans.SJB.96/98.0095, SJB 04673.01.0399, SJB 04673.01.0407 e SJB 04673.01.0414). Para o tema das aves, encontramos também paralelos nas colecções que constituíam parte da carga dos navios *San Diego* (Desroches, 1994, p. 342), *Mauritius* (L’Hour [et.al], 1989, p. 150-151), *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 70 e 82) *Banda* (Dumas, 1981, p. 61, 70-71) e *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 252). Peças semelhantes, datadas da era Jiajing (1522-1566), surgem também no conjunto de cerâmicas recuperadas no poço-cisterna de Silves (Gomes & Gomes, 1996, p. 195-198), no tecto das salas das porcelanas do Palácio Santos (Lion-Goldshmidt, 1988) e da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, um prato datado do início do período Wanli (1573-1619), manufacturado nos ateliers de Jingdezhen, província de Jiangxi (Matos, 1996, p. 110-111).

Ainda enquadrada num medalhão circular, pertencente ao *Tipo I*, surgem exemplares que apresentam decoração ao centro, composta apenas por motivos de inspiração floral, de que são exemplo as peças SJB 42 e SJB 07.04, apesar de não se encontrarem completas. A colecção de cerâmicas vidradas e esmaltadas, recuperadas do poço-cisterna de Silves, contém algumas peças de porcelana com temática idêntica à que acabámos de descrever, datadas do período Ming final (1566-1643) e, em particular, do reinado Wanli (1573-1619) (Gomes & Gomes, 1996, p. 198-199).

Diferente mote decorativo adorna um dos exemplares de pratos em estudo (SJB 17). Na superfície interna do prato, o fundo é demarcado por duplo círculo, apresenta a representação de um “sapo”¹²³ que repousa sobre uma “flor de lótus” (?)¹²⁴. Apesar de inserida em medalhão, conhece-se um prato idêntico a este, proveniente da carga do *Witte Leeuw*, navio da Companhia das Índias Orientais Holandesa (VOC), que após uma batalha naval travada entre quatro navios holandeses e as naus portuguesas *Nossa Senhora da Nazaré* e a *Nossa Senhora do Carmo* (também conhecida como Conceição) naufragou, em

¹²³ Emblema do inatingível, frequentemente evocado para a obtenção de riqueza, simboliza a Primavera, chuva fertilizante e sorte. (Matos, 1996, p. 279; Pijl-Ketel, 1982, p. 282).

¹²⁴ Trata-se de um dos “Oito Emblemas Budistas”. Considerada como a flor sagrada dos budistas, simboliza o mês de Julho (verão) e sobretudo a fertilidade, prosperidade e pureza, porque se eleva cândida sobre as águas lamacentas dos charcos. (Matos, 1996, p. 277; Pijl-Ketel, 1982, p. 276-277).

1613, ao largo da ilha de Santa Helena. A sua semelhança é maior ao nível decorativo, onde ao centro a representação de um sapo pousado sob flor de lótus com insecto a esvoaçar junto a este é evidente (Pijl-Ketel, 1982, p. 98).

Um outro tipo de enquadramento da temática decorativa central – *Tipo II* – é caracterizado pela aplicação no fundo de um medalhão polilobado simples, de que é exemplo apenas um fragmento (SJB 190.04.01) que, apesar do elevado estado de fragmentação, a superfície interna mostra vestígios de bandas preenchidas por série de linhas no sentido oblíquo e motivos florais, ostentando na aba decoração em painéis com a mesma tipologia em tons de azul de cobalto. O tardo apresenta a base demarcada por duas linhas concêntricas, assim como, painéis pintados no interior com jóia ao centro rodeada por contas circulares. Para organização de polilobado simples representado na base interior de pratos temos paralelos no *Mauritius* (L'Hour [et. al], 1989, p. 156), *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 102), *Banda* (Dumas, 1981, p. 56-73) e *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 252-254).

Outros exemplares de pratos recuperados, possivelmente pertencentes a uma mesma peça (SJB 18.16.04 e SJB 18.16.05), classificados como pertencentes ao nosso *Tipo III*, possuem decoração central composta por motivos de inspiração vegetalista, enquadrada num medalhão polilobado com bandas decoradas alternadamente por escamas imbricadas e suásticas. No tardo, o pé encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas, sendo o corpo decorado por painéis separados por faixas verticais. Peças com esta organização foram encontradas no navio *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 65, 67- 69) e na colecção Amaral Cabral um prato adquirido em leilão do Palácio Correio Velho, atribuível à era Wanli (1573-1619), especificamente de cerca de 1600-1630 (Matos, 1997, p. 155).

Na superfície interna de alguns fragmentos, de que é exemplo a peça SJB 24.09, o fundo é demarcado por duas linhas concêntricas, desenvolvendo-se no primeiro plano, ao centro, um medalhão polilobado rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas, separadas por “cabeças de *ruyi*” – *Tipo IV*. No interior deste, vemos uma combinação de símbolos que poderão representar um bule (?), cabeças de

ruyi e um “leque”¹²⁵. Neste caso, em particular, a aba do prato é ornamentada através de grandes painéis polilobados em relevo, mostrando-se um deles, preenchido por “rolo de pintura”¹²⁶. Apesar de pouco perceptíveis devido ao elevado estado de fragmentação dos exemplares, também é temática comum, na presente colecção, decoração composta por motivos florais (?). No tardo, o pé é delimitado por duas linhas concêntricas, sendo o corpo decorado por painéis pintados, contendo flor no interior, separados por faixas verticais com motivos estilizados de índole indeterminada (SJB 00/02 e SJB 00/03).

Para estes fragmentos com decoração central inserida em medalhão polilobado rodeado por faixa com motivos de escamas separadas por cabeças de *ruyi*, temos paralelos na colecção proveniente dos destroços do naufrágio do *San Diego* (Desroches, 1994, p. 313, 344-345, 348-349) atribuíveis à era Wanli (1573-1619), das oficinas de Jingdezhen, província de Jiangxi; do *Mauritius* (L’Hour [et. al], 1989, p. 146, 158-159) e do *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 54-58). Em Portugal, pratos deste tipo estão representados na carga transportada a bordo da nau *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 254), na sala das porcelanas do Palácio Santos (Lion-Goldschmidt, 1988, p. 18, 32-33), na colecção da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p. 123-124, 126-127 e 128) e na colecção Amaral Cabral, datadas por Maria Antónia Pinto de Matos como pertencentes ao reinado Wanli (1573-1619), em particular de cerca de 1600-1610 (Matos, 1997, p. 148-151).

Uma outra variante decorativa – *Variante B* – consiste na execução da ornamentação através de moldes que imprimiam nas peças, em ligeiro relevo, formando painéis, aos quais se acomodava a decoração (Matos & Salgado, 2002, p. 25). Outro pormenor que evidencia o trabalho minucioso e a sensibilidade estética dos artistas chineses, é o facto das abas apresentarem decoração organizada em painéis separados por bandas, limitadas nas extremidades superiores e inferiores por escamas e, no interior, motivos geométricos compostos por jóia, ao centro, rodeada por duas contas circulares.

¹²⁵ Acessório de Zhong Li Zhuan (Chung-li Chuan) um dos oito daoístas imortais com o qual ressuscitará do mundo dos mortos, presumivelmente, elaborado a partir das folhas da palmeira Bu Qui – Pu K’uei. (Matos, 1996, p. 276; Pijl-Ketel, 1982, p. 274).

¹²⁶ Simboliza nas práticas religiosas budistas o texto da Sagrada Escritura, emblema das classes letradas. (Matos, 1996, p. 279; Pijl-Ketel, 1982, p. 281).

A face interna das abas e caldeiras dos pratos, juntamente com os bordos recortados em chavetas sublinhadas por uma linha simples, pertencentes ao núcleo de peças em estudo, como já foi referido são geralmente tratados como uma só unidade dividida em oito e, por vezes nove painéis (de que é exemplo o grande prato SJB 130.01) exuberantemente ilustrados, decorados com motivos florais alternando entre plantas como “pêssego”, “glória matinal”¹²⁷ e “camélia”, divididos por bandas separadoras, elaboradas a partir de um filete duplo sobre um fundo de aguada em tons de azul (cnans.SJB.96/98.0094). Noutros casos, surgem painéis decorados alternadamente com “ameixieira” ou *prunus*¹²⁸, “glória matinal”, “peónia”¹²⁹ e insectos como por exemplo “borboletas”¹³⁰, separados por cartela que enquadram contas circulares com jóia ao centro (cnans.SJB.96/98.0098). A superfície externa destes exemplares é preenchida, à semelhança do esquema decorativo interior, com objectos simbólicos estilizados. De um modo geral, o tardo oferece oito, por vezes nove medalhões pintados muito levemente, comparativamente com o interior destas peças, contendo jóia centrada rodeada por quatro contas circulares, por vezes flores (SJB 184.03.03) e *lingzhi*¹³¹, separados por linhas verticais. Assim, em ambas as superfícies a aba apresenta-se dividida em painéis que apenas no interior irradiam de um motivo central, substituindo assim as bordaduras tratadas até então, entre círculos concêntricos. Encontramos paralelos para estas peças em exemplares semelhantes na forma e decoração recuperados dos naufrágios dos navios *San Diego* (Desroches, 1994, p. 313, 315, 344-345 e 349), *Mauritius* (L’Hour [et. al], 1989, p. 158-159), *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982), *Nossa Senhora da Luz* (Bettenourt, 2005-2006, p. 252-253). Exemplar sensivelmente idêntico aos mencionados temos um prato que integra a colecção Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, datado da dinastia Ming, era Wanli (1573-1619), em particular, de cerca de 1600, fabricado nas oficinas de Jingdezhen,

¹²⁷ Também designada *Convolvulus* e *Ipomoea* é interpretada como emblema do amor e matrimónio (Pijl-Ketel, 1982, p. 277).

¹²⁸ É também ela considerada como um dos “Três Amigos do Inverno”, simbolizando o Inverno (correspondendo ao mês de Janeiro). Flor selvagem é emblema de longevidade, pureza e beleza acreditando-se que Laozi nasceu sob as suas ramagens. As suas cinco pétalas significam os cinco clãs – chinês, manchu, mongol, maometano e tibetano. (Matos, 1996, p. 273; Pijl-Ketel, 1982, p. 279).

¹²⁹ Simboliza a Primavera e é considerada como a rainha das flores. Anuncia a boa sorte, riqueza, flor do amor, afecto e beleza feminina. (Matos, 1996, p. 277; Pijl-Ketel, 1982, p. 278).

¹³⁰ Emblema de longevidade, alegria, felicidade conjugal e associada ao Verão. (Matos, 1996, p. 273; Pijl-Ketel, 1982, p. 271).

¹³¹ Segundo os místicos taoistas significa o cogumelo sagrado da imortalidade, comida dos génios – *xian*. Emblema da longevidade, torna-se muito resistente quando seco. (Matos, 1996, p. 277; Pijl-Ketel, 1982, p. 276).

próvincia de Jiangxi (Matos, 1996, p. 118-119). Peças semelhantes a estas surgem representadas em praticamente todas as repartições das famosas casas de bonecas holandesas. (Pijzel-Dommisse, 2001, p. 9, 23 e 25).

Relativamente ao cruzamento das variantes dos bordos com os fundos (Gráfico IX) podemos constatar que cerca de 8 exemplares de pratos apresentam os bordos com painéis simples, divididos com bandas decoradas, com pendentes de contas simples (*Variante A*), apresentam o fundo circular simples (*Tipo I*); somente 1 prato oferece painel polilobado em relevo, dividido em bandas decoradas, com pendentes de contas simples (*Variante B*) com o fundo polilobado com bandas decoradas (*Tipo III*) e 4 pratos com o fundo polilobado com bandas decoradas, separadas por cabeças de ruyi (*Tipo IV*) e, finalmente, cerca de 5 pratos com o bordo de painéis simples, divididos por uma banda de aguada (*Variante C*) e o fundo circular simples (*Tipo I*).

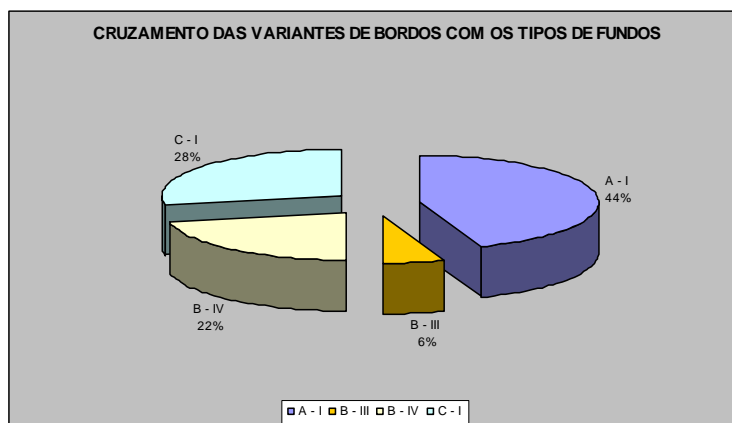


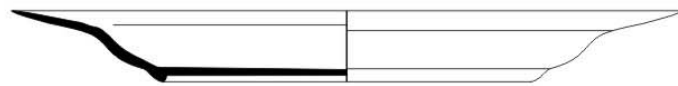
Gráfico IX: Análise estatística do cruzamento das várias variantes de bordos com os vários tipos de fundos.

Pela estima e apreço em que eram tidas, às porcelanas chinesas, que a partir do século XVI, passaram a afluir a Portugal, só muito excepcionalmente terá sido dada uma utilização. Contudo, apesar da sua função primordial ser para uma melhor composição decorativa dos espaços, em algumas telas de natureza-morta verificamos que pratos e taças (ou tigelas) podiam ser utilizados de modo colectivo, para conter alimentos e levá-los à mesa, podendo também ser empregues de forma individual. É a partir do século XIV que os indivíduos determinam de modo mais evidente a sua presença e existência no mundo e, conseqüentemente, à mesa. São precisamente os pratos que evidenciam e fazem sobressair

os alimentos sólidos e coloridos, substituindo os alimentos líquidos como as sopas. Assim, é no contexto da refeição à mesa, cena típica do quotidiano da alta sociedade portuguesa, como demonstração de requinte e ostentação de riqueza, que se desenvolvem novas formas de loiça que se adaptam às modernas etiquetas da comida e da bebida, que a partir do século XVI entram em voga (Fig. 42).

Figura 42: Natureza-morta de Willem Kalf (1669) onde podemos observar a representação de um pote idêntico aos exemplares que possuímos (Valsecchi, 1973).

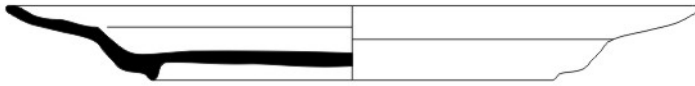




0 10 cm

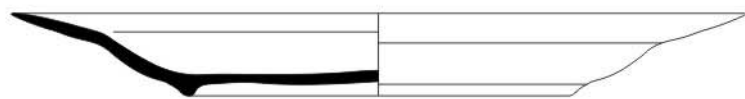
cnans.sjb.96/98.0092

Figuras 43 a 56: Exemplos de pratos pertencentes ao Grupo II.



0 10 cm

cnans.sjb.96/98.0093



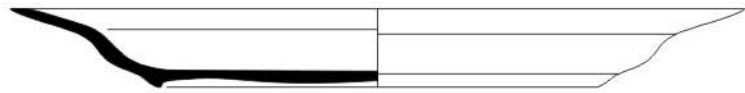
0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0094



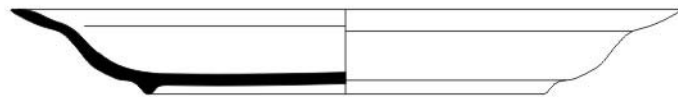
0  10 cm

sjb.04673.01.0414



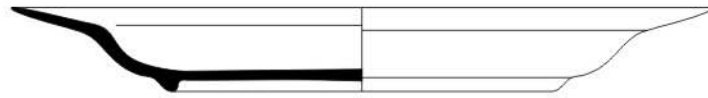
0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0096



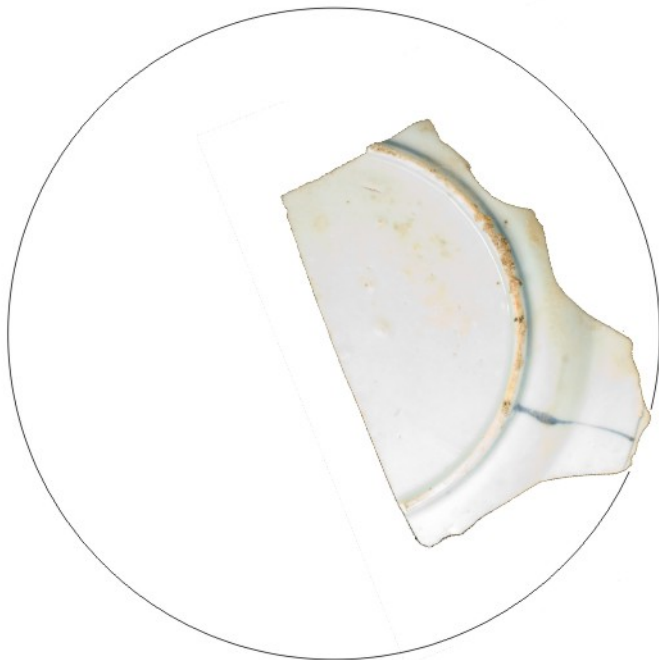
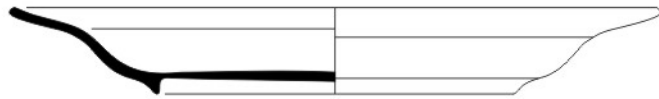
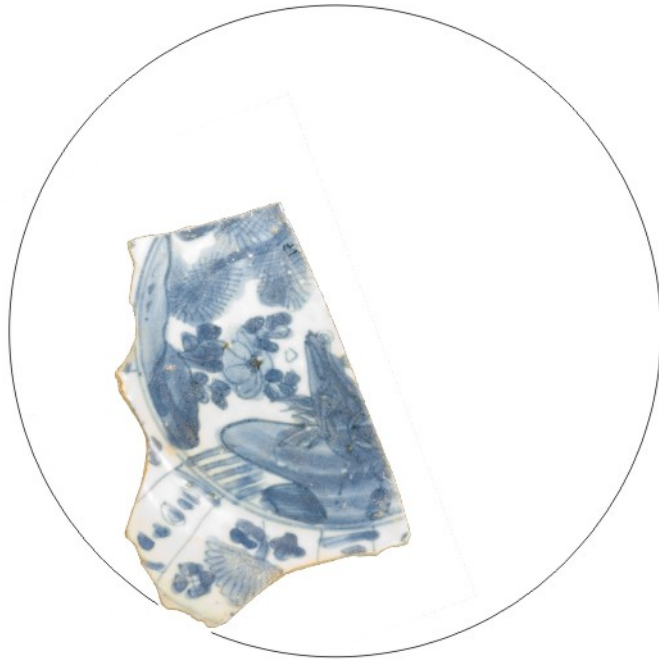
0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0097



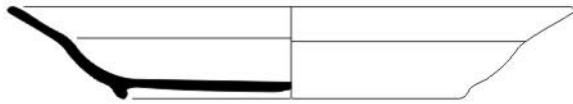
0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0098



0  10 cm

sjb.17



0  10 cm

sjb.07.04



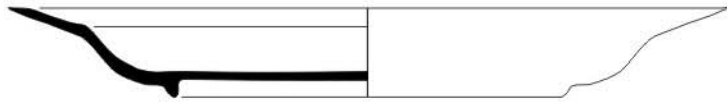
0 10 cm

sjb.190.04.01



0 10 cm

sjb.18.16.04



0  10 cm

cnans.sjb.96/98.0099



0  10 cm

sjb.24.09

Em menor número que os pratos, as taças são outra das formas representadas no conjunto das *kraak-porselein* em estudo. Os exemplares desta tipologia, que representam cerca de 13% do núcleo de porcelanas em causa, apresentam as suas superfícies de execução muito cuidada, brilhantes e muito finas com um tom ligeiramente azulado e decoração em tons de azul de cobalto. As pastas são muito bem depuradas, de textura homogénea e compacta, com desengordurantes finos e pouco visíveis. Os diâmetros dos bordos variam entre os 14 cm e os 28cm e a espessura das paredes entre 0,2 cm e 0,3 cm.

São formas que apresentam o bordo recortado em chavetas interligadas, sublinhado por uma linha azul sem decoração junto ao bordo na superfície interna (SJB 192.01.02 e SJB 04673.01.0413) e, apesar de bastante fragmentadas, mostram possuir parede arredondada. No entanto, na face interna de um fragmento em particular (SJB 58.01), surgem vestígios de decoração composta por ramagens, assim como, a parte superior do que provavelmente corresponde a um "pagode". Na superfície externa oferece também o bordo recortado em chavetas, sublinhado por uma linha do mesmo tom, assim como, vestígios de decoração composta por jóia ao centro, rodeada por quatro contas circulares.

A taça SJB 193.02.02 mostra bordo extrovertido, ligeiramente aplanado superiormente e recortado por chavetas interligadas. Na superfície interna, a partir da linha que acompanha o recorte do bordo, parte a execução da decoração composta por "cabeças de ruyi" ao longo de toda a zona do rebordo. No tardo, o bordo recortado é igualmente acompanhado por uma linha e, oferece decoração composta em painéis, separados por linhas verticais. O fragmento de taça SJB 171.04, possivelmente pertencente à mesma peça, apresenta no tardo decoração composta em painéis ornamentados, com motivos florais e animais em movimento, separados por duas linhas verticais e demarcados, em baixo, por duas linhas preenchidas com uma aguada da mesma tonalidade.

Outro fragmento, possivelmente, pertencente ao bordo e parede de uma taça, é o exemplar SJB 215.04, cujas superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada e o bordo recortado encontra-se sublinhado por uma linha em ambas as faces, no entanto, na superfície externa a peça ostenta decoração composta por motivos florais. Do mesmo modo, na face interna da peça SJB 04673.01.0404 o bordo recortado em chavetas encontra-se sublinhado por um traço fino e na superfície externa são visíveis vestígios de motivos florais.

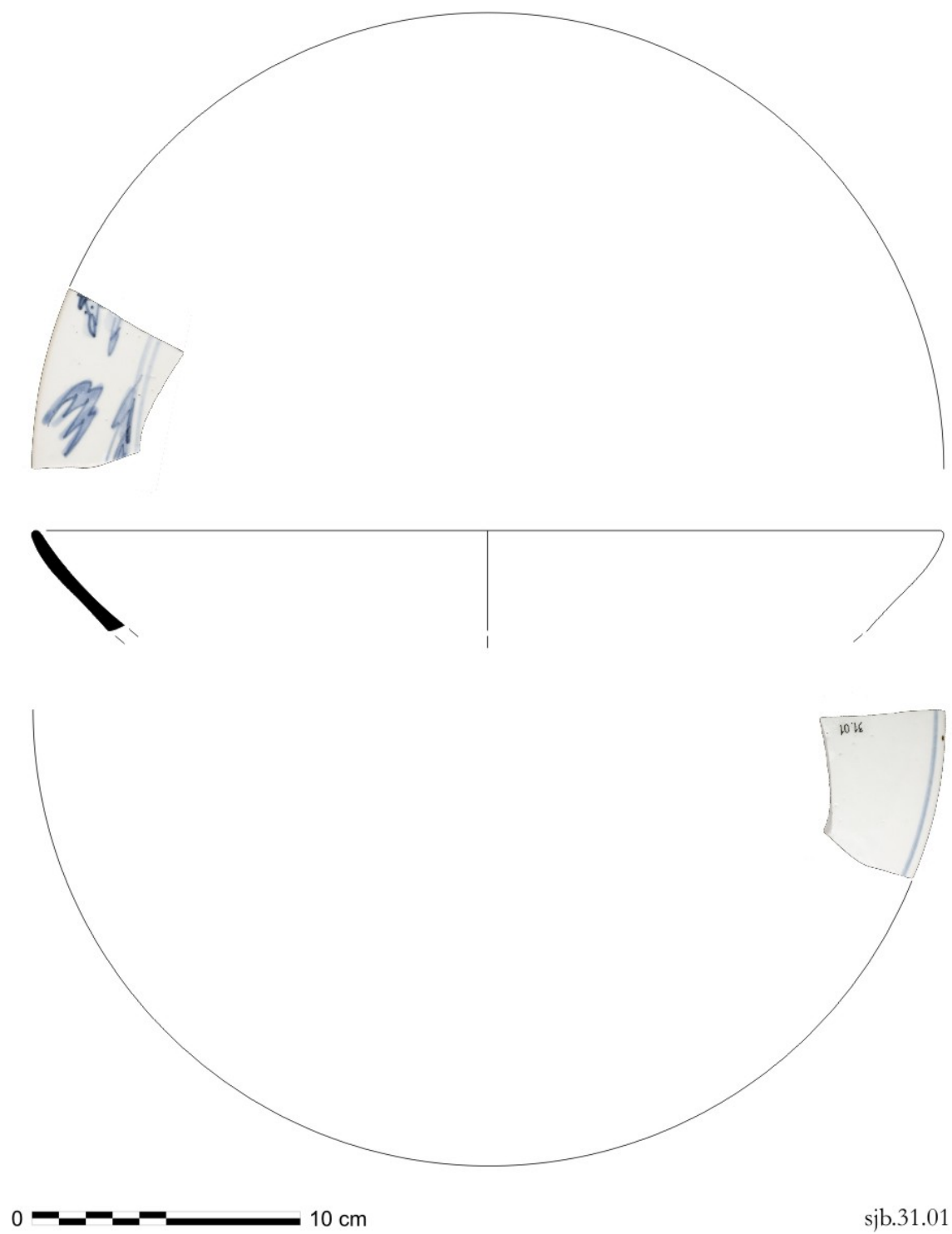
Da colecção em estudo existe também um fragmento, presumivelmente pertencente a

uma taça (SJB 31.01) de grandes dimensões, cuja pasta oferece tonalidade branca acinzentada bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino. Ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado e decoração em tons de azul acinzentado, aparentemente de pintura grosseira e tosca. Do ponto de vista decorativo, na superfície interna, o bordo é demarcado por duas linhas apresentando decoração composta por motivos de tipologia indeterminada – vestígios do bico de uma ave – devido ao elevado grau de fragmentação da peça. Na superfície externa o bordo é demarcado por uma linha.

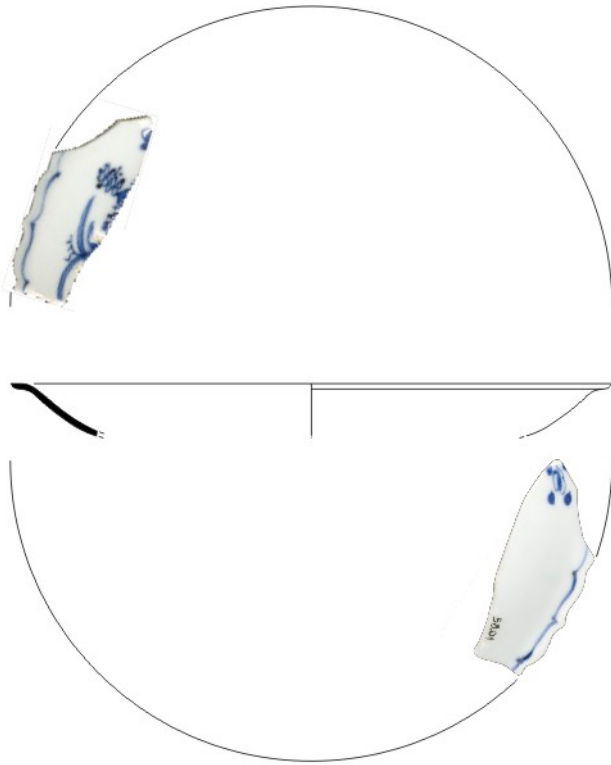


Figura 57: Natureza-Morta de Pieter Claesz (anterior a 1600), onde é visível uma grande taça com frutas no interior e junto a um copo de vidro uma taça de dimensão mais pequena (Valsecchi, 1973).

Exemplares possivelmente semelhantes a este formato de taças foram identificados no galeão espanhol *San Diego* recuperado no mar das Filipinas (Desroches, 1994: 340-341), *Mauritius* (L'Hour [et. al], 1989, p. 149), *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 117-127) e *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2005-2006, p. 256-257). Todavia, no Museu Topkapi Saray Museum é onde se encontra o maior núcleo de exemplares deste tipo de taças. Ainda da mesma tipologia, é a avultada quantidade de taças provenientes da carga do *Hatcher Cargo*, navio comercial asiático que naufragou nos mares do Sul da China e recuperado pelo capitão Michel Hatcher. Em Março de 1984, a sua colecção composta por grandes quantidades de porcelana datada de fins da dinastia Ming e do período de transição (1620-1683), foi leiloadada em Amesterdão (Matos, 1996, p. 116).

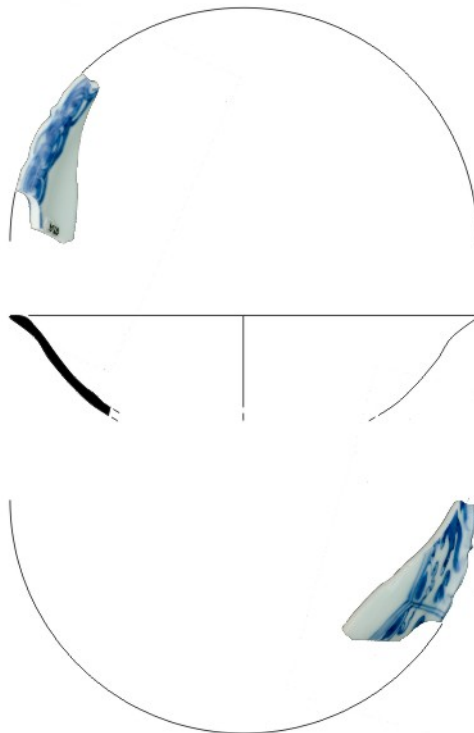


Figuras 58 a 61: Exemplos de taças pertencentes ao Grupo II.



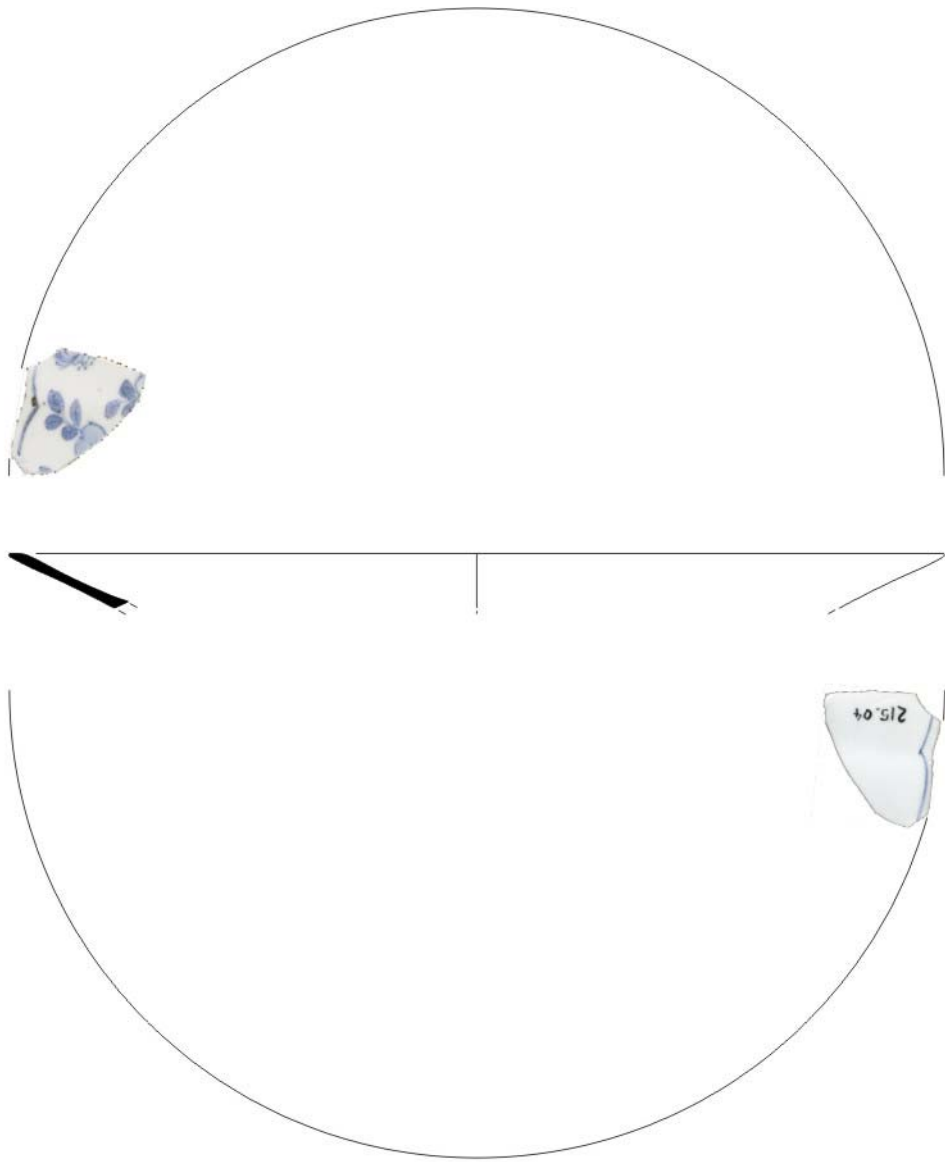
0 10 cm

sjb.58.01



0 10 cm

sjb.171.04



0  10 cm

sjb.215.04

Tal como as tigelas e os pratos, também as garrafas integrariam todo o cenário que compunha a típica mesa moderna, marcada pelo espectáculo da cor, patente nos alimentos sólidos e líquidos, que em completa harmonia e concordância coordenavam a refeição, a partir de finais do século XV e durante o século XVI, evidenciando as novas cerimónias associadas ao ritual do comer e do beber.

Das peças pertencentes à carga da *Nossa Senhora dos Mártires* e ainda do grupo das *kraak-porselein*, temos dois exemplares de garrafa. Na peça cnans.sjb.96/98.0090, apesar de muito fragmentada, é perceptível o seu formato piriforme, caneluras no interior e colo alto. Possuiria base larga assentando em pé espesso e, foi fabricada em porcelana de cor branca revestida de vidro de tonalidade ligeiramente azulada. A decoração foi aplicada em faixas horizontais sucessivas, cuja cena principal se desenvolve no bojo, imperceptível devido ao elevado estado de fragmentação do exemplar. A zona do gargalo mostra triângulos de suásticas intercalados com pendente de contas e, por baixo destes, meias cabeças de *ruyi*. Este mote é inspirado nos motivos decorativos de cigarras que adornavam os bronzes arcaicos (Desroches, 1998, p. 249). Este registo é separado por duas linhas concêntricas, sem qualquer tipo de preenchimento interior, seguindo-se dois medalhões lobulados, onde a folhagem de uma peónia alterna com uma flor de ameixoeira, pintada sob um fundo geométrico.

A aplicação do traçado decorativo é um indício revelador da minúcia e profundo conhecimento das técnicas por parte dos fabricantes chineses. Este fragmento é em muito idêntico a peças desta tipologia, provenientes da carga transportada a bordo do navio *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 134-135); do galeão espanhol *San Diego* (Desroches, 1994, p. 334, 337), das garrafas que integram a colecção particular da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves e a uma garrafa do Topkapi Saray Museum (Matos, 1996, p.130). Assim, de acordo com os paralelos em questão, é possível classificarmos o presente exemplar como atribuível ao século XVII, em particular, às produções das oficinas da cidade de Jingdezhen, na província de Jiangxi. Importantes são também as representações deste tipo de formas nas famosas casas de bonecas holandesas (Pijzel-Domisse, 2001, p. 28).

Classificámos também o exemplar cnans.sjb.96/98.0091 que, apesar de bastante fragmentado, pela espessura das suas paredes, pelo formato do seu fundo e pela feição do contorno das suas formas é passível de pertencer à base de uma garrafa. Fabricada a

partir de uma porcelana branca e espessa é revestida de um vidrado ligeiramente azulado, à excepção da extremidade do pé que mostra uma tonalidade alaranjada pelo contacto que deverá ter tido com a atmosfera oxidante do forno. A decoração elaborada a azul de cobalto é composta na base por uma marca de formato rectangular, preenchida por quatro caracteres *fugui-jiaqi*, da qual existem réplicas nos artefactos da colecção do Topkapi Saray Museum¹³². Junto à base, a peça é ornamentada por treze painéis preenchidos por bandas de escamas (?). É no colo que se desenvolve a temática central que anima a peça, assim, neste primeiro plano são perceptíveis uma espécie de ondas efervescentes e jactos de espuma, vislumbrando-se ainda uma cabeça de ruyi em torno da qual irradiam prolongamentos que formam uma nuvem. Esta iconografia – com paralelos nos exemplares pertencentes à carga do *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 134-135), do galeão espanhol *San Diego* (Desroches, 1994, p. 334, 337), uma garrafa do Topkapi Saray Museum e das garrafas que integram a colecção da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p.130) – tão comum nos fins do século XVI, permite atribuir a sua execução às oficinas de cerâmica de Jingdezhen, na província de Jiangxi, sita no Sul da China.

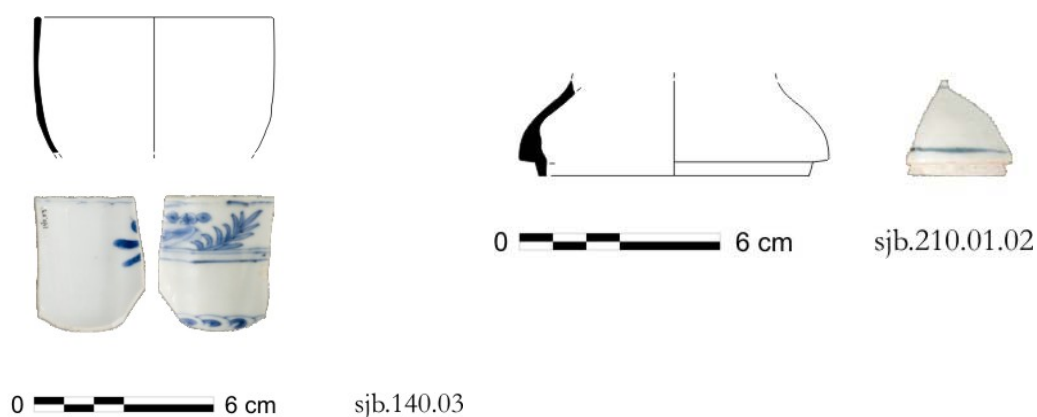
Os copos pertenciam igualmente ao cenário que compunha as mesas modernas e tendo uma utilidade estetizante, adaptaram-se às novas formalidades e ritos alimentares que invadem a sociedade lisboeta dos séculos XV e XVI, conforme já mencionámos anteriormente.

O único exemplar que possuímos de um possível copo é o fragmento SJB 140.03 que apresenta porção de parede alta com uma espessura de 0,2 cm e bordo recortado em chavetas interligadas, cujo diâmetro é de 8 cm. Foi fabricado com pasta de cor branca, muito fina, muito bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo. A decoração é de execução muito cuidada e deverá ter necessitado de mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após torneada foi colocada num molde para realçar os enquadramentos da peça. A superfície interna oferece o rebordo recortado em chavetas, delimitado por uma linha, assim como, vestígios de motivos florais. No tardoz, o rebordo recortado em chavetas é sublinhado por uma linha que demarca a zona do bordo, apresentando vestígios de decoração composta por

¹³² Riqueza e felicidade são o verdadeiro significado dos caracteres *fugui-jiaqi*. Esta marca era constantemente aplicada desde a era Jiajing (1522-1566) à era Wanli (1573-1619) (Desroches, 1998, p. 248-249).

motivos florais, assim como, vestígios de decoração na área do bojo aparentemente composta por pérolas (?). A presente colecção apresenta ainda um exemplar de uma possível tampa (?), provavelmente utilizada para cobrir o gargalo de uma garrafa.

Peças semelhantes a esta foram encontradas em materiais, datados dos séculos XVI e XVII, descobertos em intervenções arqueológicas efectuadas no sítio do naufrágio do *Witte Leeuw* (Pijl-Ketel, 1982, p. 180) e do *Mauritius* (L'Hour [et. al], 1989, p. 163-168). Possuímos ainda alguns fragmentos (SJB 210.01.01, SJB 148.04 e SJB 160.09), talvez pertencentes a um mesmo exemplar, de covilhete. Mostra formato arredondado, bordo recortado em chavetas, é revestida de um vidrado ligeiramente azulado e a decoração é pintada de um azul intenso sob o vidrado. A caldeira é decorada por grandes romãs¹³³ em relevo, no interior das quais ostentam simbologia decorativa indecifrável devido ao elevado grau de fragmentação da peça, que alternam com flor e respectivas ramagens. No tardo, apresenta o bordo igualmente recortado e demarcado por uma linha, assim como, vestígios do que será um laço estilizado com fita pendente. Como paralelos temos dois covilhetes que integram a colecção Fundação Carmona e Costa, datáveis por Maria Antónia Pinto de Matos e Mary Salgado da dinastia Ming, período Wanli (1573-1619), em particular, finais do século XVI e inícios do século XVII. As mesmas autoras referem a existência de um exemplar semelhante classificado por Maura Rinaldi que, por sua vez refere duas peças idênticas conservadas na Holanda, uma no Groninger Museum e outra no Princesshof Museum (Matos & Salgado, 2002, p. 66-69).



Figuras 62 e 63: Exemplares de um possível copo/taça (?) e tampa de uma provável garrafa (?) pertencentes ao Grupo II.

¹³³ Emblema da posteridade, esperança da família em ter uma descendência numerosa. (Matos & Salgado, 2002, p. 66).



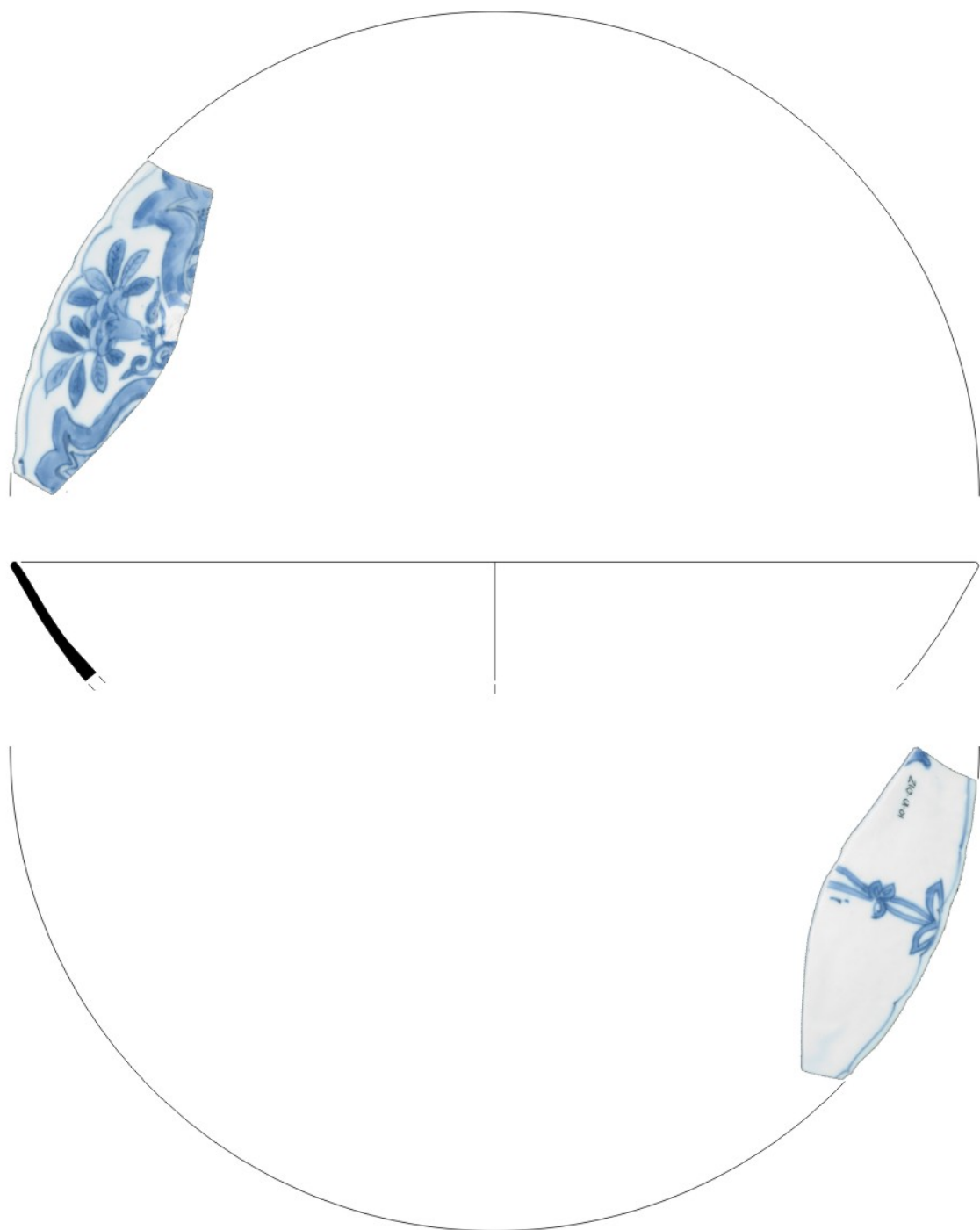
cnans.sjb.96/98.0090



0 10 cm

cnans.sjb.96/98.0091

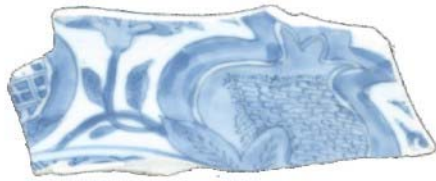
Figuras 64 e 65: Exemplo de uma Garrafa e provável pote/garrafa (?) pertencentes ao Grupo II.



0 10 cm

sjb.210.01.01

Figuras 66 e 67: Exemplos de um possível bordo e fundo de covilhete (?) pertencente ao Grupo II.



0  10 cm

sjb.148.04

Grupo III – Porcelanas do tipo Swatow

Um outro género de porcelana de exportação, igualmente atribuível ao período Wanli, o tipo *Swatow*¹³⁴, encontra-se aparentemente representado na cerâmica recuperada dos destroços do naufrágio da *Nossa Senhora dos Mártires*.

A denominação *Swatow* – que surge nos registos dos holandeses – deriva de Shantou, porto situado na região norte da província de Guangdong, junto à fronteira do Fujian. Segundo Teresa Canepa, a ideia da designação deste tipo de porcelana estar relacionada com local de onde eram exportadas não corresponde à realidade. Ainda de acordo com a mesma autora, o porto de Shantou apenas esteve activo a partir da dinastia Qing (1644-1910). Na sequência de intervenções arqueológicas, entre os anos de 1994 e 1997, nos locais das oficinas na prefeitura de Zhangzhou (Amoy), província do Fujian, arqueólogos chineses introduziram o conceito de fornos de ‘Zhangzhou’, e estas descobertas de mais de 50 sítios fornos – datados das dinastias Song a Qing –, confirmam a o facto de diversos fornos de loiças Zhangzhou (*Swatow*) estarem activos em simultâneo, entre a segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII. As loiças *Swatow* deveriam ser exportadas em grandes quantidades, talvez do porto de Yuengang, em ‘Zhangzhou’, para o Japão, para o Sudeste Asiático – países como a Indonésia, Arquipélago das Filipinas, Malásia e Bornéu – e, em menores quantidades para a Europa¹³⁵. (Canepa, 2006, p. 13).

Fabricadas em grés porcelânico, as *Swatow* eram elaboradas a partir de uma argila de textura muito fina e refractária, cozida a elevadas temperaturas e que vitrificava entre 1150°C e 1300°C. Peças de fabrico grosseiro, são revestidas de um vidrado branco acinzentado, por vezes opaco, decoradas com esmaltes brilhantes vermelho ferro, turquesa, verde e preto, mas para o nosso caso em particular, também podem possuir decoração pintada a azul de cobalto sob o vidrado (Matos, 1996: 31). A sua decoração é muito variada, desde Fénix com peónias, patos em lagos, enrolamentos de flores, dragões e leões são as imagens que ornamentam estas peças. Durante praticamente todo o século

¹³⁴ Durante muito tempo este tipo de porcelana não foi considerado, suscitando grande interesse entre investigadores e coleccionadores dos mais distintos países. O termo *Swatow* é o mais utilizado para as porcelanas com decoração azul e branca deste tipo mas, são também comuns, outras designações como “porcelana da China meridional”, “porcelana de Cantão”, “porcelana do Fujian” ou “porcelana de origem desconhecida” no Japão (Canepa, 2006, p. 13).

¹³⁵ Foram escavados fornos em Mt. Wanyao (Huazilou – Nansheng), Darlong e Erlong (Wuzhai), todos eles em cantão de Pinghe, prefeitura de Zhangzhou (Canepa, 2006, p. 13).

XVI e inícios do século XVII, estas cerâmicas eram exportadas para os locais mais recônditos do Sudeste Asiático, nas rotas que se destinavam à Indochina, Indonésia, arquipélago das Filipinas, Japão, Índia, Pérsia e Turquia (Pijl-Ketel, 1982, p. 195).

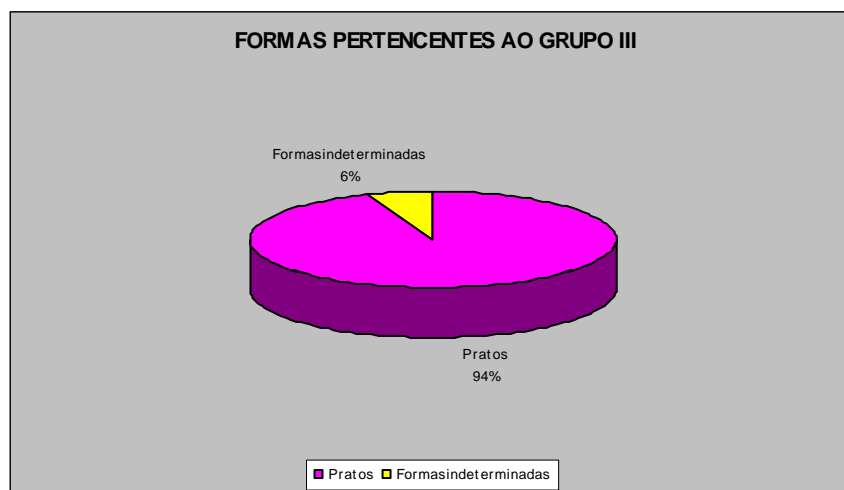


Gráfico X: Percentagem das várias tipologias formais em estudo pertencentes ao Grupo III.

Neste grupo classificámos, se bem que com algumas reservas, devido ao elevado estado de fragmentação dos exemplares, as peças que se apresentam revestidas de um vidro brilhante de tonalidade acinzentada. São na sua totalidade fragmentos pertencentes a pratos cujos diâmetros dos bordos variam entre os 16 cm e os 21cm, a espessura das paredes varia entre 0,2 cm e 0,9 cm e o diâmetro dos fundos ronda os 10,5 cm e os 11,6 cm.

No caso dos fragmentos (SJB 184.03.03 e SJB 184.01), provavelmente pertencentes a uma mesma peça, o bordo encontra-se recortado em chavetas interligadas evidenciadas por uma linha azul. Na superfície interna apresenta vestígios de decoração em tons de azul de cobalto com bordaduras tratadas entre círculos, apesar no rebordo apresentar do mesmo modo uma linha que acompanha e sublinha o recorte do bordo. Interiormente, esta bordadura ostenta decoração constituída por motivos florais e na face exterior, vestígios de uma flor estilizada.

Parcialmente fragmentado, o exemplar (SJB 18.16.01) contém porção de fundo,

parede e bordo recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul. Apesar de já desgastado, apresenta vidro brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade acinzentada. Com decoração em ambas as superfícies, a temática central da superfície interna encontra-se demarcada no fundo por duas linhas concêntricas, observando-se pelo menos um gamo em movimento, junto a vegetação, nomeadamente, junto a duas glórias matinais em flor. Por detrás deste, são visíveis um rochedo e ramagens pertencentes a um presumível “pinheiro” e, no céu, nuvens e o sol à espreita. A aba do bordo é demarcada por bordaduras tratadas entre círculos concêntricos apesar de, no rebordo, apresentar uma linha que acompanha e sublinha o recorte do bordo e preenchida com diversos motivos florais em tons de azul de cobalto. Na face exterior, tanto a zona do fundo como a aba são evidenciadas por linhas concêntricas e, no interior destas, motivos florais estilizados decoram a peça.

A peça (SJB 18.16.02), contém porção de bordo, aba, parede e fundo que assenta em pé saliente e ligeiramente introvertido. Ambas as superfícies apresentam um vidro já desgastado de tonalidade acinzentada. Do ponto de vista decorativo, na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas, podendo-se observar um gamo em movimento, junto a vegetação, nomeadamente junto a uma glória matinal em flor, sendo também visível um tronco de um presumível pinheiro (?). A aba do bordo é demarcada com bordadura, tratada dentro de um círculo concêntrico, preenchida com diversos motivos florais em tons de azul acinzentado. No tardo, a base e a aba são demarcadas por linhas com a mesma tonalidade, apresentando vestígios de decoração composta por motivos florais estilizados.

Outro dos fragmentos, o prato (SJB 28.02), contém porção de bordo recortado em chavetas interligadas, aba e parede. Ambas as superfícies apresentam um vidro de tonalidade acinzentada e a decoração de cor azul de cobalto. Exibe na superfície interna bordadura tratada entre um círculo concêntrico, preenchida por decoração composta por uma ave – "ganso"/"pato" (?) – imersa na água e envolta em símbolos vegetais. No tardo, o rebordo em chavetas e a carena, que marca a aba, encontram-se sublinhados por uma linha, sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada cujos motivos são de tipologia indeterminada, devido ao avançado grau de fragmentação da peça. Outro exemplar deste tipo é o (SJB 18.16.07), onde o recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces, no entanto, enquanto na superfície interna o bordo é

evidenciado por uma cercadura tratada entre círculo concêntrico preenchida por uma ave, possivelmente um "ganso"/"pato" (?), rodeado por motivos vegetalistas. No tardo, o rebordo em chavetas e a carena que marca a aba, encontram-se sublinhados por uma linha, sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada, cujos motivos são imperceptíveis devido ao elevado estado de fragmentação do exemplar.

O prato (SJB 50.04) contém porção de aba, parede e fundo que assenta em pé anelar, saliente e ligeiramente introvertido. Ambas as superfícies apresentam oferecem um vidro muito desgastado de tonalidade acinzentada, decoração em tons de azul acinzentado, assim como, na base uma tonalidade alaranjada possivelmente devido ao contacto com óxidos de ferro. Na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas, preenchidas por diversos motivos florais e, rochedos ao centro dos quais se evidencia uma "glória matinal" em flor. A aba do bordo é também ela demarcada por bordadura tratada entre círculo concêntrico, preenchida com motivos de tipologia indeterminada devido ao elevado estado de fragmentação da peça. No tardo, o fundo encontra-se sublinhado por uma linha, assim como, oferece no corpo da peça vestígios de decoração composta por motivos de tipologia indeterminada.

O fragmento (SJB 04673.01.0406), pertencente a um prato, contém porção de parede, aba e bordo recortado por chavetas interligadas, ambas as superfícies mostram um vidro já desgastado de tom acinzentado e decoração em tons de azul acinzentado. Na superfície interna, o rebordo, recortado em chavetas, encontra-se sublinhado por uma linha a demarcar a zona do bordo. Assim, numa bordadura tratada entre círculo concêntrico, insere-se o esquema decorativo composto por motivos de inspiração vegetalista. No tardo, o rebordo em chavetas e a carena, que define a aba, encontram-se sublinhados por uma linha sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada, cujos motivos são imperceptíveis devido ao elevado estado de fragmentação do presente exemplar.

O fragmento de prato SJB 29.02 é composto por porção de parede, aba, fundo que assenta em pé anelar saliente, ligeiramente introvertido e bordo recortado por chavetas interligadas. Ambas as superfícies ostentam um vidro ligeiramente desgastado de tonalidade acinzentada e decoração em tons de azul acinzentado. Na superfície interna, o fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas, no interior do qual se

desenvolve a temática central, cuja tipologia é imperceptível devido ao elevado grau de fragmentação da peça. O bordo recortado em chavetas e a aba oferecem bordadura tratada entre círculo concêntrico, sublinhado por uma linha que oferece no seu interior decoração composta por motivos vegetalistas. No tardo, a base, a aba e o bordo recortado, são sublinhados por uma linha; entre o bordo e a aba e, entre esta e a base, a peça apresenta decoração composta por motivos florais estilizados.

O fragmento de prato (SJB 27.03) contém porção de parede, aba e bordo recortado em chavetas interligadas. Ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade acinzentada e decoração em tons de azul de cobalto. O recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces, no entanto, enquanto na superfície interna o bordo é evidenciado por uma cercadura tratada entre círculo concêntrico, preenchida por motivos de tipologia indeterminada, devido ao elevado grau de fragmentação. No tardo, o bordo e aba são também evidenciados através de uma cercadura decorada no seu interior por motivos florais (?) estilizados.

O prato (SJB 04673.02.0409) é revestido em ambas as superfícies de um vidrado brilhante, de tonalidade acinzentada e decoração em tons de azul acinzentado. O recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces, no entanto, enquanto na superfície interna o bordo é evidenciado por uma cercadura, tratada entre círculo concêntrico preenchida por motivos de tipologia indeterminada, devido ao elevado grau de fragmentação da peça. No tardo, o bordo e aba são também evidenciados através de uma cercadura, decorada no seu interior por motivos estilizados de índole indeterminada.

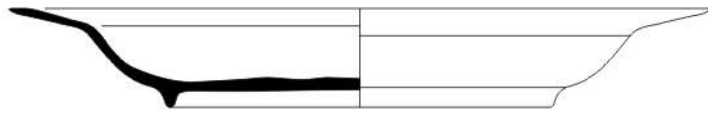
Finalmente, possuímos ainda um último fragmento contendo porção de parede e bordo, recortado em chavetas interligadas entre si. Ambas as superfícies encontram-se cobertas de um vidrado, que apesar de já desgastado, ainda revela um tom acinzentado e decoração em tons de azul de cobalto muito minuciosa e bem esboçada. Na superfície interna a temática central encontra-se enquadrada por círculo. A aba mostra bordadura tratada entre dois círculos, no interior da qual são perceptíveis motivos de ordem vegetalista. No tardo, tanto a aba como a caldeira apresentam vestígios de decoração composta por motivos florais.



0  10 cm

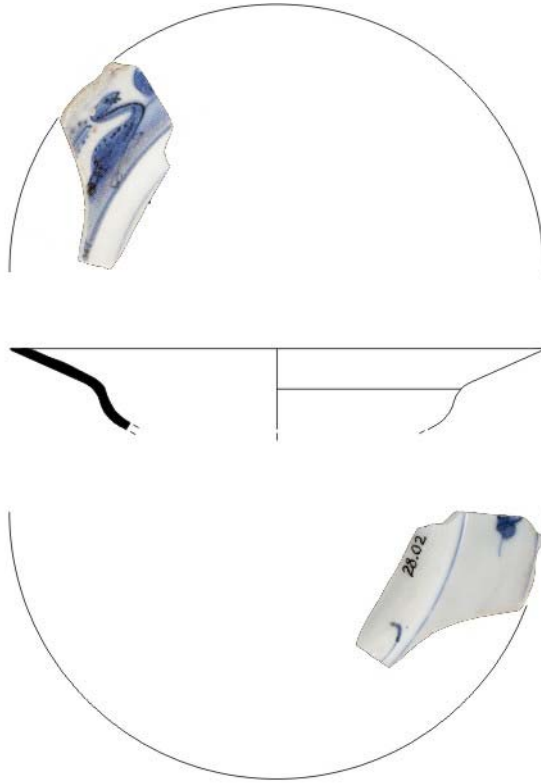
sjb.184.01

Figuras 68 a 76: Exemplos de pratos possivelmente pertencentes ao Grupo III – *Swatow*.



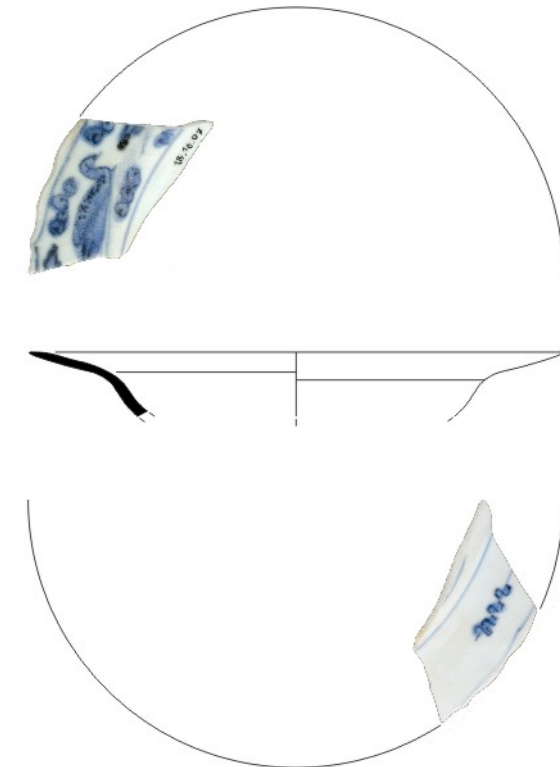
0  10 cm

sjb.18.16.01



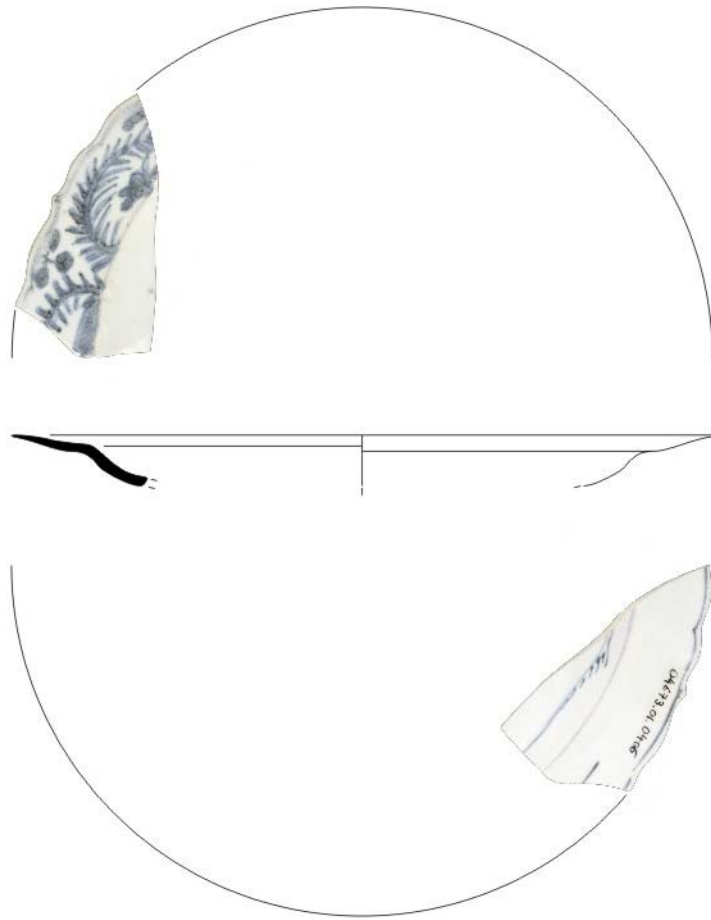
0  10 cm

sjb.28.02



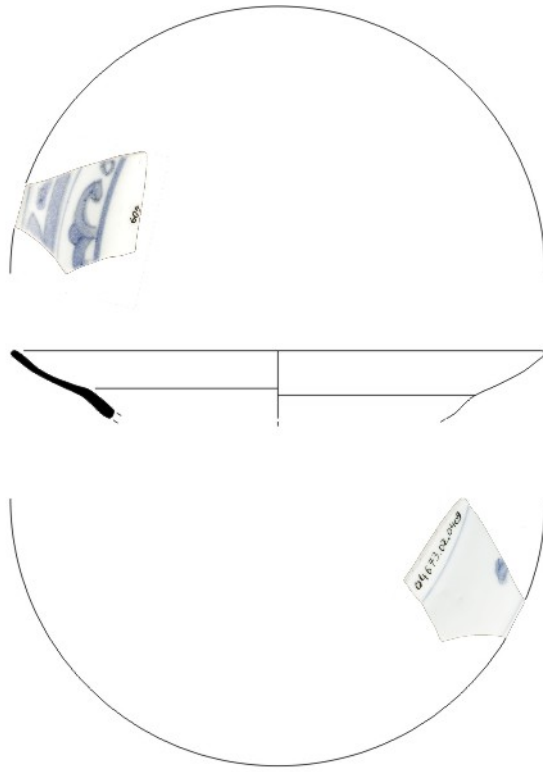
0  10 cm

sjb.18.16.07



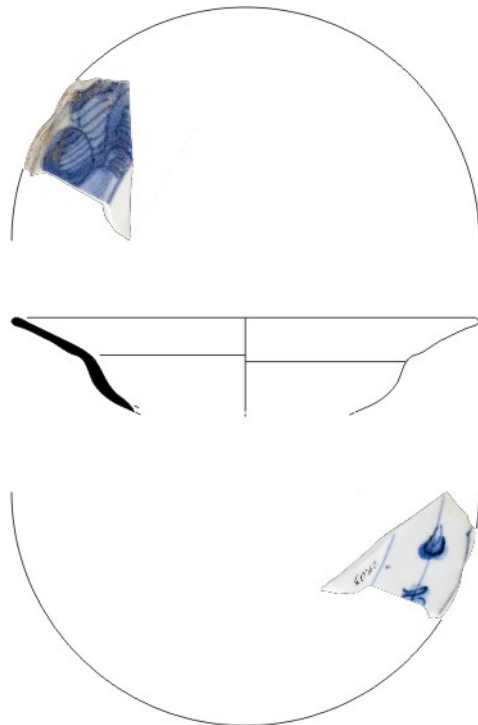
0  10 cm

sjb.04673.01.0406



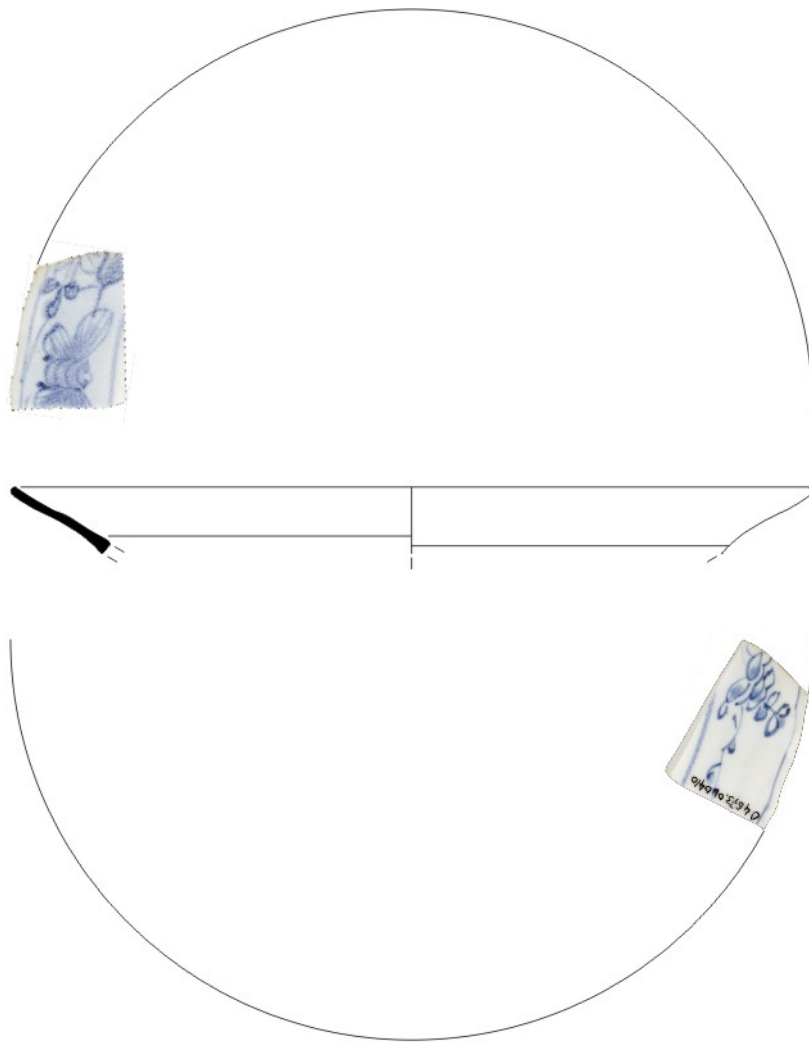
0 10 cm

sjb.04673.02.0409



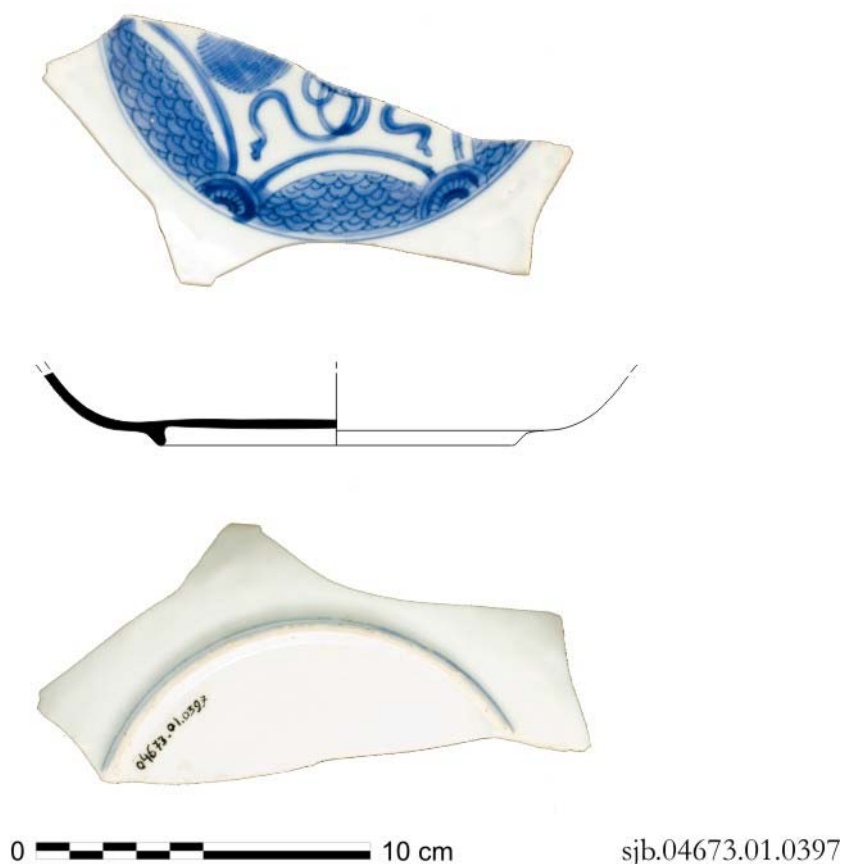
0 10 cm

sjb.27.03



0  10 cm

sjb.04673.01.0410



Os ateliers dos períodos Ming e Qing concentram-se nos cantões de Pinghe, Huuan, Nanjing, Zhaoan, apesar de se terem descoberto vestígios de fornos nos cantões de Yunxiao e Zhangpu. Resultante de recentes investigações histórico-arqueológicas relativamente aos sítios das oficinas dos períodos Ming e Qing, foi considerado que os fornos não entraram em actividade antes da era Wanli (1573-1619) e deverão ter continuado a sua labuta até ao início da dinastia Qing, período Shunzhi (1644-1661). Nos fornos intervencionados, a porcelana azul e branca, com decoração rica e variada, é a que surge em maior número, da mesma forma que esta loiça é a que mais se encontra em colecções públicas e privadas a nível mundial.

Aparentemente longo, o período de fabrico de peças azuis e brancas, prolongou-se de finais do século XVI a meados do século XVII. A grande maioria destas peças apresenta um bordo direito, vazado ou revirado, surgindo ocasionalmente bordos

folheados. Barbara Harrison classificou a porcelana azul e branca de Zhangzhou (*Swatow*) em três famílias – ‘conservadora’, ‘persistente’ e ‘versátil’ – distintas tendo em linha de conta a tipologia das suas formas e da decoração em ambas as superfícies (Welsh, 2006, p. 22).

Se considerarmos esta classificação, os exemplares em estudo assemelham-se com as peças que integram a segunda categoria onde a decoração é pintada em contornos delicados e aguadas de azul sob o vidrado, contrastando em algumas dois tons de azul, um mais claro e outro mais escuro. A gramática decorativa deste conjunto é em muito influenciada pelo estilo artístico das manufacturas de Jingdezhen, ou seja, os desenhos centrais são envoltos em cercaduras, as caldeiras lisas e cercadura no bordo preenchida com paisagem contínua em volta do bordo.

Idêntico aos que integram a colecção em estudo, sobretudo ao nível do formato e cercadura do bordo, é um prato de grandes dimensões em exposição no Princessehof Museum, datado da segunda metade do século XVI (Welsh, 2006, p. 24-25). Conhecem-se exemplares similares no espólio proveniente do naufrágio *Mauritius* (L’Hour [et. al], 1989, p. 161-163).

CONCLUSÃO

A informação recolhida a partir do vasto conjunto de peças que constitui o núcleo central do presente estudo, conjugada com os elementos históricos do local, onde se encontra implantada a jazida arqueológica subaquática, permite-nos tirar algumas conclusões. Convém sublinhar, no entanto, que as interrogações são abundantes e que, apesar das hipóteses avançadas, temos que ter em consideração o constante assoreamento e revolvimento dos fundos a que a barra do Tejo desde sempre esteve sujeita, pela acção de ventos e marés.

O desenvolvimento da cidade entre os séculos XV a XVII derivou de movimentos conjunturais. Desde o século XII que Portugal possuía estreitas relações comerciais com outras regiões da Europa, relações que se intensificaram com a Reconquista a partir do século XII. Este tráfico comercial era feito com regiões do Norte da Europa – Inglaterra, Flandres e França – e do Mediterrâneo – Sul de Espanha, Itália e Norte de África.

Os contactos, com o Atlântico Norte e o Mediterrâneo, tornaram-se cada vez mais frutíferos, estabelecendo-se uma rota marítima que contornava as costas da Península Ibérica, cujo entreposto de Lisboa era o importante porto de escala. Numa época em que, Portugal começou a progredir, sobretudo, do ponto de vista económico, Lisboa deverá ter encontrado um rumo para o seu desenvolvimento, conseguindo afirmar-se como importante metrópole do Reino, porto comercial, centro mercantil e marítimo por excelência. O interesse demonstrado pelos monarcas nesta região veio corroborar a importância comercial da cidade. O porto de Lisboa ilustrava bem a sua função como centro de actividade económica, social e cultural, confrontando tanto as cadeias que uniam os géneros comerciáveis, como os contextos aglutinadores dos usos e costumes dos povos. A cidade de Lisboa, que despertou com a odisséia marítima dos finais do século XV, teve continuidade nas rotas das carreiras da Índia e do Novo Mundo.

Toda a costa portuguesa sofreu diversas alterações no processo de alinhamento, notável pelo assoreamento das zonas mais reentrantes estuarinas e lagunares, e pela corrosão progressiva de pontos salientes e proeminentes. O gradual assoreamento dos rios provocou profundas alterações na barra dos mesmos, acabando por truncá-los, limitando e impossibilitando a navegabilidade e até mesmo impedindo a entrada de embarcações. Tal situação, encontra-se bem patenteada na dinâmica costeira de Lisboa, onde o assoreamento da foz do rio Tejo originou uma cada vez maior dificuldade em fazer entrar

e atracar os seus navios com destino ao porto de Lisboa e a outros portos escalonados nas suas margens.

Deverão ter sido inúmeros os naufrágios de navios sucedidos na barra do Tejo entre os séculos XVI e XVIII.

Como já foi referido, entre 1996 e 1997, intervenções arqueológicas realizadas nas imediações da Fortaleza de São Julião da Barra, rapidamente induziram à confirmação dos destroços de uma nau da Carreira da Índia. Pela quantidade de pimenta que ainda permanecia *in situ*, e sobretudo entre nas frestas do tabuado, facilmente se percebeu que o navio ter-se-ia despenhado na torna-viagem, excluindo a priori os naufrágios de navios que ocorreram aquando da sua saída do porto de Lisboa, que não carregavam pimenta, nem cerâmicas do Extermo-Oriente.

Entre o avultado acervo arqueológico recolhido nas várias intervenções ocorridas no sítio de São Julião da Barra, destaca-se a colecção de cerâmicas, que proporciona dados inéditos, quer pelo o elevado número de exemplares exumado, quer pela qualidade e requinte da sua confecção. O conjunto de peças estudado, composto por 240 exemplares, que integraria parte da carga da presumível *Nossa Senhora dos Mártires*, constitui uma das importantes colecções de cerâmica oriental, recuperadas em jazidas arqueológicas subaquáticas intervencionadas em Portugal. Na verdade, possuímos dois grandes grupos de peças – potes orientais e porcelanas chinesas. Estamos perante um conjunto muito homogéneo em termos de fabrico, possivelmente, procedente de manufacturas do Sudeste Asiático e de regiões do Sul da China.

Várias conjecturas poderão ser evidenciadas relativamente ao motivo pelo qual era transportado a bordo da nau o núcleo de cerâmicas estudado.

A grande maioria dos potes em grés da *Nossa Senhora dos Mártires* apresenta uma gramática decorativa incisa composta por motivos geométricos, motivos florais em relevo ou a combinação de ambos, motivos geométricos e florais.

Sabemos que a aplicação de vidro nas superfícies das peças de cerâmica melhorava, consideravelmente, o aspecto global das mesmas. Para além de as proteger, este revestimento servia para as impermeabilizar, proteger contra a deterioração e estrago das mesmas e até para facilitar a sua limpeza. No entanto, a sua utilização pode ser equacionada com uma dupla vertente de revestimento, de forma a proteger as peças para

que se conservassem por mais tempo e como forma “artística livre”, com uma função meramente decorativa detentora de um discurso próprio. Todos os potes em estudo revelam a aplicação de um vidrado – os *martaban*, os *tradescant*, outras produções chinesas e tailandesas e o pote *tsubo*.

Como já referido, oriundos das oficinas das regiões do Sul da China e do Sudeste Asiático, estes potes, colecionados deste muito cedo pelos entusiastas ocidentais, são encontrados em contextos de naufrágios datados de inícios do século XVI. Fabricados em centros importantes como os de Dingyao (Hebei), Yaozhou (Shaanxi) e Jian (Fujian), são passíveis de constituir umas das formas marcantes das manufacturas e cerâmica oriental dos séculos XVI e XVII (Desroches, 1998). Assim, um diálogo sereno e uma perfeita combinação dos elementos decorativos é revelador da capacidade criadora dos artesãos ceramistas orientais eternizando um universo de peças cujo aperfeiçoamento se preservaria “impermeável” ao predomínio do gosto ocidental, conservando as suas antiquíssimas manifestações de arte.

Os potes ditos *martaban* são recipientes com pastas que mostram um grés de tonalidade cinzenta e são revestidos na superfície interna por um luminoso e espesso vidrado de cor castanha-escura, por vezes, preta colorido a óxido de ferro, não apresentando a superfície externa qualquer tipo de tratamento prévio. De formato tronco-cónico, exibem cerca de três, por vezes, quatro asas e a decoração é aplicada em ligeiro relevo e composta por pastilhas e faixas elegantes de argila clara, apresentando-se o bojo dividido em painéis.

Os potes que mais se evidenciam são os que possuem decoração composta por motivos zoomórficos, em particular, animais fantásticos e imaginários que surgem das extremidades do corpo, próximo do bordo, formando asas sem qualquer tipo de funcionalidade. As jarras *tradescant*, provavelmente, de feição mais popular, mostram as suas paredes externas profusamente animadas por motivos florais em relevo que se destacam de um fundo de tonalidade verde, cor predominante neste tipo de cerâmica. Oferecem pastas de tonalidade bege clara e as suas faces externas eram revestidas de um vidrado plúmbeo de tonalidade amarela, resultante de coloração com óxidos de ferro; verde, proveniente da aplicação de cobre e beringela, derivado da utilização de manganésio.

A partir de um estudo comparativo das formas, pastas e tratamento das superfícies foi possível identificar alguns exemplares definidos como jarras chinesas, não se conhecendo com exactidão qual a região das oficinas dedicadas ao seu fabrico. Ambas as superfícies, interna e externa, apresentam apenas a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate.

Ainda compõem a colecção em estudo um único exemplar de fabrico, talvez, tailandês – as denominadas *Tai stoneware jars* – revestido de um vidrado feldspático, possivelmente obtido através de fibras vegetais.

Possuímos um único exemplar, classificado como pertencente a uma outra tipologia, de um pote do tipo *Tsubo*. Considerado como sendo de fabrico japonês, pelo seu formato bojudo, robusto e de paredes espessas deveriam ser recipientes destinados ao mantimento e conserva de víveres (Desroches, 1998, p. 239).

Nas longas viagens a bordo das embarcações, estes recipientes seriam sobretudo usados para conserva, transporte e acondicionamento de géneros alimentares, líquidos e determinados objectos preciosos. Estes potes para além desta função poderão ter sido utilizados como lastro. Não podemos também descurar a hipótese de alguns deles integrarem peças pessoais de viajantes e tripulantes a bordo ou até mesmo um pedido de encomenda por parte de um membro da sociedade portuguesa de então.

Concerteza, pela sua função, deverão ser formas que surgem um pouco por todo lado, inclusive, nos espaços mais privados e recônditos da sociedade de então. Possivelmente, deverão ter estado presentes em diversas áreas destinadas à lida da casa que representavam verdadeiros espaços de convívio. Porém, é sempre difícil definir com exactidão e oferecer um quadro ordenado dessas aplicações. Pela ornamentação que muitos exemplares apresentam poderão ter tido uma função meramente decorativa nas casas de família do Portugal da época.

Uma segunda observação é destinada ao conjunto de porcelanas chinesas recuperadas no sítio de naufrágio da referida nau. Na generalidade, apresenta-se como relativamente homogéneo, quer pelas suas dimensões, espessura dos bordos, paredes e fundos, como ao nível da decoração – ponto de partida fundamental para a atribuição de uma cronologia. São peças que mostram boa concepção e tratamento das superfícies, constituindo um núcleo de exemplares de loiça fina e requintada.

Atribuir uma datação precisa é uma etapa extremamente problemática e ambígua, contudo, tendo em conta os paralelos estabelecidos, formam um núcleo coeso do ponto de vista tipológico e decorativo e inserem-se no processo evolutivo das produções chinesas do último quartel do século XVI e primeira metade do século XVII. As formas mais comuns são pratos, taças, potes e garrafas de boa qualidade, fabricadas com pastas bem depuradas, compactas e homogéneas. Na sua grande maioria pertencem ao grupo das porcelanas com decoração “azul e branca”, conhecidas por *kraak-porselein*, produzidas nas oficinas de Jingdezhen e, entre vários motes decorativos, predominam motivos de inspiração geométrica, simbólica, vegetalista, gamos e aves. Estas peças, reveladoras de um expressivo tráfico comercial entre o Império do Meio e Portugal, para além de se encontrarem arqueologicamente documentadas em inúmeros vestígios de naufrágio de que são exemplo o navio espanhol *San Diego*; navios portugueses *Santo Espírito* (1608), *Nossa Senhora da Luz* (1615), *São Gonçalo* (1630) e *Santa Maria de Madre Deus* (1643); e em navios da VOC como *Mauritius* (1609), *Banda* (1615) e *Witte Leeuw* (1613), surgem também em colecções de museus portugueses como a Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Fundação Carmona e Costa, no Museu Nacional de Arte Antiga, assim como, uma sala de tecto piramidal inteiramente coberto de porcelanas no Palácio Santos, com exemplares muito próximos das grandes colecções Ming, reunidas pelos monarcas reinantes e conservadas em Paris (Museu Guimet), na Pérsia (Ardebil) e na Turquia (Palácio de Topkapi – Topkapi Saray Museum).

Por outro lado, não podemos descurar a conjugação do carácter utilitário destas loiças com o aspecto estético das mesmas. Estamos perante um significativo conjunto de porcelana da família dos “azuis e brancos” amplamente apreciada pelas classes sociais mais favorecidas do Ocidente europeu, em inícios do século XVII.

Estes exemplares, que primam pela execução minuciosa e de excelente qualidade, poderão integrar parte de alguma encomenda solicitada por algum membro da classe alta ou média, com um considerável poder de compra, acima da maioria da população. Também não podemos deixar de supor o facto de pertencerem a camadas mais abastadas economicamente, com um gosto artístico mais apurado e requintado. O fascínio pela porcelana era tal que esta constituía presente privilegiado dos monarcas portugueses às cortes europeias (Matos, 1998: 98).

É ainda presumível o facto deste núcleo de cerâmicas pertencer às loiças que, contribuindo e servindo de lastro para as embarcações, muitas vezes apetrechavam e serviam a tripulação a bordo. Sabe-se que era prática relativamente comum a utilização de serviços de porcelana a bordos das naus.

Por outro lado, se considerarmos o pedido que Afonso de Albuquerque fez a D. Manuel I, para utilizar no seu navio em ocasiões festivas ou de recepções, uma baixela em prata pois a que tinha em porcelana, quebrava-se com grande facilidade, podemos também concluir que este grupo de peças destinar-se-iam a ser comercializadas. Se era esta a finalidade do núcleo em questão, vem realçar a posição singular que Portugal teve no século XVI enquanto intermediário entre a sociedade oriental e ocidental. Era a Lisboa que estes artigos afluíam e através dela se propagavam por toda a Europa. O papel cultural e económico que Portugal desempenhou originou novos gostos que influenciam o resto da Europa durante toda a centúria de seiscentos e seguintes, facto também comprovado pelos inúmeros retábulos que apresentamos ao longo do presente trabalho, da autoria dos mais distintos pintores, e que tão bem ilustram o contexto de utilização destes exemplares.

Apesar de, no início da centúria de quinhentos, a porcelana não ser uma novidade na Europa, em 1498, com a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, e com importação de artigos raros, a porcelana transformar-se-á numa mercadoria corrente no seio da sociedade europeia (Matos, 1996: 25-37). Em meados do século XVI, em particular após o estabelecimento, em 1557, da feitoria de Macau e do fim da proibição de comércio entre Portugal e a China, intensifica-se o comércio das porcelanas chinesas.

A Coroa portuguesa manteve o domínio exclusivo deste comércio até 1596, altura em que os holandeses, após a proibição em 1594 da entrada dos seus navios no ancoradouro de Lisboa, criaram a feitoria de Bantam (Indonésia) e, em 1602, fundaram a VOC. Uma vez ameaçado o monopólio português, a partir desta altura, a VOC transforma a porcelana num dos produtos orientais com maior demanda e importância comercial (Volker, 1971, p. 9-14). Estudos recentes calculam que, entre 1604 e 1657, os navios da Companhia da Índias Orientais tenham conduzido para a Europa, cerca de três mil milhões de peças de porcelana “azul e branca” (Desroches, 1998, p. 234).

Só a partir do século XVI e apenas sob o impulso dos Holandeses, estas peças da

família dos “azuis e brancos”, deixam de ser exclusivo de reis, aristocratas, membros da Igreja e passam a estar acessíveis às classes sociais médias. A necessidade e o interesse por adquirir este tipo de peças intensificam-se com o aumento das trocas comerciais marítimas entre o Ocidente e o Oriente, tornando-se Lisboa a cidade europeia mais bem apetrechada em mercadorias raras.

Ainda não é possível calcular qual a quantidade de peças transportadas para a Europa nos navios portugueses. No entanto, a vitalidade deste comércio está bem documentada na ornamentação dos tectos da Sala das Porcelanas do Palácio Santos e nos conjuntos recuperados nos sítios de naufrágio das naus portuguesas *São João* (1552), *São Bento* (1554), *Santo Alberto* (1593), *Santo Espírito* (1608), *Nossa Senhora da Luz* (1615), *São Gonçalo* (1630) e *Santa Maria da Madre de Deus* (1643) (Bettencourt, 2005-2006, p. 266).

No seio das relações “lusu-orientais”, a porcelana ocupou desde sempre um lugar de destaque, sobretudo, se pensarmos que D. Manuel terá sido o primeiro monarca europeu a encomendar porcelana chinesa cuja temática decorativa era marcada pela representação das armas reais. Na verdade, a partir de 1513, após a chegada dos portugueses à China, entre o Ocidente e o Oriente teceu-se um jogo de interesses alimentados a longo prazo pelos portugueses através da sua implantação na Índia e na feitoria de Macau.

O conjunto de cerâmicas agora apresentado testemunha determinados aspectos da vida quotidiana das comunidades dos séculos XVI e XVII, assim como reflecte a trama marítima, comercial e cultural de então. O estado actual da investigação não permite adiantar conclusões de carácter definitivo até porque a escavação ainda não se encontra totalmente concluída, permanecendo submersas diversas peças que integrariam a carga da nau, e apenas estudámos uma pequena amostra composta por exemplares de cerâmica importada. Do mesmo modo, não conseguimos encontrar nenhuma documentação específica relativa à carga seja recibo de feitoria, lista de encomenda, inventário ou até mesmo lista de carga pertencente à *Nossa Senhora dos Mártires*.

Como já referimos ao longo do presente trabalho, assume particular relevância o conjunto recuperado na área de intervenção *SJB2*, tendo-se exumado cerâmicas coevas, possivelmente integrantes nos circuitos comerciais dos séculos XVI e XVII – período da grande dinastia Ming (1368-1644) e, em particular, do reinado Wanli (1573-1619) –

muitas das vezes encomendadas por grupos sociais ocidentais com poder de compra para a importação destes espécimes. A vasta colecção de cerâmicas oferecidas pela escavação do sítio de São Julião da Barra, evidenciando as alterações de gosto provocadas pelas novas ideologias do Renascimento, é testemunho de determinados aspectos do quotidiano dos portugueses dos séculos XVI e XVII, assim como, prova o complexo enredo mercantil e cultural que com a expansão marítima alterou para sempre o modo de viver da sociedade do Portugal de então.

Como bem ilustra a carga transportada pela referida nau, a cerâmica foi um dos laços de união mais marcantes da fabulosa aventura que foram os contactos culturais dos europeus e as civilizações do Império do Oriente. Assim, de leste a oeste e através da rota do Pacífico, os povos peninsulares contribuíram para uma nova visão e concepção do mundo.

BIBLIOGRAFIA

A. Fontes manuscritas

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

AHU, Caixas da Índia, Caixa 2, doc.134, 25 de Agosto de 1614

AHU, Caixas da Índia, caixa 22A, doc.122, 13 de Agosto de 1654

BIBLIOTECA DA AJUDA

Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-19

Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-17

Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-18

Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-18

Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-18

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

ANNT, *Códice da Casa de Cadaval*, M-VII-25

Corpo Cronológico, Parte 3.^a, Maço 8, n.º 1

BIBLIOTECA NACIONAL

ALUAREZ, Antonio – [Relaçam, em que se trata, e Faz hua breue descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, & seus arrabaldes, das partes notaveis, Igrejas, Hermidas & Conuentos que tem, começandologo da barra, vindo corredo por toda a traya atè Enxobregas, & dahi pella parte de cima, atè Saõ Bento o nouo. Com Priuillegio Real, & Taixado, em 8, reis em papel]. [Manuscrito]. 1625. Acessível na Biblioteca Nacional, Lisboa, Portugal.

B. Cartografia

BARBOSA, António, s/d, “Novos Subsídios para a História da Ciência Náutica Portuguesa da Época dos Descobrimentos”, in *Primeiro Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, Lisboa, Ministério das Colónias, pp. 109-249.

CORTESÃO, Armando, 1935, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, 2 vols., Lisboa, Seara Nova.

_____, 1960, *Cartografia Portuguesa Antiga*, Lisboa, Coleção Henriquina.

_____, s/d, “Cartographic Indications of Otherwise Unknown Early Portuguese Voyages”, in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Vol. II, pp. 111-116.

CORTESÃO, Armando & Avelino Teixeira da MOTA, 1960, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, 5 vols, Lisboa.

[CARTA Geológica de Portugal]. [Material Cartográfico]. Escala [1:25000] com notícia explicativa da Folha 34-C: Cascais, por M. M. Ramalho. J. Rey, G. Zbyszewski, C.A. Matos Alves, T. Palácios, F. Moitinho de Almeida, C. Costa e M. Kullberg, Lisboa, 2001.

INSTITUTO HIDROGRÁFICO, 1990, *Roteiro da Costa de Portugal*, 2.^a edição, Lisboa, Ministério da Defesa Nacional-Marinha.

C. Fontes impressas

BARROS, João de (1988a) – *Ásia – Dos Feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente – Primeira Década*. Lisboa, INCM.

____ (1988b), *Ásia – Dos Feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente – Segunda Década*. Lisboa. INCM.

____ (1992), *Ásia – Dos Feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente – Terceira Década*. Lisboa. INCM.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1924) – *História do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses*. Livros I e II. Coimbra: Imprensa da Universidade.

COUTO, Diogo do (1736) – *Décadas da Ásia* (Década Oitava). 2.^a edição. Tomo III. Lisboa: Na Régia Officina Typografica.

COUTO, Diogo do (1998) – *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus Filhos na Índia*. Org. J. M. Azevedo e J. M. dos Santos. Lisboa: Edição Cosmos.

FRANZINI, Mariano M. (1812) – *Roteiro das Costas de Portugal ou Instruções Náuticas para a Intelligencia e uso da Carta Reduzida da Mesma Costa, e dos Planos Particulares dos seus Principaes Portos*, Dedicado a Sua Alteza Real O Príncipe Regente Nosso Senhor, Na Impressão Régia.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (1910) – “Inventário da casa de D. João III em 1534”. In *Arquivo Histórico Portuguez*. Vol. III, p. 261-280 e 376-390. ISBN 972-8491-19-0.

_____ (1904) – “Inventário da Guarda-Roupa de D. Manuel”. In *Arquivo Histórico Portuguez*. Vol. II, p. 381-417. ISBN 972-8491-19-0.

GÓIS, Damião de (1988) – *Descrição da Cidade de Lisboa*. Tradução do texto latino, introdução e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.

HOLANDA, Francisco de (1984) – *Da Fabrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Ed. de Losé da Felicidade Alves, Lisboa: Livros Horizonte.

(1969) – “Jóias e outros bens da rainha D. Catarina no Arquivo Nacional da Torre do Tombo”. In *Documentos para a História da Arte em Portugal*. Or. de Raul Lino e Luís Silveira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. vol. 8.

LAVAL, Pyrard de (1998) – *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales (1601-1611)*. Paris, Editions Chandeigne. 2tm. ISBN 2-906462-50-0.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van, 1977, *Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações e Descobrimientos Portugueses.

MILLY, M. O. Conde de (1806) – *Arte da Porcelana ou Tractado sobre o modo de fazer a porcelana*. Trad. de Francez por ordem de sua Alteza Real o Príncipe Regente N. S., por José Ferreira da Silva, Materiais de que se compõe a porcelana da China. Lisboa: Impressão Régia. 266p.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues (1882) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal. Tomo I.

OSÓRIO, Jerónimo (1804-1806) – *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*. Trad. de Francisco Manuel do Nascimento, ed. actualizada e prefaciada por Joaquim Ferreira. Lisboa: Impressão Régia. 3 tm.

PINA, Rui de (1977) – “Chronica d’El Rei Dom João II”. In *Crónicas de Rui de Pina*. Int. e rev. de Manuel de Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, p. 883-1033.

VASCONCELOS, Luís Mendes (1803) – *Do Sítio da Cidade de Lisboa, Sua Grandeza, Povoação e Commercio, etc.* Reimpressos conforme a edição de 1608, novamente correctos e emendados. Lisboa: Impressão Régia.

D. Estudos

[1984] – *Portugal and Porcelain*. Ed. Lit. do Ministério dos Negócios Estrangeiros; do Ministério da Cultura e do Metropolitan Museum of Art. Lisboa: Ministério da Cultura; Fábrica da Vista Alegre, p. 33.

(1991) – *Referências Históricas ao Porto de Lisboa*. Lisboa: Administração do Porto de Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

(1992) – *Porcelana Chinesa de Exportação – Diálogo entre dois mundos*. Coord. De António Conceição Júnio. Macau: Galeria do Senado. 229p.

(1993) – *Hospital Real de Todos os Santos – Século XV a XVIII (500 anos)*. Ed. Lit. Museu Rafael Bordalo Pinheiro, co-aut. Ana Cristina Leite. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 103p.

(1997) – *Azul e Branco da China – Porcelana ao tempo dos Descobrimentos – Coleção Amaral Cabral*. Ed. Lit. Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. 1.^a edição. Lisboa: Instituto Português de Museus. 194p. ISBN 972-8137-66-4.

(2005) – *Ourivesaria e Porcelana do Palácio de Belém*. Ed. Lit. Museu da Presidência da República; Palácio Nacional da Ajuda; Galeria de Pintura do Rei D. Luís. Lisboa: Museu da Presidência da República. 155p. ISBN 972-8971-05-2.

(2006) – *Porcelana de Exportação de Zhangzhou. A Porcelana conhecida por Swatow*. Ed. Lit. Jorge Welsh Oriental Porcelain & Works of Art. Trad. de Alice Stilwell. 1.^a ed. Lisboa; London: Jorge Welsh Books. 200p. ISBN 0-9550992-3-4.

AFONSO, Simonetta Luz (1999) – “Dos arquivos aos abismos”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal, Expo’98 e Editorial Verbo, p. 15-19. ISBN 972-22-1883-2.

ALARCÃO, Jorge de [et al.] (1994) – *Lisboa Subterrânea*. Org. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: Sociedade Lisboa 94; Milão: Electa, p. 105-191.

PIMENTEL, Manuel (1969) – *Arte de Navegar*. Int. de Armando Cortesão, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Secção Memórias 7. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar. 330p.

___ (1978) – *Escalas da Carreira da Índia*. Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de Cartografia Antiga. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. Vol. 26. 10p.

ALBUQUERQUE, Luís de (dir.) [1994] – *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho. 2 vol. ISBN 972-21-0924-3.

ALVES, José da Felicidade (1989-1993) – *O Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Livros Horizonte. 3 vol. ISBN 972-24-0732-5.

ALVES, Jorge Santos (1999a) – *Um Porto entre Dois Impérios, Estudos sobre Macau e as Relações Luso-Chinesas*. 229p. Macau: Instituto Português do Oriente. ISBN 972-8013-46-9.

___ (1999b) – *O domínio do norte da Samatra: a história dos sultanatos de Samudera-Pacém e de Achem, e das suas relações com os portugueses: 1500-1580*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal. 301p. ISBN 972-9326-19-3.

ALVES, Francisco; RIETH, Eric; RODRIGUES, Paulo (1998) – “The Remains of a 14th century shipwreck at Corpo Santo, and of a shipyard at Praça do Município, Lisbon, Portugal”. In *Proceedings International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships os Iberian-Atlantic Tradition. Hull Remains, Manuscripts and Ethnographic Sources: a comparative approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 18, p. 88-91. ISSN 0871-2581.

ALVES, Francisco J. S. (1995) – *Projecto S. Julião da Barra – Projecto de Arqueologia Subaquática*. Lisboa: CNANS. (Relatório dos Trabalhos Efectuados em 1994).

___ (ed.) (1998a) – *Proceedings International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships os Iberian-Atlantic Tradition. Hull Remains, Manuscripts and Ethnographic Sources: a comparative approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 18. 463p. ISSN 0871-2581.

____(1998b) – “Genealogia e Arqueologia dos Navios Portugueses nos Alvores do Mundo Moderno”. In *Nossa Senhora dos Mártires, A Última Viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal Expo'98 e Edições Verbo, p. 71-83. ISBN 972-22-1883-2.

____(1998c) – “A Arqueologia de um Naufrágio”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal Expo'98 e Editorial Verbo, p. 183-215. ISBN 972-22-1883-2.

ALVES, Francisco [et al.] (1998) – “A Cerâmica dos Destroços do Navio dos meados do Século XV Ria de Aveiro A e da Zona Ria de Aveiro B. Aproximação Tipológica Preliminar”. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 185-210.

ALVES, Francisco, Paulo Rodrigues e Filipe Vieira de Castro (2000) – "Aproximação arqueológica às fontes escritas da arquitectura naval portuguesa". In *Proceedings of the VI Reunião Internacional de História da Cartografia e da Náutica*. Cascais: Patrimónia, p. 225-256.

AMARO, C.; BUGALHÃO, J.; RAMALHO, M. (1994) – “A Baixa Pombalina: alguns aspectos urbanísticos”. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2 vol. ISBN 972-9451-39-7.

ARAÚJO, Renata de (1990) – *Lisboa: A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte. 79p. ISBN 972-24-0790-2.

ARAÚJO, M. B. A. (1993) – *Enfermidades e Medicamentos nas Naus portuguesas (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Academia de Marinha.

AXELSON, E., 1980, “Recent Identifications of Portuguese Wrecks in the South African Coast, especially of São Gonçalo (1630) and the Sacramento and Atalaia (1647)”. In *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, p. 43-61. vol. 25. ISSN 0870-015X.

AZEVEDO, Rogério (1958) – *Onomástico Ibérico, Tentativa Etimológica*. Porto: Empresa Industrial Gráfica, p. 118-119.

BARATA, J. da G. P. [1989] – *Estudos de Arqueologia Naval*. Lisboa: Banco de Fomento e Exterior; Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2 vol.

BARKER, Richard (2000) – “What Fernando Oliveira did not say about cork-oak”. In *IX Internacional Reunion for Nautical Science & Hydrography*. Cascais: Patrimónia.

BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1998) – “200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII”. In *2^{as}. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- Métodos e Resultados para o seu estudo*. Coord. de João Manuel Diogo e Hélder Childra . Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.

BARREIROS, L. D. (s.d.) – *As marcas na porcelana chinesa*. 1.^a parte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 22p.

BARRETO, Luís Filipe [1983] – *Descobrimientos e o Renascimento, Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. 2.^a edição. Coleção Temas Portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 327p.

____ (1998) – “A Ásia e a Cultura Portuguesa (c. 1485 – c. 1630)”. In *Os Construtores do Oriente Português*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, p. 111-129. ISBN 972-8325-65-7.

____ (1999) – “Apre(e)nder a Ásia [Séculos XVI a XVII]”. In *O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 59-75. ISBN 972-8325-97-5.

____ (2000), *Lavrar o Mar, Os Portugueses na Ásia (c. 1480 – c. 1630)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. ISBN 972-787-024-4.

BARROS, E. E. (s.d.) – *Construção Naval, Manual do Operário*. Lisboa: Bibliotheca de Instrução e Educação Profissional.

BENINI, Mirella (1989) – *Cerâmica do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença. 82p. ISBN 972-2231-002-X.

BETTENCOURT, J. A. (2005-2006) – “Os vestígios da nau Nossa Senhora da Luz: resultados dos trabalhos arqueológicos”. In *Arquipélago – História*. 2.^a série. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, p. 231-273. vol. IX-X. ISSN 0871-7664.

BLAKE, W.; GREEN J. (1986) “A Mid-XVI Century Portuguese Wreck found in the Seychelles” in *International Journal of Nautical Archaeology*. Vol. 15.1 (1986), p. 1-23. ISSN 1057-2414.

BLOT, Maria Luísa Pinheiro (2003) – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos – Contributo para a Arqueologia das Cidades Marítimas e Flúvio-Marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia, 28. 338p. ISBN 972-8662-11-4.

BOCARRO, António (1992) – *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 3 vol. ISBN 972-27-0444-3.

BOIÇA, J. M. F.; BARROS, M. de F. R. de (1992) “O Bugio e S. Julião da Barra”. In *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, n.º 11 (1992) p. 78-79.

BOIÇA, J. M. F. (2000) – *A Barra do Tejo. O Eixo de São Julião da Barra/Bugio, Navegabilidade, Defesa e Alumramento*. Lisboa: Câmara Municipal de Oeiras. 88p. ISBN 972-8508-42-5.

BOTELHO, Alfredo Sousa de (1940) – *Subsídios para a história das guerras da restauração no mar e além-mar*. Lisboa: Ag. Geral das Colónias. 2 vol.

BOURDON, Léo (1990) – *La Compagnie de Jésus et le Japon*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 723p. ISBN 972-9342-10-5.

BOXER, C. R. (1961) - «*The Carreira da Índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)*». Separata do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e as Comemorações Henriquinas. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, p. 33-82.

____ [1977] – *O império colonial português*. Lisboa: Edições 70. 470p.

____ (1989) – *O Grande Navio de Amacau*. 4.ª edição. Lisboa; Fundação Oriente; Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, p. 2; 157-287.

BOYAJIAN, James C. (1993) – *Portuguese Trade in Ásia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore e London: The Johns Hopkins University Press. 356p. ISBN: 0-8018-4405-3.

BRANDÃO, João (1990) – *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*. Org. e notas de José Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte. 255p. ISBN 972-24-0757-0.

____ (1923) *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa, na 2ª Metade do Século XVI: Estatística de Lisboa de 1552*. Com. e notas de Gomes de Brito. Lisboa: Livraria Ferin. 278p.

BRIGADIER, Sara R. (2000) – “The Artifacts from São Julião da Barra”. In *INA Quarterly*. Vol. 27, N.º4 (2000) p. 10-12. ISSN 1090-2635.

____ (2002) – *The Artifact Assemblage from the Pepper Wreck: an Early Seventeenth Century Portuguese East-Indiaman That Wrecked in the Tagus River*. Texas: Texas A&M University. Tese de Mestrado.

BRIGADIER, Sara R.; RANDOLPH, Anthony (2000) – *Artifacts from São Julião da Barra, The likely wreck site of Nossa Senhora dos Mártires, a Portuguese East-Indiaman wrecked in 1606 (data collected and compiled)*. Texas: Texas University.

BROWN, Duncan H.; CURNOW, Celia (2004) “A Ceramic Assemblage from the Seabed near Kinlochbervie, Scotland UK”. In *The International Journal of Nautical Archaeology*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd. Vol. 33:1 (2004), p. 29-53. ISSN 1057-2414.

CAETANO, Carlos (2004) – *A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa, Séculos XV a XVIII*. 1.ª edição. Lisboa: Pandora. 285p. ISBN 972-8247-14-1.

CALLIXTO, Carlos P. (1989), *São Julião da Barra, Os Primeiros 100 Anos*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 234p.

____ (s.d.) *Resumo Histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas; Direcção-Geral da Divulgação da Secretaria de Estado da Comunicação Social, p. 9-23.

____ (2002) *As Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras*. 2.ª reedição renovada. Lisboa: Câmara Municipal de Oeiras, Lisboa. ISBN 972-8508-68-9.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – “Tipologia e Cronologia de Cerâmica dos Séculos XVI, XVII e XIX, encontradas em Cascais”. In *Arqueologia Medieval*. [S.l.]: Edições Afrontamentos, p. 193-212. ISSN 0872-2250.

CARITA, Hélder (1999) – *Lisboa Manuelina e Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1525)*. Lisboa: Livros Horizonte. Tese de Mestrado.

CARITA, R. (1989) – *As Casas de João Esmeraldo/ Cristovão Colombo no Funchal, Escavações nas casas de João Esmeraldo Cristovão Colombo*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, p. 15 – 23.

CARNEIRO, J. M. M. (org.) (1989) – *Porcelanas Orientais do Palácio Nacional da Pena*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. 126p.

CARVALHO, E. H. C. (1993) – “A Companhia das Índias e a Porcelana: O século XVIII e a «Família Rosa»”. In *Oceanos*. N.º 14. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 84-91.

CASTELO-BRANCO, Fernando (1956) – *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 419p.

____ (1982) – “Lisboa Vista pelos Estrangeiros (Até aos fins do Século XVII)”. In *Separata das Actas do Colóquio Presença de Portugal no Mundo*. Lisboa: Academia Portuguesa de História. p. 355-390.

CASTELO-BRANCO, Fernando (1989) – *Lisboa Seiscentista*. 4.ª edição. Lisboa: Livros Horizonte. 262p. ISBN 972-24-0793-7.

CASTILHO, J. de (1948-1960) – *A Ribeira de Lisboa. Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos o Velho*. Revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luiz Pastor de Macedo. 3.ª edição. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. 4 vol.

CASTRO, João de Bautista (1870) – *Mapa de Portugal Antigo e Moderno, 1745*. Lisboa: [s.n.]. Tomo I: Parte I e II, p. 20-21.

CASTRO, L. F.; ALVES, F. J. S. (1996) – *Arqueologia Subaquática em Portugal, Ponto da Situação*. Lisboa: [s.n.].

CASTRO, L. F. (1999), *Projecto SJB2 – Relatório dos Trabalhos Efectuados em 1999*, Lisboa: Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.

____ (2000a) – *Pewter Plates from São Julião da Barra, a 17th- Century Site At The Mouth Of The Tagus River, Portugal*. Texas: College Station.

____ (2000b) – “Os destroços de uma Nau da Carreira da Índia na Foz do Tejo, Lisboa, Portugal”. In *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, «Terrenos» da Arqueologia da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 475-495. ISBN 972-98807-2-7.

_____(2001a) – *Projecto SJB2 – Relatório dos Trabalhos Efectuados em 2000*. Texas: College Station.

_____(2001b) – *The Pepper Wreck a Portuguese Indiaman at mouth of the Tagus River*. College Station: Texas A&M University Press.

_____(2001c) “The remains of a Portuguese Indiaman at the mouth of the Tagus, Lisbon, Portugal (*Nossa Senhora dos Mártires*, 1606?)”. In *Internacional Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 381-403. *Trabalhos de Arqueologia*, 18. ISSN 0871-2581.

_____(2002) – “São Julião da Barra Archaeological Complex”. In *Nautical Archaeological Program Library*. College Station: Texas A&M University, p. 1-74. (ShipLab Report 7).

CASTRO, Nuno de (1992) – *A Cerâmica e as Porcelanas Chinesas – do Neolítico à dinastia Yuan 1368 e Dinastia Ming (1368-1644)*. 1.^a edição. Porto: Civilização. 2 vol. ISBN 972-26-1015-5.

CID, Pedro de A. I. (1998) – “A Arquitectura da Barra do Tejo: as fortificações”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A Última Viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal Expo’98 e Editorial Verbo, p. 33-49. ISBN 972-22-1883-2.

COELHO, António B. (1986) – *Quadros para uma Viagem a Portugal no Século XVI*, Lisboa: Caminho.403p.

COELHO, Inês (2009) – *Porcelana de Encomenda*. Colecção António Olmos. Cascais, Câmara Municipal de Cascais, p. 132-147. ISBN 978-972-637-212-7.

COHEN, David H.; HESS, Catherine (1993) *Looking at European Ceramics. A guide to technical terms*. Malibu, California; London: J. Paul Getty Museum; British Museum Press. 91p. ISBN 0-7141-1734-X.

CORREIA, Gaspar (1975) – *Lendas da Índia*. Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão. 4 vol.

CORTESÃO, Armando (1978) – *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Por Ordem da Universidade. 503p.

CORTESÃO, Jaime (1978) – *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Circulo dos Leitores. Vol. 2. 317p.

COSTA, A. Ramos da (1920) – *Resumo do Novo Roteiro da Barra e Porto de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Manuel Lucas Torres. 36p.

COSTA, Américo (1930) – *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular : hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*. Lisboa: Civilização. Vol.2.

COSTA, João Paulo Oliveira e (1989a) – “Os Portugueses na China”. In *Portugal no Mundo – Os Portugueses no Oriente*. Lisboa: Edições Alfa, p. 180-196. Vol. IV.

_____ (1989b) – “Os Portugueses no Japão”. In *Portugal no Mundo – Os Portugueses no Oriente*. Lisboa: Edições Alfa, p. 197-213. Vol. IV.

_____ (1991) – “Do sonho manuelino ao pragmatismo joanino. Novos documentos sobre as relações luso-chinesas na terceira década do século XVI”. In *Studia*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. N.º 50 (1991), p. 121-156. ISSN 0870-0028.

_____ (1995) – *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau e Instituto de História de Além-Mar. 243p. ISBN 972-35-0169-4.

_____ (1998) – “Francisco Rodrigues S.J. (1559-1606): Procurador da missão do Japão”. In *Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal Expo’98 e Editorial Verbo, p. 175-181. ISBN 972-22-1883-2.

_____ (2003) – “O Império português em meados do século XVI”. In *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar. Vol. III (2003), p. 87-121. ISSN 0874-9671.

_____ [2005] – *D. Manuel I 1469-1521. Um Príncipe do Renascimento*. 1.ª edição. Lisboa: Circulo de Leitores. 333p. ISBN 972-42-3440-1.

COSTA, João Paulo Oliveira; GUERREIRO, Maria João (1997) – *O Império Português do Oriente*. Lisboa: Grupo de Trabalhos do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 78p. ISBN 972-8186-36-3.

COSTA, João Paulo Oliveira; LACERDA, Teresa (2007) – *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*. 1.ª edição. Coleção Portugal Intercultural.

Lisboa: ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. 159p. ISBN 978-989-8000-31-6.

COSTA, Leonor Freire (1997) – *Naus e Galeões na Ribeira de Lisboa, A Construção Naval no Século XVI para a Rota do Cabo*. Cascais: Patrimonia Historica. 451p. ISBN 972-744-017-7.

COSTA, A. Ramos (1920) – *Resumo do Novo Roteiro da Barra e Porto de Lisboa*, Lisboa: Imprensa de Manuel Lucas Torres. 36p.

COSTA, Manuela Pinto da (1999) – “Ásia Oriental – Martabão”. In *Os Espaços de um Império*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 194-196. ISBN 972-8325-78-9.

COUTINHO, Valdemar (1999) – *O fim da presença portuguesa no Japão*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal. 189p. ISBN 972-9326-24-X.

COUTO, Dejanirah (1998) – “No rasto de Hãdim Suleimão Pacha: alguns aspectos do comércio do Mar Vermelho nos anos de 1538-1540”. In *Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa A Carreira da Índia e a Rotas dos Estreitos*. Angra do Heroísmo: I.I.C.T., p. 483-508.

_____ (2005) – *História de Lisboa*. 9.^a edição. Trad. por Carlos Vieira da Silva. Lisboa: Gótica 2000 – Sociedade Editora e Livreira, Lda. ISBN 972-792-046-2.

CRUZ, Frei Gaspar da (1997) – *O Tratado das Coisas da China (Évora 1569-1570)*. Introdução, modernização do texto e notas de Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Cotovia, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. ISBN 972-8028-77-6.

CURVELO, Alexandra e PAIS, Alexandre (2008) – *Ecos do Norte e do Levante. Tavira na intercepção de rotas comerciais e artísticas nos séculos XV-XVIII. Tavira, patrimónios do mar*. Tavira: Museu Municipal de Tavira – Palácio da Galeria, p. 94-105, 225-231. ISBN 978-972-8705-28-2.

DAVEAU, Suzanne; GALEGO, Júlia (1968) – *O Numeramento de 1527-1532, Tratamento Cartográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. 118p.

D’ESAGUY, Augusto (1956) – *S. Julião da Barra*. Cascais: Junta de Turismo de Cascais. 16 fl.

DESROCHES, Jean-Paul (1992) – “As rotas da cerâmica”, *Do Tejo aos Mares da China. Uma Epopeia Portuguesa*. Paris : Réunion des Musées Nationaux, p. 19-33.

_____ (1994) – “Les porcelaines”. In *Le San Diego. Un Trésor sous la mer*. Paris : Editions Carré, p. 300-359. ISBN 2-7118-3135-3.

_____ (1998) – “Cerâmicas Orientais e porcelanas”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal/Expo’98 e Editorial Verbo, p. 229-251. ISBN 972-22-1883-2.

DIAS, Fernando de C. (1955) – “A Relação das Fábricas de 1788”. In *Separata Boletim de Ciências Económicas da Faculdade de Direito de Coimbra*, Coimbra: [s.n.]. 93p.

DIAS, Pedro (1996) – “Símbolos e Imagens do Cristianismo na Porcelana Chinesa”. In *Reflexos*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, p. 17-59.

D’INTINO, Raffaella (coord.) (1994), *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 278p.

_____ (1998) “Objectos do Quotidiano”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal/Expo’98 e Editorial Verbo, p. 219-227. ISBN 972-22-1883-2.

DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1995) – “Duas Intervenções Arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro) ”. In *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. ISSN 0871-6633. N.º 2 (1995), p. 63-74.

DINIZ, Sofia (2006) “Helen Espir, European Decoration on Oriental Porcelain 1700-1830”. In *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa. ISSN 0874-8438. Vol. 13 (Dezembro 2006), p. 103-108.

DOMINGUES, F. C.; GUERREIRO, I. (1988) – “A Vida a Bordo na Carreira da Índia (Século XVI)”. In *Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. ISSN 0870-6735. Série 198. Vol. XXXIV (1988), p. 185-225.

DOMINGUES, F. C. (1985) – “Experiência e Conhecimento na Construção Naval Portuguesa do Século XVI: Os Tratados de Fernando Oliveira”. In *Separata da Revista*

da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Série 172. Vol. XXXIII (1985) p.339-364.

_____ (1989) – *Problemas e Perspectivas da Arqueologia Naval Portuguesa dos Séculos XV-XVIII: a obra de João da Gama Pimentel Barata*. Lisboa: Academia de Marinha. 37p.

_____ (1998) – *A Carreira da Índia*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios. ISBN 972-9127-49-2.

_____ (2000) *Os Navios da Expansão – O Livro da Fabrica das Naos de Fernando Oliveira e a Arquitectura Naval Portuguesa dos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento.

_____ (2004) – *Os Navios do Mar Oceano, Teoria e Empiria na Arquitectura Naval Portuguesa dos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. ISBN 972-98766-9-X.

DOMINGUES, Celestino M. (2006) – *Dicionário de cerâmica: porcelana, meia porcelana, faiança, majólica, meia majólica, terracota, cerâmica elaborada e rudimentar*. 1.^a edição. Casal de Cambra: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, S.A. 216p. ISBN 989-8010-08-8.

DUMAS, Jacques (1981) *Fortune de Mer a l'île Maurice*, Paris: Atlas Films. ISBN 290370600X.

DUPOIZAT, M. F. (1994) – “Les jarres asiatiques en grès”. In *Le San Diego. Un trésor sous la mer*. Paris: Éditions Carré, p. 222-250. ISBN 2-7118-3135-3.

ESPIR, Helen (2005) – *European Decoration on Oriental Porcelain 1700-1830*. London: Jorge Welsh Books. 269p. ISBN 0-9550992-0-X.

ESTERHUIZEN, Laura Valerie (2001) – *Dekoratiwe Motiewe op Chinese Porseleinskerwe uit Portugese Skeepswrakke aan die Suid-Afrikaanse Kus 1552-1647: 'N Kultuurhistoriese Studie*. Pretoria: Fakulteit Geesteswetenskappe – Universiteit van Pretoria. Tese de Doutoramento.

FERNANDEZ, Manoel (1995) – *Livro de Traças de Carpintaria*. Lisboa, Academia de Marinha. 260p. ISBN 972-8222-16-5.

ELIAS, Norbert (1995) – *A Sociedade de Corte*. Trad. de Ana Maria Alves. 2.^a edição. Lisboa: Editorial Estampa. 240p. ISBN 972-33-1034-1.

FERNANDES, Garcia (1998) – Garcia Fernandes: Um Pintor do Renascimento Eleitor da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Museu de São Roque. 115p. ISBN 972-96957-6-8.

FERNANDES, Isabel Cristina F.; CARVALHO, A. Rafael (1995) – “Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela)”. In *1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 77-96.

_____(1998) – “Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela”. In *2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 211-255.

FERREIRA, Manuela A. (1992) – “O Barroco na Cerâmica Doméstica Portuguesa”. In *1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós – Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 151-162.

FERREIRA, Maria M. N. (1999) – As Cerâmicas Medievais/ Modernas do Abrigo de Pena d’Água (Torres Novas). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. ISSN 0874-2782. Vol. I, N.º 2 (1999), p. 97-105.

FERREIRA, Manuela A.(1994) – “Vidro e Cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo”. In *Maré Liberum*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. ISSN 0871-7788. N.º 8, p. 117-199.

FERREIRA, Paulo (2006) – *Lisboa nos Séculos XVI-XVII*. In “Novos Mundos – Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos”. Berlim: Deutsches Historisches Museum.

FLORES, Maria da C.; COSTA, João Paulo Oliveira e (1996) – *Portugal e o Mar da China no Século XVI*. Lisboa – Imprensa Nacional Casa da Moeda. 198p. ISBN 972-27-0838-4.

FLORES, Jorge Manuel (1998) – “Um Império de Objectos”. In *Os Construtores do Oriente Português*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, p. 15-51. ISBN 972-8325-65-7.

- FLORÊNCIO, Eduardo A.; MARTINS, Augusto A. (1937) – *Apontamentos da Barra, Rio Tejo e Calas do Porto de Lisboa*. Lisboa: Corporação de Pilotos do Rio e Barra de Lisboa. 35p.
- FONSECA, Henrique Alexandre da (1990) – *Os Estaleiros da Ribeira das Naus*. Lisboa: Academia da Marinha. 20p.
- FOURQUIN, Guy (1980) – Antigas e Novas Estruturas de Sociabilidade, 1300-1500. In *História e Económica e Social do Mundo, O Mundo em Expansão, Séculos XV-XVI*. Dir. de Pierre Léon. Lisboa: Sá da Costa Editora. Vol. 1.
- FRANÇA, José Augusto (1977) – *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 2.^a edição. Lisboa: Editora Bertrand. 388p.
- FRANÇA, Susana S. L. (1998) – *O lugar da história em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- FUJIOKA, Wakao (1993) – *Hiroshi Nakajima – Seiji Porcelana Azul do Japão*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo; IPM.
- GAMITO, Teresa (1991) – “As escudelas medievais de Faro. Sua função e áreas de distribuição”. In *Actas do IV Congresso Internacional - A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Coord. De Luís Alves da Silva e Rui Mateus. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 361-364.
- GARDIN, Jean- Claude (1985) – *Cod e Pour L'Analyse des Formes de Poteries*. Paris: Edition du Centre National de la Recherche Scientifique.
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1941) – *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora. 479p.
- GODDIO, F. (1988) – *Discovery and Archaeological Excavation of the 16th Century trading vessel in the Philippines*. Manila: Ayala Museum of History and Iconographic Archives. ISBN 9719111607.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1980) – *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa: Arcádia. 237p.
- _____(1956) – *Documentos Sobre a Expansão Portuguesa*. Coleção Estudos Portugueses. Lisboa: Gleba. 3 vol.

_____ (1978) – *Ensaio II – Sobre História de Portugal*. 2.ª edição. Lisboa: Sá da Costa. 448p.

_____ (1991) – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. 2.ª edição. Lisboa: Editora Presença. 4 vol. ISBN 972-23-1458-0.

_____ (1990) *Mito e Mercadorias, Utopia e Prática de Navegar: Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel. 629p. ISBN 972-29-0043-9.

_____ (1994) – *O Papel de Portugal nos Séculos XV-XVI: que significa descobrir? Os novos mundos e um novo mundo*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

GOITIA, Fernando C. (1970) – *Breve Historia del Urbanismo*. Madrid: Alianza Editorial, p. 243.

GÓIS, Damião (1937) – *Lisboa de Quinhentos*. Texto latino de Damião do Góis e tradução de Raul Machado. Lisboa: Livraria Avelar Machado. 116p.

_____ (1988) – *Descrição da cidade de Lisboa*. Tradução do texto latino, introdução e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte. 85p.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CARDOSO, Luís (1996) – Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. In *Xelb 3 – Silves nos Descobrimentos*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 33-65.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – “Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves”. In *Xelb 3 – Silves nos Descobrimentos*. Silves: Câmara e Museu Municipal de Silves, p. 143-205. ISBN 972-8505-16-7.

_____ (1998) – “Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal”. In 2.^{as} *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 315-348.

GOMES, Rosa Varela, 2000, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al – Andalus: território e cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. ISSN 0871-2581. *Trabalhos de Arqueologia*, 23.

GONÇALVES, Iria (1996) – *Um Olhar sobre a Cidade Medieval*. Cascais: Patrimonia. 266p. ISBN 972-744-019-3.

GSCHWEND, A.J. (1998) – “Os produtos exóticos da carreira da Índia e o papel da corte portuguesa na sua difusão”. In *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal/Expo’98 e Editorial Verbo, p. 123-141. ISBN 972-22-1883-2.

GUEDES, Lívio da Costa (1986) – *O Arco de Belém – S. Julião da Barra, Contorno da Enseada de Paço de Arcos*, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 200p.

GUERREIRO, Inácio (1998) – “A vida a bordo na Carreira da Índia. A torna-viagem”. In *Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa - A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos*. Angra do Heroísmo: CNCDP; Fundação Oriente; SRSSGRA, pp. 415-432.

GUERREIRO, Luís Ramalhosa (2004) – “O declínio português no Índico e a hegemonia holandesa (1596-1650)”. In *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. ISSN 0870-4104. Vol. 10, p. 111-134.

GUILOT, Claude; PTAK, Roderich (ed.) (2003) – “Produtos Raros do Comércio Marítimo”. In *Mirabilia Asiática I*. Lisboa: Fundação Oriente.

_____(2005) – “Produtos Raros do Comércio Marítimo”. In *Mirabilia Asiática II*. Lisboa: Fundação Oriente.

GUINOTE, Paulo; FRUTUOSO, Eduardo; LOPES, António (1992) – “O Movimento da Carreira da Índia nos séculos XVI-XVIII. Revisão e propostas”. In *Mare Liberum – Revista de História dos Mares*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. ISSN 0871-7788. N.º 4 (1992), p. 187-265.

_____(1998) – *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”*. 1.ª edição. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 466p. ISBN 972-8186-59-2.

HARRISON, T. (1959) – “Export wares found in West Borneo”. In *Oriental Art*. New York: J.J. Lally & Co. ISSN 0030-5278. Vol. 5, N.º 2 (1959).

HENRIQUES, Ferreira da F. (1998) – *Aquilégio Medicinal*. Edição fac-similada. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro, p. 223-234 e 237. ISBN 972-95452-5-1.

HESPANHA, António M. (1999) – “O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]”. In *O Orientalismo em Portugal [Séculos XVI-XX]*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 15-39. ISBN 972-8325-97-5.

HOLANDA, Francisco da [1984] – *Da Fabrica que Falece a Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte. 110p.

IRIA, Alberto (1973) – *Da Navegação Portuguesa no Índico no Século XVII*. 2.^a edição (melhorada). Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. 440p.

INUI, Yoshiaki; NAKAJIMA, Hiroshi (1993) – *Kakiemon XIV – Porcelana do Japão*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo; IPM.

JANSON, H. W. (1998) – *História da Arte*. 6.^a edição. Col. de Jacinta Maria Matos, Trad. de J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 0-8109-1094-2.

JORDAN, Annemarie (1993) – “Catarina de Áustria: Colecção e *Kunstkammer* de uma Princesa Renascentista”. In *Oceanos – O Repto da Europa*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portuguese. N.º 16 (1993), p. 62-70.

_____(1996) – “As Maravilhas do Oriente: Colecções de Curiosidades Renascentistas em Portugal”. In *A Herança de Rauluchantim*. Lisboa: Museu de São Roque, p. 82-127. ISBN 972-8325-061.

_____(1998) – “Os Produtos Exóticos da Carreira da Índia e o Papel da Corte Portuguesa na sua Difusão. In *Nossa Senhora dos Mártires – A Última Viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal/Expo’98 e Editorial Verbo, p. 123-141. ISBN 972-22-1883-2.

KABOY, Tuton; MOORE, Eine (1967) – “Ceramics and their uses among the coastal Melanaus”. In *The Sarawak Museum Journal*. Sarawak: Kuching, Museum of Sarawak, Vol. XV. 30-31 (1967), p. 10-28.

KERR, Rose (2001) – “Missionary Reports on the Production of Porcelain in China”. In *Oriental Art*. New York: J. J. Lally & Co. ISSN 0030-5278. Vol. XLVII, N.º 5 (2001), p. 35-39.

KRETZCHMAR-VOLCK, Hedwig (1976) – *Pintura em Porcelana*. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes. 30p.

LACERDA, Abel de (1964) – *Relação de Obras de Arte – Museu do Caramulo*. Edit. Lit. Fundação Abel de Lacerda. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda – Tipografia do Museu do Caramulo. 51p.

LAVANHA, João Baptista (1996) – *Livro Primeiro da Architectura Naval*. Reedição com estudos de Francisco Contente Domingues, Richard Barker e João da Gama Pimentel Barata, tradução e anotação da versão inglesa de Richard Barker. Lisboa: Academia de Marinha. 243p. ISBN 972-8370-56-3.

LEAL, A. Freitas (1987) – “Apontamentos sobre Aspectos da Expansão Portuguesa na Costa de África”, In *Revista ICALP*. Lisboa: ICALP. N.º 7-8 (1987), p. 120-123.

LEÃO, Francisco G. Cunha (coord.), *O Índico na Biblioteca da Ajuda, Catálogo dos Manuscritos relativos a Moçambique, Pérsia, Índia, Malaca, Molucas e Timor*. 1.^a edição. Lisboa: CNCDP-Centro de Estudos Damião de Góis; Biblioteca da Ajuda, p. 79-331. ISBN 972-8325-53-3.

LEAL, Augusto S. d’Azevedo B. de P. (1873) – *Dicionário geographico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, p. 258-276.

LEITÃO, Humberto; LOPES, J. Vicente (1990) – *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*. 3.^a edição. Lisboa: Edições Culturais de Marinha. 548p.

LEITE, José Roberto Teixeira (1986) – *As Companhias das Índias e a Porcelana Chinesa de Encomenda*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia. 256p.

LIMA, Baptista de (1932) – “Terras portuguesas”. In *Arquivo Histórico-Corográfico ou Corografia Histórica Portuguesa*. Póvoa de Varzim: Tipografia Camões Editora, p. 222-233.

L’HOUR, Michel, LONG, L. ; RIETH, E. (1989) – *Le Mauritius la mémoire engloutie*. Paris: Casterman. ISBN 2-203-23301-X.

L’HOUR, Michel (1994) – *Construction Navale*. In *Le San Diego – Un Trésor sous la Mer*. Paris: Editions Carré, p. 118-153. ISBN 2-7118-3135-3.

- LION-GOLDSHMIDT, Daisy (1978) – *La Porcelaine Ming*. Fribourg: Office du Livre.
- LOMBART, Denys (1971) – *A China Imperial*. Lisboa: Editora Arcádia. 213p.
- LOUREIRO, Adolpho (1904-1907) – *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Lisboa: Imprensa Nacional. 11 vol.
- LOUREIRO, Rui (1990) – “Portugal em busca da China: imagens e miragens (1498-1514)”. In *Ler História*. Lisboa: ISCTE, pp. 31-43.
- _____(1991) – “O Extremo Oriente na Literatura Portuguesa da Expansão”. In *História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 80-89. ISSN 0871-164X.
- _____(1999) – *Sailing the China Seas, a brief history of sino-portuguese intercourse during the 16th century*. Lisboa: CTT Correios de Portugal. 128p. ISBN 972-9127-54-9.
- _____(2000) – *Fidalgos, Missionários e Mandarins, Portugal e a China no século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente. 736p. ISBN 972-785-007-3.
- LOURENÇO, Manuel A. P. (1964) – *As Fortalezas da Costa Marítima de Cascais*. VI Centenário da Vila de Cascais. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 42p.
- LUZ, Francisco Mendes da (1992) – *Regimento da Casa da Índia, Manuscrito do século XVII existente no Arquivo Geral de Simancas*. 2.^a edição. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação e Cultura. 271p. ISBN 972-566-179-6.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (1993) – *No alvorecer da Modernidade*. Dir. José Mattoso. Lisboa: Editorial Estampa. Vol. III. ISBN 972-33-1334-0.
- _____(1998) – *Os Portugueses no Mundo do Século XVI: espaços e produtos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 103p. ISBN 972-8325-71-1.
- MANGUCCI, A. C. (1996) – “Olarias de Loiça e Azulejo da Freguesia de Santos- o-Velho dos meados do Século XVI aos meados do Século XVIII”. In *Al-madan*. III^a Série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. ISSN 0871-066X. N.º5 (1996), p. 155-168.
- MARQUES, A. H. de Oliveira [1980] – *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. 2.^a edição. Lisboa: Veja Editora. 236p. ISBN 972-699-057-2.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987) – *Nova História de Portugal – Portugal na Crise do Século XIV e XV*. Dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Lisboa: Editorial Estampa. ISBN 9722313134, 9722322958, 9722314203, 9722315587.

_____(1984) – *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores. Vol. II.

MARQUES, Alfredo Pinheiro (1988) – *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional.187p.

MARQUES, João Martins da Silva (1944) – *Descobrimentos Portugueses – Documentos para a Sua História*. Lisboa:Inst. para a Alta Cultura. 717p.

MARSDEN, Peter, (1975) – *The Wreck of the Amsterdam*. New York: Stein and Day Publishers, pp.12-15; 19-23. ISBN 978-081-281-76-07.

MARTINS, Adolfo António da Silveira (1998) – *Arqueologia Naval Portuguesa (Séculos XIII – XIV), Uma aproximação ao seu estudo Ibérico*. Sevilha: Universidade de Sevilha. Tese de Doutoramento.

MARTINS, Alfredo Fernandes (1947) – “A Configuração do Litoral Português no Último Quartel do Século XIV. Apostila de um Mapa”. In *Biblos*. Coimbra: Coimbra Editora. N.º 22 (1947). 35p.

MARTINS, Artur; RAMOS, Carlos (1992) – “Elementos para a Análise e Descrição de Produção Cerâmicas”. In *Vipasca – Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. N.º 1 (1992).

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira (1995) – *Os Açores nas Rotas dos Marfins e das Porcelanas Orientais*. [S.l.]: Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social – Direcção Regional da Segurança Social, pp. 83-120.

MARX, Robert F., (1975) – *The Underwater Dig, An Introduction to Marine Archaeology*. New York: Henry Z. Walch, Inc., pp. 188-193. ISBN 0809835363.

MATOS, Artur Teodoro de (1977) – “Subsídios para a História da Carreira da Índia: documentos da nau S. Pantalião: 1592”. In *Separata de Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: [s.n.]. Vol. 45(1977). 163p.

- _____(1982) – *O Estado da Índia nos anos de 1581-1588: estrutura administrativo e económica: alguns elementos para o seu estudo*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. 209p.
- _____(1983) – *As Escalas do Atlântico no século XVI*, Série Separatas, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical Centro de Estudos de História Antiga e Actual. ISSN 0870-6735. Vol. 197. 29p.
- _____(1987) – *História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa: Relatório*, Lisboa: [s.n].
- _____(1989) – “Novas fontes para a história da Carreira da Índia: os livros das naus S. Roque e Nossa Senhora da Conceição (1602-1603)”. In *Separa Studia*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia; Instituto de Investigação Científica e Tropical; Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. ISSN 0870-0028. N.º48 (1989), p. 337-352.
- _____(1990) – *O Império Português do Oriente nos anos de 1581-1588: estrutura administrativa e económica: alguns elementos para o seu estudo*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- _____(1994) – *Na rota da Índia: estudos de história da expansão portuguesa*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau. 303p. ISBN 972-35-0108-2.
- _____(1995) – *Portugal na rota das especiarias: de Malaca a Austrália*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 153p. ISBN 972-27-0778-7.
- _____(1998) – “«Quem vai ao mar em terra se avia». Preparativos e recomendações aos passageiros da Carreira da Índia no século XVII”. In *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos – Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Angra do Heroísmo: [s.n], pp. 377-394.
- _____(1999a) – *O Orçamento do Estado da Índia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro de Estudos Damião de Góis. 146p. ISBN 972-8325-87-8.
- _____(1999b) – “Ásia Oriental – Malaca – Martabão”. In *Os Espaços de um Império – Catálogo*. Lisboa: Edifício da Alfândega, Câmara Municipal do Porto, p. 194. ISBN 972-8325-78-9.

MATOS, Maria Antónia Pinto de (1993) – “Porcelanas de Encomenda – Histórias de um Intercâmbio Cultural entre Portugal e a China”. In *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º 14 (1993), p. 40-56.

_____(1995) – “Porcelanas de Encomenda – Histórias de um Intercâmbio Cultural entre Portugal e a China”. In *Companhia das Índias – Porcelanas*. Org. de Rui Guedes. Lisboa: Bertrand, pp. 107-143. ISBN 972-25-0951-9.

_____(1996) – *A Casa das Porcelanas. Cerâmica Chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa; Londres: Instituto Português de Museus; Philip Wilson Publishers. 287p. ISBN 972-8137-43-5.

_____(1997) – *Azul e Branco da China: porcelana ao tempo dos descobrimentos: coleção Amaral Cabral*. Lisboa: Instituto Português de Museus. 194p. ISBN 972-8137-66-4.

_____(1998) – “Porcelana Chinesa – De presente régio a produto comercial”. In *Caminhos da Porcelana – Dinastia Ming e Qing*. Lisboa: Fundação Oriente, pp. 93-108. ISBN 972-9440-79-4.

_____(2001) – “Christian Iconography in Chinese Porcelain”. In *Oriental Art*. New York: J. J. Lally & Co. ISSN 0030-5278. Vol. XLVII, N.º 5 (2001), p. 27-34.

MATOS, Maria Antónia Pinto de; SALGADO, Mary (2002) – *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio & Alvim. 181p. ISBN 972-37-0763-2.

MAURO, Frédéric (1970), *Études Économiques sur L'Expansion Portugaise 1500-1900*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. 284p.

MCLAUGHLIN – NEYLAND, Kathleen, NEYLAND, Bob (1993) “Two prams wrecked on the Zuider Zee in the late eighteenth century” in *Flevobericht*. [S.l.]: Ministerie van Verkeer en Waterstaat, Directoraat – Generaal Rijkswaterstaat, Directie IJsselmeergebied, pp. 60-61; 65; 89-90 (Excavation Reports 15 and 16).

MELO, Rui de (1934) – *A Vida de um Marinheiro. Memórias do Antigo Piloto-Mor do Rio e Barra de Lisboa José Joaquim Baptista*. Lisboa: Imprensa da Armada.

MENEZES, José de Vasconcellos e (1986) – “Tercenas de Lisboa I”. In *Lisboa- Revista Municipal*. 2.ª série. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. N.º 16 (1986), p. 3-17.

MOORE, Eine (1970) – “A suggested classification of Stonewares of Martabani Type”. In *The Sarawak Museum Journal*. Kuching: The Museum of Sarawak. Vol. XVIII: 36-37 (1970), p. 1-78.

MOREIRA, Rafael (1981) – “A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal”. In *Actas do Simpósio Internacional – IV Centenário da Morte de João de Ruão- A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica*. Coimbra: EPARTUR. 307p.

_____(1986) – “A Arquitectura Militar”. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa. Vol. II. 184p.

_____(1989a) – “A Arquitectura Militar: História da Arte e Arqueologia”. In *Revista Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. N.º 2 (1989), p. 66-67.

_____(1989b) – “A época Manuelina”. In *Portugal no Mundo - História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 91-142.

_____(1989c) – “A Arquitectura Militar do Renascimento – A Arte da Guerra no Renascimento”. In *Portugal no Mundo – História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 143-158

_____(1991) – *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal (A Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano)*, Lisboa: [s.n.]. 2 vol.

MOTA, Maria Manuela Soares de Oliveira (2000) – *Porcelanas Orientais da Coleção do Museu Condes de Castro Guimarães*. Lisboa: Fundação Oriente ; Câmara Municipal de Cascais. 86p.

MUCHAGATO, Jorge (1997) – *Jerónimos: Memória e Lugar do Real Mosteiro*. Lisboa: INAPA. 172p. ISBN 972-8387-10-5.

MUCKELROY, K. (2009) – “Methods, Ideas and Maritime Archaeology”. In *Journal of Maritime Archaeology*. Boston: Springer Boston. ISSN 1557-2285. Vol. 4, N.º 1 (June 2009), p. 67-82.

MURIAS, Manuel (1996) – *Chiado. Do Século XII ao 25 de Abril*. Lisboa: Nova Arrancada. 168p. ISBN 972-8369-00-X.

MURTEIRA, André Alexandre Martins (2006) – *A Carreira da Índia e o Corso Neerlandês 1595-1625*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado.

NEYLAND, Robert S.; SCHRÖDER, Birgit (1996) – *A Late Seventeenth Century, Dutch Freighter, Wrecked on the Zuiderzee*. [S.l.]: Ministerie van Verkeer en Waterstaat, Directoraat – Generaal Rijkswaterstaat, Directie Ijsselmeergebied, Nederlands Instituut voor Scheeps – en onderwater Archeologie / ROB (NISA), pp. 3, 83-87 (Excavation Report 20).

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues (1987) – *Lisboa em 1551, Sumário em que Brevemente se Contêm Algumas Coisas Assim Eclesiásticas como Seculares que há na Cidade de Lisboa*. Apresentação e Notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte. 151p.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1882-1887) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Casa Real – Typographia Universal. 19 vol.

OLIVEIRA, Fernando (2008) – *Arte da Guerra do Mar*. Lisboa: Edições 70. ISBN 978-972-44-1561-1.

_____(1991) – *O Livro da Fabrica das Naos*. Estudo introdutório de Francisco Contente Domingues e Richard Barker, descrição codicológica de Teresa A. S. Duarte Ferreira, e reprodução fac-símile do manuscrito. Lisboa: Academia de Marinha.

OLIVEIRA, Frey Nicolao (1804) – *Livro das Grandezas de Lisboa (Dirigido a D. Pedro D'Alcáçova, Alcaide Mor das Três Villas, Campomayor, Ougvella, e Idanha a Nova, e Commendador da Idanhas)*. Lisboa: Imprensa Régia.

PARTHESIUS, Robert; MILLAR, Karen; JEFFERY, Bill (2005) – “Preliminary Report on the Excavation of the 17th-Century Anglo-Dutch East-Indiaman *Avondstern* in Bay of Galle, Sri Lanka”. In *Internacional Journal of Nautical Archaeology*. Vol. 34 (2), (2005), pp. 216-237.

PENDERY, Steven R. (1999) – “Portugues Tin-glazed Earthenware in Seventeenth-Century New England: A preliminary study”. In *Historical Archaeology*. Vol. 33, N.º 4 (1999).

PERES, Damião (1959) – *História dos Descobrimentos Portugueses*, Porto: Vertente.

PERESTELLO, Eng. A. de M. Cid (1938) – *O Porto de Lisboa e as Suas Obras*, Separata Técnica. Lisboa: [s.n.].

PEREZ VIDAL, José (1983) – *La cerâmica popular Española zona Norte*. Coleção Cadernos de Olaria. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. 102p.

PIJL-KETEL, C. L. van der (1982) – *The Ceramic Load of the Witte 1613 Leeuw*. Amsterdam: Rijksmuseum Amsterdam. ISBN 90-9309-6.

PIJZEL-DOMMISSE, Jet (2001) – *The 17th-century Doll's Houses of the Rijksmuseum*. 4.^a edição. Amesterdam: Rijksmuseum. ISBN 90-6611-243-3.

PINTO, Fernão Mendes (1988) – *Peregrinação*. Ed. de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 758p.

PINTO, Maria Helena Mendes (1993) – *Biombos de Namban*. 4.^a edição. Lisboa: Instituto Português de Museus – Museu Nacional de Arte Antiga. 76p.

PINTO, Inês Duarte (2002) – *Materiais inéditos medievais e pós-medievais provenientes do sítio arqueológico Ria de Aveiro B – C*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Trabalho Final de Licenciatura.

POS, Arie; LOUREIRO Rui Manuel (1998) – *Itinerário Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. 2.^a edição. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 414p. ISBN 972-8325-38-X.

PTAK, Roderich (1993) – “A China e Portugal no Mar: Comparação entre o Sistema Ming e o *Estado da Índia*”. In *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º 14 (1993), p. 104-113.

QUEIRÓS, José (1913) – *Olarias do Monte Sinay*. Lisboa: Typographia Castro Irmão.

_____(2002) – *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. 4.^a edição. Lisboa: Editorial Presença. 526p. ISBN 972-23-2969-3.

RAPOSO, Maria Teresa Sadio (1985) – *A Representação de Objectos de Uso Doméstico na Pintura da 1.^a metade do Século XVI em Portugal*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

REAL, Manuel [e tal.] (1992) – “Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequencia longa – séculos IV – XIX”. In *1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-188.

REGO, Miguel e MACIAS, Santiago (S.D) – “Cerâmicas do Século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura)”. In *Arqueologia Medieval 3*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 147-159.

REIS, Ana; GODINHO, Isabel da S. (1987) – *Porcelana Europeia. Reservas do Palácio Nacional da Ajuda*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian. 181p.

RIBEIRO, Margarida (1984) – *Olaria de Uso Doméstico na Arquitectura Conventual do Século XVI*. Coleção Cadernos de Etnologia. Montemor – o – Novo: Grupo de Amigos de Montemor.93p.

RIBEIRO, Orlando (1970) – *Ensaio de Geografia Humana e Regional*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 373p.

_____, 1991, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas*. 6.^a edição corrigida e ampliada. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 163p.

_____(1994) – *Opúsculos Geográficos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Tomo V. 557p. ISBN 972-31-0629-9.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne (1995) – *Geografia de Portugal*. In “A vida económica e social”. Lisboa: Edições Sá da Costa. ISBN 972-9230-12-9.

RIETH, Eric (1996) – *Le Maître-gabarit, la Tablette et le Trebuchet. Éssai sur la Conception non Graphique des carènes du Moyen-Âge au XXe Siècle*. Paris : Comité des Travaux Historiques et Scientifiques. ISBN 9782735503377.

RINALDI, M. (1989) – *Kraak-porselein, a moment in the history of trade*. Londres: Bamboo Publishing Lda.

RIBEIRO, Maria Queiroz (1996) – *Louças Iznik*. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian. 309p. ISBN 972-8128-18-5.

ROSSA, Walter (2002) – “A Imagem Ribeirinha de Lisboa”. In *A Urbe e o Traço*. Coimbra: Almedina. 403p. ISBN 972-40-1798-2.

_____(2004) – “Lisboa Quinhentista, o Terreiro do Paço: prenúncios de uma afirmação de capitalidade”. In *Actas do Congresso Internacional de D. João III e o Império*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, pp. 947-967. ISBN 972-98672-7-5.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. (1998) – *Um Mundo em Movimento – Os Portugueses na África, na Ásia e América (1415-1808)*. Trad. de Vanda Anastácio. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, S.A. 445p. ISBN 972-29-0425-6.

SABROSA, Armando; SANTOS, Vítor Manuel (1992) – “Almada Medieval e Moderna”. In *Al-madan, Arqueologia em Portugal*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. ISSN 0871-066X. IIª Série, N.º1(1992), pp. 5-12.

SANTOS, Maria Emília Madeira (1985) – *O Problema da segurança das rotas e a concorrência Luso-Holandesa antes de 1620*. Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Coimbra: [s.n.] pp. 121-159. Vol. XXXII.

SAPAGE, António (1993) – “Porcelana no Comércio Luso-Chinês”. In *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º14 (1993), p. 31-38.

SCHURHAMMER, George, S.J. (1946) – “O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543”. In *Anais da Academia Portuguesa da História*. 2.ª série. Lisboa: [s.n.], pp. 1-172. Vol. I.

SENOS, Nuno (2002) – *O Paço da Ribeira. 1501-1581*. Lisboa: Notícias. 262p. ISBN 972-46-1331-3.

SERRÃO, Vitor (coord.); SOBRAL, Luís de Moura, HATHERLY, Ana [et tal.] (1993) – *Josefa de Óbidos e o tempo Barroco*. Lisboa: TLP; IPPC.

SERRÃO, Vítor (1999) – “A Imagem do Mar e da Capital do Império no Século XVI: Um Novo Testemunho Iconográfico da Lisboa das Descobertas”. In *As Rotas Oceânicas, Séculos XV-XVI*. Lisboa: Edições Colibri, p. 171-187. ISBN 972-772-084-6.

SHANGRAW, C.; PORTEN, E. Van der (1997) – *Kraak plate design sequence 1550-1655*. San Francisco: [s.n.].

SILVA, António Marques Baldaque da (1882) – *Sondas e Marés*. Lisboa: Typografia da Viúva Sousa Neves. 1 vol.

_____ (1893) – *Estudo Histórico Hydrographico sobre a Barra e o Porto de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo I.

SILVA, Luís Alves da; MATEUS, Rui (coord.) (1987) – “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental”. In *Actas do IV Congresso Internacional*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. 620p.

SILVA, Rodrigo Banha da; GUINOTE, Paulo (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 285p. ISBN 972-8186-44-4.

SOROMENHO, Miguel (1998) – “Aires de Saldanha (1542-1606): Décimo-sétimo vice-rei da Índia”. In *Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem*. Lisboa: Pavilhão de Portugal/Expo’98 e Editorial Verbo, pp. 165-173. ISBN 972-22-1883-2.

SOUSA, Alfredo Botelho de (1940) – *Subsídios para a história das guerras da restauração no mar e além-mar*. Lisboa: Ag. Geral das Colónias. 2 vol.

SOUSA, Maria Augusta de Veiga (1996-2000) – *O Livro de Duarte de Barbosa*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. ISBN 972-672-840-1.

SOUZA, George Bryan de (2004) – *The Survival of Empire, Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea 1630-1754*. Cambridge: Cambridge University Press. 282p. ISBN 0-521-53135-7.

SOUZA, José de Campos e (1964) – *Três Peças Curiosas de Porcelana Sílica de Encomenda*. Separata da Revista MVSEV. Porto: Edições «Marânus». 2.ª série, N.º 8 (1964) p. 7-15.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (1993) – *O Império Português da Ásia, 1500-1700. Uma história política e económica*. 1.ª edição. Lisboa: Difel, Difusão Editorial, S.A. 447p. ISBN 972-29-0328-4.

THOMAZ, Luis Filipe F. R. (1976) – *Nina Chatu e o Comércio Português em Malaca*. Lisboa: Centro de Estudos de Marinha.

_____ (1990) – *The Economic Policy of the Sultanate of Malaca: XVth – XVIth Centuries*. Paris: Societé d’Histoire de L’Orient.

_____ (1998a) – *De Ceuta a Timor*. 2.^a edição. Lisboa: Difel, Difusão Editorial, S.A. ISBN 972-29-0308-X.

_____ (1998b) – “Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no Século XVI”. In *Os Construtores do Oriente Português*. Porto: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, pp. 53-79. ISBN 972-8325-65-7.

VALENÇA, César (1987) – *Porcelana de Encomenda ou louça encomendada da China*. Braga: Museu Nogueira da Silva. 21p.

VALSECCHI, Marco (1973) – *Rijks Museum – Amesterdão*. Lisboa: Editorial Verbo. 156p.

VARELA MARCOS, Jesús (1988) – *La Pretendida Reforma Naval de Felipe III : La Política de Protección de Bosques, Saca y Elaboración de Maderas para la Construcción Naval*. Série de Separatas n.º 195. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. ISSN 0870-6735.

VASCONCELOS, José Augusto do A. Frazão de (1928) – *A Fábrica das Naus da Carreira da Índia no Século XVII*. Lisboa: Imprensa da Armada. 16p.

VASCONCELOS, Luís Mendes (1990) – *Do Sítio de Lisboa, Diálogos*. Organização e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte. 169p. ISBN 972-24-0798-8.

VIEGAS, Vasco dos Santos (1999) – *As Naus da Índia*. Macau: Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses em Macau.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Pormenor da localização das subzonas SJB1 e SJB2.....	15
Figura 2: Planta com a dispersão das âncoras e canhões encontrados na área SJB1....	15
Figura 3: Levantamento de uma das âncoras, proveniente da subzona SJB1.....	16
Figura 4: Planta do casco da nau Nossa Senhora dos Mártires.....	16
Figura 5: Apresenta em detalhe o casco da presumível Nossa Senhora dos Mártires...17	
Figura 6: Pormenor de alguns pratos de porcelana chinesa junto a uma sugadora.....	18
Figura 7: Pormenor de um prato de porcelana chinesa fragmentado.....	19
Figura 8: Apresenta dois pratos de porcelana chinesa sobrepostos.....	19
Figura 9: Apresenta um pormenor de um pote oriental.....	20
Figura 10: Pormenor da pimenta encontrada entre as frestas da estrutura da embarcação	20
Figura 11: Trabalhos de registo do casco.....	22
Figura 12: Pormenor da elaboração dos trabalhos de registo e desenho arqueológico do casco.....	22
Figura 13: Pormenor dos depósitos geológicos que compõem área de São Julião da Barra e a entrada da barra do rio Tejo.....	24
Figura 14: Planta que compreende uma parte do Rio Tejo e a Barra de Lisboa.....	27
Figura 15: Perfil do vestígio do casco e do seu enquadramento envolvente – afloramento rochoso.....	30
Figuras 16 e 17: Apresentam um pormenor de um par de brincos indo-portugueses e um tsuba japonês.....	31
Figura 18: Dois compassos de cartear recuperados do sítio de São Julião da Barra....	31
Figura 19: Astrolábios encontrados em São Julião da Barra.....	32
Figura 20: Pormenor do volume de pimenta recuperado do sítio arqueológico de São Julião da Barra.....	32
Figura 21: Pormenor da vista panorâmica de Lisboa, em pleno século XVI.....	39
Figura 22: Pormenor da naus preparadas para se lançarem mo Tejo.....	42
Figura 23: Imagem da fábrica das naus.....	43

Figura 24: Vista panorâmica do Tejo repleto de embarcações em pleno século XVI...	46
Figura 25: A presente imagem representa um pormenor da chegada do Kurofoné.....	72
Figura 26: Representa a forma de como seriam transportados os grandes potes asiáticos.....	72
Figura 27: Apresenta um pormenor da sua funcionalidade.....	73
Figura 28: Fragmento de bordo, parede e asa completa de um pote pertencente ao Grupo I do tipo martaban.....	77
Figura 29 e 30: Fragmentos contendo porção de bordo, parede, fundo e asa completa de um pote pertencente ao grupo II do tipo tradescant.....	80
Figuras 31 a 33: Exemplos de potes pertencentes ao Grupo III – Outras produções chinesas.....	85
Figura 34: Exemplar de um pote atribuível ao Grupo IV – produções tailandesas.....	89
Figura 35: Exemplar de um pote atribuível ao Grupo V – Tsubo.....	91
Figura 36: Natureza-Morta de Willem Kalf (1669).....	106
Figuras 37 e 38: Provavelmente potes pertencente ao Grupo I das porcelanas.....	108
Figura 39: Prato pertencente ao Grupo I das porcelanas.....	110
Figura 40: Esquema decorativo dos bordos identificados nos pratos do núcleo de peças em estudo e pertencentes ao Grupo II.....	111
Figura 41: Esquema decorativo dos fundos identificados nos pratos do núcleo de peças em estudo e pertencentes ao Grupo II.....	112
Figura 42: Natureza-morta de Willem Kalf (1669).....	122
Figuras 43 a 56: Exemplos de pratos pertencentes ao Grupo II.....	123
Figuras 58 a 61: Exemplos de taças pertencentes ao Grupo II.....	137
Figuras 62 e 63: Exemplos de um possível copo/taça (?) e tampa de uma provável garrafa (?) pertencentes ao Grupo II.....	142
Figuras 64 e 65: Exemplar de uma Garrafa e provável pote/garrafa (?) pertencentes ao Grupo II.....	143
Figuras 66 e 67: Exemplos de um possível bordo e fundo de covillete (?) pertencente ao Grupo II.....	144
Figuras 68 a 76: Exemplos de pratos possivelmente pertencentes ao Grupo III – Swatow.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Total da cerâmica recuperada no sítio de São Julião da Barra.....	37
Gráfico II: Total do espólio cerâmico em estudo.....	37
Gráfico III: Percentagem do núcleo de cerâmica oriental em estudo.....	75
Gráfico IV: Percentagem dos vários grupos de porcelana definidos para a carga da nau Nossa Senhora dos Mártires.....	104
Gráfico V: Percentagem das várias tipologias formais pertencentes ao Grupo I.....	107
Gráfico VI: Análise da percentagem das várias formas em estudo pertencentes ao Grupo II.....	113
Gráfico VII: Análise tipológica dos bordos dos exemplares em estudo pertencentes ao Grupo II.....	114
Gráfico VIII: Análise tipológica dos fundos dos exemplares em estudo pertencentes ao Grupo II.....	115
Gráfico IX: Análise estatística do cruzamento das várias variantes de bordos com os vários tipos de fundos.....	121
Gráfico X: Percentagem das várias tipologias formais em estudo pertencentes ao Grupo III.....	147

APÊNDICE A

Nº de Inventário	Material	Forma
cnans.sjb.96/98.0090	Porcelana	Garrafa
cnans.sjb.96/98.0091	Porcelana	Garrafa
sjb 96/98	Porcelana	Indeterminada
cnans.sjb.96/98.0096	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0093	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0099	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0094	Porcelana	Prato
sjb 196.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 190.03	Porcelana	Indeterminada
sjb 105.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 92	Porcelana	Indeterminada
sjb 136.01.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0395	Porcelana	Indeterminada
sjb 132.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 54.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 04654.02.0005	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0418	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0396	Porcelana	Indeterminada
sjb 148.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 184.03.03	Porcelana	Prato
sjb 184.01	Porcelana	Prato
sjb 196.03.02	Porcelana	Prato
sjb 184.03.06	Porcelana	Indeterminada
sjb 210.01.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 141.03	Porcelana	Indeterminada
sjb 18.16.01	Porcelana	Prato
sjb 42	Porcelana	Prato
sjb 24.09	Porcelana	Prato
sjb 172.06	Porcelana	Prato
sjb 04673.01.0416	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0408	Porcelana	Prato
sjb 198.10	Porcelana	Prato
sjb 160.09	Porcelana	Prato
sjb 58.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0404	Porcelana	Indeterminada
sjb 136.01.02	Porcelana	Prato
sjb 18.16.02	Porcelana	Prato
sjb 196.03.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 190.04.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 11.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 190.04.02	Porcelana	Prato
sjb 18.16.03	Porcelana	Prato
sjb 140.03	Porcelana	Indeterminada
sjb 401	Porcelana	Prato
sjb 124	Porcelana	Indeterminada
sjb 004673.01.0405	Porcelana	Prato
sjb 23.05	Porcelana	Indeterminada
sjb 28.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0402	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0399	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0397	Porcelana	Prato
sjb 184.03.04	Porcelana	Prato

sjb 50.04	Porcelana	Prato
sjb 00/02	Porcelana	Prato
sjb 04673.01.0407	Porcelana	Prato
sjb 07.04	Porcelana	Prato
sjb 183.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0398	Porcelana	Indeterminada
sjb 00/03	Porcelana	Prato
sjb 17	Porcelana	Prato
sjb 04673.01.0414	Porcelana	Prato
sjb 04673.01.0406	Porcelana	Indeterminada
sjb 18.16.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 29.02	Porcelana	Prato
sjb 31.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.00.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 210.01.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 171.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0413	Porcelana	Indeterminada
sjb 171.03	Porcelana	Indeterminada
sjb 126	Porcelana	Indeterminada
sjb 158.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 181.04.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 149.03	Porcelana	Indeterminada
sjb 171.05	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0410	Porcelana	Indeterminada
sjb 18.16.07	Porcelana	indeterimnada
sjb 27.03	Porcelana	Prato
sjb 18.16.06	Porcelana	Indeterminada
sjb 192.01.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0400	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.02.0409	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0411	Porcelana	Indeterminada
sjb 21.02.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 210.01.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 18.16.05	Porcelana	Indeterminada
sjb 215.04	Porcelana	Indeterminada
sjb 04673.01.0412	Porcelana	Indeterminada
sjb 184.03.05	Porcelana	Indeterminada
sjb 154	Porcelana	Indeterminada
sjb 192.02.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 127	Porcelana	Indeterminada
sjb 177.01	Porcelana	Indeterminada
sjb 193.02	Porcelana	Indeterminada
sjb 193.02	Porcelana	Indeterminada
cnans.sjb.96/98.0095	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0098	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0092	Porcelana	Prato
cnans.sjb.96/98.0097	Porcelana	Prato
sjb 130.01	Porcelana	Prato
sjb.2005.17	Porcelana	Prato
sjb.2005.25	Porcelana	Pote
sjb.2005.26	Porcelana	Prato
sjb.2005.27	Porcelana	Prato
sjb.2005.28	Porcelana	Prato

sjb 0088	Cerâmica	Pote
sjb 07.03	Cerâmica	Cachimbo
sjb 18.10	Cerâmica	Indeterminada
sjb 2 04673.01.0420	Cerâmica	Prato
sjb 2 04673.01.0421	Cerâmica	Indeterminada
sjb 2 04673.01.0422	Cerâmica	Indeterminada
sjb 2 04673.01.0423	Cerâmica	Indeterminada
sjb 2 04673.01.0424	Cerâmica	Indeterminada
sjb 2 04673.01.0425	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1014.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1013.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1032.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1015.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1017.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1000.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1002.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1003.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1019.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb1001.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1007.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1024.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1022.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1004.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1006.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04673.01.0392	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1011.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1020.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1012.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1016.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1018.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1021.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1005.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1008.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1031.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1029.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1030.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1029.0a	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1025.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1023.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1033.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1034.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 1009.0	Cerâmica	Indeterminada
sjb 7	Cerâmica	Indeterminada
sjb 00/12	Cerâmica	Cachimbo
sjb 00/05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 00/06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 96/98	Cerâmica	Indeterminada
sjb 415	Cerâmica	Indeterminada
sjb 416	Cerâmica	Indeterminada
sjb 40.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 35.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 51.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 47	Cerâmica	Indeterminada

sjb 47	Cerâmica	Indeterminada
sjb 36.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 33.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04636.01.0021	Cerâmica	Indeterminada
sjb 203.01.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 211.04.01-05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04613.06.0006	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.08.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04654.02.0011	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.09.01-04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 176.03.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 167.01.1	Cerâmica	Indeterminada
sjb 186.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 176.03.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 196.02.5	Cerâmica	Indeterminada
sjb 158.02	Cerâmica	Pote
sjb 187.03.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 187.03.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 211.02.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 166.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.08.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 200.05.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 140.09.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 199.01.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 199.01.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 190.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.09	Cerâmica	Indeterminada
sjb 195.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 187.05.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 200.05.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 207.02.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 207.02.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 207.05.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 169.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 24.02.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.08.01-02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 172.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.07.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 190.09.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 205.02.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.03	Cerâmica	Indeterminada

sjb 192.03.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 171.13	Cerâmica	Indeterminada
sjb 140.07.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 190.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 196.02.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 207.05.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 172.09	Cerâmica	Indeterminada
sjb 129.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 140.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.07.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.08.3	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.07.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 194.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 187.02.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.03.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.14.02 , 04, 6 a	Cerâmica	Indeterminada
sjb ?.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 170.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 211.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 140.09.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 140.07.01	Cerâmica	Prato
sjb 180.07.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.03.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.13	Cerâmica	Indeterminada
sjb 181.05.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 129.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 207.02.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.10.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.03.1	Cerâmica	Indeterminada
sjb 181.05.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 187.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 44	Cerâmica	Pote
sjb 13.10	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.09	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.03 e 08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 13.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 16.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 06.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 105.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 33.04.01-05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 34.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 16.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 50.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 23.09	Cerâmica	Indeterminada
sjb 21.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 23.07	Cerâmica	Indeterminada

sjb 18.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 180.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 21.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 21.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 23.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 176.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 24.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 156	Cerâmica	Indeterminada
sjb 197.01.01-03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 129.08.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 131	Cerâmica	Indeterminada
sjb 135.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 129.10	Cerâmica	Indeterminada
sjb 203.01.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 181.05.04-05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.08	Cerâmica	Indeterminada
sjb 183.01.01-06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 186.02.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.09.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 190.04.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 24.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 185.02.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 135.10.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 176.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04673.01.0394	Cerâmica	Indeterminada
sjb 119.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 119.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 198.01.07	Cerâmica	Indeterminada
sjb 171.12	Cerâmica	Indeterminada
sjb 148.13	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04654.02.0006	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.08.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04654.02.0010	Cerâmica	Indeterminada
sjb 34.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04.01.08	Cerâmica	Pote
sjb 125	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.03	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.07	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.18	Cerâmica	Pote
sjb 139.03.01	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.11	Cerâmica	Pote
sjb 119.03	Cerâmica	Pote
sjb 33.03	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.04	Cerâmica	Pote
sjb 24.02	Cerâmica	Pote
sjb 34.02	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.02	Cerâmica	Pote

sjb 18.12.14	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.05	Cerâmica	Pote
sjb 129.06	Cerâmica	Pote
sjb 23.04	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.19	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.10	Cerâmica	Pote
sjb 21.05	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.17	Cerâmica	Pote
sjb 34.02.01	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.13	Cerâmica	Pote
sjb 20.03.01	Cerâmica	Pote
sjb 192.03.03	Cerâmica	Pote
sjb 187.03.05	Cerâmica	Indeterminada
sjb 139.05	Cerâmica	Pote
sjb 139.02	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.06	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.04	Cerâmica	Pote
sjb 96/97	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.05	Cerâmica	Pote
sjb 24.03	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.01	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.16	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.15	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.06	Cerâmica	Pote
sjb 18.12.09	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.08	Cerâmica	Pote
sjb 192.02.01	Cerâmica	Pote
sjb 171.11	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.12	Cerâmica	Pote
sjb 182.04	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.09	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0004	Cerâmica	Indeterminada
sjb 202.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 06.03.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 71.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 50.02.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.14.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 190.01	Cerâmica	Pote
sjb 184.14.18	Cerâmica	Pote
sjb 175.06	Cerâmica	Pote
sjb 132.01	Cerâmica	Pote
sjb 104.01	Cerâmica	Pote
sjb 181.05.02	Cerâmica	Pote
sjb 184.14.01	Cerâmica	Pote
sjb 180.07.01	Cerâmica	Pote
sjb 129.04	Cerâmica	Indeterminada
sjb 192.03.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 184.14.05	Cerâmica	Pote
sjb 184.14.15	Cerâmica	Pote
sjb 195.01	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0003	Cerâmica	Pote
sjb 18.11.07	Cerâmica	Pote
sjb 18.11.05	Cerâmica	Pote

sjb 18.11.10	Cerâmica	Pote
sjb 18.11.06	Cerâmica	Pote
sjb 04673.01.0391	Cerâmica	Pote
sjb 04673.01.0393	Cerâmica	Pote
sjb 18.11.11	Cerâmica	Pote
sjb 54.01	Cerâmica	Pote
sjb 172.05	Cerâmica	Pote
sjb 171.08	Cerâmica	Pote
sjb 159.01.02	Cerâmica	Pote
sjb 159.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 135.03.03	Cerâmica	Pote
sjb 148.05	cerâmica	Pote
sjb 132.02.01	Cerâmica	Pote
sjb 107.04	Cerâmica	Pote
sjb 04.10	Cerâmica	Indeterminada
sjb 175.08.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 183.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 18.09	Cerâmica	Pote
sjb 101.02	Cerâmica	Pote
sjb 34.03	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0002	Cerâmica	Pote
sjb 24.10	Cerâmica	Pote
sjb 175.08.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 192.04	Cerâmica	Pote
sjb 161.10.01	Cerâmica	Pote
sjb 175.08.03	Cerâmica	Pote
sjb 18.11.03	Cerâmica	Pote
sjb 174.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 188.08 a 13	Cerâmica	Indeterminada
sjb 133.01.03	Cerâmica	Pote
sjb 165.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04654.02.0008 e	Cerâmica	Pote
sjb 180.01.01 e 02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 04654.02.0012	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0014	Cerâmica	Pote
sjb 140.05	Cerâmica	Pote
sjb 182.01.04 e 182.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 182.01.03	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0013	Cerâmica	Indeterminada
sjb 133.01.02	Cerâmica	Pote
sjb 195.02	Cerâmica	Pote
sjb 182.01.09	Cerâmica	Pote
sjb 162.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 182.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 182.03	Cerâmica	Indeterminada
sjb 187.02	Cerâmica	Pote
sjb 192.02.02	Cerâmica	Pote
sjb 184.14.17	Cerâmica	Pote
sjb 162.01.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 185.02.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 129.09	Cerâmica	Pote
sjb 149.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 135.04	Cerâmica	Indeterminada

sjb 182.01.05	Cerâmica	Pote
sjb 18.15	Cerâmica	Pote
sjb 198.02	Cerâmica	Pote
sjb 148.06	Cerâmica	Indeterminada
sjb 196.01.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 193.01	Cerâmica	Indeterminada
sjb 59.01	Cerâmica	Pote
sjb 04654.02.0007	Cerâmica	Indeterminada
sjb 196.01.01	Cerâmica	Pote
sjb 172.07	Cerâmica	Pote
sjb 171.10	Cerâmica	Pote
sjb 196.01.03	Cerâmica	Pote
sjb 04.01.07	Cerâmica	Pote
sjb 161.10.02	Cerâmica	Indeterminada
sjb 211.07.01	Cerâmica	Pote
sjb 196.01.05	Cerâmica	Pote
sjb 133.01.01	Cerâmica	Pote
sjb sr 02	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.arq94.0001	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.arq94.0021	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.96/98.0084	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.96/98.0087	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.96/98.0089	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.96/98.0086	Cerâmica	Pote
cnans.sjb.96/98.0085	Cerâmica	Pote
sjb sr 01	Cerâmica	Pote
sjb 182.01.04	Cerâmica	Pote
sjb 135.14 e 15	Faiança	Indeterminada
sjb 1027.0	Faiança	Indeterminada

APÊNDICE B

Cerâmica Oriental

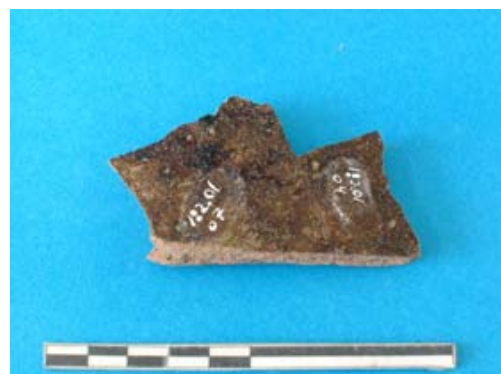
Nº de Inventário sjb 182.01.04

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	42 g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

3 Fragmentos contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

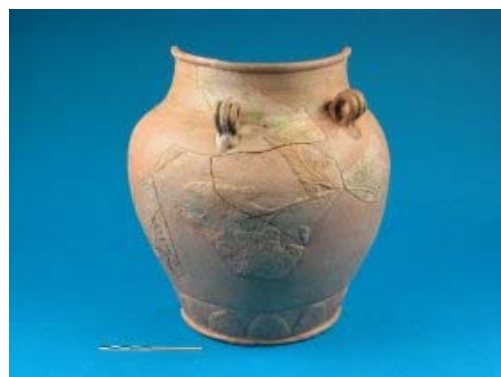
Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna apresenta vestígios da aplicação de um vidrado, possivelmente, de tonalidade idêntica à existente na face externa, actualmente mais gasto e claro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	cnans.sjb.96/98.0084		
Material	Cerâmica		
Grupo	Tradescant		
Dimensões			
Diâmetro da base	16,5 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	17,1 cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	28,5 cm	Peso	1125 g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Peça com reconstituição: cerca de 5 fragmentos de corpo e 1 fragmento de bordo e parede com asa completa. Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Oferece pasta de tom creme

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Na superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de cor verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e beringela colorido a magnésio. Ostenta decoração composta por motivos florais onde predominam longas folhas com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo. Do mesmo modo, mostra pétalas de uma peónia em flor em relevo e realçada a esmalte amarelo. A superfície interna apresenta um vidrado de tonalidade castanha.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	cnans.sjb.96/98.0085		
Material	Cerâmica		
Grupo	Tsubo		
Dimensões			
Diâmetro da base	15,5 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	27 cm	Peso	1130 g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Apresenta cerca de 3 fragmentos de parede sendo que 1 deles ostenta uma asa junto à boca.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta.

Superfícies

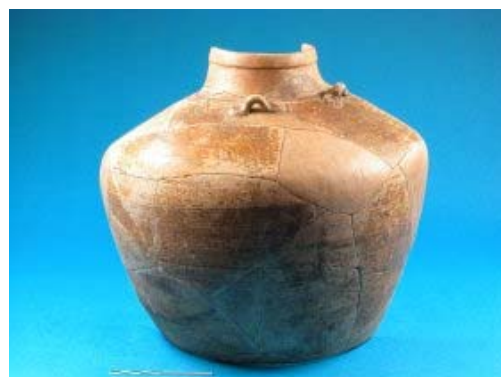
Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies interna e externa apresentam a aplicação de um vidrado feldspático à base de cinzas vegetais (céladon) de tonalidade esverdeada (?).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	cnans.sjb.96/98.0086		
Material	Cerâmica		
Grupo	Produções tailandesas		
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	
	cm		cm
Diâmetro do bordo	10	Espessura	0,7
	cm		cm
Comprimento		Diâmetro	
	cm		cm
Altura	29,8	Peso	1806
	cm		g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Apresenta alguns fragmentos de parede, gargalo e asas.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea, com elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies mostram a aplicação de um vidrado feldspático.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0087

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	13,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	11,5 cm	Espessura		cm
Comprimento		Diâmetro	34,7	cm
Altura	27 cm	Peso	4559	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Peça inteira que assenta numa base ligeiramente côncava e circular. Possui o seu diâmetro máximo sensivelmente a meia altura. O ombro ajusta-se numa abertura bastante estreita acompanhando o mesmo movimento de simetria. Em torno do bordo surgem 4 pequenas asas colocadas no sentido horizontal e o gargalo é rodeado por um lábio enrolado.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Apresenta uma tonalidade de cor de camurça.

Superfícies

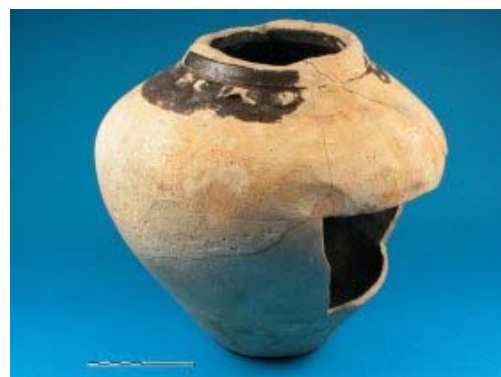
Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	cnans.sjb.96/98.0089		
Material	Cerâmica		
Grupo	Outras produções chine		
Dimensões			
Diâmetro da base	11 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	32,5 cm
Altura	28 cm	Peso	3191 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Peça ligeiramente fragmentada. Apresenta bordo extrovertido e demarcado exteriormente e assenta numa base ligeiramente côncava e circular. Possui o seu diâmetro máximo sensivelmente a meia altura. O ombro ajusta-se numa abertura bastante estreita acompanhando o mesmo movimento de simetria. Em torno do bordo surgem arranques de pequenas asas colocadas no sentido horizontal.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogénea com elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tom de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies, interna e externa, apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	cnans.sjb.arq94.0001		
Material	Cerâmica		
Grupo	Tradescant		
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	
	cm		cm
Diâmetro do bordo	12,2	Espessura	0,8
	cm		cm
Comprimento	23	Diâmetro	
	cm		cm
Altura		Peso	428
	cm		g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo, parede e asa completa. Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta pasta de tonalidade creme clara.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e beringela colorida a magnésio. Nas proximidades do ombro ostenta decoração composta por pássaros cujas asas esvoaçam, assim como, correm quimeras (quilin) com corpo felino coberto de escamas, patas de veado e crinas abundantes em relevo e realçados a esmalte amarelo e cor de malva. Do mesmo modo, em plena parede da peça, podemos observar motivos florais, constituídos por vestígios de uma longa folha com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo brotando, muito possivelmente, de uma peónia em flor. A superfície interna apresenta um vidrado de tonalidade acastanhada.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário cnans.sjb.arq94.0021

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	19 cm	Espessura	1,2 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	1412 g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo bordo inteiro, asa inteira e porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 0088

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	13,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	11 cm	Espessura		cm
Comprimento		Diâmetro	35	cm
Altura	30,5 cm	Peso		g



Código de Munsell 2.5Y 7/3

Descrição

Peça inteira. Apresenta marcas de torneamento, sobretudo visíveis na face interior. Assenta numa base ligeiramente côncava e circular e possui diâmetro máximo a meia altura. Oferece bordo extrovertido, demarcado exteriormente, de secção semicircular. Em torno da boca possui cerca de 4 asas (em duas delas podemos observar apenas os arranques) e o gargalo encontra-se ladeado por um lábio enrolado.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 6/3) sobre grés.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1	cm
Comprimento	17	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	210	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, ligeiramente porosa contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça (10YR 6/3) apesar de apresentar em algumas partes uma tonalidade ligeiramente acastanhada (10YR 6/4).

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta (10YR 6/3).

Decoração

Ambas as superfícies oferecem um vidrado de tom de castanho-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície interna apresenta uma tonalidade ligeiramente mais clara e baça (10YR 4/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.04

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11,5	cm
Diâmetro do bordo	18	Espessura	0,8	cm
Comprimento	18	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	293	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo, parede e asa completa de pequenas dimensões. Apresenta bordo extrovertido, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. À volta da boca oferece uma asa e o gargalo está rodeado por um lábio enrolado.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1), no entanto a superfície interna não oferece um grés tão vidrado, provavelmente, por se tratar de um fragmento bastante rolado.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.05

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 11,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 1,2 cm

Comprimento 14,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 190 g



Código de Munsell 2.5Y 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície interna da peça apresenta algumas partes da cor da pasta muito possivelmente elaboradas propositadamente com um intuito decorativo.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.06

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 11,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1 cm

Comprimento 13,5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 199 g



Código de Munsell 10YR 7/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Tom rosado.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 04.01.07
Material	Cerâmica
Grupo	Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	18,7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso		g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate, porém, enquanto que na superfície externa oferece uma dupla tonalidade (10YR 3/1 e 7.5YR 4/3). Na superfície interna oferece o tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.08

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base 13,5 cm **Largura** cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,6 cm

Comprimento cm **Diâmetro** 13,2 cm

Altura 19 cm **Peso** 1250 g



Código de Munsell 2.5Y 7/2

Descrição

Fragmento contendo fundo completo e porção de parede. Apresenta uma base ligeiramente côncava e circular e marcas de torneamento visíveis no sua superfície interna (5 fragmentos colam).

Elementos não plásticos

Pastas bem depuradas, compactas e homogênea, contendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Tom de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.08

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,9 cm
Comprimento	7,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	21 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Psta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1). No entanto, o vidrado da superfície externa apresenta-se ligeiramente mais gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.09

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 1,8 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1 cm

Comprimento 3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 4 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de asa.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04.01.12

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,1 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 4,5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 10 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1). Porém, a superfície externa apresenta-se bastante rolada, assim como, um vidrado desgastado.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0002

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	10	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	78	g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e asa completa de pequenas dimensões.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Tom creme clara.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa oferece revestimento composto por um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorida a magnésio. Oferece decoração composta por motivos florais, em particular, uma longa folha com nervuras em relevo, realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna face interna apresenta uma dupla tonalidade, nomeadamente, de cor creme clara (10YR 7/3) e ligeiramente mais acastanhada (7.5YR 5/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0003

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	7,8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	25	g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Dupla tonalidade: acinzentada (10YR 4/1) e creme (10YR 7/6).

Superfícies

Ambas as superfícies são de cor creme (10YR 7/6).

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta vestígios de motivos florais, nomeadamente, folhas longas com nervuras em relevo realçadas a esmalte amarelo.

A superfície interna oferece a aplicação de um vidrado de tom castanho claro (10YR 5/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0008 e 000

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	193 ^g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

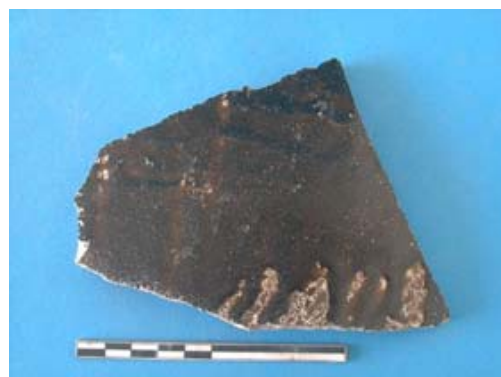
Nº de Inventário sjb 04654.02.0010

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1	cm
Comprimento	11,9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	193	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro, assim como, escorrências da aplicação de revestimento.

A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

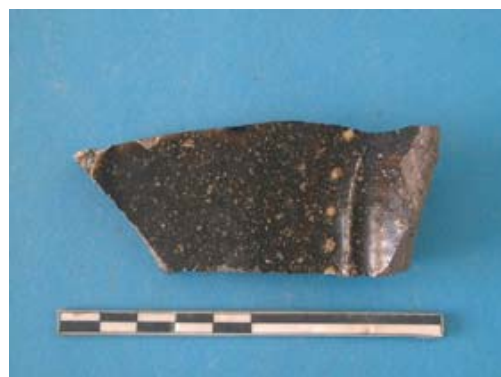
Nº de Inventário sjb 04654.02.0011

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,1	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,4	cm
Comprimento	9,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	76	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0012

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,1	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,8	cm
Comprimento	7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	53	g



Código de Munsell 2.5Y 6/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tom creme acinzentado.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta a aplicação de um vidrado de tom castanho escuro (2.5Y 2.5/1), praticamente preto, colorido a óxido de ferro.

A superfície interna apresenta vestígios de um vidrado de aplicação idêntica à da face exterior.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0013

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	8,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,2	cm
Comprimento	12,1	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	183	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04654.02.0014

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	46 cm	Espessura	1,8 cm
Comprimento	21 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	431 g



Código de Munsell 2.5Y 7/1

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede. Oferece bordo extrovertido, demarcado exteriormente e com lábio de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tom cinzento claro.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Apresenta ambas as superfícies revestidas de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04673.01.0391

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	20 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,7 cm
Comprimento	12,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	6,2 cm	Peso	131 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede. Assenta em base rasa sem revestimentos que por sua fez proporciona solidez e equilíbrio às peças.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Dupla tonalidade: acinzentada (10YR 5/1) e creme (10YR 7/3 e 10YR 7/4).

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam uma tonalidade creme (10YR 7/3).

Decoração

A superfície externa oferece vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Apresenta decoração composta por uma série de painéis de lotus em relevo realçados a esmalte amarelo. Apresenta um círculo inciso ligeiramente demarcado, supostamente, delimitando a zona principal de ornamentação formada, neste caso em particular, por vestígios de uma folha com nervuras.

A superfície interna apresenta um vidrado em tons de castanho (7.5YR 4/3), assim como, vestígios de um escorrimento de esmalte verde colorido a cobre.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 04673.01.0393

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	20 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1 cm
Comprimento	10,4 cm	Diâmetro	cm
Altura	6,3 cm	Peso	85 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede. Assenta em base rasa, sem revestimentos, proporcionando solidez e equilíbrio à peça.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Dupla tonalidade: acinzentada (10YR 5/1 e 10YR 4/1) e (10YR 7/2).

Superfícies

Ambas as superfícies são de tonalidade creme (10YR 7/2).

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Apresenta decoração composta por uma série de painéis de lotus em relevo realçados a esmalte amarelo. Apresenta um círculo inciso ligeiramente demarcado, supostamente, delimitando a zona principal de ornamentação.

A superfície interna apresenta um vidrado em tons de castanho mais escuro na base (10YR 3/1) e ligeiramente mais claro no corpo (10YR 3/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 06.03.01		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	8,8 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	0,7 cm
Comprimento	3,3 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	91 g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta microgranulosa, extremamente bem depurada, muito poroso com elementos não plásticos visíveis a olho nú, entre os quais muito raros quartzos leitosos, impurezas de tonalidade negra (minerais, restos de palha queimadas, entre outros) e alguns raros nódulos ferruginosos.

Tonalidade da Pasta

Apresenta pasta de tom creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tonalidade melada e outra mais acastanhada, a superfície interna não mostra qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 101.02

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	8,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	31 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma dupla tonalidade: acinzentada (10YR 5/1) e tom de camurça (10YR 7/3).

Superfícies

Ambas as superfícies são em tom de camurça (10YR 7/3).

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorida a magnésio. Ostenta decoração composta por motivos florais, nomeadamente, vestígios de longas folhas com nervuras em relevo realçadas a esmalte amarelo. Do mesmo modo, mostra vestígios de uma peónia em flor, onde uma corola é ladeada por pétalas em relevo e realçada a esmalte verde, amarelo e cor de malva.

A superfície interna apresenta um vidrado de tom castanho (7.5YR 4/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1012.0

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,9	cm
Comprimento	4,3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	8	g



Código de Munsell 2.5Y 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pastas bem depuradas, compactas e homogênea, contendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Tom de camurça

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1013.0

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 13 g



Código de Munsell 2.5Y 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pastas bem depuradas, compactas e homogênea, contendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Tom de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1014.0

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,4	cm
Comprimento	4,4	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	21	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada. 7.5YR 5/1

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1015.0

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1	cm
Comprimento	4,3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	25	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada. 7.5YR 5/1

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1017.0

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,4 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	5,6 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	15 g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada. 7.5YR 5/1

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1018.0

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	2	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	2	g



Código de Munsell 2.5Y 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depuradas, compactas e homogênea, contendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Tom de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1019.0

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	2,9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	9	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada. 7.5YR 5/1

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 1029.0a

Material Cerâmica

Grupo Tsubo

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 8,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1,5 cm

Comprimento 11,8 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 150 g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies interna e externa apresentam a aplicação de um vidrado feldspático, de tonalidade esverdeada (?).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 107.04

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,1	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	27	g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A face externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorida a magnésio. Ostenta decoração composta por motivos florais, nomeadamente, vestígios de longas folhas com nervuras em relevo realçadas a esmalte amarelo. Do mesmo modo, mostra vestígios de pétalas de uma peónia em flor em relevo e realçada a esmalte cor de malva.

A face interna apresenta a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha (10YR 3/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 119.03

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 6,6 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 10,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 60 g



Código de Munsell 10YR 6/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos, sobretudo de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 125

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	12,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo		Espessura		cm
Comprimento		Diâmetro		cm
Altura	10,6 cm	Peso	665	g



Código de Munsell 7.5YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede (4 fragmentos colados, entre os quais: sjb 171.09 e sjb 190.02).

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Tonalidade rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanh-chocolate (7.5YR 4/2).

Cerâmica Oriental

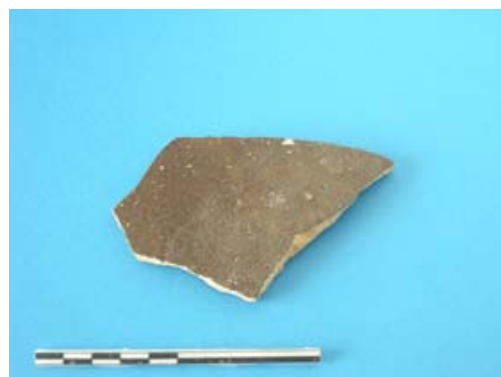
Nº de Inventário sjb 129.06

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	10,9 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	49 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (7.5YR 3/1).

Cerâmica Oriental

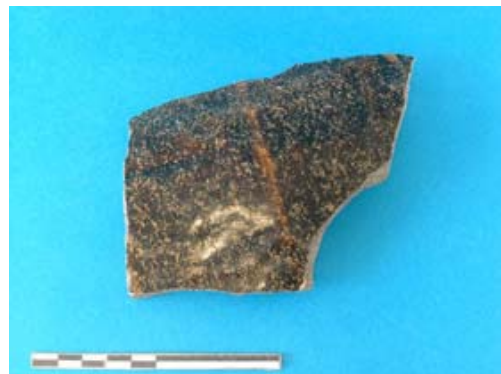
Nº de Inventário sjb 129.09

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1 cm
Comprimento	13,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	199 g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece um grés tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por pastilhas e frisos finos de argila dá realce à boca e corpo aparentemente dividido em painéis.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade rosada (5YR 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 13.01		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base	34 cm	Largura	28,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	3,9 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	19,7 cm	Peso	1875 g



Código de Munsell 2.5YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede.

Elementos não plásticos

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta (2.5YR 6/4), no entanto, a superfície externa apresenta uma tonalidade mais acastanhada (7.5YR 4/3).

Decoração

Não existe qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 13.02

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	13	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,2	cm
Comprimento	16,2	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	289	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa e grosseira, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada (2.5YR 5/3; 2.5YR 6/3).

Superfícies

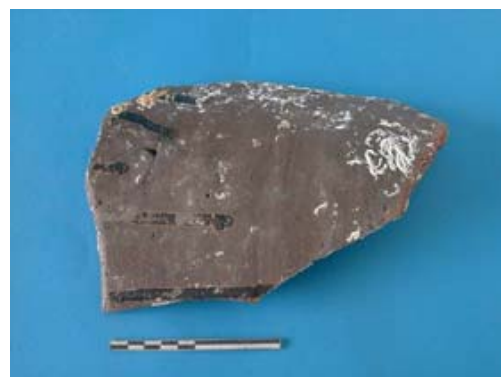
Não existe qualquer tratamento prévio das superfícies. Ambas são da cor da pasta, porém, a superfície externa apresenta uma tonalidade cinzenta acastanhada (5YR 5/1) e a interna ligeiramente mais escura (10R 5/1).

Decoração

A superfície externa apresenta-se parcialmente vidrada e decorada com pingos escorridos em tons de castanho escuro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 13.03 e 08		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	15,5 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,5 cm
Comprimento	22,2 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	666 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa e grosseira, contendo elementos não plásticos que variam entre grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada (2.5YR 5/4; 2.5YR 6/4).

Superfícies

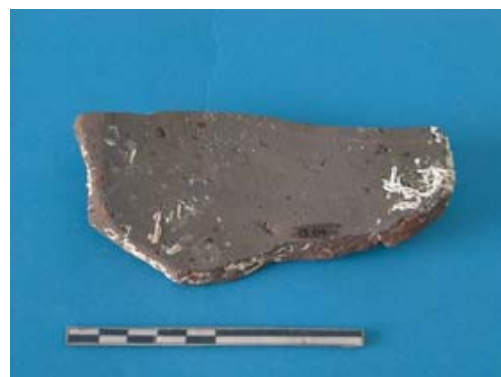
Não oferece qualquer tratamento prévio das superfícies. Enquanto que a face interna apresenta uma tonalidade cinzenta acastanhada (5YR 6/1) a tonalidade da face externa é ligeiramente mais escura (varia entre 5YR 5/1 e 5YR 6/1).

Decoração

Apresenta a superfície externa parcialmente vidrada e decorada com pingos escorridos em tons de castanho escuro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 13.04		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	7 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1 cm
Comprimento	13,8 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	129 g



Código de Munsell 2.5YR 5/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa e grosseira, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada.

Superfícies

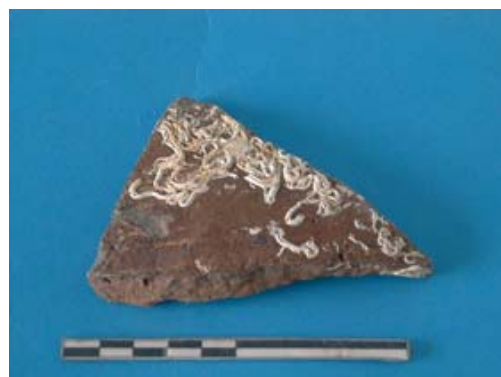
Não existe qualquer tratamento prévio das superfícies. A face externa oferece uma tonalidade acastanhada (5YR 5/2) e a interna um tom mais acinzentado (5YR 6/1)

Decoração

A superfície externa apresenta-se parcialmente vidrada e decorada com pingos escorridos em tons de castanho escuro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 13.05		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	7,2 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,3 cm
Comprimento	9,5 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	84 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa e grosseira, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Varia entre uma tonalidade acastanhada (5YR 6/2) e alaranjada (5YR 6/6).

Superfícies

A superfície interna apresenta uma tonalidade acastanhada (5YR 5/3) e a externa apresenta-se ligeiramente brilhante em tons de um castanho mais escuro (5YR 4/4).

Decoração

Não oferece qualquer tratamento das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 13.06

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,1 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 1,3 cm

Comprimento 8,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 55 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa e grosseira, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma dupla tonalidade de cor castanha clara no núcleo (5YR 5/2) e vermelha acastanhada (2.5YR 5/4) na periferia.

Superfícies

As superfícies não apresentam qualquer tratamento prévio das superfícies, porém, a superfície interna é da cor da pasta na periferia (2.5YR 5/4) e a externa oferece uma tonalidade acinzentada (2.5 YR 4/1 e 2.5 YR 5/1).

Decoração

Não apresenta qualquer tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 13.07

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	2,1 cm
Comprimento	13 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	262 g



Código de Munsell 10R 5/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada.

Superfícies

Não apresenta qualquer tipo prévio das superfícies. Oferece uma tonalidade mais clara na superfície externa (5YR 5/1) e mais enegrecida (5YR 4/1).

Decoração

Não apresenta qualquer tipo de decoração.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 13.09

Material Cerâmica

Grupo Tsubo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	17,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,7 cm
Comprimento	18,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	491 g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Tonalidade da Pasta

Apresenta uma dupla tonalidade de cor alaranjada (7.5YR 6/6) e castanha acinzentada (10YR 6/2).

Superfícies

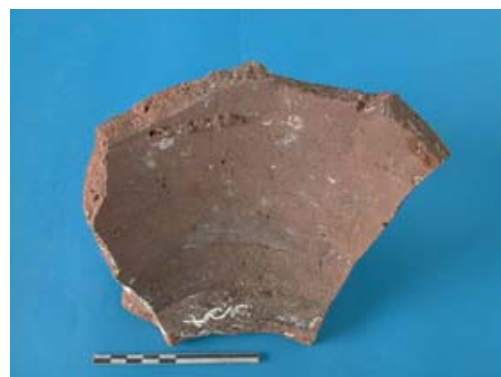
Ambas as superfícies são da cor da pasta, em tons de acastanhado (10YR 6/2).

Decoração

Apresenta ambas as superfícies vidradas em tons de esverdeado (5Y 5/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 13.10		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base	33 cm	Largura	19 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	2,3 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	15 cm	Peso	992 g



Código de Munsell 2.5YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede.

Elementos não plásticos

Pasta grosseira contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelho acastanhado.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta (2.5YR 6/4), no entanto, a superfície externa apresenta uma tonalidade mais acinzentada (5YR 5/1)

Decoração

Não existe qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 132.02.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	6,7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	18	g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorida a magnésio.

A superfície interna mostra vidrado em tons de castanho (7.5YR 4/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 133.01.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 7,4 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 12,5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 120 g



Código de Munsell 5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Apresenta um vidrado de tonalidade castanha escura (2.5Y 2.5/1) quase preto colorido a ferro, na superfície externa. Por sua vez, na superfície interna mostra uma tonalidade ligeiramente mais clara do que a da pasta (2.5Y 5/1), além de apresentar vestígios de escorrências do vidrado existente na face externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 133.01.03

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,2	cm
Comprimento	15,7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	203	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa, grosseira e bem depurada. Apresenta-se muito porosa (autênticos alvéolos), contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma dupla tonalidade: castanha acinzentada (10YR 5/2) e castanha avermelhada clara (5YR 6/4).

Superfícies

Ambas as superfícies são de tonalidade castanha avermelhada clara. No entanto, a superfície interna apresenta-se de um tom castanho acinzentado.

Decoração

A superfície externa ostenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tonalidade castanha escura (10YR 2/2).

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento específico, no entanto, apresenta vestígios de escorrências de vidrado com uma tonalidade creme acinzentada (10YR 6/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 135.03.03

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	4,1	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	8	g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Tom bege.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta decoração composta por motivos florais, nomeadamente, vestígios de pétalas de uma peónia em flor em relevo realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna apresenta um vidrado de tom castanho aproximadamente (7.5YR 4/6).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 135.04

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,2	cm
Comprimento	9,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	92	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta um vidrado de tonalidade castanha muito escura (2.5Y 2.5/1), a superfície interna apresenta-se bastante gasta mostrando uma dupla tonalidade: uma da cor da pasta e outra que aparenta ser vestígios de um vidrado idêntico ao da face externa, mas agora com uma tonalidade rosada (2.5YR 6/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 139.02

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	12,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	15,7 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	167 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície interna apresenta a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1). Provavelmente, a superfície externa também possuía essa tonalidade e tratamento, no entanto, por a peça se encontrar rolada desapareceu toda a tonalidade.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 139.03.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 15,2 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,6 cm

Comprimento 18,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 227 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1). No entanto, apesar de a superfície externa actualmente se encontrar desprovida ela deveria ser composta de um vidrado com aquela mesma tonalidade.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 139.05		
Material	Cerâmica		
Grupo	Outras produções chine		
Dimensões			
Diâmetro da base	cm	Largura	9,2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	10,4 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	96 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta pouco porosa, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão médio e finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície interna oferece a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1) ligeiramente vidrado por se encontrada bastante rolada. Provavelmente, a superfície externa também possuía essa tonalidade e tratamento, no entanto, por a peça se encontrar rolada desapareceu toda a tonalidade.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 140.05

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1	cm
Comprimento	12,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	205	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado, muito possivelmente, de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Contudo, actualmente apresenta um tom muito mais ligeiro e gasto. Do mesmo modo, oferece uma decoração em alto relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, provavelmente, dividido em painéis.

A superfície interna apresenta uma tonalidade mais rosada (2.5YR 5/3), tal como, mostra vestígios de pingos de vidrado idêntico ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 149.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	13,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,3	cm
Comprimento	16,2	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	423	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado de tonalidade castanha muito escura (2.5Y 2.5/1).

Aparentemente parece possuir vestígios da tão típica decoração dos potes Martaban composta por frisos finos de argila que acabam por evidenciar o bocal e a parede dividida em painéis.

A superfície interna apresenta-se bastante gasta mostrando uma dupla tonalidade: uma da cor da pasta e outra que aparenta ser vestígios de um vidrado idêntico ao da face externa, mas agora com uma tonalidade rosada (2.5YR 6/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 158.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,4	cm
Comprimento	9,6	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	210	g



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, oferece uma decoração em ligeiro relevo constituída por uma linha fina e pastilhas de argila que realçam o corpo, muito provavelmente, dividido em painéis. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de pingos de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 159.01.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	4,8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	11	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Dupla tonalidade: acinzentada no núcleo (10YR 5/1) e bege na periferia (10YR 7/3).

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta na periferia.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Oferece vestígios de uma decoração composta por motivos florais, particularmente, longas folhas com nervura em relevo e realçadas a esmalte amarelo.

A superfície interna mostra a aplicação de um vidrado de tom castanho (7.5YR 4/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 159.01.02

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	5,3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	13	g



Código de Munsell 2.5Y 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Oferece vestígios de uma decoração composta por motivos florais, particularmente, longas folhas com nervura em relevo e realçadas a esmalte amarelo.

A superfície interna mostra a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha (7.5YR 4/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 161.10.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,1 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6 cm
Comprimento	3,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	7 g



Código de Munsell 10YR 8/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Oferece pasta de uma tonalidade cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa oferece um vidrado plúmbeo de tom verde colorido a cobre, a superfície interior apresenta-se parcialmente vidrada em tons de castanho (10YR 6/6).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 162.01.01		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	9,5 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,3 cm
Comprimento	15,5 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	279 g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade idêntica à da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 162.01.02		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	6,1 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,1 cm
Comprimento	10,5 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	71 g



Código de Munsell 2.5Y 6/1

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro, assim como onta decoração composta por 3 caneluras aparentemente junto à zona colo. A superfície interna não apresenta qualquer tipo de tratamento específico à exceção da existência de dois pingos de vidrado na mesma tonalidade da face externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 171.08

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6 cm
Comprimento	12 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	49 g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Oferece vestígios de uma decoração composta por motivos florais, nomeadamente, uma longa folha com nervuras em relevo e realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna apresenta-se parcialmente vidrada em tons de castanho claro (7.5YR 6/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 171.10		
Material	Cerâmica		
Grupo	Martaban		
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	2,4 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,9 cm
Comprimento	4,1 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	



Código de Munsell 7.5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. A superfície interna apresenta-se de tonalidade idêntica à da pasta, assim como, mostra vestígios de vidrado igual ao da superfície externa apesar de mais ligeiro e gasto.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 171.11

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 2,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1 cm

Comprimento 5,8 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 11 g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede. Apresenta uma ligeira saliência, provavelmente, pertencente ao arranque de uma asa.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 172.05

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	9,1	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	41	g



Código de Munsell 2.5Y 8/3

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Tom bege.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorido a magnésio. Oferece decoração composta por motivos florais, em particular, longas folhas com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo.

A superfície interna mostra a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha (7.5YR 4/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 174.01.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,1	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	15	g



Código de Munsell 10YR 8/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos, de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta tonalidade de cor creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta decoração composta por motivos florais, nomeadamente, vestígios de nervuras em relevo realçadas a esmalte amarelo, pertencentes a uma longa folha decoração tão característica deste tipo de peças. A superfície interna apresenta um vidrado de tom castanho claro (7.5YR 5/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 175.08.03		
Material	Cerâmica		
Grupo	Tradescant		
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	4,5 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	0,7 cm
Comprimento	7,6 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	23 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Mostra pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície exterior oferece um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Apresenta vestígios de uma linha incisa indicando, provavelmente, o início da zona do bojo e delimitando a zona principal de ornamentação.

Na superfície interna oferece a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (7.5YR 4/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.09

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	20 cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	5,85 cm	Peso	64 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede. Oferece bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Na superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom verde colorido a cobre e na superfície interna junto ao bordo oferece escorrências desse mesmo tipo de vidrado.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.11.03

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,7 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,6 cm

Comprimento 5,8 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 14 g



Código de Munsell 10YR 7/6

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade amarelada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície interior apresenta vestígios de uma aplicação de vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.11.05

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	46	g



Código de Munsell 7.5YR 7/6

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Tom creme alaranjado.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de decoração composta pela aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Apresenta vestígios de uma linha incisa indicando, provavelmente, o início da zona do bojo e delimitando a zona principal de ornamentação.

A superfície interna mostra a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.11.06

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso		g



Código de Munsell 7.5YR 7/6

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta vestígios de uma decoração composta por motivos florais, onde predominam longas folhas com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo.

A superfície interna oferece a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.11.07

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,4	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	38	g



Código de Munsell 7.5YR 7/6

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Tom creme alaranjado.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta vestígios de decoração composta por motivos florais, particularmente, vestígios de pétalas de uma peónia em flor em relevo realçada a esmalte amarelo. A superfície interna mostra um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

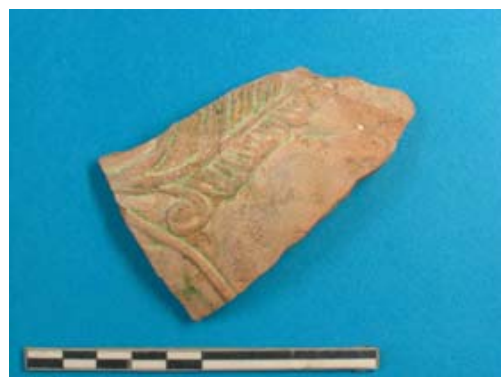
Nº de Inventário sjb 18.11.10

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8 cm
Comprimento	9 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	43 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta vestígios de uma longa folha com nervuras em relevo e realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna, provavelmente, por se encontrar desgastada não oferece quaisquer vestígios da aplicação de vidrado, apresentando-se da tonalidade da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.11.11

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7	cm
Comprimento	11,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	100	g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Ostenta vestígios de uma decoração composta por motivos florais, onde predominam longas folhas com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo, assim como, pétalas de uma peónia em flor igualmente em relevo e realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna apresenta uma dupla coloração onde a tonalidade da pasta (10YR 7/2) e a aplicação de um vidrado de cor castanha (10YR 4/2) são evidentes.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 8,8 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,7 cm

Comprimento 12,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 83 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1), todavia, a superfície interna oferece uma tonalidade mais clara (10YR 3/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.02

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9,2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8 cm
Comprimento	21,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	168 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta extremamente bem depurada, muito porosa, por vezes apresentando autênticas fendas e alvéolos contendo elementos não plásticos compostos por nódulos ferroginosos (não é contaminação pois está no interior da pasta), raros quartzos leitosos, alguns restos de conchas, assim como partículas negras (minerais e restos de palha queimada) que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam um vidrado de tom castanho-chocolate (7.5YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.03

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	8,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,3	cm
Comprimento	10,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	141	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo, parede e arranques de uma asa. Apresenta bordo extrovertido, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. À volta da boca oferece arranques de uma asa e o gargalo está rodeado por um lábio enrolado.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta extremamente bem depurada, microgranulosa, muito porosa com elementos não plásticos visíveis a olho nú (partículas e impurezas de tonalidade negra indeterminadas) que variam entre o grão muito fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa oferece um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1). A superfície interna apresenta uma tonalidade castanha mais clara (10YR 3/2), porém, junto ao bordo apresenta uma tonalidade idêntica à da superfície externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.04

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 9,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,6 cm

Comprimento 17,5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** g



Código de Munsell 10YR 6/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície interna por se apresentar gasta oferece uma tonalidade ligeiramente mais clara.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.05

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 7,1 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,9 cm

Comprimento 12,2 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 102 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície interna apresenta uma tonalidade mais acinzentada (2.5Y 3/1).

Cerâmica Oriental

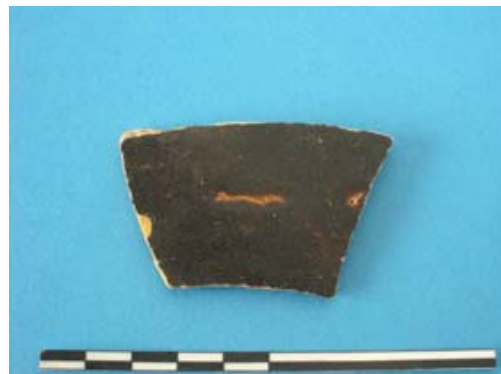
Nº de Inventário sjb 18.12.06

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,9 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6 cm
Comprimento	6,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	18 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 2/1). Porém a superfície interna apresenta uma tonalidade ligeiramente mais clara (10YR 4/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.07

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base 17 cm **Largura** cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1,5 cm

Comprimento 15,5 cm **Diâmetro** cm

Altura 10,2 cm **Peso** 196 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado de tom castanho-chocolate mais escura (10YR 3/1) e mais clara/baça na superfície interna (7.5 YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.09

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 5,3 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 7,9 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 41 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.10

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 4,7 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 6,7 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 24 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

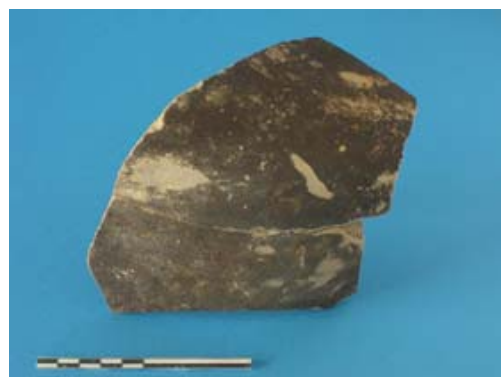
Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1), contudo, a superfície apresenta-se mais desgastada.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 18.12.11
Material	Cerâmica
Grupo	Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	13,5 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	18 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	257 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de corpo

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea que contém elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície interna oferece um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1). Porém, a superfície externa apesar de possuir essa mesma tonalidade e tratamento, não se apresenta tão brilhante.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.13

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 2,8 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 6,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 14 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

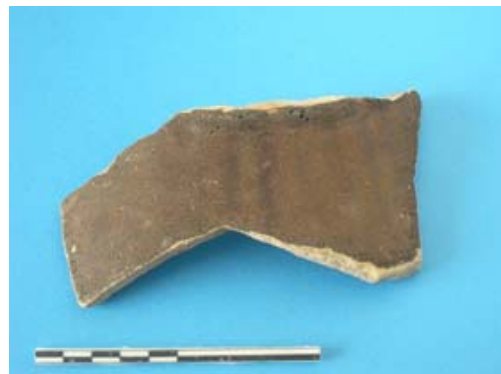
Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 18.12.14		
Material	Cerâmica		
Grupo	Outras produções chine		
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	
	cm		8 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	
	cm		2 cm
Comprimento	15 cm	Diâmetro	
			cm
Altura		Peso	
	cm		131 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.15

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 7 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 11,1 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 60 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (7.5YR 3/1), no entanto, a superfície externa apresenta-se mais degradada.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 18.12.16
Material	Cerâmica
Grupo	Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,4 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8 cm
Comprimento	13,3 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	76 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, pouco porosa contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanho-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície externa apresenta vestígios dessa aplicação.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.17

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,7 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 6,7 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 21 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanho-chocolate (10YR 3/1), no entanto, a superfície externa apresenta-se ligeiramente danificada e gasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.18

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 5,3 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,6 cm

Comprimento 6,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 30 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (10YR 3/1). No entanto, a superfície interna apresenta um tom ligeiramente mais claro.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.12.19

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 5,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,8 cm

Comprimento 6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 34 g



Código de Munsell 10YR 6/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.14.02

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,9 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	17,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	151 g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta microgranulosa, extremamente bem depurada, muito poroso com elementos não plásticos visíveis a olho nú, entre os quais muito raros quartzos leitosos, impurezas de tonalidade negra (minerais, restos de palha queimadas, entre outros) e alguns nódulos ferruginosos.

Tonalidade da Pasta

Oferece pasta de tonalidade creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta a aplicação de um vidrado plúmbeo de tonalidade melada, a superfície interna não mostra qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 18.15

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	18	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	2,1	cm
Comprimento	31,2	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	1299	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por pastilhas e frisos finos de argila dá realce à boca e corpo aparentemente dividido em painéis.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade castanha acinzentada (2.5Y 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 180.01.01 e 02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	<input type="text"/> cm	Largura	<input type="text"/> cm
Diâmetro do bordo	<input type="text"/> cm	Espessura	<input type="text"/> cm
Comprimento	<input type="text"/> cm	Diâmetro	<input type="text"/> cm
Altura	<input type="text"/> cm	Peso	<input type="text"/> 62 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma dupla tonalidade: cinzenta (10YR 5/1) e rosa acastanhada (2.5YR 5/3)

Superfícies

Ambas as superfícies deveriam possuir um grés de tonalidade castanha rosada (2.5YR 5/3).

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por pastilhas de argila dá realçe corpo muito provavelmente dividido em painéis.

A superfície interna oferece uma dupla tonalidade idêntica à da pasta, assim como vestígios de um vidrado idêntico ao da superfície externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 182.01.01

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1	cm
Comprimento	14,3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	174	g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, apresenta decoração composta por um ligeiro relevo constituído por finos frisos de argila que realçam o corpo possivelmente dividido em painéis. A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio, no entanto, apresenta uma tonalidade castanha rosada (7.5YR 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 182.01.03

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,4	cm
Comprimento	17,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	296	g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e asa completa.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, apresenta decoração composta por um ligeiro relevo constituído por finos frisos de argila que realçam o corpo possivelmente dividido em painéis.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio, no entanto, apresenta uma tonalidade castanha rosada (7.5YR 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 182.01.05

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	12,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1	cm
Comprimento	16,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	266	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Recipiente fechado. Fragmento contendo porção de parede e asa completa.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por pastilhas e frisos finos de argila dá realce à boca e corpo aparentemente dividido em painéis.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade castanha acinzentada (2.5Y 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 182.01.09

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,4	cm
Comprimento	24	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	470	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado plúmbeo de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, ostenta cerca de 2 caneluras s no corpo da peça.

A superfície interna apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo, idêntico ao aplicado na superfície exterior, assim como, oferece uma tonalidade castanha rosada (5YR 5/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 182.03		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	8,5 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,3 cm
Comprimento	10 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	142 g



Código de Munsell 10YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, muito grosseira e rugosa, extremamente bem depurada, muito porosa por vezes constituindo autênticos alvéolos.

Tonalidade da Pasta

Apresenta aproximadamente uma tonalidade castanha acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa encontra-se parcialmente vidrada de tonalidade acastanhada (varia entre 7.5YR 5/3 e 7.5YR 2.5/1) assim como mostra a aplicação de um engobe de tom castanho avermelhado.

A superfície interna não apresenta qualquer tipo de tratamento prévio mostrando-se aproximadamente da cor da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 182.04

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,7 cm

Comprimento 3,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 5 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos feldspatos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 183.03		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	
	cm		8,5 cm
Diâmetro do bordo	17 cm	Espessura	0,6 cm
Comprimento	13,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	5,6 cm	Peso	118 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de tampa.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea, com elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa oferece um vidrado de tonalidade verde, a superfície interna não apresenta qualquer tipo de tratamento prévio.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 184.14.01

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11,3 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,9 cm
Comprimento	15,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	233 g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado plúmbeo de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo, idêntico ao aplicado na superfície exterior, assim como, oferece uma tonalidade castanha rosada (5YR 5/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 184.14.18

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	14 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1 cm
Comprimento	24,3 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	438 g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

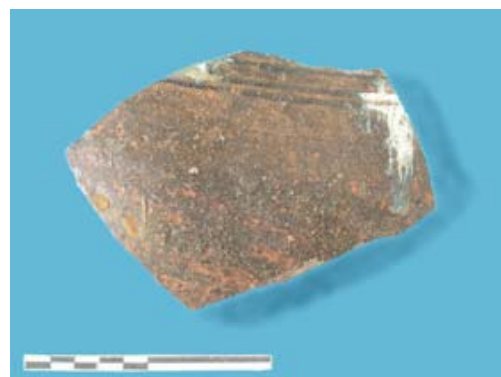
Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado plúmbeo de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo, idêntico ao aplicado na superfície exterior, assim como, oferece uma tonalidade castanha rosada (5YR 5/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 185.02.01		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	11 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,1 cm
Comprimento	16,5 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	255 g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta a aplicação de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro, assim como onta decoração composta por 3 caneluras aparentemente junto à zona colo. A superfície interna não apresenta qualquer tipo de tratamento específico à exceção da existência de 1 pingo de vidrado na mesma tonalidade da face externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 187.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	7	g



Código de Munsell 2.5Y 4/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, muito grosseira e rugosa, extremamente bem depurada, muito porosa por vezes constituindo autênticos alvéolos, com elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade cinzenta.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado actualmente de tom melado mas que deveria possuir uma tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade idêntica à da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 187.03.05

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,5 cm

Comprimento 4 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 9 g



Código de Munsell 10YR 7/2

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos feldspatos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam tonalidade creme acastanhada (10YR 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário

Material

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura cm

Diâmetro do bordo cm Espessura cm

Comprimento cm Diâmetro cm

Altura cm Peso g



Código de Munsell

Descrição

Elementos não plásticos

Tonalidade da Pasta

Superfícies

Decoração

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 192.02.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	4	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	20	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo, mas também alguns mais esporádicos de grão médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 2/1). No entanto, a superfície externa apresenta um vidrado mais brilhante do que a interna.

Cerâmica Oriental

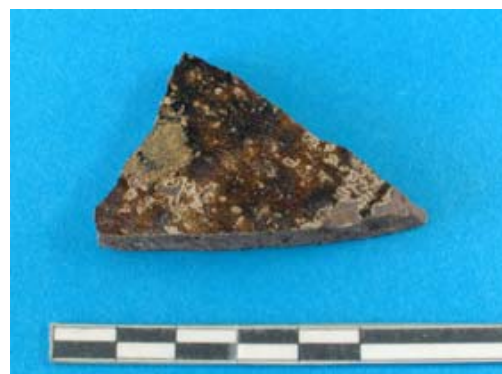
Nº de Inventário sjb 192.02.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1	cm
Comprimento	5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	20	g



Código de Munsell 5YR 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, muito grosseira e rugosa, extremamente bem depurada, muito porosa por vezes constituindo autênticos alvéolos, com elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tonalidade rosa acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se a aplicação de um vidrado de tom castanho escuro, quase preto (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio, no entanto apresenta um pingos de um vidrado de tonalidade idêntica à da superfície externa, assim como, oferece uma tonalidade idêntica à da pasta.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 192.03.03

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	4,7 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	7 g



Código de Munsell 10YR 7/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (7.5YR 4/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 192.04

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	1,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	3,6	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	4	g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta uma tonalidade de cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Na superfície externa apresenta vestígios de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorido a magnésio. Oferece decoração composta por motivos florais, nomeadamente, vestígios de uma folha com nervuras em relevo e realçada com esmalte amarelo. Na superfície interna apresenta um vidrado de tonalidade castanha (7.5YR 4/4).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 195.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	10,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1	cm
Comprimento	12,1	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	125	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Dupla tonalidade: camurça (10YR 7/3) e tonalidade acinzentada (10YR 6/1).

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam uma tonalidade camurça (10YR 7/3).

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro e verde colorido a cobre. Oferece decoração composta por uma série de painéis de lotús em relevo, realçados a esmalte amarelo. Apresenta um círculo inciso demarcando a principal zona de ornamentação formada, neste caso em particular, por vestígios de um animal vertebrado (cabeça, pescoço e parte do corpo de uma ave) em relevo e igualmente realçado a esmalte amarelo.

A superfície interna oferece a aplicação de um vidrado brilhante de tom castanho-chocolate (7.5YR 3/2).

Cerâmica Oriental

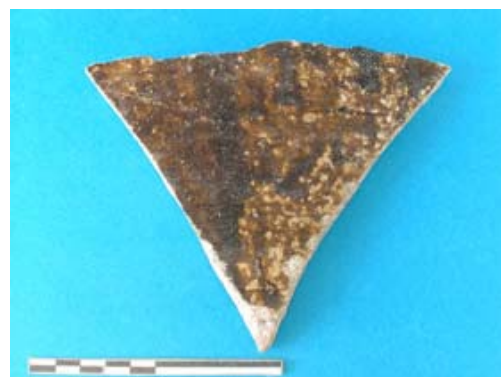
Nº de Inventário sjb 195.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	13,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,1	cm
Comprimento	16	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	236	g



Código de Munsell 2.5Y 6/1

Descrição

Fragmento que contém porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um grés de tom cinzento.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se vestígios de um vidrado, certas partes da peça com algumas escorrências, de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro.

A superfície interna apresentavestígios da aplicação de um vidrado idêntico ao da superfície externa.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 196.01.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	16,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,5	cm
Comprimento	16,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	416	g



Código de Munsell 2.5Y 5/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

asta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acinzentada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por friso fino de argila dá realce corpo.

A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade castanha acinzentada (2.5Y 5/2).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 20.03.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5 cm
Comprimento	5,4 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	12 g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depuradal, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Oferece dupla tonalidade que varia entre a cor de camurça (10YR 6/3) e uma tonalidade mais acinzentada (10YR 5/1).

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta (10YR 6/3).

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tonalidade castanho-chocolate mais clara (7.5YR 4/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 21.05

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 6,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 21 g



Código de Munsell 10YR 6/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de cor castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 23.04

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 6,4 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 7 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 35 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos de grão médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem a aplicação de um vidrado de cor castanha-chocolate (10YR 3/1), porém, a superfície externa apresenta-se ligeiramente mais desgastada.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 24.02

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,8	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento	12,9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	81	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies oferecem um vidrado de tom castanho-chocolate (7.5YR 3/1). Contudo, tanto a superfície externa como interna apresentam-se ligeiramente mais roladas e desgastadas.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 24.03

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 11,2 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 1,8 cm

Comprimento 20,5 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 188 g



Código de Munsell 10YR 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, cotendo elementos não plásticos, feldspatos, que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Tonalidade rosada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 2/1; 10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 24.10

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 5,8 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,8 cm

Comprimento 6,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 31 g



Código de Munsell 10YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea. Contém elementos não plásticos de grão muito fino.

Tonalidade da Pasta

Tom creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Na superfície exterior apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorido a magnésio. Ostenta decoração composta por motivos florais. A superfície interna oferece a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 33.03

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 5,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,7 cm

Comprimento 8,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 42 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta de homogénea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos pouco visíveis de grão finíssimo.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam um vidrado de tom castanho-chocolate, apesar de muito desgastado (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 34.02

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 6,8 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 9 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 48 g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, pouco porosa, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam um vidrado de tonalidade castanha-chocolate (7.5YR 3/1). Porém, a superfície externa apresenta-se bastante desgastada (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 34.02.01

Material Cerâmica

Grupo Outras produções chine

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 3,4 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 4,4 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 13 g



Código de Munsell 2.5Y 7/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos feldspatos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Cor de camurça.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam a aplicação de um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

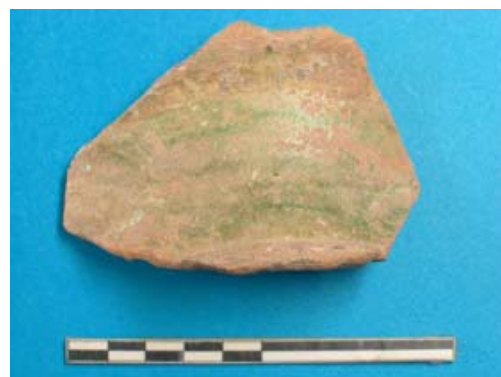
Nº de Inventário sjb 34.03

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	6,5	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	9,3	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	51	g



Código de Munsell 10YR 6/3

Descrição

Fragmento que contém porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície exterior oferece vestígios de um vidrado plúmbeo de cor verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e beringela colorido a magnésio.

A superfície interior mostra-se desprovida de qualquer tratamento prévio, sem qualquer tipo de vidrado.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário	sjb 44		
Material	Cerâmica		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	11,7 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	1,3 cm
Comprimento	12,5 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	357 g



Código de Munsell 10R 5/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e asa completa.

Elementos não plásticos

Pasta rugosa, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Vermelha acastanhada.

Superfícies

Não apresenta qualquer tipo prévio das superfícies. Oferece uma tonalidade mais clara na superfície interna (5YR 5/1) e mais escura na superfície externa (5YR 4/1).

Decoração

Não apresenta qualquer tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 50.02.02

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7	cm
Comprimento	5,9	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	34	g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta microgranulosa, extremamente bem depurada, muito poroso com elementos não plásticos visíveis a olho nú, entre os quais muito raros quartzos leitosos, impurezas de tonalidade negra (minerais, restos de palha queimadas, entre outros) e alguns raros nódulos ferruginosos.

Tonalidade da Pasta

Pasta de tom creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tonalidade melada e outra mais acastanhada, a superfície interna não mostra qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 54.01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	9,6	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7	cm
Comprimento	13,8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	137	g



Código de Munsell 10YR 6/1

Descrição

Fragmento contendo porção de parede

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta um tom acinzentado.

Superfícies

Ambas as superfícies são aproximadamente de tom bege (10YR 7/2).

Decoração

A superfície externa apresenta um vidrado plúmbeo de tom amarelo colorido a ferro, verde colorido a cobre e beringela colorido a magnésio. Oferece decoração composta por motivos florais onde predominam longas folhas com nervuras em relevo e realçadas a esmalte amarelo. Do mesmo modo, mostra pétalas de uma peónia em flor em relevo e realçada a esmalte amarelo. Esta flor ostenta ao centro a denominada "cabeça de ruyi" ladeada por uma corola verde de onde irradiam pétalas amarelas e cor de malva. A superfície interna apresenta escorrências de um vidrado de tom castanho (7.5YR 4/3).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 59.01

Material Cerâmica

Grupo Martaban

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	17,1	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	1,5	cm
Comprimento	21,5	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	810	g



Código de Munsell

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Trata-se de uma pasta microgranulosa, extremamente rugosa e bem depurada. Apresenta-se muito porosa, com autênticos alvéolos, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Tonalidade da Pasta

Oferece um grés de dupla tonalidade: castanha acinzentada (7.5YR 5/2) e rosada (10R 6/4).

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta-se revestida de um vidrado de tonalidade castanha escura quase preta (2.5Y 2.5/1) colorido a óxido de ferro. Do mesmo modo, uma decoração em ligeiro relevo constituída por pastilhas e frisos finos de argila dá realce à boca e corpo aparentemente dividido em painéis. A superfície interna não oferece qualquer tipo de tratamento prévio e oferece uma tonalidade idêntica à da pasta de cor castanha acinzentada.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 71.02

Material Cerâmica

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	11,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7	cm
Comprimento	12,7	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	123	g



Código de Munsell 10YR 8/3

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta microgranulosa, extremamente bem depurada, muito porosa com elementos não plásticos visíveis a olho nú, entre os quais são muito raros quartzos leitosos, impurezas de tonalidade negra (minerais, restos de palha queimadas, entre outros) e alguns raros nódulos ferruginosos.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade creme.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

Enquanto que a superfície externa apresenta vestígios da aplicação de um vidrado plúmbeo de tonalidade melada e outra mais acastanhada, a superfície interna não mostra qualquer tipo de tratamento prévio das superfícies.

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb 96/97

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	7,7	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	9,8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso		g



Código de Munsell 7.5YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acastanhada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa ostenta decoração composta por motivos florais em relevo e realçada a esmalte amarelo e vestígios de vidrado de cor verde.

A superfície interna apresenta uma tonalidade castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb sr 01

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	g

Código de Munsell 7.5YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Oferece pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Apresenta uma tonalidade acastanhada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa apresenta vestígios de um vidrado de cor verde colorido a cobre, amarelo colorido a ferro e beringela colorido a magnésio. Ostenta decoração composta por motivos florais, nomeadamente, mostra uma longa folha com nervuras em relevo e realçada a esmalte amarelo.

A superfície interna apresenta um vidrado de tom castanho-chocolate (10YR 3/1).

Cerâmica Oriental

Nº de Inventário sjb sr 02

Material Cerâmica

Grupo Tradescant

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	8 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	9,7 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	g



Código de Munsell 7.5YR 6/4

Descrição

Fragmento contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta pasta bem depurada, compacta e homogênea. Contém elementos não plásticos de grão fino.

Tonalidade da Pasta

Oferece uma tonalidade acastanhada.

Superfícies

Ambas as superfícies são da cor da pasta.

Decoração

A superfície externa ostenta decoração composta por motivos florais, em particular, mostra pétalas de uma peônia em flor em relevo e realçada a esmalte amarelo. Esta flor ostenta ao centro a denominada "cabeça de ruyi" ladeada por uma corola verde de onde irradiam pétalas amarelas e cor de malva.

A superfície interna apresenta uma tonalidade castanho-chocolate (10YR 3/1).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0090

Forma Garrafa

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura cm

Diâmetro do bordo cm Espessura cm

Comprimento cm Diâmetro cm

Altura 10,6 cm Peso 101 g

Descrição

Fragmento contendo porção de gargalo e parede, demarcado no interior por duas carenas acusadas.

Elementos não plásticos

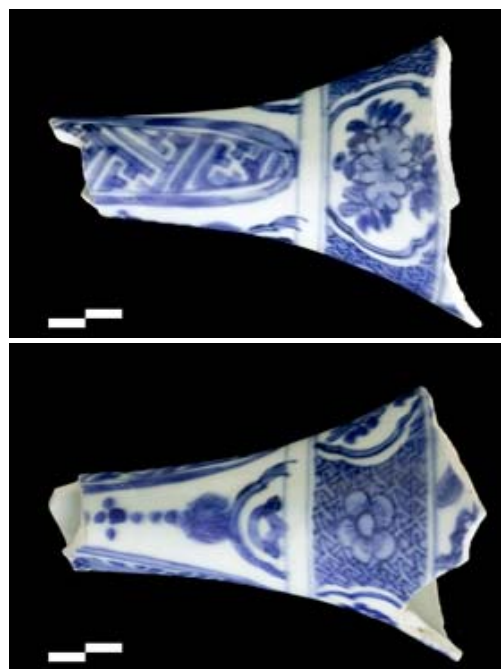
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana branca e fina, com decoração em tons de azul-cobalto. Apresenta decoração apenas na superfície externa, no entanto, ambas as faces são revestidas de um vidrado muito brilhante, de tonalidade ligeiramente azulada.

Decoração

Apresenta decoração apenas na superfície externa. Esta estava disposta no sentido horizontal cuja cena principal se desenvolve no bojo. Da zona do gargalo são pintados motivos geométricos compostos por suásticas (?) (coração do Buda - símbolo budista) ou entrelaçamentos formando uma espécie de labirinto (Jean-Paul Desroches) separado de cada lado um pendente de contas. Por debaixo destes existem meias cabeças de "rui". Este registo é separado por duas linhas concêntricas seguindo-se dois medalhões lobulados onde uma peónia com a sua ramagem alterna com uma flor de ameixoeira pintada sob um fundo geométrico.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0091

Forma Pote/Garrafa

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	9,8 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	9,8 cm	Peso	425 g



Descrição

Fragmento que contém fundo completo e porção de bojo.

Elementos não plásticos

Pasta bastante grosseira e porosa, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana branca e fina, com decoração em tons de azul-cobalto. Ambas as superfícies são revestidas de um vidrado luminoso, de tonalidade ligeiramente azulada, à exceção do pé que apresenta um tom alaranjado o que possivelmente indica a presença de óxidos de ferro. Apresenta marcas arenosas junto ao pé circular.

Decoração

Apresenta decoração disposta em fusos sucesivos separados por filetes onde surgem junto à base cada um no seu registo, treze painéis de lotus. Seguidamente o cenário desenvolve-se num plano constituído por vagas em turbilhão e jactos de espuma. Observa-se também uma nuvem com quatro pontas ostentando no centro uma "cabeça de ruyi".

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0092

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	12,7 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	23 cm	Espessura	0,4	cm
Comprimento		Diâmetro	20,6	cm
Altura	2,5 cm	Peso	303	g



Descrição

Prato fundo, de aba não muito grande e com o bordo recortado em chavetas interligadas que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido. A base apresenta marcas arenosas e traços em hélice junto ao pé circular.

Elementos não plásticos

Pasta de tonalidade branca bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada, decoração em tons de azul de cobalto, assim como, buracos causados pelo gás sob o vidrado.

Decoração

Na superfície interna, o fundo é delimitado por duas linhas concêntricas que enquadram a temática central composta por dois gamos em movimento junto a dois troncos de dois “pinheiros” cujos ramos se entrelaçam e misturam com as nuvens, rochedo e rodeada por motivos florais, entre os quais “glórias matinais”, “pêssegos” e próximo dos gamos motivos que aparentam ser “pérolas”. A caldeira e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha são tratadas como uma só unidade divididas em oito painéis polilobados decorados com “pêssegos” e representações de duas “borboletas” (?). Nas bandas separadoras temos um filete duplo sobre um fundo de aguada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0093

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base 11,9 cm Largura cm

Diâmetro do bordo 20,7 cm Espessura 0,4 cm

Comprimento cm Diâmetro 20,7 cm

Altura 3 cm Peso 301 g



Descrição

Prato com aba, fundo e circular, apresenta bordo recortado em chavetas interligadas e assenta em fundo ligeiramente demarcado.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Porcelana branca e fina, com decoração em tons de azul-cobalto. Ambas as superfícies são revestidas de um vidrado muito brilhante, de tonalidade ligeiramente azulada, à exceção do pé que apresenta um tom alaranjado o que possivelmente indica a presença de óxidos de ferro. Apresenta marcas arenosas junto ao pé circular.

Decoração

Apresenta bordo recortado sublinhado por uma linha de tonalidade azul. Oferece decoração composta por oito painéis polilobados, muito pronunciados, onde são visíveis motivos florais, frutos (pêssego) e insecto (zangão), separadas por bandas rectangulares pintadas em aguada (decoração repetitiva típica da Kraakporcelain). A temática central é demarcada sob o fundo com duas linhas concêntricas e apresenta dois gamos em movimento que parecem contemplar uma flor (camélia: beleza e saúde) junto a uma árvore e rodeados por diversa vegetação.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0094

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	11,6 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	22 cm	Espessura	0,4	cm
Comprimento		Diâmetro	20,7	cm
Altura	3,5 cm	Peso	299	g



Descrição

Prato inteiro, revestido de um vidrado brilhante e incolor. O prato apresenta aba, como bordo ligeiramente recortado em chavetas e assenta sob um pé curto onde se denotam traços concêntricos do torno e diversos elementos arenosos.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Porcelana branca e fina, com decoração em tons de azul-cobalto. Ambas as superfícies são revestidas de um vidrado muito brilhante, de tonalidade ligeiramente azulada.

Decoração

A decoração é a azul, matizado com traços e pontos azuis escuros, assim como, os contornos do desenho que evidenciam a composição. O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas onde a temática central é composta por dois gamos em movimento junto a um pinheiro e rodeados por rochedos e diversa vegetação (entre esta a cabeça de ruyi e o pêssego); no céu azul vê-se o sol e nuvens. A caldeira e a aba são preenchidas por oito painéis polilobados todos eles decorados com motivos florais (entre estes o pêssego, a glória matinal e a camélia). Separam os painéis oito bandas decoradas e preenchidas a azul. O tardo apresenta oito medalhões (separados por linhas verticais) pintados muito levemente (comparativamente com a decoração na superfície interna) contendo no interior joia centrada demarcada por quatro pontos.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0095

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	11,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	20,5 cm	Espessura	0,4	cm
Comprimento		Diâmetro	20,6	cm
Altura	3,1 cm	Peso	269	g



Descrição

Prato fundo, de aba não muito grande e com o bordo recortado em chavetas interligadas que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de tonalidade branca bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada e decoração em tons de azul de cobalto.

Decoração

Na superfície interna, o fundo é delimitado por duas linhas concêntricas que enquadram a temática central composta por uma grande ave pousada sobre uma "rocha" (?) e rodeada por motivos florais de tipologia variada. A caldeira e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha, são tratadas como uma só unidade divididas em oito painéis polilobados decorados alternadamente com "camélias", "glórias matinais", "peónias" e com representações de "borboletas" (?). Nas bandas separadoras pequenos traços enquadram contas circulares com jóia ao centro.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0096

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	12,9 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	22 cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento		Diâmetro	20,5	cm
Altura	3 cm	Peso	231	g



Descrição

Prato com aba, fundo e circular, apresenta bordo recortado em chavetas interligadas e assenta em fundo ligeiramente demarcado.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Porcelana branca e fina, com decoração em tons de azul-cobalto. Ambas as superfícies são revestidas de um vidrado muito brilhante, de tonalidade ligeiramente azulada, à excepção do pé que apresenta um tom alaranjado o que possivelmente indica a presença de óxidos de ferro.

Decoração

Apresenta bordo recortado sublinhado por uma linha azul. Apresenta 8 painéis polilobados muito pronunciados cuja decoração é composta por motivos florais, frutos e insectos, separadas por bandas rectangulares pintadas em aguada (decoração repetitiva típica da Kraakporcelain). A temática central é composta por um rochedo e um pinheiro em tons de azul-escuro, assim como, dois gamos (animais) virados um para o outro.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0097

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	12 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	20 cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	20,4 cm
Altura	3,1 cm	Peso	268 g



Descrição

Prato fundo, de aba não muito grande e com o bordo recortado em chavetas interligadas que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido. A base apresenta marcas arenosas e traços em hélice junto ao pé circular

Elementos não plásticos

Pasta de tonalidade branca bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada e decoração em tons de azul de cobalto.

Decoração

Na superfície interna a temática central, delimitada no fundo por dois círculos, é composta por três planos distintos: um plano central com enrolamentos em fundo de aguada de onde surgem elementos vegetais; um plano intermédio que oferece dois gamos em movimento sobre um fundo realçado por uma linha de horizonte de onde emergem dois pinheiros cujos dois troncos se entrelaçam. Entre dois ramos, são visíveis nuvens, sol e um bando de aves em voo em direcção ao céu. A caldeira e e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha, são tratadas como uma só unidade divididas em oito painéis polilobados decorados com “pêssegos”, “ameixeira”, “glórias matinais” e insectos. Nas bandas separadoras temos um filete duplo sobre um fundo de aguada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0098

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	11,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	21 cm	Espessura	0,4	cm
Comprimento		Diâmetro	20,9	cm
Altura	2,6 cm	Peso	259	g

Descrição

Prato fundo, de aba não muito grande e com o bordo recortado em chavetas interligadas que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada com decoração em ambas as superfícies.

Decoração

Na superfície interna, o fundo é delimitado por duas linhas concêntricas que enquadram a temática central composta por dois gamos em movimento junto a uma árvore, rochedo e rodeada por motivos florais, entre os quais glórias matinais. A caldeira e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha, são tratadas como uma só unidade divididas em oito painéis polilobados decorados alternadamente com “ameixieiras” (?), “glórias matinais”, “peónias” e com representações de “borboletas” (?). Nas bandas separadoras pequenos traços enquadram contas circulares com jóia ao centro.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário cnans.sjb.96/98.0099

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	17,2 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	31 cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento		Diâmetro	31	cm
Altura	5 cm	Peso	918	g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo, parede e fundo completo. Prato de grandes dimensões, fundo, circular, bordo recortado em chavetas.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Ambas as superfícies são revestidas de um vidrado muito brilhante, de tonalidade ligeiramente azulada. Peça que se encontra reconstituída.

Decoração

A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. No primeiro plano, ao centro, apresenta um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas, separadas por cabeças de ruyi. O fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul onde surgem dois gamos em movimento junto a um pinheiro e rodeados por um rochedo e diversa vegetação; no céu azul vê-se o sol e nuvens. A aba é decorada por oito grandes painéis polilobados em relevo sendo visíveis dois decorados com frutos, flores e insectos: pêssegos (1) e motivos florais e libelinha (?) (1). Separam os painéis, oito bandas limitadas em baixo e em cima por escamas e no meio destas símbolos geométricos. O tardo apresenta oito medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados e joia centrada demarcada por quatro pontos.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 00/02

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

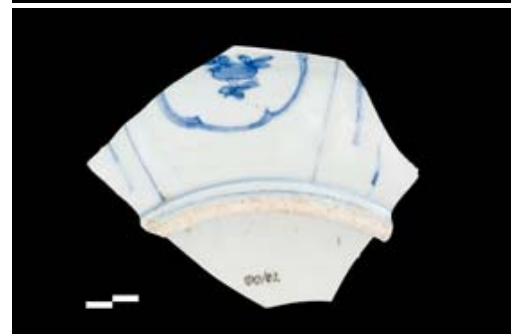
Dimensões

Diâmetro da base 30 cm Largura 9,8 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 12,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 94 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé muito saliente e de secção ligeiramente introvertida e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo que, no primeiro plano, ao centro, oferece decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas, separadas por "cabeças de ruyi". Por sua vez, no interior deste aparentemente apresenta decoração composta por motivos florais. No tardo apresenta o pé demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo o corpo decorado por medalhões pintados, contendo flor no interior, separados por faixas verticais com motivos alongados e estilizados.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 00/03

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	27 cm	Largura	6,6 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5 cm
Comprimento	10,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	46 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo que, no primeiro plano, ao centro, oferece decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas, separadas por "cabeças de ruyi". Por sua vez, no interior deste apresenta decoração composta por motivos de tipologia indeterminada. No tardo apresenta o pé demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo o corpo decorado por medalhões pintados, separados por faixas verticais.

Porcelana Chinesa

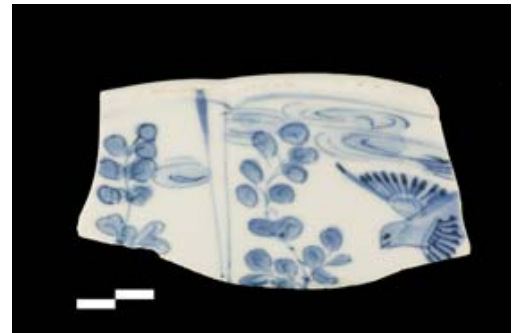
Nº de Inventário sjb 004673.01.0405

Forma Prato

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,9 cm
Diâmetro do bordo	34 cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	9,1 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	36 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado por chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

Apresenta o rebordo recortado sublinhado por uma linha. A zona do bordo, encontra-se dividida em painéis cuja decoração é composta por plantas (?), sendo num deles perceptível uma ave a esvoaçar, separados apenas por duas linhas verticais pintadas a azul. O tardo oferece o rebordo recortado evidenciado por uma linha azul cobalto, assim como, vestígios de decoração composta por motivos estilizados de tipologia indeterminada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04654.02.0005

Forma Indeterminada

Grupo

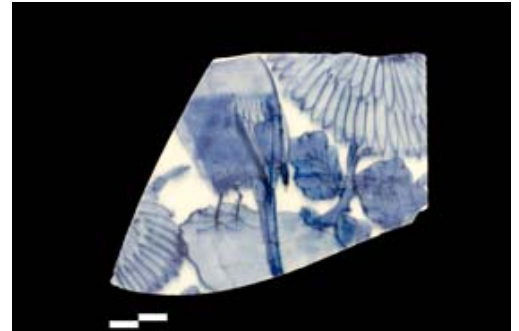
Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 7,5 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,9 cm

Comprimento 13,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 92 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente a um pote (?), vaso (?) ou garrafa (?) tendo em consideração a dimensão do fragmento.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração na superfície externa da peça onde é visível porção do corpo, asa e membros inferiores de um pássaro pousado, possivelmente, em cima de um rochedo, envolto em crisântemos - símbolo de Outono e jovialidade.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.00.01

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base 14 cm Largura 5,5 cm

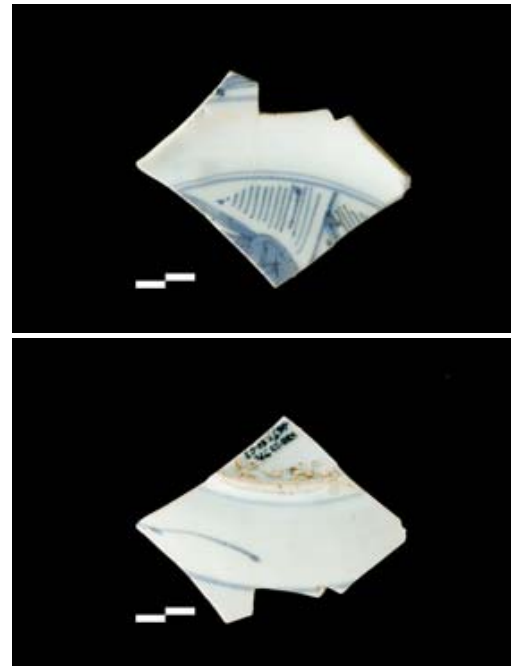
Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 6,9 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 17 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida, parede e aba, possivelmente, pertencente a um prato (?).



Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

Na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas podendo-se observar vestígios de vários traços que aparentam representar água (lago ?)). A aba do bordo é também ela demarcada por uma linha e preenchida com motivos imperceptíveis pelo elevado estado de fragmentação da peça. No tardo, o fundo e a aba encontram-se sublinhados por uma linha em tons de azul acinzentado, assim como, apresenta no corpo da peça vestígios de decoração composta por motivos de tipologia indeterminada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0395

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base 22 cm Largura 17,5 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 1,9 cm

Comprimento 20,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 520 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo, possivelmente, pertencente a um pote (?) ou vaso (?).

Elementos não plásticos

Pasta grosseira e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azul acinzentada, à exceção da base que não demonstra qualquer tipo de vidrado, sendo visíveis estrias concêntricas e radiais deixadas pelo torno.

Decoração

Apresenta decoração na superfície externa, desenvolve-se com um traçado simples de um azul intenso, composta por enrolamentos de nuvens, um pinheiro plantado sob uma escarpa, junto a um rochedo recortado atrás do qual se observa uma peónia em flor. É também visível uma gralha pousada no solo e vários motivos florais e a zona da base é demarcada por 5 linhas concêntricas pintadas em tons de azul com a ajuda do torno.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0396

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base 22 cm **Largura** 3,2 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 2 cm

Comprimento 7,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 51 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo, possivelmente, pertencente a um pote (?) ou vaso (?).

Elementos não plásticos

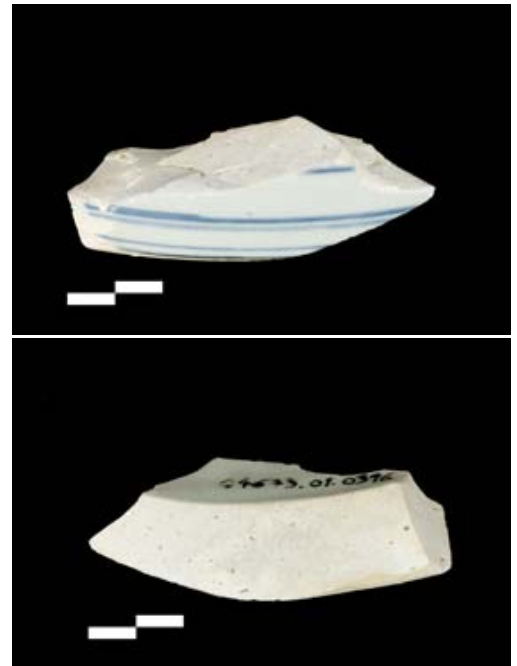
Pasta grosseira e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azul acinzentada, à exceção da base que não demonstra qualquer tipo de vidrado, sendo visíveis estrias concêntricas e radiais deixadas pelo torno.

Decoração

Apresenta a zona da base demarcada por 5 linhas concêntricas pintadas em tons de azul auxiliadas pelo torno.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0397

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base 10,7 cm Largura 7,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 15 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 54 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé de secção semicircular e parede, pertencente a um prato.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície interna, o fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo que, no primeiro plano, ao centro, oferece decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas, separadas por "cabeças de ruyi". Por sua vez, no interior deste aparentemente apresenta decoração composta por folha (aiye): um dos "Oito Emblemas Budistas", planta de bom auspício, que afasta a doença e os maus espíritos. No tardo apresenta o pé demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0398

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,3 cm

Diâmetro do bordo 3,7 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 8,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 20 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato.

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo recortado em chavetas é sublinhado por uma linha azul sendo decorado por painéis polilobados em relevo com decoração composta por "rolo de pintura", separados por uma banda que nas extremidades apresenta motivos emblemáticos preenchida por símbolos circulares (possivelmente jóia ao centro rodeada por pontos circulares). No tardo apresenta medalhões pintados, separados por faixas verticais contendo motivos florais estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0399

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

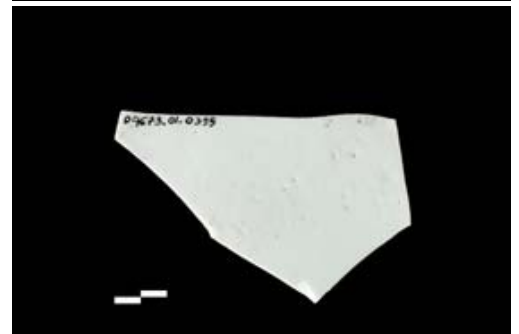
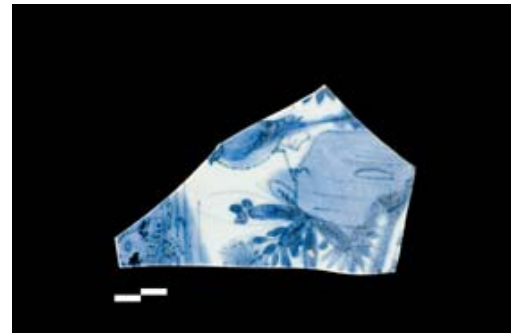
Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 5,8 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,4 cm

Comprimento 9,1 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 21 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície interna apresenta decoração composta por motivos florais, assim como, é possível observar uma ave pousada num rochedo em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

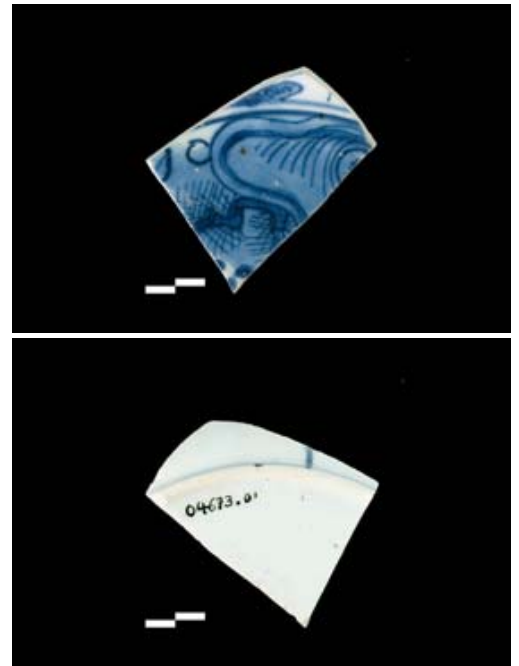
Nº de Inventário sjb 04673.01.0400

Forma Prato

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	17 cm	Largura	4,1 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5 cm
Comprimento	5,1 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	16 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas de tonalidade azul, exibindo no seu interior decoração cuja tipologia dos motivos é indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação da peça. No tardo o pé é delimitado por uma linha e aparentemente o corpo oferece medalhões pintados, separados por linhas verticais em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

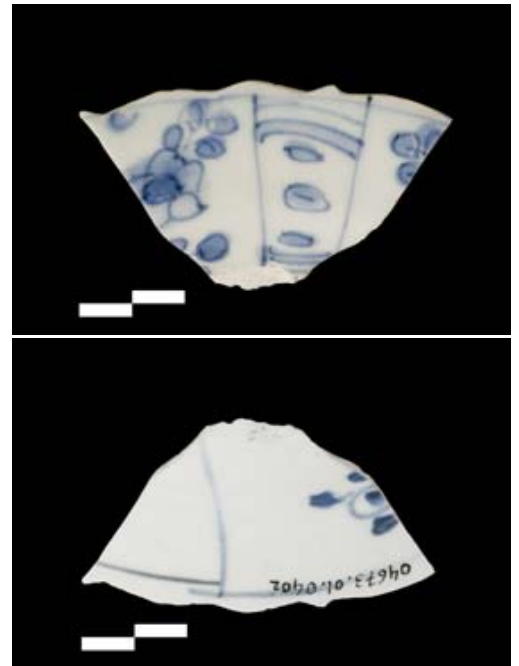
Nº de Inventário sjb 04673.01.0402

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,2 cm
Diâmetro do bordo	28 cm	Espessura	0,2 cm
Comprimento	6,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	9 g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo recortado em chavetas interligadas e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Apresenta o rebordo recortado sublinhado por uma linha. A zona do bordo, encontra-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas e é preenchida por símbolos geométricos, em particular, três pontos circulares. No tardo do rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul cobalto, assim como, medalhões pintados, contendo motivos estilizados (jóia ao centro rodeada por pontos circulares), separados por linhas verticais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0404

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 6,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 11 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

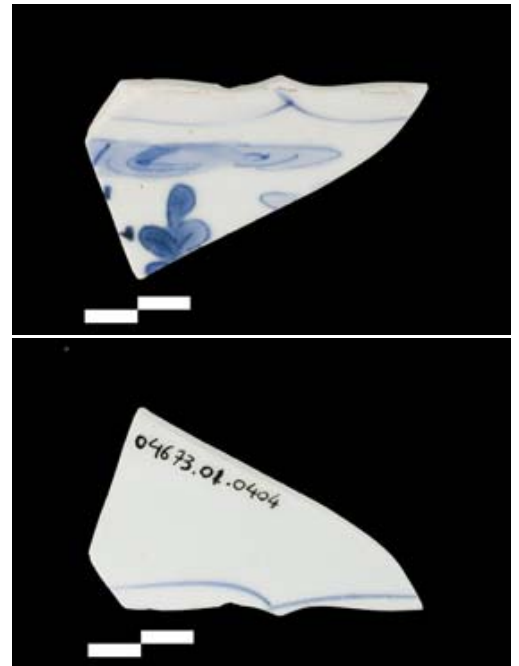
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície interna o bordo recortado em chavetas encontra-se sublinhado por uma linha azul e ostenta vestígios de decoração composta por motivos florais em tons de azul cobalto. Na superfície externa é apenas visível o rebordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0406

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 4,5 cm

Diâmetro do bordo 21 cm **Espessura** 0,3 cm

Comprimento 7,8 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 14 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba demarcada por carena acusada e bordo recortado por chavetas interligadas.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície interna, o rebordo recortado em chavetas encontra-se sublinhado por uma linha de tonalidade azul acinzentada a demarcar a zona do bordo, este apresenta decoração composta por motivos florais (plantas e flores). No tardo, o rebordo em chavetas e a carena que marca a aba encontram-se sublinhados por uma linha em tons de azul acinzentado sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada cujos os motivos são imperceptíveis.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0407

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

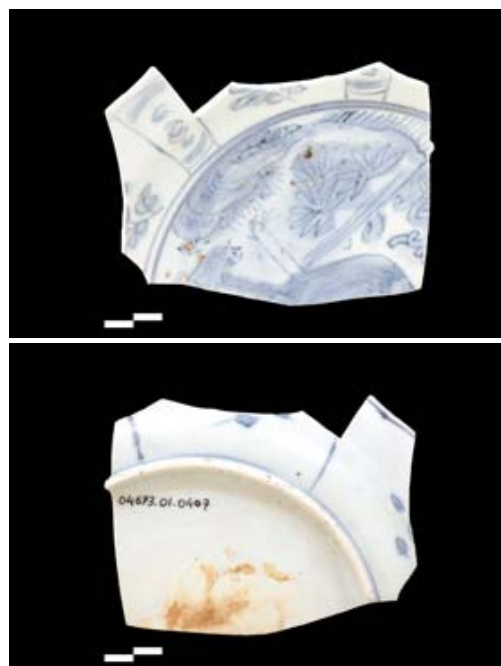
Dimensões

Diâmetro da base 17 cm Largura 7,4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 9,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 55 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo, parede e bordo recortado em chavetas interligadas de um prato.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Apresenta o rebordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul. O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas de tonalidade azul mais escura, onde no seu interior é visível decoração composta por motivos florais e o coA zona do bordo, encontra-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas e é preenchida por símbolos geométricos, em particular, três pontos circulares. No tardoz o pé é delimitado por uma linha, o rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul e a aba oferece medalhões pintados, contendo motivos estilizados (jóia ao centro rodeada por pontos circulares), separados por linhas verticais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0408

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	16 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	23 cm	Espessura	0,6	cm
Comprimento	8,2 cm	Diâmetro		cm
Altura	3,7 cm	Peso	34	g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo, parede e bordo recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante, no entanto, a tonalidade da decoração encontra-se muito desgastada.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies: na superfície interna o bordo e aba são decorados por painéis decorados com motivos florais. Os painéis são separados por uma banda preenchida por símbolos geométricos (jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares). O tardo apresenta medalhões pintados, contendo no interior jóia rodeada por quatro pontos circulares, separados por faixas verticais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0410

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,6 cm

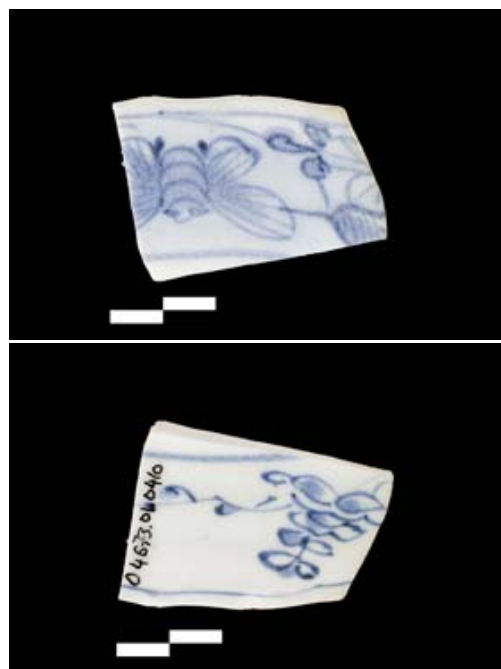
Diâmetro do bordo 24 cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 4,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 9 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).



Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

O recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces por uma linha em tons de azul acinzentado. Assim, enquanto na superfície interna o bordo é evidenciado por uma cercadura decorada interiormente com um "zangão"/"borboleta" (?) e vestígios de flor e ramagens; na superfície externa o bordo e aba são também evidenciados através de uma cercadura decorada no seu interior por motivos florais (?) estilizados.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0411

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,5 cm

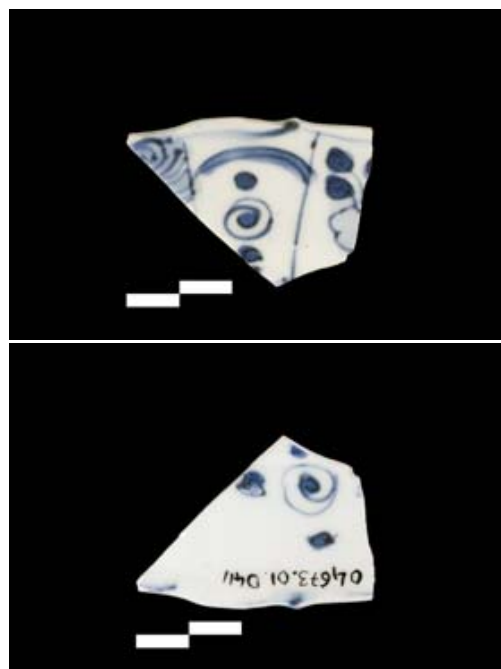
Diâmetro do bordo 27 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 4,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 5 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).



Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta o rebordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul. A zona do bordo e aba, encontra-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas e é preenchida por símbolos geométricos, em particular, quatro pontos circulares (jóia ao centro e à sua volta pontos). No tardo o rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul e a aba oferece decoração composta por motivos estilizados (jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0412

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,8 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 5,4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 6 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

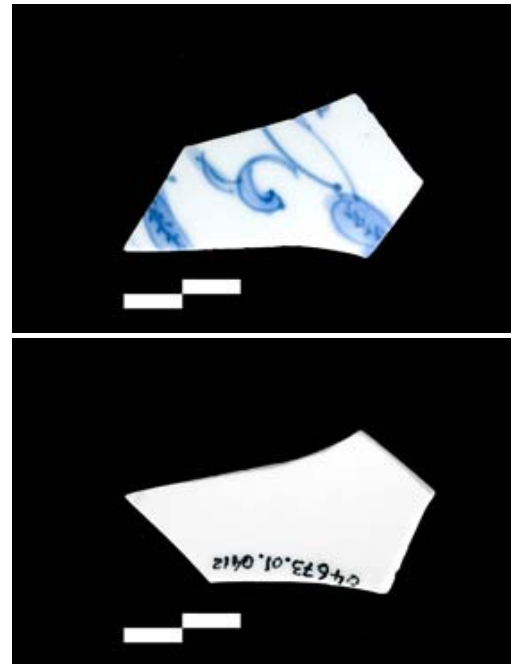
Pasta fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta vestígio de decoração na face interna composta por motivos de tipologia indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação da peça. Contudo, na superfície externa a peça ostenta decoração composta por motivos possivelmente florais (?).



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0413

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 3,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 1 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

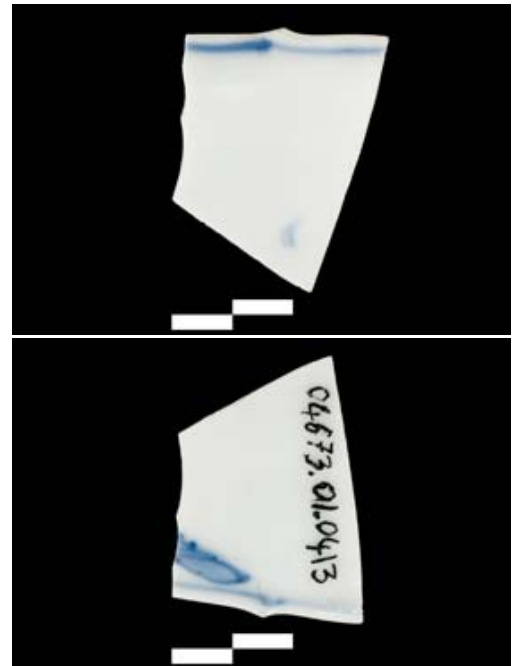
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

O bordo recortado encontra-se sublinhado uma linha em tons de azul cobalto em ambas as superfícies. Também oferece vestígios de decoração cuja tipologia é imperceptível devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0414

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

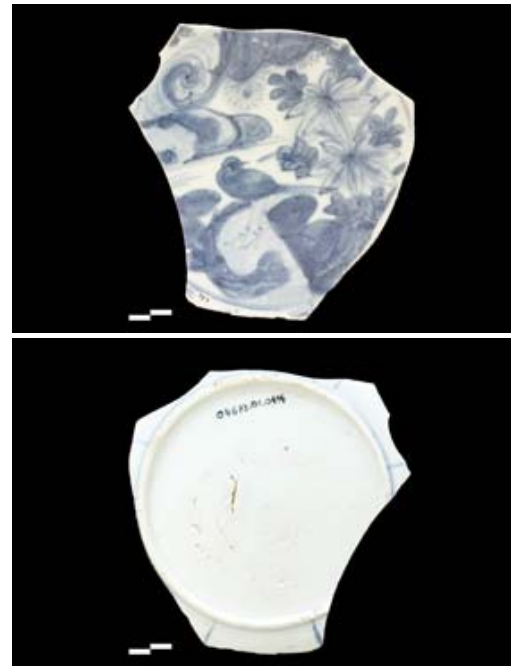
Dimensões

Diâmetro da base 11,7 cm Largura 12,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 14,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 129 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas de tonalidade azul, sendo visível decoração composta por motivos florais, rochedos, uma ave pousada num rochedo, água e no topo nuvens. No tardo o fundo é demarcado por duas linhas concêntricas, sendo o corpo dividido por painéis pintados com uma linha de tonalidade azul.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0416

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 6,1 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 1,1 cm

Comprimento 6,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 45 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, de um pote (?).

Elementos não plásticos

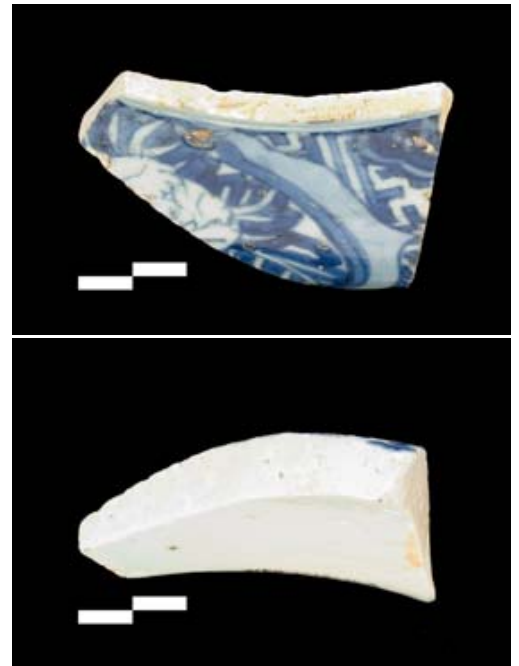
Pasta grosseira, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante sendo visíveis alguns poros de cozedura e pontos que adquiriram uma tonalidade alaranjada, ou por estar em contacto com óxidos de ferro ou então pela atmosfera do forno.

Decoração

Apresenta decoração em tons de azul cobalto sendo a possível área do ombro separada por banda encimada por "cabeça de ruyi" ostentando no interior motivos geométricos do que parecem ser "suásticas". Ostentam ainda medalhões preenchidos com motivos florais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.01.0418

Forma Indeterminada

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 7,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,8 cm

Comprimento 12,7 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 120 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente a um pote (?), vaso (?) ou garrafa (?) tendo em consideração a dimensão do fragmento.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração na superfície externa composta por motivos florais (possivelmente uma peónia - símbolo da Primavera - e ramagens).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 04673.02.0409

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base 16 cm Largura 3,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 5 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?) de pequenas dimensões.

Elementos não plásticos

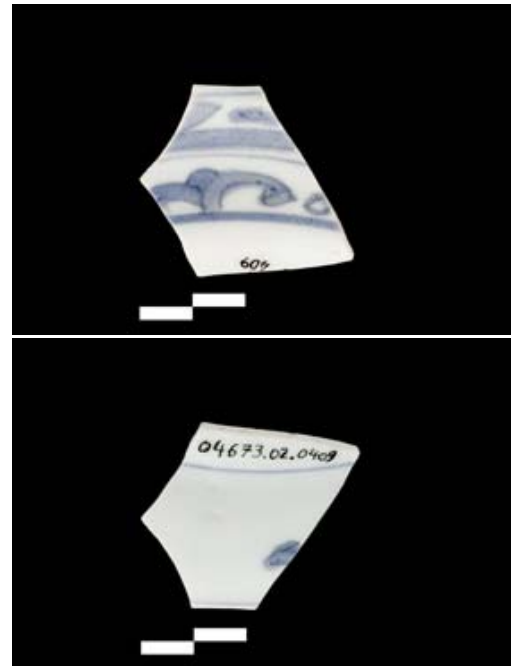
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

O recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces por uma linha em tons de azul acinzentado. Assim, enquanto na superfície interna o bordo é evidenciado por uma cercadura decorada interiormente por motivos de tipologia indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação da peça; na superfície externa o bordo e aba são também evidenciados através de uma cercadura decorada no seu interior por motivos estilizados de índole indeterminada.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 07.04

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base 17 cm Largura 8,2 cm

Diâmetro do bordo 26 cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 16,1 cm Diâmetro cm

Altura 2,9 cm Peso 83 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo, parede e bordo recortado por chavetas interligadas pertencente a um prato.

Elementos não plásticos

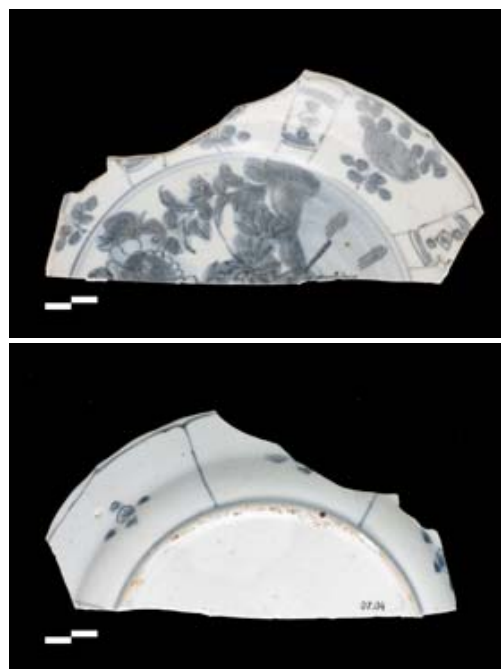
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado. No fundo, zona onde a peça se apresenta fragmentada apresenta uma tonalidade alaranjada, possivelmente, por ter estado em contacto com óxidos ferrosos.

Decoração

O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas de tonalidade azul mais escura, onde no seu interior é visível decoração composta por motivos florais. A zona do bordo recortada em chavetas é sublinhada por uma linha em tons de azul e apresenta-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas pintadas a azul e preenchida por símbolos geométricos (jóia ao centro rodeado por dois pontos circulares). No tardo o pé é delimitado por uma linha, o rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul e a aba oferece medalhões pintados, contendo motivos estilizados (jóia ao centro rodeada por pontos circulares), separados por linhas verticais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 11.01

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,1 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 5,8 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 8 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo (?) de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

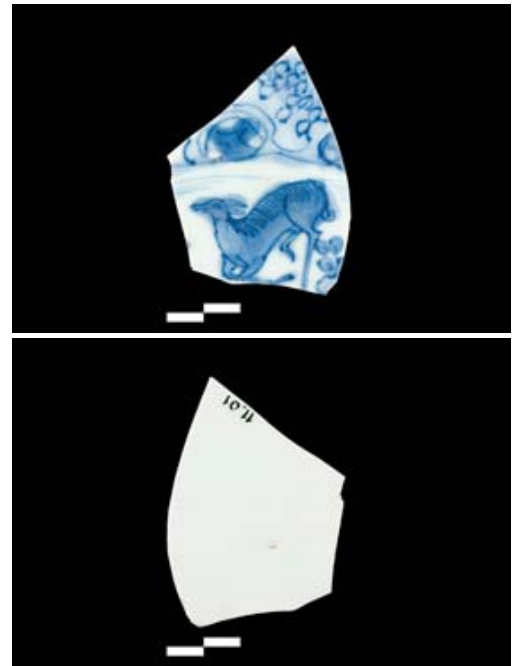
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

Na superfície interna é visível vestígios de decoração composta por um gamo (símbolo de longevidade e prosperidade) em movimentos rodeado por motivos florais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 124

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base 22 cm Largura 4,4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,6 cm

Comprimento 6,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 27 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assente em pé de secção ligeiramente introvertida, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

O fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul sendo que no primeiro plano, ao centro, apresenta vestígios de decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas e "suásticas" separadas por cabeças de ruyi. Por sua vez, no interior deste oferece decoração composta por motivos geométricos. O tardez apresenta na base demarcada por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 126

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 6 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

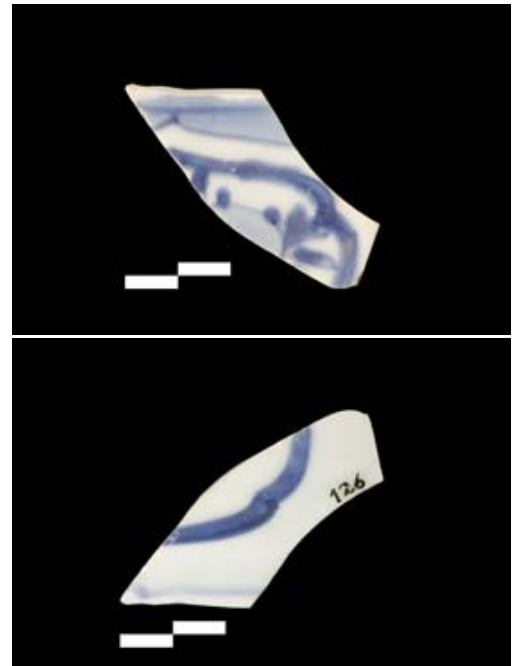
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

A decoração aparentemente é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa de elaboração. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo aparentemente é decorado por painéis polilobados em relevo sendo visível um decorado com flor e folhas. O tardez apresenta vestígios de um medalhão pintado em tons de azul cobalto.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 127

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,3 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 2,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 2 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

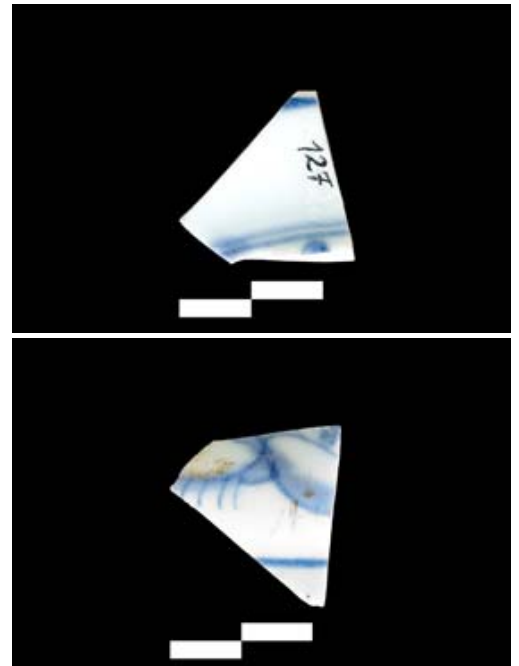
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam decoração composta por motivos de índole indeterminada - florais (?) - devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

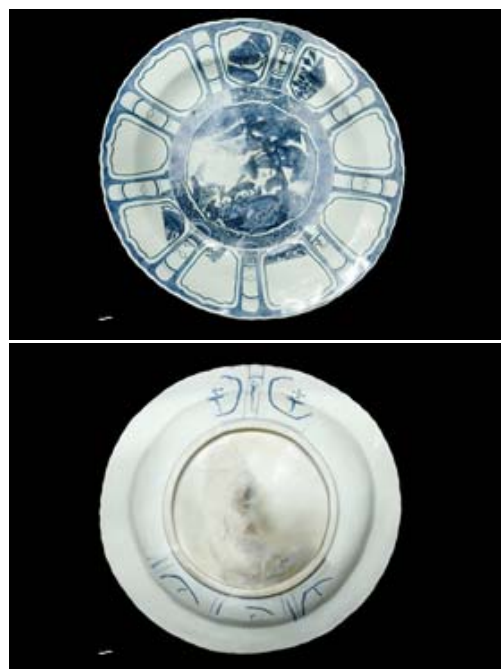
Nº de Inventário sjb 130.01

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	24,5 cm	Largura		cm
Diâmetro do bordo	47 cm	Espessura	0,8	cm
Comprimento		Diâmetro		cm
Altura	7 cm	Peso		g



Descrição

Prato grande, fundo, aba e com o bordo recortado em chavetas interligadas que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogênea, matéria fina e muito regular, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada e decoração em tons de azul de cobalto.

Decoração

Na superfície interna a temática central desenvolve-se em torno de dois gamos que saltitam juntos. Por cima um grande pinheiro de tronco espesso e com densa ramagem repleta de agulhas. A cena está enquadrada por um medalhão polilobado rodeado por bandas suásticas e outros motivos geométricos separados por cabeças de "ruyi". A caldeira e aba, juntamente com o bordo recortado em chavetas são tratadas como uma só unidade divididas em nove painéis polilobados apresentando no seu interior flor ou símbolo emblemático de bom augúrio intercalados por faixas separadoras onde conjuntos de suásticas enquadram jóia ao centro rodeada por contas circulares.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 132.04

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

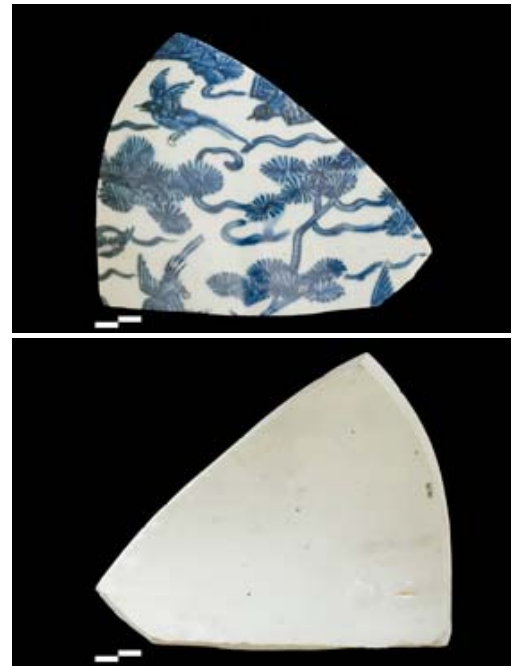
Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 12 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,9 cm

Comprimento 14,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 187 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente a um pote (?) ou vaso (?).

Elementos não plásticos

Pasta grosseira e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração na superfície externa, minuciosamente pintada de um azul intenso, composta por ramos de um pinheiro, onde são visíveis cerca de 3 pássaros a esvoaçar por cima e entre as referidas ramagens.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 136.01.01

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 8,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,9 cm

Comprimento 19 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 246 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente a um pote (?).

Elementos não plásticos

Pasta grosseira e porosa, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante sendo visíveis alguns poros de cozedura e pontos que adquiriram uma tonalidade alaranjada, ou por estar em contacto com óxidos de ferro ou então pela atmosfera do forno.

Decoração

Apresenta decoração em tons de azul cobalto sendo esta área do ombro separada por bandas encimadas por cabeças de ruyi ostentando no interior motivos geométricos do que parecem ser suásticas. Ostentam ainda medalhões preenchidos com motivos florais (peónia ?).



Porcelana Chinesa

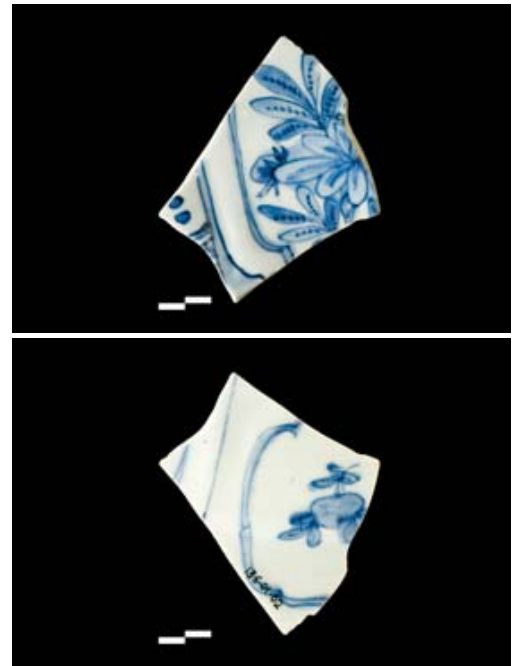
Nº de Inventário sjb 136.01.02

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,9	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	6,5	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	23	g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e de aba, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. A aba aparenta ser decorada por painéis polilobados em relevo sendo visível um deles decorado com motivos florais. Este painel aparenta ser separado por uma banda preenchida por símbolos geométricos circulares e na extremidade desta motivos inspirados em escamas imbricadas. O tardo apresenta medalhões pintados, contendo motivos florais, separados por faixas verticais.

Porcelana Chinesa

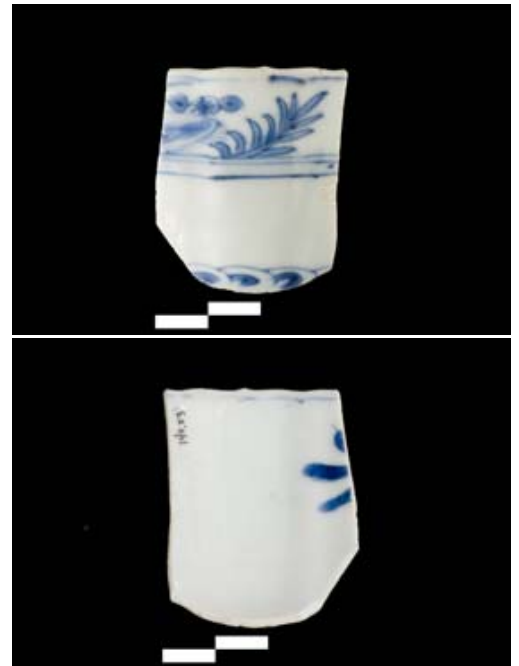
Nº de Inventário sjb 140.03

Forma Copo

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,5 cm
Diâmetro do bordo	8 cm	Espessura	0,2 cm
Comprimento	4,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	5 g



Descrição

Fragmento de porção de bordo recortado em chavetas interligadas e parede, possivelmente, pertencente a uma taça (?) ou copo (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície externa o rebordo recortado em chavetas é sublinhado por uma linha azul; a demarcar a zona do bordo apresenta vestígios de decoração composta por motivos florais, assim como, vestígios de decoração na área do bojo aparentemente composta por "pérolas" (um dos oito símbolos preciosos - associada à beleza e pureza feminina). A superfície interna apresenta o rebordo recortado em chavetas delimitado por uma linha de tonalidade azul cobato, assim como, vestígios de decoração composta por motivos florais (flor ?).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 141.03

Forma Prato

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 8 g

Descrição

Fragmento contendo porção de base (?) de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

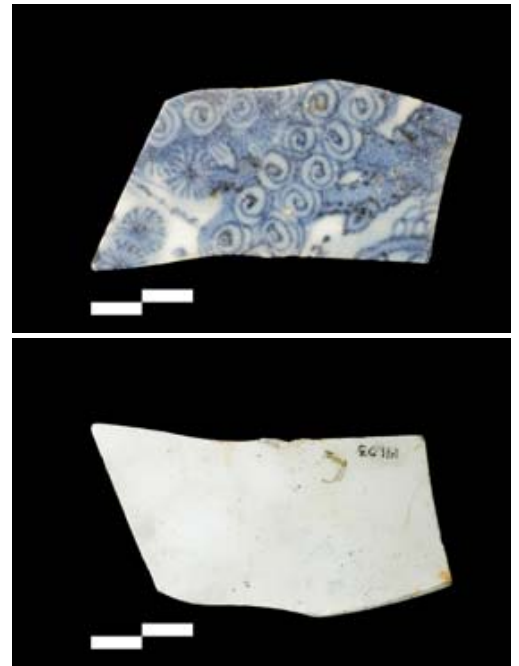
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino e médio.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado já muito desgastado.

Decoração

Apresenta decoração apenas na superfície interna composta por vestígios do tronco e ramagem de um pinheiro (símbolo de longevidade e prosperidades), assim como, motivos florais e pérolas um dos oito símbolos preciosos - associada à beleza e pureza feminina).



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 148.04

Forma Covilhete

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base 20 cm Largura 5,5 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 12,4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 50 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo.

Elementos não plásticos

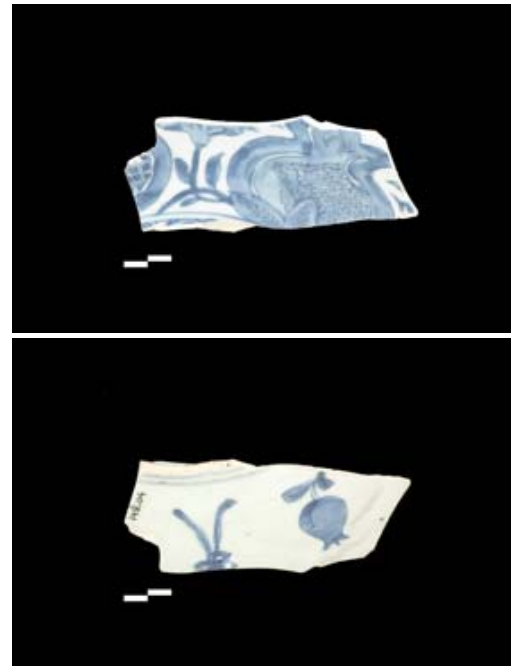
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O fundo é demarcado em ambas as faces por duas linhas concêntricas em tons de azul. A superfície interna apresenta decoração em relevo composta por motivos florais. No tardo apresenta vestígios do que será um laço e o botão de uma flor (tulipa) e com as pétalas.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 149.03

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,8 cm

Diâmetro do bordo 30 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 5,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 8 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

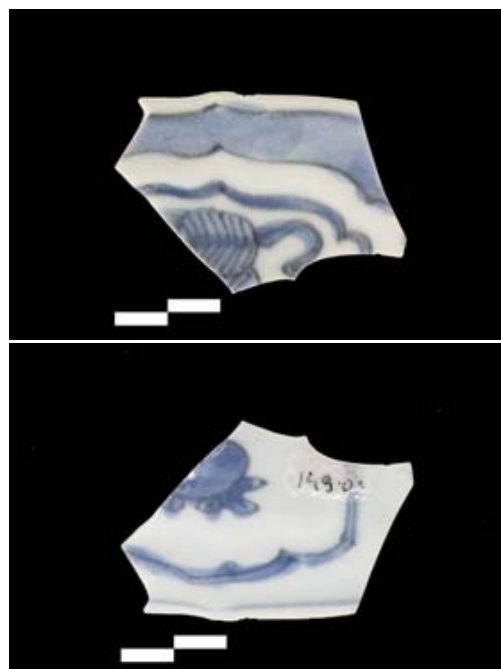
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

A decoração aparentemente é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa de elaboração. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo aparentemente é decorado por painéis polilobados em relevo sendo visível um decorado, possivelmente, com "leque" (atributo de Zhong Li Zhuan - Chung-li Chuan - um dos oito daoístas imortais, com o qual ressuscitará do mundo dos mortos, possivelmente, elaborado a partir das folhas de Bu Qui -Pu K'uei - uma palmeira). O tardo apresenta vestígios de um medalhão pintado em tons de azul cobalto contendo no interior motivos florais: "pêssego".



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 154

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 1,4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 2,4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 1 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

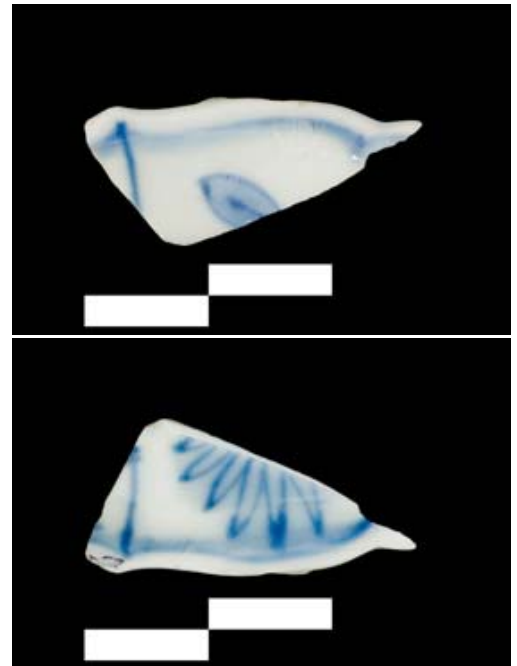
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies: o bordo recortado encontra-se sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto; divididas em painéis que ostentam decoração no seu interior decoração composta por motivos de tipologia indeterminada - possivelmente florais - devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário	sjb 158.04		
Forma	Indeterminada		
Grupo			
Dimensões			
Diâmetro da base		Largura	2,5 cm
Diâmetro do bordo		Espessura	0,3 cm
Comprimento	3,1 cm	Diâmetro	
Altura		Peso	3 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

Pasta muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta vestígios de decoração na superfície externa de tipologia imperceptível devido ao elevado grau de fragmentação da peça.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 160.09

Forma Covilhete

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,5 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 17 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

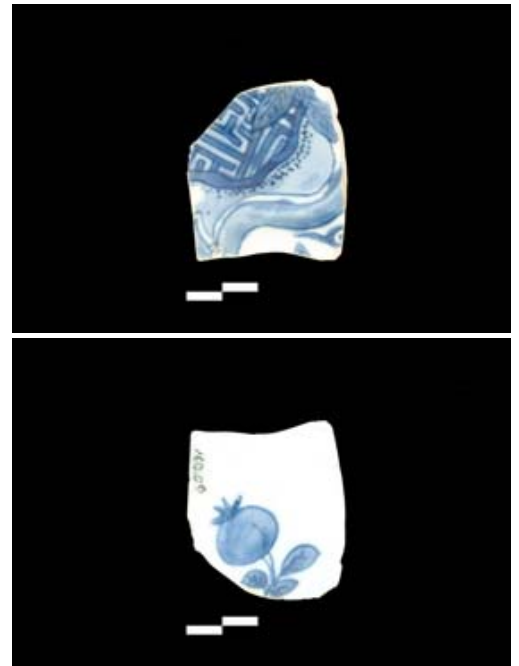
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. A superfície interna apresenta decoração em relevo composta por motivos florais preenchidos no interior por motivos geométricos (suásticas). No tardo apresenta decoração composta por plantas: pêssego (símbolo de casamento, longevidade e primavera).



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 17

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

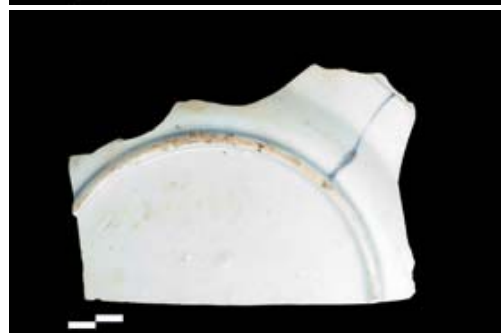
Dimensões

Diâmetro da base 11 cm Largura 8,7 cm

Diâmetro do bordo 19,4 cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 12,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 78 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida, parede e bordo recortado em chavetas interligadas pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado. No fundo, apresenta uma tonalidade alaranjada, possivelmente, por ter estado em contacto com óxidos ferrosos.

Decoração

O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas de tonalidade azul, sendo visível decoração composta por motivos florais, assim como também, um "sapo" (símbolo do inantigível, evocado para obtenção de riqueza; símbolo da Primavera, chuva fertilizante e sorte) pousado num "rochedo" ou "flor de lotus". A zona do bordo recortada em chavetas é sublinhada por uma linha em tons de azul e apresenta-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas pintadas a azul e preenchida por símbolos geométricos (jóia ao centro rodeado por quatro pontos circulares). No tardo o pé é delimitado por uma linha, o rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul e a aba oferece medalhões pintados, separados por linhas verticais.

Porcelana Chinesa

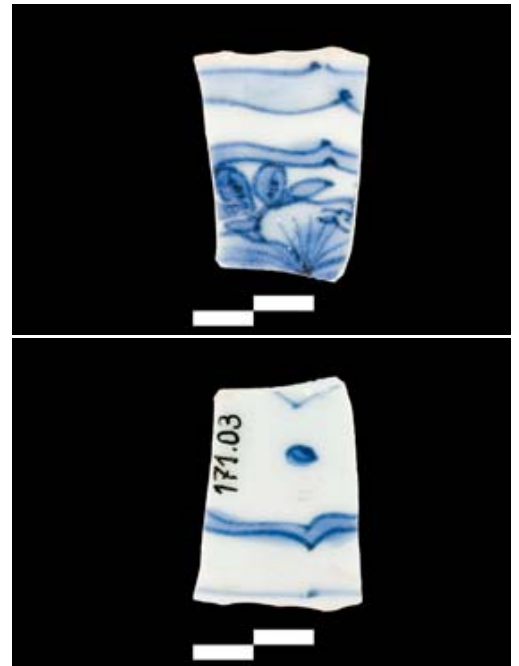
Nº de Inventário sjb 171.03

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	2,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	2 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

A decoração aparentemente é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa de elaboração. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo aparentemente é decorado por painéis polilobados em relevo sendo visível um decorado com flores e folhas. O tardo apresenta vestígios de um medalhão pintado, contendo motivos estilizados, possivelmente, vestígios de jóia ao centro e pelo menos um ponto circular (?).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 171.04

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

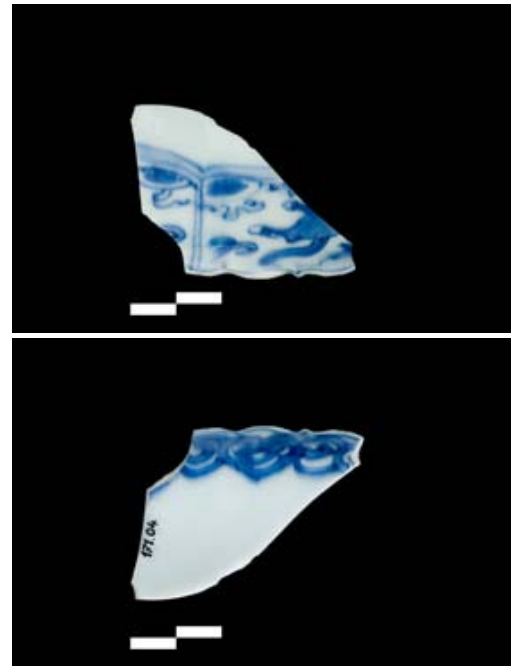
Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,2 cm

Diâmetro do bordo 14 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 6,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 7 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo extrovertido, ligeiramente aplanado superiormente e recortado por chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a uma taça (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta bordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto a partir da qual parte a execução da decoração composta por "cabeças de ruyi" ao longo de toda a zona do rebordo. No tardo o bordo recortado é igualmente sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto a oferece decoração composta em painéis (decorados com motivos compostos por motivos florais e animais em movimentos), separados por duas linhas verticais e demarcados em baixo por duas linhas preenchidas com uma aguada da mesma tonalidade.

Porcelana Chinesa

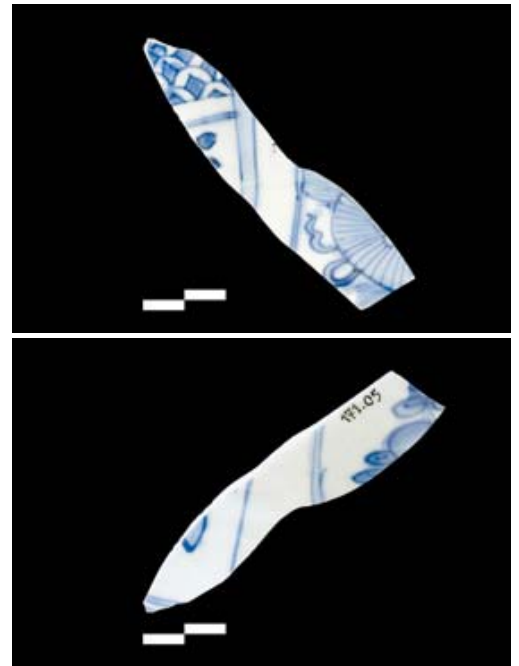
Nº de Inventário sjb 171.05

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	1,9 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	8,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	10 g



Descrição

Fragmento contendo porção de aba e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?) de grandes dimensões.

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. A aba e o corpo da peça oferece decoração composta por medalhão polilobado, contendo no interior motivos emblemáticos, separado por faixa preenchida com motivos inspirados em escamas imbricadas no topo e no interior motivos geométricos (pontos circulares). No tardo apresenta o corpo decorado por medalhões pintados, contendo flor no interior, separados por faixas verticais (?).

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 172.06

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,5 cm
Diâmetro do bordo	28 cm	Espessura	0,2 cm
Comprimento	6,3 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	13 g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede. O bordo apresenta-se recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo e aba são decorados por painéis polilobados em relevo sendo visíveis dois decorados com motivos florais. Os painéis são separados por uma banda preenchida por símbolos geométricos (jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares). O tardez apresenta medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 177.01

Forma Indeterminada

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 1,5 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 2 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração composta por motivos de índole indeterminada - florais (?) - devido ao elevado grau de fragmentação da peça, apenas na superfície externa.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.01

Forma Prato

Grupo Swatow

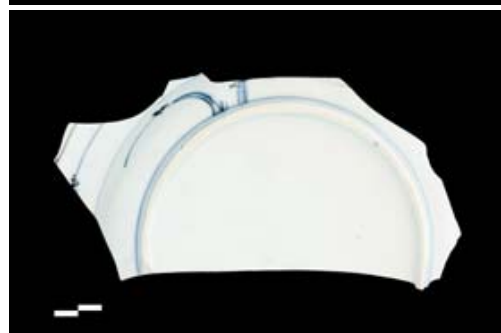
Dimensões

Diâmetro da base 11,6 cm Largura cm

Diâmetro do bordo 21 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 17,2 cm Diâmetro cm

Altura 2,5 cm Peso 100 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo, parede e bordo recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elemento não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Apresenta vidrado, já desgastado, em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies, sendo que na superfície interna, a temática central se encontra demarcada no fundo por duas linhas concêntricas podendo-se observar um gamo (símbolo da longevidade) em movimento, junto a vegetação, nomeadamente, junto a duas glórias matinais em flor (símbolo de amor e casamento); por detrás deste é visível um rochedo e ramagens de um presumível pinheiro e no céu nuvens e o sol à espreita. A aba do bordo é também ela demarcada e preenchida com diversos motivos florais em tons de azul cobalto. No tardoz tanto a zona do fundo como da aba são evidenciadas por linhas concêntricas e no interior destas motivos florais estilizados decoram a superfície interna da peça.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.02

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base 18 cm Largura 7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 15 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 64 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente e de secção ligeiramente introvertida, parede e aba.

Elementos não plásticos

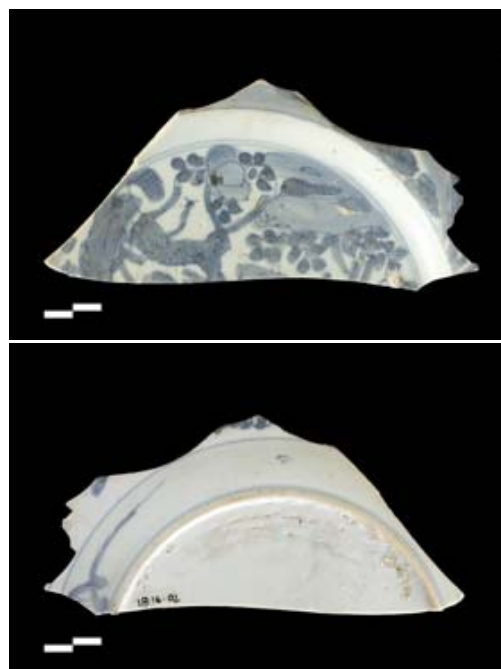
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado já desgastado.

Decoração

Na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas podendo-se observar um gamo (símbolo da longevidade) em movimento, junto a vegetação, nomeadamente, junto a uma glória matinal em flor (símbolo de amor e casamento); sendo também visível um tronco de um presumível pinheiro (?). A aba do bordo é também ela demarcada por uma linha e preenchida com diversos motivos florais em tons de azul cobalto. No tardoz, a base e a aba são demarcadas por uma linha em tons de azul e a superfície externa apresenta vestígios de decoração composta por motivos florais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.03

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	5,2 cm
Diâmetro do bordo	40 cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	10 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	20 g

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo recortado em chavetas interligadas e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

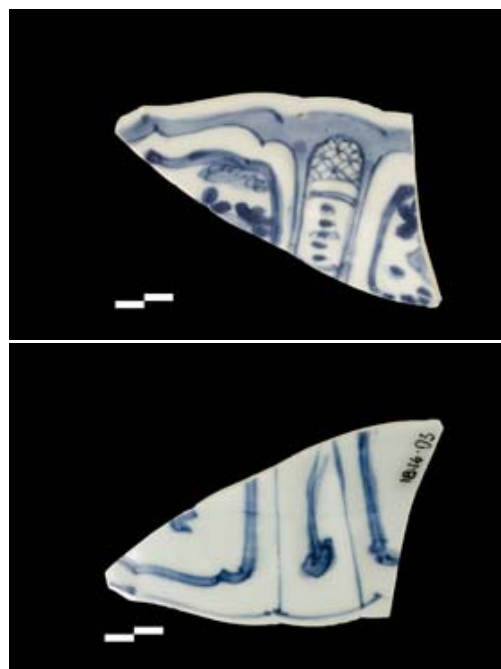
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo recortado em chavetas é sublinhado por uma linha azul sendo conjuntamente com a aba decorados por painéis polilobados em relevo sendo visíveis dois decorados com motivos florais (?). Os painéis são separados por uma banda que nas extremidade apresenta motivos florais estilizados e é preenchida por símbolos, jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares. O tardez apresenta bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto, medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.04

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	17 cm	Largura	5,3 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	7,5 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	20 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

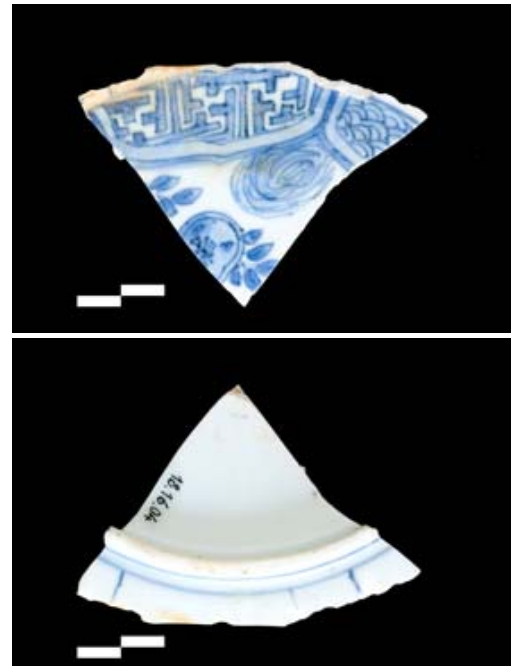
Pasta fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies. No fundo, no primeiro plano, ao centro, oferece decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado alternadamente por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas e motivos geométricos ("suásticas"). Por sua vez, no interior deste apresenta decoração composta por motivos florais: "pêssego". No tardo apresenta o pé demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo o corpo decorado por faixas verticais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.05

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base 17 cm Largura 2,4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 5,4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 10 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente de secção ligeiramente introvertida e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies. No fundo, no primeiro plano, ao centro, oferece decoração composta por um medalhão polilobado, rodeado alternadamente por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas e motivos geométricos ("suásticas"). Por sua vez, no interior deste apresenta decoração composta por motivos florais: "pêssego". No tardo apresenta o pé demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto sendo o corpo decorado por faixas verticais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.06

Forma Prato

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 4,8 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 7 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente à base de um prato (?).

Elementos não plásticos

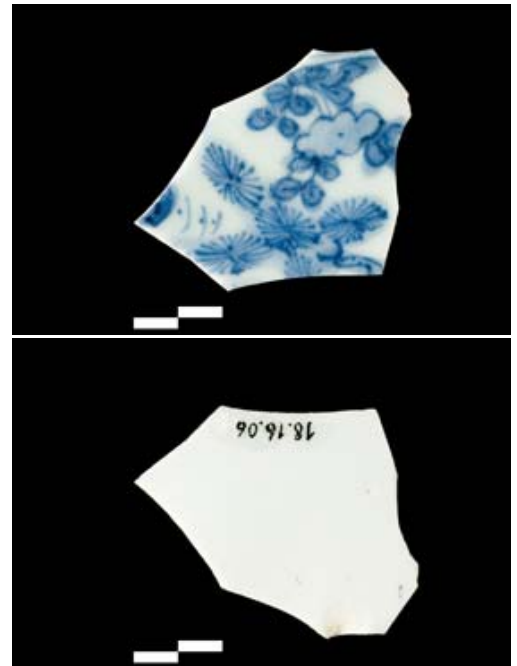
Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração na superfície interna em tons de azul cobalto composta possivelmente por motivos florais, assim como, apresenta vestígios de vegetação possivelmente pertencente a um "pinheiro" (?).



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 18.16.07

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,5 cm

Diâmetro do bordo 16 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 6,8 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 8 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba de carena acusada e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

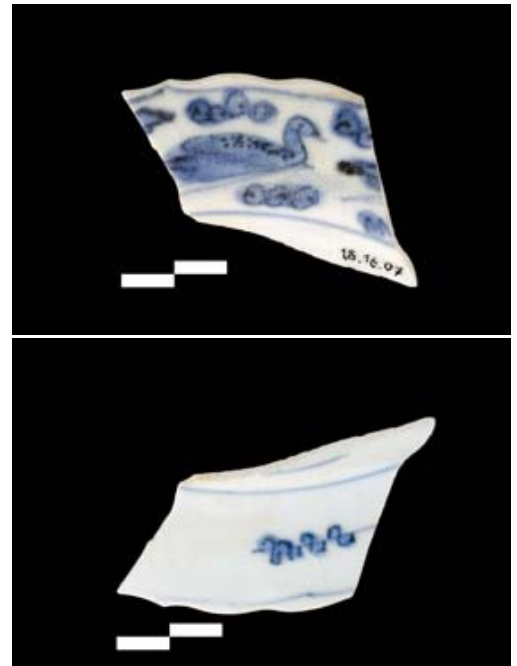
Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

Tanto rebordo recortado em chavetas como aba se encontram sublinhados por uma linha de tonalidade azul acinzentada, em ambas as superfícies. Na superfície interna, a cercadura que demarca a aba da peça apresenta decoração composta por uma ave, possivelmente, um "ganso"/"pato" (?) (símbolo da felicidade conjugal) rodeado por pequenas "plantas". No tardo, o rebordo em chavetas e a carena que marca a aba encontram-se sublinhados por uma linha em tons de azul cobalto sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada cujos os motivos são imperceptíveis.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 181.04.02

Forma Indeterminada

Grupo Kraak-porcelain

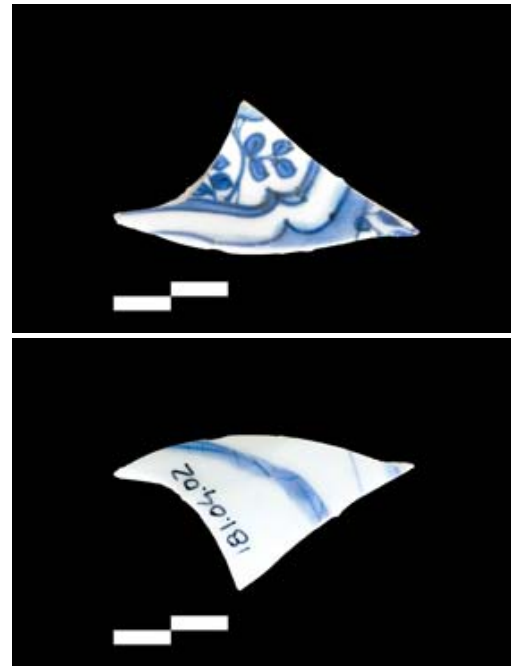
Dimensões

Diâmetro da base cm **Largura** 2,7 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,5 cm

Comprimento 5,3 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 5 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

A decoração aparentemente é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa de elaboração. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. Apresenta decoração composta por painéis polilobados em relevo sendo visível um decorado com flores e folhas. O tardo apresenta vestígios de um medalhão pintado em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 183.02

Forma Prato

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	42 g

Descrição

3 fragmentos de porcelana azul e branca.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidro brilhante.

Decoração

O fragmento de maiores dimensões apresenta na superfície interna decoração de execução cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. Apresenta vestígios de decoração composta por painéis polilobados com decoração no interior composta por motivos emblemáticos (?) separados por faixas com decoração constituída por motivos circulares (aparentemente jóia ao centro com pontos circulares à volta) e nas extremidades escamas imbricadas. No tardo corpo decorado por medalhões pintados, separados por faixas verticais.

Os restantes fragmentos de menores dimensões apresentam igualmente decoração em tons de azul cobalto, para cuja temática decorativa é indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação dos mesmos.



Porcelana Chinesa

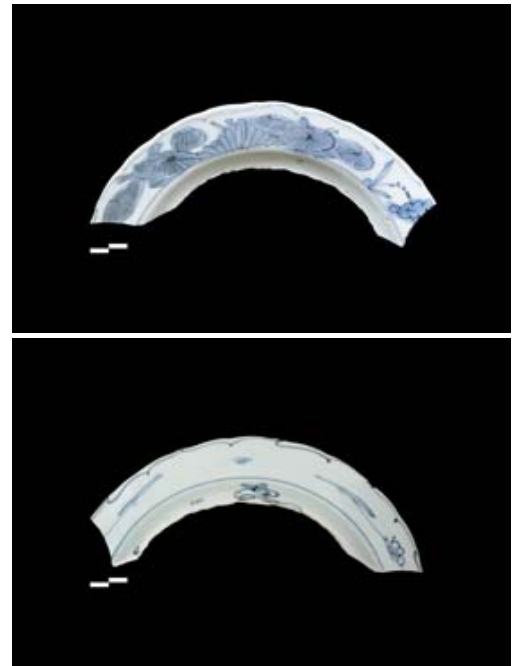
Nº de Inventário sjb 184.01

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	21 cm	Espessura	0,3 cm
Comprimento	18,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	51 g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede, pertencente a um prato. O bordo apresenta-se recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

Na superfície interna a demarcar a zona do bordo apresenta decoração composto por motivos florais e na face externa ostenta decoração composta por flores estilizadas (ramo, folha e flor), assim como uma flor ligeiramente maior na zona da caldeira em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 184.03.03

Forma Prato

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,8 cm

Diâmetro do bordo 21 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 3,9 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 3 g

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede, pertencente a um prato. O bordo apresenta-se recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

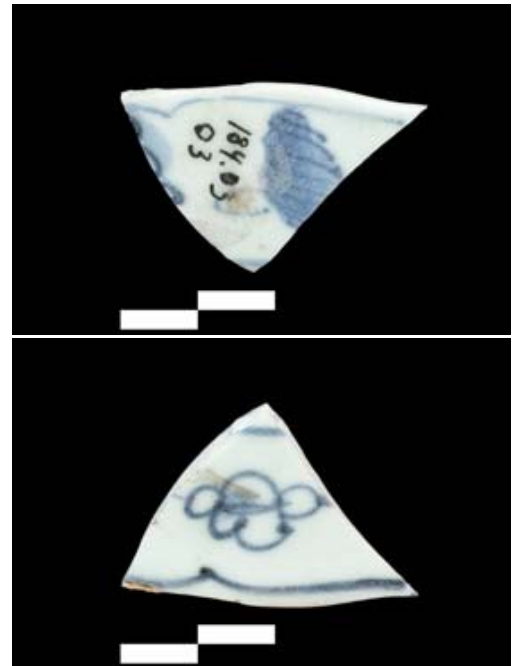
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

Na superfície interna apresenta vestígios de decoração composta por motivos florais e na face exterior vestígios de uma flor estilizada em tons de azul cobalto.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 184.03.04

Forma Prato

Grupo

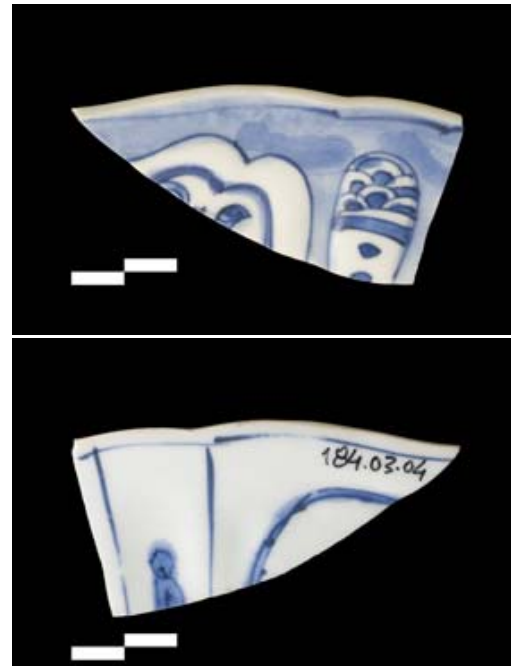
Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,6 cm

Diâmetro do bordo 38 cm Espessura cm

Comprimento 7,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 10 g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo recortado por chavetas interligadas e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo recortado em chavetas é sublinhado por uma linha azul sendo decorado por painéis polilobados em relevo separados por uma banda que nas extremidade apresenta motivos inspirados em imbricados de escamas preenchida por símbolos circulares. No tardo apresenta medalhões pintados, separados por faixas verticais contendo motivos estilizados de tipologia indeterminada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 184.03.05

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,1 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 3,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 2 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

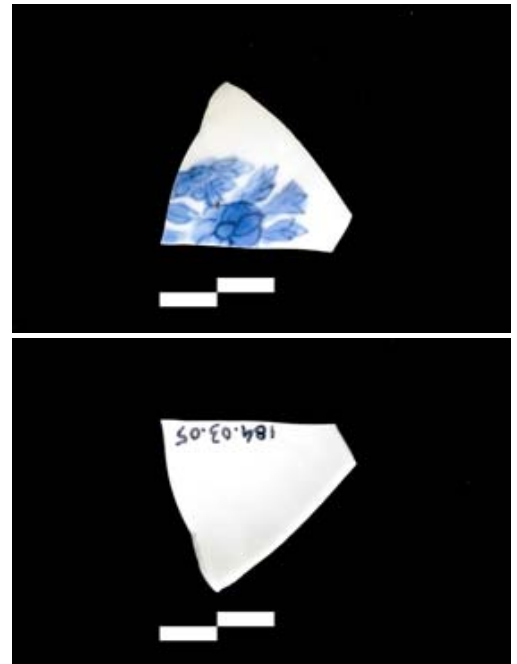
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Apenas apresenta na superfície externa vestígios de decoração composta por motivos florais em tons de azul cobalto.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 184.03.06

Forma Indeterminada

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3 cm
Diâmetro do bordo	3,6 cm	Espessura	0,2 cm
Comprimento	6,8 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	6 g

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede, de forma indeterminada. O bordo apresenta-se recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

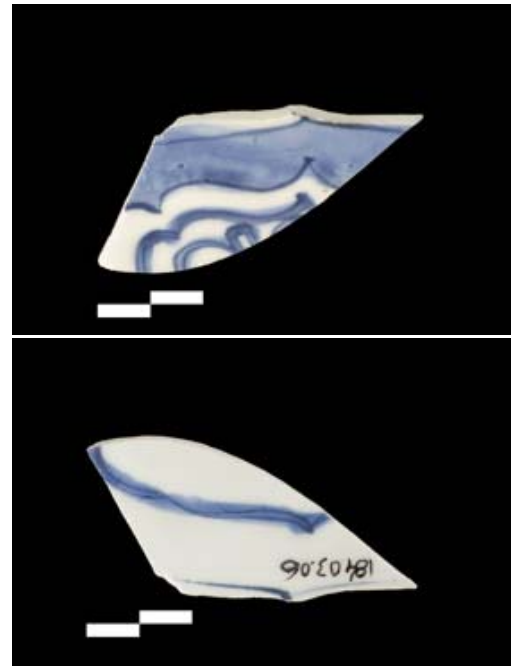
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

A peça após ter sido torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo é decorado por painéis polilobados em relevo. O tarsoz apresenta vestígios de medalhão pintado.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 190.04.01

Forma Indeterminada

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base 11 cm Largura 4,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 6,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 13 g

Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

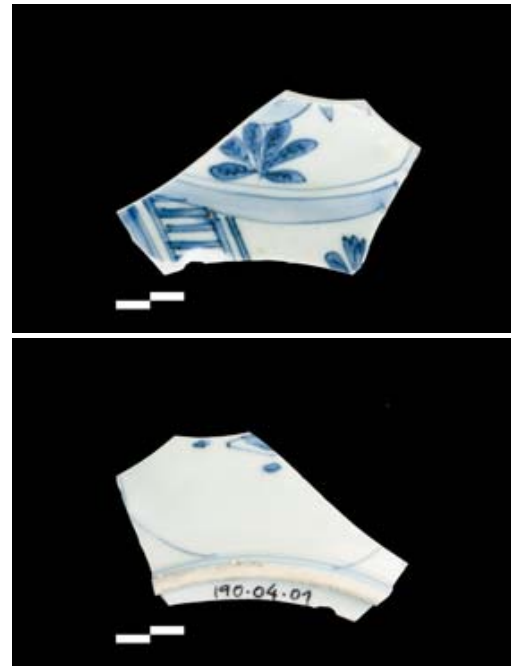
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

Aparentemente na superfície interna a temática central - evidenciada dentro de um medalhão polilobado - apresenta vestígios de motivos florais, ostentando a aba decoração em painéis com mesma tipologia separados por bandas de motivos geométricos. O tardo apresenta a base demarcada por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto, assim como, apresenta medalhões pintados, contendo no interior jóia ao centro rodeada por pontos circulares.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 192.01.02

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 3,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 2 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo reortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a uma taça (?) de pequenas dimensões.

Elementos não plásticos

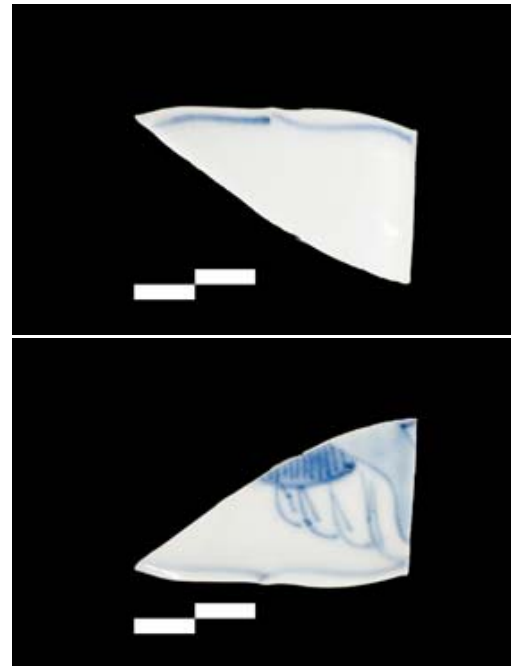
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta o bordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto em ambas as superfícies. No tardo, aparentemente a zona do bordo é decoração cuja tipologia dos motivos é indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 192.02.01

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 1,7 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 3,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 1 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

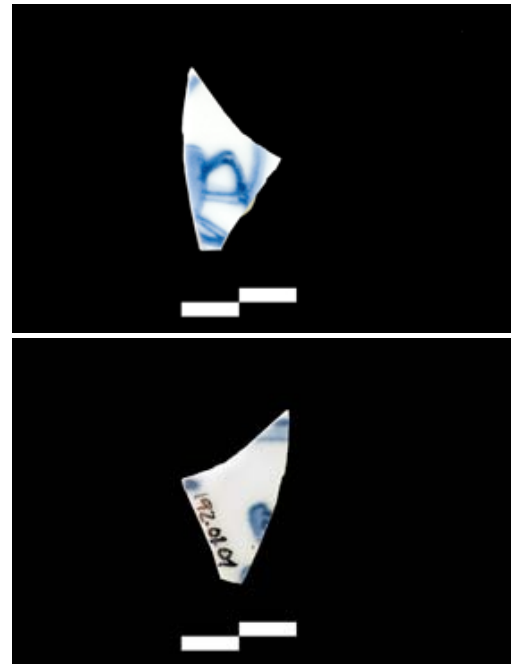
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

Ambas as superfícies apresentam decoração composta por motivos de índole indeterminada - emblemáticos (?) - devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

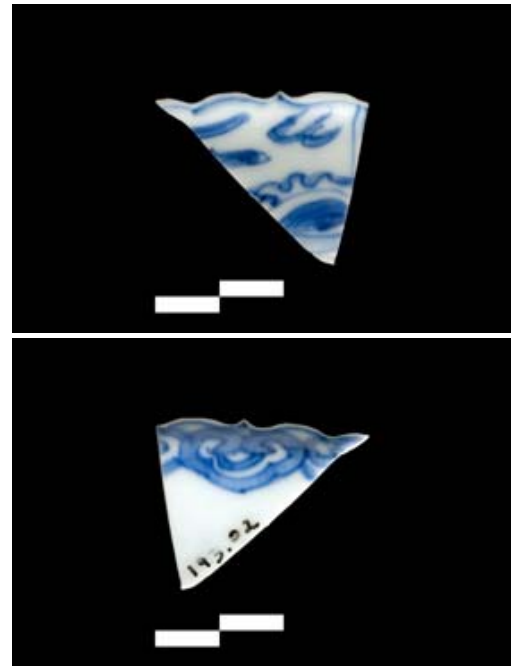
Nº de Inventário sjb 193.02.02

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	2,7	cm	
Diâmetro do bordo	20	cm	Espessura	0,2	cm
Comprimento	3,3	cm	Diâmetro	cm	
Altura	cm	Peso	g		



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo extrovertido, ligeiramente aplanado superiormente e recortado por chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a uma taça (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta bordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto a partir da qual parte a execução da decoração composta por "cabeças de ruyi" ao longo de toda a zona do rebordo. No tardo o bordo recortado é igualmente sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto a oferece decoração composta em painéis (decorados com motivos compostos por motivos florais e animais em movimentos), separados por duas linhas verticais e demarcados em baixo por duas linhas preenchidas com uma aguada da mesma tonalidade.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 193.02.01

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 0,8 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 1,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 1 g

Descrição

Fragmento contendo porção muito pequena de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

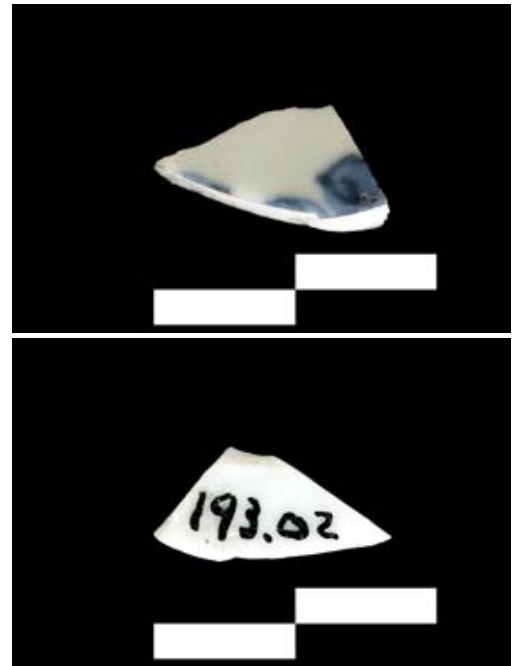
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Na superfície externa apresenta vestígios de decoração composta por motivos de índole indeterminada - motivos estilizados - devido ao elevado grau de fragmentação da peça.



Porcelana Chinesa

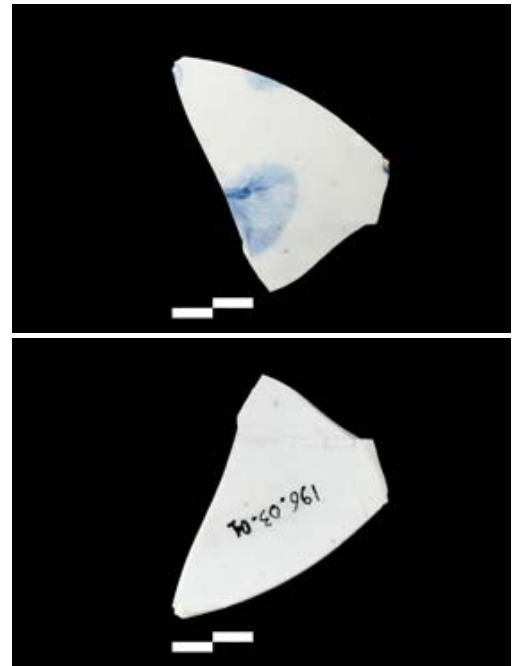
Nº de Inventário sjb 196.03.01

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,3	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,5	cm
Comprimento	6,1	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso		g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado já desgastado.

Decoração

Na superfície externa apresenta vestígios decoração composta por motivos florais, possivelmente, o elemento visível poderá ser parte integrante de uma ramagem. Na superfície interna não oferece decoração, contudo, apresenta uma canelura.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 196.03.02

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,5 cm

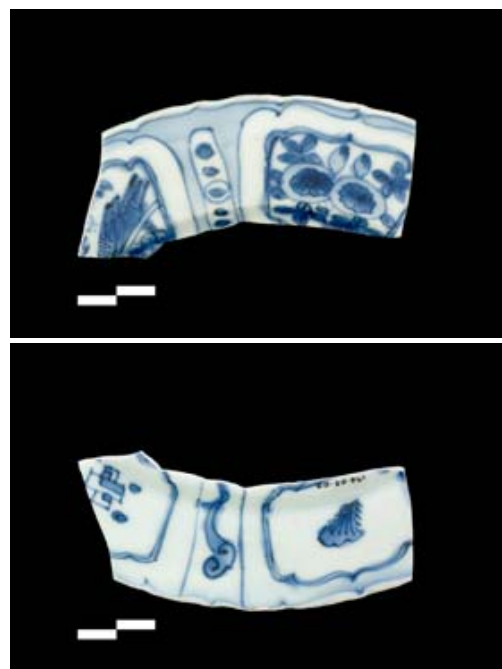
Diâmetro do bordo 30 cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 9,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 14 g

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo e parede, pertencente a um prato. O bordo apresenta-se recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.



Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo e aba são decorados por painéis polilobados em relevo sendo visíveis dois decorados com flores, folhas e vestígios do corpo de uma ave (?). Os painéis são separados por uma banda preenchida por símbolos geométricos (joia ao centro rodeada por quatro pontos circulares). O tardo apresenta medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 198.10

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	3,4	cm
Diâmetro do bordo	32	Espessura	0,2	cm
Comprimento	7,2	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	10	g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas e evidenciadas por uma linha azul.

Elementos não plásticos

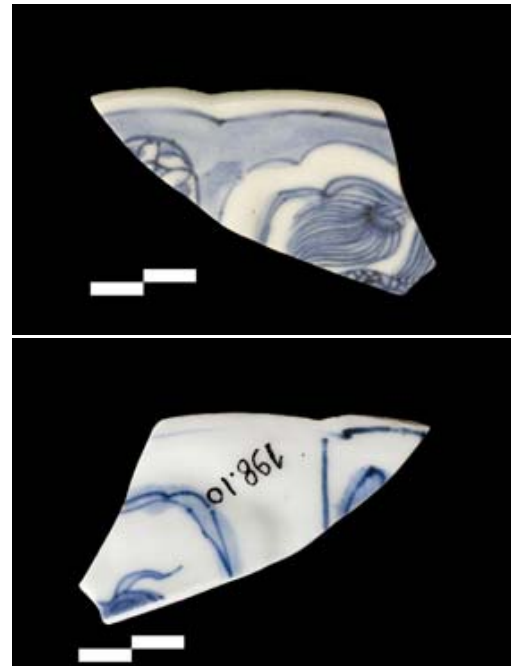
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo é decorado por painel polilobado em relevo e o painel é separado por banda preenchida no topo com motivos inspirados em escamas. O tardo apresenta medalhões pintados, contendo motivos estilizados.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 21.02.02

Forma Indeterminada

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,2 cm

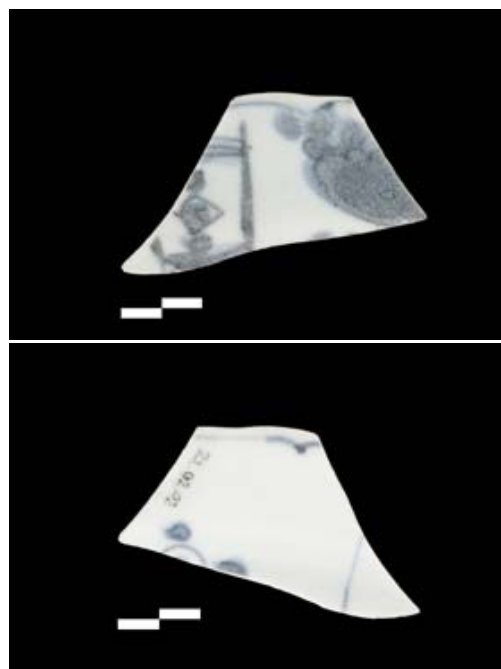
Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 5,4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).



Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta o rebordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul. A zona do bordo e aba, encontra-se dividida em painéis cuja decoração é composta por motivos florais, separados por uma faixa que ostenta na extremidade duas linhas e é preenchida por símbolos geométricos, em particular, quatro pontos circulares (jóia ao centro e à sua volta pontos). No tardo, o rebordo apresenta-se delimitado por uma linha em tons de azul acinzentado e a aba oferece decoração composta por motivos estilizados (jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares), separados por linhas verticais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 210.01.01

Forma Covilhete

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 5 cm

Diâmetro do bordo 34 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 11,6 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 33 g

Descrição

Fragmento contendo porção de bordo recortado em chavetas interligadas e parede, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

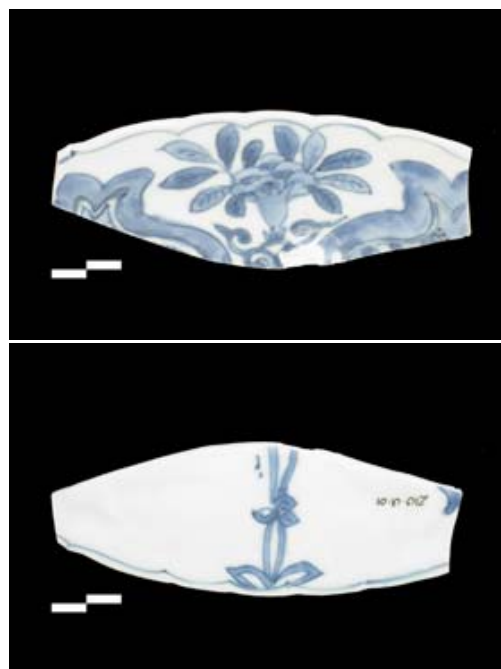
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa para o seu fabrico. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. Apresenta o bordo recortado sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto, assim como, decoração em relevo composta por motivos florais: possivelmente duas tulipas, no interior das quais ostentam outra tipologia decorativa indecifrável devido ao elevado grau de fragmentação da peça; por sua vez entre estas duas grandes "tulipas" (?) temos uma outra flor com as suas ramagens. No tardo apresenta o bordo recortado demarcado por uma linha em tons de azul cobalto, assim como, vestígios do que será um laço pendente.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 210.01.02.01

Forma Indeterminada

Grupo Swatow

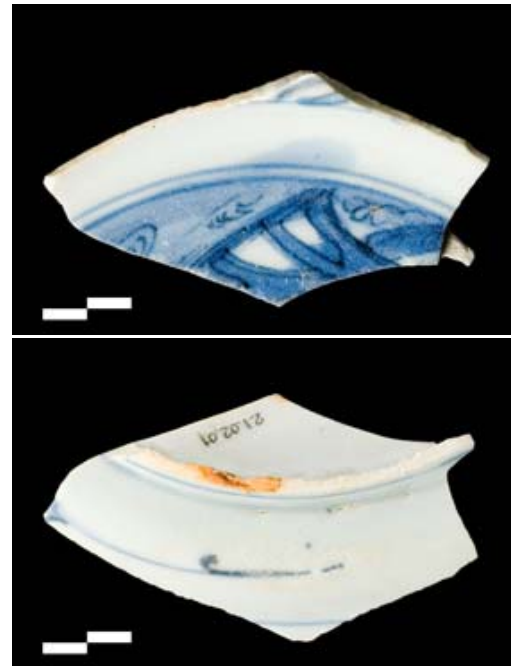
Dimensões

Diâmetro da base 17 cm **Largura** 4,5 cm

Diâmetro do bordo cm **Espessura** 0,3 cm

Comprimento 7,6 cm **Diâmetro** cm

Altura cm **Peso** 17 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo composto por pé saliente ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Apresenta vidrado brilhante em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada. Na superfície externa junto ao pé apresenta vestígios de contacto com óxidos de ferro.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies: na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas em tons de azul cobalto. Na superfície externa o pé é igualmente demarcado por duas linhas concêntricas e na zona da caldeira ostenta vestígios do que será uma flor estilizada em tons de azul cobalto.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 210.01.02

Forma Tampa

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base	8 cm	Largura	3 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,7 cm
Comprimento	3,1 cm	Diâmetro	cm
Altura	3 cm	Peso	5 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e encaixe do que aparenta ser uma tampa (?) de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

Pasta bem depurada, compacta e homogênea contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração apenas na superfície externa, composta por uma linha concêntrica que demarca a zona de encaixe e o topo de uma possível tampa.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 215.04

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,6 cm

Diâmetro do bordo 28 cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 4 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 6 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

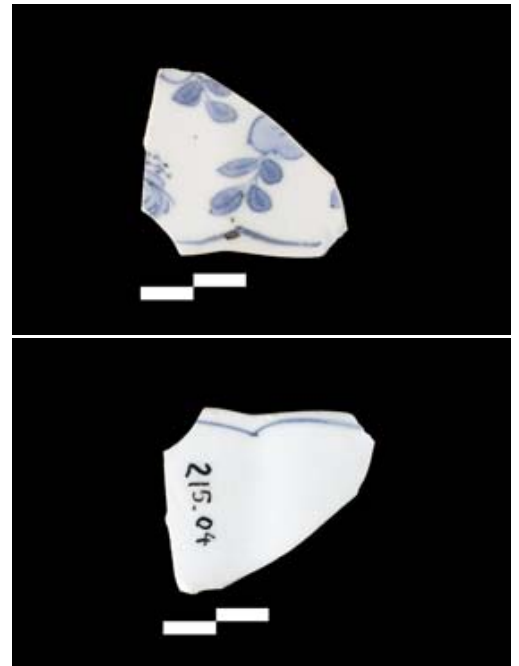
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso de tonalidade azulada.

Decoração

O bordo recortado encontra-se sublinhado por uma linha em tons de azul cobalto em ambas as superfícies. No entanto, na superfície externa a peça ostenta decoração composta por motivos florais.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 23.05

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 5,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 8 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

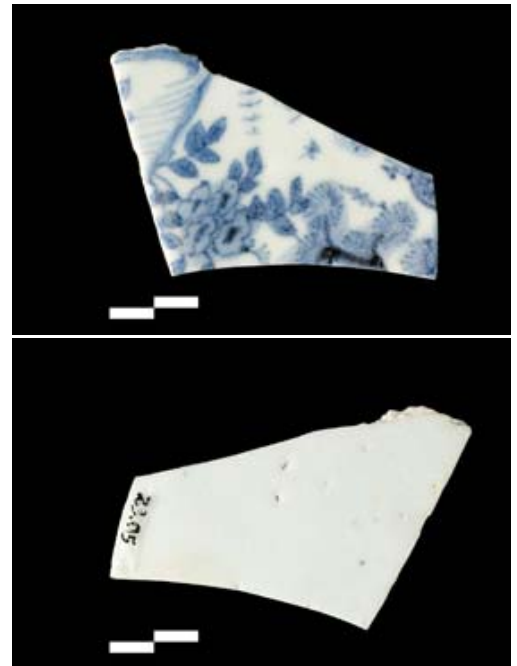
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

Apresenta decoração na superfície interna em tons de azul cobalto composta possivelmente por motivos florais, assim como, apresenta vestígios de vegetação possivelmente pertencente a um "pinheiro" (?).



Porcelana Chinesa

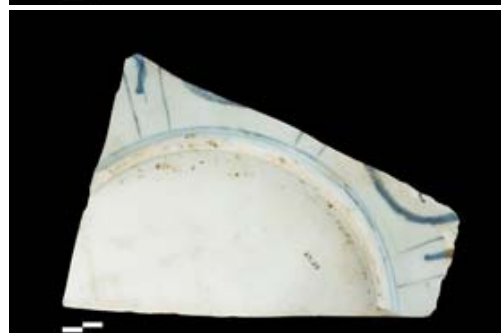
Nº de Inventário sjb 24.09

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	17 cm	Largura	13,2 cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	0,8 cm
Comprimento	18,2 cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	309 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo e parede pertencente a um prato de grandes dimensões.

Elementos não plásticos

Pasta grosseira, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Apresenta vidrado, já desgastado, em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies. A decoração, de execução muito cuidada, precisou mais do que uma etapa para ser elaborada. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O fundo é demarcado por duas linhas concêntricas em tons de azul (uma de tonalidade mais escura que a outras) sendo que no primeiro plano, ao centro, apresenta um medalhão polilobado, rodeado por uma faixa com motivos inspirados em escamas imbricadas, separadas por cabeças de ruyi. Por sua vez, no interior deste vemos a imagem do que poderá ser um bule (?), "cabeças de ruyi" e um "leque" (atributo de Zhong Li Zhuan - Chung-li Chuan - um dos oito daoístas imortais, com o qual ressuscitará do mundo dos mortos, possivelmente, elaborado a partir das folhas de Bu Qui -Pu K'uei - uma palmeira. A aba é decorada por grandes painéis polilobados em relevo sendo um deles decorado com "rolo de pintura" (no Budismo: texto da Sagrada Escritura - símbolo de classes literadas). Separam os painéis, bandas limitadas em baixo e em cima por escamas e no meio destas símbolos geométricos. O tardo apresenta o fundo demarcado por duas linhas concêntricas, no corpo medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 27.03

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 3,1 cm

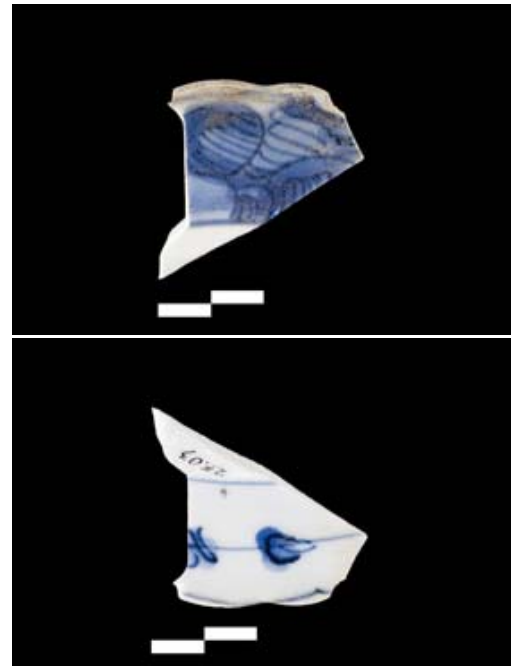
Diâmetro do bordo 14 cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 5,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede, aba com carena acusada e bordo recortado em chavetas interligadas, possivelmente, pertencente a um prato (?).



Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado de tonalidade azulada.

Decoração

O recorte do bordo apresenta-se sublinhado em ambas as faces por uma linha em tons de azul. Assim, enquanto na superfície interna o bordo é evidenciado por uma cercadura decorada interiormente por motivos de tipologia indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação; na superfície externa, o bordo e aba são também evidenciados através de uma cercadura decorada no seu interior por motivos florais (?) estilizados.

Porcelana Chinesa

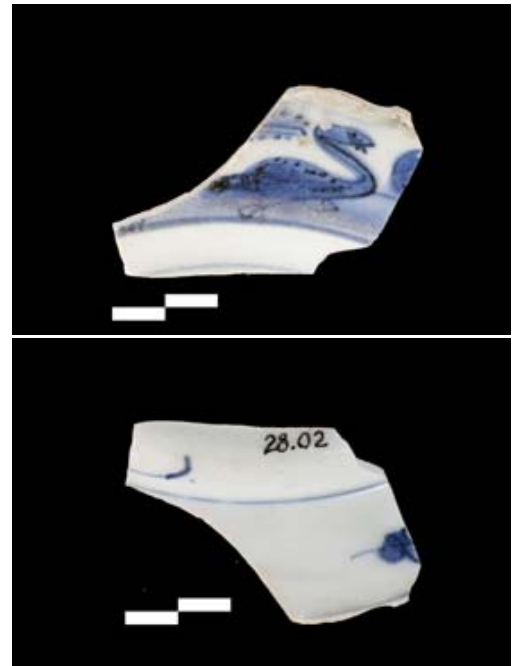
Nº de Inventário sjb 28.02

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	4,1	cm
Diâmetro do bordo	16	Espessura	0,3	cm
Comprimento	5,8	Diâmetro		cm
Altura	cm	Peso	10	g



Descrição

Fragmento contendo porção de bordo recortado em chavetas interligadas, aba e parede, possivelmente, pertencente a um prato de pequenas dimensões (?).

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante incolor.

Decoração

Na superfície interna, o rebordo recortado em chavetas encontra-se sublinhado por uma linha azul e a demarcar a zona do bordo, apresenta decoração composta por uma ave, possivelmente, um ganso (símbolo da felicidade conjugal) sob um fundo em tons de azul cobalto. No tardo, o rebordo em chavetas e a carena que marca a aba encontram-se sublinhados por uma linha em tons de azul cobalto sendo visível em ambas as partes vestígios de decoração estilizada cujos os motivos são imperceptíveis.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 29.02

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base	10,5 cm	Largura	5,8 cm
Diâmetro do bordo	20 cm	Espessura	0,4 cm
Comprimento	7,1 cm	Diâmetro	cm
Altura	2,4 cm	Peso	26 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé saliente, aba demarcada por uma carena acusada e bordo recortado por chavetas interligadas.

Elementos não plásticos

Pasta fina, bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

O fundo encontra-se demarcado por duas linhas concêntricas no interior do qual se observa decoração cuja a tipologia é imperceptível devido ao elevado grau de fragmentação da peça. O bordo recortado em chavetas e a aba são sublinhados por uma linha azul formando uma faixa que oferece no seu interior decoração composta por motivos florais: plantas e flores. No tardo a base, a aba e o bordo recortado são sublinhados por uma linha azul e entre o bordo e a aba e entre esta e a base a peça apresenta decoração composta por motivos florais estilizados.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 31.01

Forma Taça

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base 34 cm Largura 5,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,6 cm

Comprimento 6,5 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo ligeiramente introvertido de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

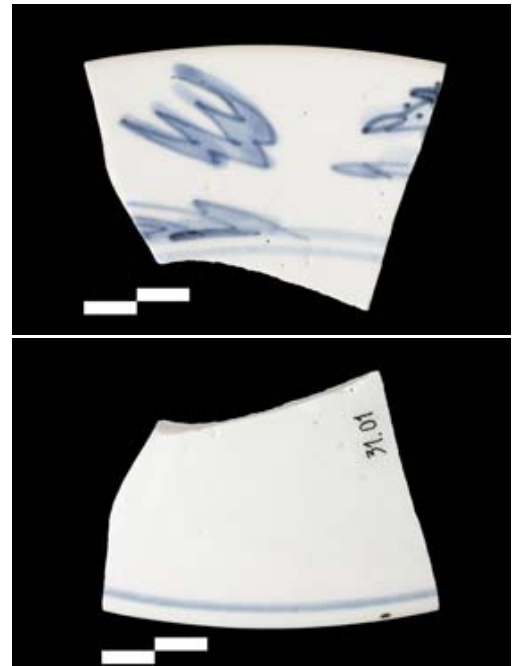
Pasta bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão fino.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado ligeiramente desgastado.

Decoração

Na superfície interna o bordo é demarcado por duas linhas em tons de azul acinzentado apresentando decoração composta por motivos de tipologia imperceptível devido ao grau de fragmentação da peça. Na superfície externa o bordo é demarcado por uma linha em tons de azul acinzentado.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 401

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 4,6 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,5 cm

Comprimento 8,1 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 23 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assenta em pé de secção ligeiramente introvertida, possivelmente, pertencente a um prato (?).

Elementos não plásticos

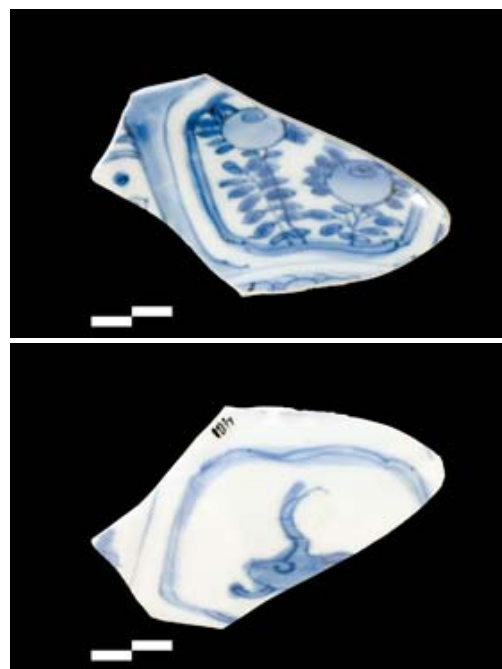
Pasta muito fina, muito bem depurada, compacta e homogénea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino e médio.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado luminoso.

Decoração

A decoração é de execução muito cuidada e precisou mais do que uma etapa. Após ser torneada, foi colocada num molde para realçar os enquadramentos. Foi aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. O bordo e aba são decorados por painéis polilobados em relevo sendo visível um decorados com flores: pêssigo (símbolo de casamento, imortalidade e primavera). O painel é separado por uma banda preenchida por símbolos circulares. No tardo apresenta medalhões pintados, contendo motivos estilizados, separados por faixas verticais com linghzi (?) alongados e estilizados.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 42

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

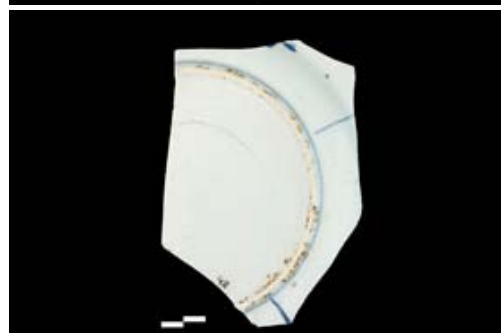
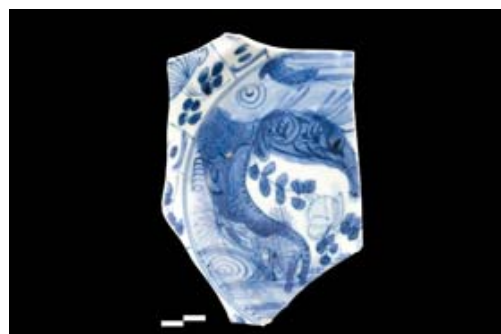
Dimensões

Diâmetro da base 17 cm Largura 8,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,3 cm

Comprimento 12,9 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 88 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assenta em pé cujo perfil é ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elemento não plásticos de grão muito fino.

Superfícies

Apresenta vidrado em ambas as superfícies de uma tonalidade azulada.

Decoração

Apresenta decoração em ambas as superfícies, sendo que na superfície interna, a temática central se encontra demarcada no fundo por duas linhas concêntricas podendo-se observar diversos motivos florais que se desenvolvem no interior de um vale (?). A caldeira e a aba, estão divididas em painéis cuja decoração é composta por plantas (?), separados apenas por bandas preenchida por símbolos geométricos (joia ao centro rodeada por quatro pontos circulares) distanciados da extremidade por um traço azul. No tardo o fundo é igualmente demarcado por uma linha concêntrica em tons de azul mostra vestígios de painéis pintados apenas com uma linha em tons de azul.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 50.04

Forma Prato

Grupo Swatow

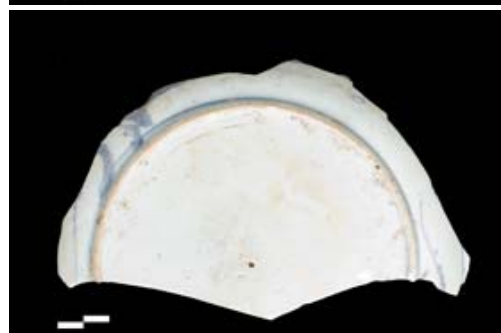
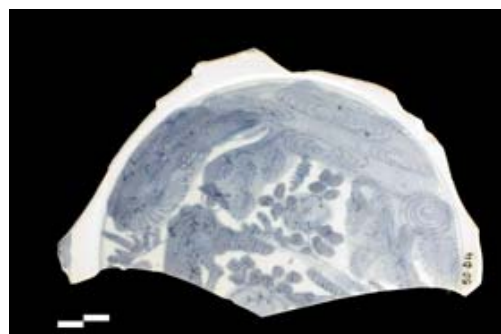
Dimensões

Diâmetro da base 17 cm Largura 10 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 0,4 cm

Comprimento 15,7 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 103 g



Descrição

Fragmento contendo porção de fundo que assenta em pé de secção semicircular, parede e aba.

Elementos não plásticos

Pasta fina, muito bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado muito desgastado, assim como, na base é visível uma tonalidade alaranjada possivelmente devido ao contacto com óxidos de ferro.

Decoração

Na superfície interna a temática central é demarcada no fundo por duas linhas concêntricas podendo-se observar diversos motivos florais, rochedos ao centro dos quais se apresenta uma "glória matinal" em flor (símbolo de amor e casamento). A aba do bordo é também ela demarcada por uma linha e preenchida com motivos imperceptíveis pelo elevado estado de fragmentação da peça. No tardo do fundo encontra-se sublinhado por uma linha em tons de azul acinzentado, assim como, apresenta no corpo da peça vestígios de decoração composta por motivos de tipologia indeterminada.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 54.02

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base 22 cm Largura 11,2 cm

Diâmetro do bordo cm Espessura 1,9 cm

Comprimento cm Diâmetro cm

Altura 14,8 cm Peso 305 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo, possivelmente, pertencente a um pote (?) ou vaso (?).

Elementos não plásticos

Pasta grosseira e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante ligeiramente de tonalidade azul acinzentada, à exceção da base que não demonstra qualquer tipo de vidrado, sendo visíveis estrias concêntricas e radiais deixadas pelo torno.

Decoração

Apresenta decoração na superfície externa, minuciosamente pintada de um azul intenso, composta por rochedos e motivos florais, onde são visíveis pássaros em movimento a esvoaçar e dois pousados num rochedo. A zona da base é demarcada por 5 linhas concêntricas pintadas em tons de azul auxiliadas pelo torno.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 58.01

Forma Taça

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura 2,9 cm

Diâmetro do bordo 18 cm Espessura 0,2 cm

Comprimento 6,2 cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 6 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas de forma indeterminada.

Elementos não plásticos

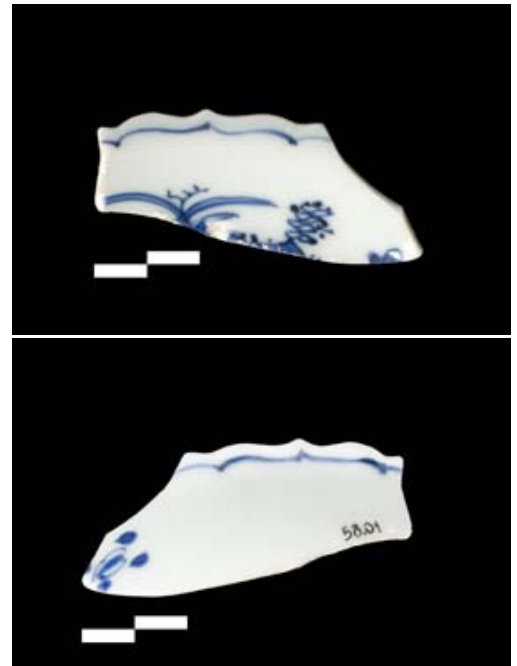
Pasta muito fina, bem depurada, compacta e homogênea, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Porcelana "azul e branca" e ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante.

Decoração

Na superfície interna apresenta o bordo recortado sublinhado por uma linha azul e apresenta vestígios de ramagens assim como também o topo do que seria possivelmente um "pagode" em tons de azul cobalto. Na superfície externa apresenta também o bordo recortado em chavetas sublinhado por uma linha azul cobalto, assim como, vestígios de decoração composta jóia ao centro rodeada por quatro pontos circulares.



Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb 96/98

Forma Indeterminada

Grupo

Dimensões

Diâmetro da base cm Largura cm

Diâmetro do bordo cm Espessura cm

Comprimento cm Diâmetro cm

Altura cm Peso 76 g



Descrição

4 fragmentos contendo porção de parede.

Elementos não plásticos

Apresenta elementos estranhos ao material de origem: concreção ferrosa - contaminados com óxidos de ferro

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam uma tonalidade alaranjada devido ao contacto com óxidos ferrosos.

Decoração

Os fragmentos apesar de muito rolados, apresentam decoração em tons de azul de motivos de tipologia indeterminada devido ao elevado grau de fragmentação das peças.

Porcelana Chinesa

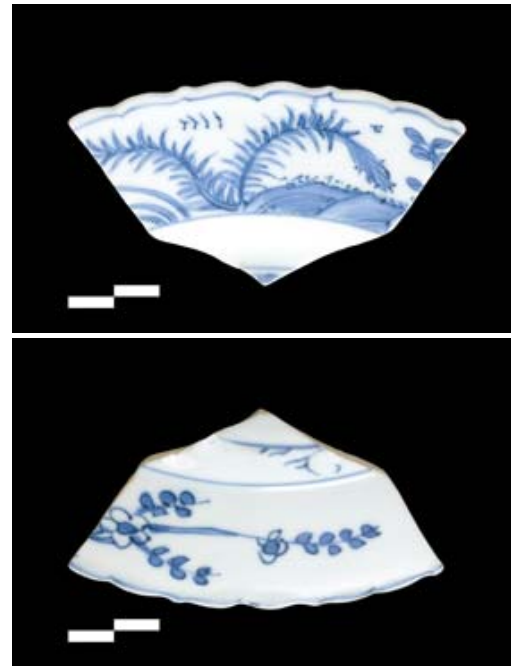
Nº de Inventário sjb.2005.17

Forma Prato

Grupo Swatow

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	20 cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	15 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e bordo recortado em chavetas interligadas entre si.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogénea, matéria fina e muito regular, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado já desgastado e decoração em tons de azul de cobalto muito minuciosa e bem esboçada.

Decoração

Na superfície interna a temática central encontra-se enquadrada por círculo. A aba apresenta bordadura tratada entre dois círculos no interior da qual são perceptíveis motivos de ordem vegetalista. No tardo tanto a aba como a caldeira apresentam vestígios de decoração composta por motivos florais.

Porcelana Chinesa

Nº de Inventário sjb.2005.25

Forma Pote

Grupo Azul de cobalto

Dimensões

Diâmetro da base	cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	18 cm	Espessura	0,8 cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	290 g

Descrição

Fragmento contendo porção de parede globular e bordo ligeiramente extrovertido, demarcado exteriormente e de secção semicircular.

Elementos não plásticos

Pasta de tonalidade branca acinzentada espessa e porosa, compacta, contendo elementos não plásticos de cor bege, preta e alaranjada, pelo contacto com óxidos de ferro ou pela própria atmosfera oxidante do forno, que variam entre o grão fino, médio e grosso.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada e decoração em tons de azul de cobalto.

Decoração

Apresenta decoração apenas na superfície externa, minuciosamente pintada de um azul intenso, composta por ramos de um “pinheiro”, onde são visíveis “garças” a esvoaçar entre ramagens e a imagem de um “macaco” pousado em cima de um dos ramos. O bordo encontra-se demarcado por duas linhas, assim como, a zona do colo delimitada por uma faixa preenchida com motivos vegetalistas (?).



Porcelana Chinesa

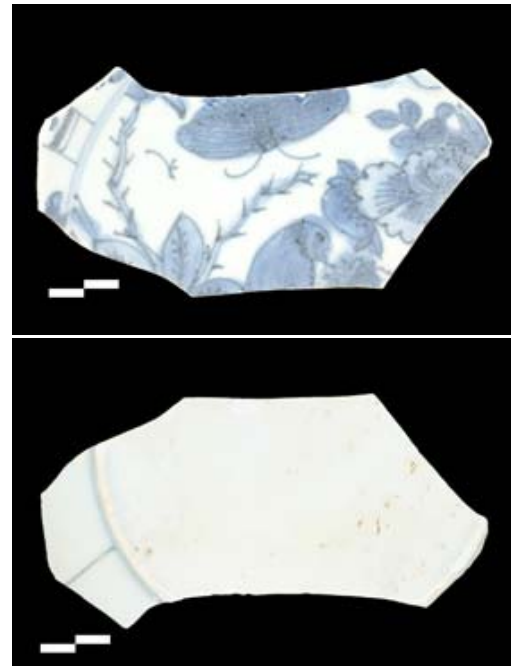
Nº de Inventário sjb.2005.26

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	14 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	62 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogénea, matéria fina e muito regular, contendo elementos não plásticos de tonalidade branca e alaranjada, pelo contacto com óxidos de ferro ou pela própria atmosfera oxidante do forno de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado desgastado de tonalidade azulada e decoração em tons de azul acinzentado.

Decoração

Na superfície interna a temática central desenvolve-se em torno de uma ave junto a uma borboleta, envoltas em motivos de inspiração vegetalista. A cena está enquadrada por um círculo. A caldeira e aba são tratadas como uma só unidade divididas em painéis apresentando no seu interior motivos de índole indeterminada, devido ao elevado estado de fragmentação da peça, intercalados por faixas separadoras que aparentemente enquadram jóia ao centro rodeada por contas circulares. No tardo é apenas perceptível a base delimitada por duas linhas concêntricas e a caldeira dividida em painéis simples.

Porcelana Chinesa

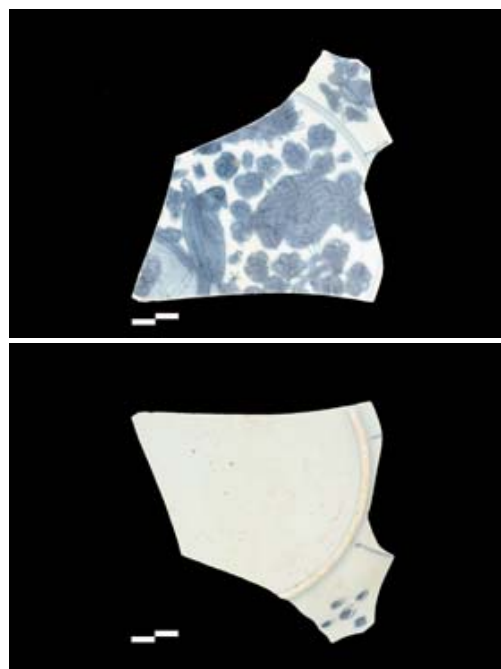
Nº de Inventário sjb.2005.27

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	12 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	79 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogénea, matéria fina e muito regular, contendo elementos não plásticos de tonalidade branca e alaranjada, pelo contacto com óxidos de ferro ou pela própria atmosfera oxidante do forno de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado desgastado de tonalidade azulada e decoração em tons de azul acinzentado.

Decoração

Na superfície interna a temática central desenvolve-se em torno de uma ave pousada no solo, envolta em motivos de inspiração vegetalista. A cena está enquadrada por um círculo. A caldeira e aba são tratadas como uma só unidade divididas em painéis apresentando no seu interior motivos florais, intercalados por faixas separadoras que aparentemente enquadram jóia ao centro rodeada por contas circulares. No tardo é perceptível a base delimitada por duas linhas concêntricas e a caldeira dividida em painéis simples preenchidos por jóia ao centro rodeada por quatro contas circulares.

Porcelana Chinesa

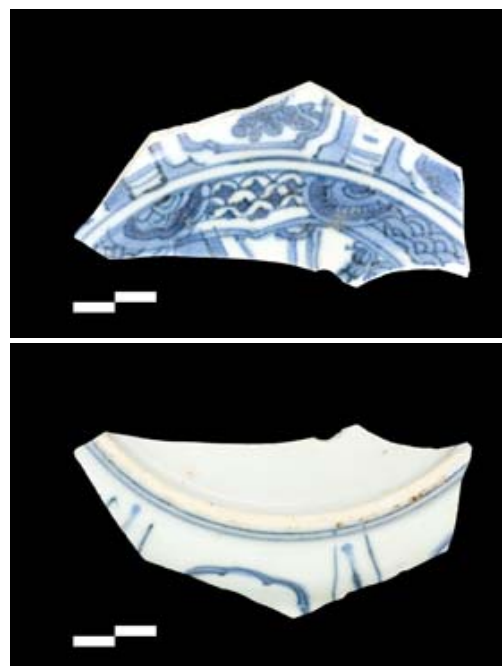
Nº de Inventário sjb.2005.28

Forma Prato

Grupo Kraak-porcelain

Dimensões

Diâmetro da base	12 cm	Largura	cm
Diâmetro do bordo	cm	Espessura	cm
Comprimento	cm	Diâmetro	cm
Altura	cm	Peso	27 g



Descrição

Fragmento contendo porção de parede e fundo que assenta em pé anelar saliente, curto e ligeiramente introvertido.

Elementos não plásticos

Pasta de cor branca bem depurada, compacta e homogénea, matéria fina e muito regular, contendo elementos não plásticos de tonalidade branca de grão fino.

Superfícies

Ambas as superfícies apresentam um vidrado brilhante de tonalidade azulada, com concreções arenosas na base e decoração em tons de azul de cobalto.

Decoração

A decoração aparentemente de execução muito cuidada, deverá ter necessitado de mais do que uma etapa de elaboração, ou seja, após ser torneada foi colocada num molde para realçar os enquadramentos do rebordo, aplicada uma aguada de fundo e um filete de contorno. Na superfície interna a temática central desenvolve-se em torno de motivos de índole indeterminada devido ao elevado estado de fragmentação do exemplar. A cena está enquadrada por um medalhão polilobado rodeado por bandas de escamas imbricadas separadas por cabeças de "ruyi". A caldeira e aba são tratadas como uma só unidade divididas em painéis polilobados apresentando no seu interior simbologia de feição indeterminada intercalados por faixas separadoras.